



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

OS “KARO ARARA”: OS SENTIDOS E OS SIGNIFICADOS DO ESPORTE NA
ALDEIA

FABRÍCIO GURKEWICZ FERREIRA

BRASÍLIA/DF
2025

OS “KARO ARARA”: OS SENTIDOS E OS SIGNIFICADOS DO ESPORTE NA ALDEIA

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação Física
– PPGEF da Universidade de
Brasília – UnB, como requisito à
obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Prof^a Dra. Dulce Maria
Filgueira de Almeida

BRASÍLIA/DF

2025

**OS “KARO ARARA”: OS SENTIDOS E OS SIGNIFICADOS
DO ESPORTE NA ALDEIA**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação Física
– PPGEF da Universidade de
Brasília – UnB, como requisito à
obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Prof^a Dra. Dulce Maria
Filgueira de Almeida

BANCA EXAMINADORA

Dulce Maria Filgueira de Almeida – Orientadora
Universidade de Brasília – UnB

Lediane Fani Felzke – Membro 1
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO

Beleni Salete Grando – Membro 2
Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT

Júlia Otero dos Santos – Membro 3
Universidade de Brasília – UnB

Pedro Fernando Avalone Athayde – Membro 4 (Suplente)
Universidade de Brasília – UnB

À minha esposa Doroteia.

Às minhas Filhas Ana Clara e Maria Luiza.

Aos meus pais Almir e Arlete (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus pela dádiva da vida e por nunca me desamparar.

A minha família, em especial a minha esposa, as minhas filhas e os meus pais por sempre acreditarem em mim e proporcionarem a força necessária para concluir esse desafio.

A minha orientadora Dulce por ter auxiliado em todo o processo, dando a liberdade e o suporte necessários.

Aos membros da banca por se disponibilizarem em colaborar com o trabalho, em especial a Lediane, que me acompanha desde o mestrado e foi fundamental na minha formação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade de Brasília (UnB) por contribuírem com o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

À secretaria do PPGEF, em especial a Adriana por ter sido tão solícita ao longo dos anos, facilitando a jornada acadêmica.

Aos colegas e amigos do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (NECON) pelas experiências e pelos conhecimentos compartilhados.

Aos colegas de profissão e amigos, em especial a Lilian, que foi fundamental na concretização deste doutorado, ao apresentar a sua possibilidade e incentivar a participação.

E, por fim, aos Karo Arara. Sou muito grato a todos. Fui bem recebido desde a primeira vez que estive na aldeia. Houve momentos desafiadores durante essa trajetória, mas se foi possível concluí-la, deve-se a gentileza e a solidariedade das pessoas nas aldeias. De modo especial, quero agradecer, em Paygap, ao Ivan, a Shirlei, ao Célio, ao seu Pedro, a dona Maria e ao Reginaldo e a Alessandra. E, em Iterap, ao Gil, a Elaine, ao Sebastião, à Sandra, ao Edésio e ao Maurício.

RESUMO

Esta tese teve como objetivo compreender os sentidos e os significados atribuídos ao esporte, em especial ao futebol, entre os Karo Arara, povo indígena que habita a Terra Indígena Igarapé Lourdes, localizada nas proximidades do município de Ji-Paraná, no estado de Rondônia/Brasil. Para a realização da pesquisa, adotou-se a etnografia multissituada, método, com abordagem qualitativa, em que o(a) pesquisador(a) se desloca de um único campo e de situações locais — como preconiza a etnografia convencional — para investigar a circulação de identidades, objetos e significados culturais em diferentes tempos e espaços (Marcus, 1995). A escolha desse método mostrou-se adequada em razão da maneira como o futebol se manifesta entre os Karo Arara, extrapolando os limites da aldeia e alcançando municípios vizinhos, competições amadoras, relações com a administração pública, com outros povos indígenas e com a população não indígena. A sistematização da análise fundamentou-se no uso do diário de campo e em entrevistas semiestruturadas. O futebol está presente entre os Karo Arara há várias décadas, como resultado do contato com a sociedade envolvente. Com o estreitamento dessas relações, sua presença e influência também aumentaram, provocando transformações na estrutura sociocultural do grupo, como já observado por Almeida (2008) em estudos sobre a esportivização dos jogos tradicionais indígenas. Nesse contexto, o futebol emerge como uma prática intercultural, funcionando como espaço de negociação simbólica entre culturas distintas (Bhabha, 1998; Fleuri, 2003). Longe de significar mera assimilação cultural, essa prática evidencia processos de resignificação em que os Karo Arara reinterpretam o futebol à luz de suas tradições e valores próprios, construindo uma experiência singular de interculturalidade (Candau, 2008). Hoje, o futebol é vivenciado cotidianamente nas aldeias, seja nas partidas disputadas nos campos, no acompanhamento de jogos pela televisão, no compartilhamento de informações nas redes sociais, entre outras situações. Sua força é percebida na mobilização da comunidade, à semelhança das festas tradicionais, e na promoção do protagonismo feminino. Apesar de ser uma prática de origem não indígena, com seus próprios símbolos e valores, o futebol não anula a cultura dos Karo Arara. Ao contrário, eles seguem valorizando e fortalecendo suas tradições culturais por meio de uma dinâmica intercultural crítica e ativa, em que o *fair play*, o respeito à hierarquia e aos valores humanos são preconizados.

Palavras-chave: Povos indígenas. Futebol. Etnografia multissituada. Cultura. Karo Arara.

ABSTRACT

The aim of this thesis was to understand the senses and meanings attributed to sport, especially soccer, among the Karo Arara, an indigenous people who live in the Igarapé Lourdes Indigenous Land, located near the municipality of Ji-Paraná, in the state of Rondônia/Brazil. To carry out the research, we adopted multi-sited ethnography, a method with a qualitative approach in which the researcher moves away from a single field and local situations - as conventional ethnography advocates - to investigate the circulation of identities, objects and cultural meanings in different times and spaces (Marcus, 1995). The choice of this method was appropriate because of the way soccer manifests itself among the Karo Arara, going beyond the confines of the village to neighboring municipalities, amateur competitions, relations with the public administration, other indigenous peoples and the non-indigenous population. The systematization of the analysis was based on the use of field diaries and semi-structured interviews. Soccer has been present among the Karo Arara for several decades, as a result of contact with the surrounding society. As these relations became closer, its presence and influence also increased, causing transformations in the group's socio-cultural structure, as Almeida (2008) has already observed in studies on the sportivization of traditional indigenous games. In this context, soccer emerges as an intercultural practice, functioning as a space for symbolic negotiation between different cultures (Bhabha, 1998; Fleuri, 2003). Far from meaning mere cultural assimilation, this practice shows processes of re-signification in which the Karo Arara reinterpret soccer in the light of their own traditions and values, building a unique experience of interculturality (Candau, 2008). Today, soccer is experienced on a daily basis in the villages, whether in matches played on the fields, watching games on television, or sharing information on social networks, among other situations. Its strength is seen in the mobilization of the community, similar to traditional festivals, and in the promotion of female protagonism. Despite being a practice of non-indigenous origin, with its own symbols and values, soccer does not cancel out the culture of the Karo Arara. On the contrary, they continue to value and strengthen their cultural traditions through a critical and active intercultural dynamic, in which fair play, respect for hierarchy and human values are advocated.

Keywords: Indigenous peoples. Soccer. Multi-sited ethnography. Culture. Karo Arara.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização da TI Igarapé Lourdes e das aldeias do povo Karo Arara.....	32
Figura 2 – Croqui da aldeia Iterap.....	37
Figura 3 – Croqui da aldeia Paygap.....	39
Figura 4 – Croqui da aldeia Cinco Irmãos.....	40
Figura 5 – Parte dos atletas Karo Arara na cerimônia de abertura no JEMs 2023.....	54
Figura 6 – Equipe infantil feminina de futsal de Iterap.....	55
Figura 7 – Equipe infantil masculina de futsal de Iterap.....	55
Figura 8 – Equipe juvenil feminina de futsal Karo Arara.....	56
Figura 9 – “Invasão” de quadra da torcida após a vitória da equipe infantil masculina de futsal de Iterap.....	57
Figura 10 – Equipe juvenil feminina de futsal que representou o povo Karo Arara na fase regional dos Jogos Escolares.....	59
Figura 11 – Prova de arco e flecha.....	62
Figura 12 – Prova de cabo de guerra.....	63
Figura 13 – Prova da corrida de velocidade.....	63
Figura 14 – Prova da corrida de toras.....	64
Figura 15 – Prova da corrida de paneiro.....	64
Figura 16 – Futebol.....	65
Figura 17 – O anúncio da mudança da sede da 1ª Olimpíadas de Ji-Paraná para Nova Colina.....	66
Figura 18 – O anúncio da escolha do CEDEL para o evento.....	67
Figura 19 – Equipe feminina de futebol Karo Arara em preparação para as Olimpíadas Indígenas.....	68
Figura 20 – Equipe masculina de futebol Karo Arara em preparação para as Olimpíadas Indígenas.....	68
Figura 21 – Delegação Karo Arara pronta para o desfile de abertura.....	70
Figura 22 – Condução da tocha para o acendimento da pira olímpica.....	71
Figura 23 – Premiação da prova de corrida de velocidade.....	73
Figura 24 – Chuva intensa na partida de futebol.....	74
Figura 25 – Comemoração dos Karo Arara com a conquista do segundo lugar geral.....	76
Figura 26 – Caciques do povo Karo Arara no momento do discurso final próximos ao prefeito.....	77
Figura 27 – Momento de oração dos Karo Arara Após o encerramento do evento.....	78

Figura 28 – Jogadores de Iterap combinando a prática do futebol.....	108
Figura 29 – Localização dos campos na aldeia Iterap.....	113
Figura 30 – Torneio promovido para reabertura de um campo de futebol.....	121
Figura 31 – Torneio promovido em prol da cirurgia de uma atleta da cidade.....	122
Figura 32 – Torneio realizado pelos estudantes do curso de Licenciatura Intercultural da UNIR.....	123
Figura 33 – Torneios Itinerantes a serem realizados em Paygap e em Iterap.....	124
Figura 34 – 1 Festival da Amizade Indígena.....	125
Figura 35 – Equipes feminina e masculina de Paygap campeãs do 1 Festival da Amizade Indígena.....	128
Figura 36 – Equipe masculina “B” de Paygap campeã do 1 Festival da Amizade Indígena....	128
Figura 37 – Lideranças e autoridades na estrutura montada para a cerimonia de encerramento do evento.....	129
Figura 38 – O cacique de Paygap, seu Pedro, discursando na cerimonia de encerramento.....	130
Figura 39 – Material de divulgação de um jogo da equipe Karo PG em um campeonato amador.....	132
Figura 40 – Material de divulgação de um jogo da equipe Karo F.C em um campeonato amador.....	132
Figura 41 – Equipe Karo PG em uma partida de um campeonato amador.....	135
Figura 42 – Equipe Karo PG em uma partida de um campeonato amador.....	135
Figura 43 – Material de divulgação da partida de quartas de final da equipe Karo PG em um campeonato amador.....	136
Figura 44 – Material de divulgação da partida de semifinal da equipe Karo PG em um campeonato amador.....	137
Figura 45 – Mensagem motivacional relacionando o futebol a sensação de bem-estar e a religiosidade.....	140
Figura 46 – Mensagem motivacional relacionando o futebol ao sentimento de perseverança.....	141
Figura 47 – “Corrente” e <i>TBT</i> relacionados ao futebol.....	141
Figura 48 – Valorização identitária e dos relacionamentos do próprio povo em um evento esportivo.....	142
Figura 49 – Fortalecimento dos laços de amizade junto a outros povos.....	143
Figura 50 – Manifestação da paixão pelo clube que torcem e pela seleção feminina de futebol.....	144
Figura 51 – Manifestação de carinho pelo atleta Neymar.....	144

Figura 52 – Moradores de Iterap combinando uma “barreirinha”	145
Figura 53 – Equipes de Iterap combinando um amistoso.....	145
Figura 54 – Conversas sobre a participação da equipe Karo PG nos campeonatos.....	146
Figura 55 – “Brincadeiras” sobre os indígenas.....	147

LISTA DE ABREVIATURAS

CEDEL	Centro Desportivo de Lazer Walmar Vieira
CEDES	Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e Lazer
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CF	Constituição Federal
CND	Conselho Nacional de Desportos
DCNTs	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
FOPPELIN	Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para Povos Indígenas
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IFRO	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia
IFSC	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
JEBs	Jogos Escolares Brasileiros
JOER	Jogos Escolares de Rondônia
JPIN	Jogos dos Povos Indígenas
ME	Ministério do Esporte
ONGs	Organizações Não Governamentais
PELC	Programa Esporte e Lazer na Cidade
PPEL	Políticas Públicas de Esporte e Lazer
RCLE	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
SEDUC	Secretaria de Educação
SEMICTUR	Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
TI	Terra Indígena
Tis	Terras Indígenas
<i>TBT</i>	<i>Throw Back Thursday</i>
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 QUEM SÃO OS KARO ARARA? HISTÓRIA, ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PRESENÇA NA LITERATURA	35
1.1. Organização social e a formação das aldeias	38
1.2 Os Karo Arara na literatura.....	43
2 ESPORTE	46
2.1 Esportes tradicionais	53
2.2 A participação em competições escolares	55
2.3 As Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná	65
2.3.1 As Olimpíadas Indígenas sob a perspectiva dos Karo Arara	81
2.3.1.1 A organização do evento e a organização da delegação Karo Arara	81
2.3.1.2 A importância do evento	87
2.3.1.3 A valorização dos povos indígenas	89
2.4 As Políticas Públicas	91
3 FUTEBOL.....	97
3.1 O futebol dentro da aldeia	106
3.1.1 Espaços e materiais para a prática	113
3.1.2 Treinamento	118
3.2 O futebol fora (nem sempre) da aldeia	120
3.2.1 Jogos amistosos	121
3.2.2 Torneios	123
3.2.3 Festival da Amizade Indígena.....	127
3.2.4 Campeonatos amadores.....	133
3.3 O futebol e as mídias	142
4 O PROTAGONISMO DAS MULHERES KARO ARARA NO ESPORTE	154
4.1 O futebol no cotidiano da aldeia: há igualdade?	158
4.2 O reconhecimento no cenário regional	162
4.3 Aposentadoria precoce: as reponsabilidades familiares e o abandono do futebol..	164
4.4 A assunção do papel de liderança.....	170
5 O ESPORTE (FUTEBOL) NA VIDA DOS KARO ARARA: IDENTIDADE E RELAÇÕES INTERÉTNICAS	181
5.1 Futebol x identidade étnica.....	181
5.2 Fortalecimento dos laços étnicos	189
5.3 Os Karo Arara e os brancos	194

5.3.1 Torcida, jogos e conflitos	194
5.3.2 Brancos e índios na mesma equipe	197
5.4 Ser índio ou ser branco?	201
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	<i>212</i>
<i>REFERÊNCIAS</i>	<i>218</i>
<i>APÊNDICES</i>	<i>226</i>
<i>ANEXOS</i>	<i>230</i>

INTRODUÇÃO

No Brasil, a população indígena é composta por 1.693.535 pessoas (Isa, 2025a). Destes, encontram-se em Rondônia 21.153, pertencentes a quarenta e dois povos (Governo do estado de Rondônia, 2025; Isa, 2025b). A sua estadia pode ser na cidade ou em uma das vinte e três Terras Indígenas (TIs) existentes no estado (Isa, 2025c). Não obstante a sua presença perceptível nas cidades, muitas pessoas ainda possuem uma imagem distorcida acerca do seu modo de vida, reforçando estereótipos e condutas preconceituosas. Outras, apesar de não agirem de tal forma, desconhecem a realidade dos povos originários. Este era o meu caso.

Nascido e criado em Rondônia, mais precisamente em Colorado do Oeste, na região Cone sul do estado, o contato e a interação com indígenas e suas culturas até a fase adulta foi esporádica, em que maior parte das informações obtidas foram oriundas dos livros didáticos, reconhecidos pela sua incapacidade de apresentar uma descrição apropriada a respeito desses povos.

A primeira experiência significativa que tivemos junto a indígenas foi quando moramos em Mato Grosso durante o período em que cursamos a faculdade. Naquela oportunidade, participamos como colaborador em um evento esportivo realizado em uma das aldeias do povo Xavante. Pudemos verificar a paixão que possuíam pelo esporte e como a forma pela qual eles haviam sido descritos, assim como a sua organização social, não correspondiam à realidade. Contudo, entender mais sobre os povos e suas culturas, não era algo que despertava o nosso interesse naquele momento.

Essa situação permaneceu quando retornamos para Rondônia. Mesmo já morando em Ji-Paraná, cidade que possui povos residindo próximos a sua região urbana, ainda estávamos distantes da realidade dos indígenas. Reconhecíamos a importância de evitar a reprodução de ideias preconcebidas e discriminatórias, mas nada além disso. A mudança passou a acontecer quando ingressamos no mestrado.

Nesse período, ao discutir possibilidades de temas de pesquisa com a nossa futura orientadora, descobrimos que os pontos de aproximação entre os povos indígenas e a nossa área de formação (Educação Física), eram mais amplos do que eu imaginava. Não se resumiam aos jogos, às brincadeiras e ao esporte. O corpo, elemento central na Educação Física, também o era para os indígenas.

Entre os povos ameríndios¹, o corpo se constitui em um eixo no qual os símbolos e os valores sociais são fixados. Ou seja, a sua função não se restringe a uma identificação individual ou a um papel social. Por isso, é que a "fabricação, decoração, transformação e destruição dos corpos são temas em torno dos quais giram mitologias, a vida cerimonial e a organização social" (Seeger; Da Matta; Viveiros de Castro, 1979, p.7).

Nesse sentido, Grando (2004) assevera que nesses povos são os mais velhos que conduzem a intervenção no corpo, em razão do seu respeito e prestígio nesses contextos, a fim de moldá-lo e educá-lo de acordo com as características do grupo, tornando-o em um espaço simbólico. Desse modo, os indivíduos passam a ser reconhecidos dentro do seu povo, assim como com seu grupo específico, seja de sexo, clã, idade, entre outros.

Esse processo educativo que envolve o corpo ocorre por meio das interações sociais e está vinculado à educação da pessoa. Esta perspectiva formativa é muito mais valorizada do que os outros formatos educativos. O seu início se dá antes do nascimento e permanece durante toda a vida. Contudo, irá variar de sociedade para sociedade (Grando, 2004).

A "educação do corpo" entre os indígenas, apresenta-se de forma mais clara em alguns momentos, como nos rituais. No entanto, é um processo que acompanha o indivíduo ao longo da vida de maneira informal, em que há períodos mais perceptíveis, como na infância. É nesse momento que se inicia a preparação para o exercício do seu papel na comunidade durante a vida adulta (Grando, 2004).

Ao buscar entender de forma mais detalhada essas ações realizadas no corpo de um indivíduo a fim de que ele manifestasse corporalmente os valores, códigos e símbolos do grupo, são fundamentais as contribuições de Marcel Mauss (1974). Este sociólogo procurou compreender as técnicas corporais, que é o termo utilizado para se referir a forma pela qual os indivíduos, em cada sociedade, sabem se servir de seus corpos. A partir de suas observações, Mauss constatou que cada técnica apresenta a sua própria forma e que o seu processo de aprendizado ocorre de modo lento. Além disso, o formato da técnica possui características específicas em cada sociedade.

Analisando a construção de técnicas corporais dentro de uma sociedade, verifica-se que é um processo permeado por educações, conveniências, modas, prestígios que se

¹ O termo se refere aos povos indígenas do continente americano. No caso deste trabalho, notadamente os da América do Sul.

modificam de acordo com o meio e que caracterizam uma atuação coletiva e individual, e não apenas um indivíduo e suas imitações (Mauss, 1974).

No caso dos povos indígenas, transmitem as suas técnicas corporais visando a "educação do corpo" para a "fabricação da pessoa"². Isto só ocorre, de fato, a partir da educação tradicional. Para Mauss (1974), é um tipo de educação com a mesma finalidade da instrução no ambiente escolar, não obstante a educação tradicional indígena ser diferente da educação escolar indígena, visto que aquela é realizada pelos mais velhos da aldeia que, de forma consciente, procuram transmitir às novas gerações os conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas a respeito da etnia, a fim de que as tradições se perpetuem (Grando, 2004).

Todo esse cabedal de informações, trouxe-nos um novo olhar acerca dos povos indígenas e de como poderia envolver essa temática na nossa prática profissional. Além disso, tivemos a oportunidade de uma nova visita a uma aldeia, desta vez aos Surui Paiter. Uma experiência significativa, sobretudo por ser compartilhada com estudantes e outros professores, o que possibilitou o compartilhamento de diferentes perspectivas.

Ao mesmo tempo que íamos construindo conhecimentos acerca das culturas indígenas e a sua interface com as práticas corporais, tais como, os jogos, os esportes, as danças, dentre outros, surgiam inquietações. Como ocorre a vivência dessas práticas corporais nas aldeias? Que implicações a presença de um substrato cultural da sociedade nacional, o esporte, traz para as suas culturas? Como se dá a relação com os brancos no ambiente esportivo?

Os povos indígenas são muitos e cada um deles possui as suas peculiaridades. Dessa forma, a minha atenção se direcionou para os residentes no estado de Rondônia, sobretudo os da região de Ji-Paraná. Contudo, as pesquisas voltadas para a compreensão de sua relação com as práticas corporais são escassas. Há vários trabalhos que enfocam outros temas, inclusive dos próprios indígenas, mas não com esse.

Foi quando surgiu a oportunidade de tentarmos o ingresso no doutorado. Pelas características do programa, identificamos a possibilidade de estudar e compreender mais acerca das práticas corporais entre os povos indígenas, incidindo sobre os questionamentos que haviam surgido. Poderíamos estudar a respeito dos povos da região

² A "fabricação da pessoa" pode ser entendida como o resultado de ações técnicas e estéticas com objetivo de construir o tipo ideal de pessoa para o grupo e que estão inseridas em um conjunto de práticas sociais que ocorrem diariamente e que se caracterizam por serem extraordinárias. A sua realização possibilita a transformação do corpo biológico em um corpo social (Grando, 2004; Seeger; Da Matta; Viveiros de Castro, 1979).

de Ji-Paraná, visto que a 50km de distância da cidade, há a Terra Indígena Igarapé Lourdes, em que se encontram os Karo Arara e os Ikólóéhj Gavião.

Após o início do doutoramento, aproximamo-nos das ações realizadas por esses povos e das situações em que estavam presentes na cidade, principalmente as do campo esportivo. E um desses lugares de contato foi em um campeonato de futebol amador do município, onde, para a nossa surpresa, as duas etnias iriam se enfrentar em uma partida válida pela competição.

Durante boa parte da nossa vida estivemos envolvidos como jogador em competições esportivas amadoras, sobretudo nas de futebol e futsal. Estávamos acostumado com esse tipo de ambiente que é permeado por códigos e valores específicos. Dessa forma, despertava-nos a curiosidade em saber como eles iriam transitar por esse ambiente tão peculiar.

Com esse sentimento, dirigi-nos ao local da partida. O público presente era composto em sua maioria por homens de meia idade, como é comum nesse tipo de evento. Notamos que a presença de indígenas era bem reduzida, provavelmente restrita a familiares dos atletas. Talvez o fato de ser uma partida na fase inicial da competição tenha contribuído para isso também, já que toda a logística a ser realizada para o deslocamento da aldeia ao local da partida não é tão simples e não seria efetuada em uma partida que não fosse decisiva.

Quando as equipes entraram em campo, a sua constituição nos chamou a atenção. A maior parte dos atletas era não-indígenas. O selecionado Arara, que levava o nome da associação da aldeia (Karo PG), possuía somente quatro indígenas entre os doze integrantes da equipe, sendo que somente dois iniciaram o jogo. Já os Gavião, que também recebia o nome da associação de sua aldeia (Assiza), apresentava sete indígenas entre os quatorze integrantes, sendo que nenhum começou jogando. Naquele momento, algumas questões emergiam: Por que a predominância de brancos na equipe? Em todas as competições possuem essa mesma organização? Sempre foi dessa maneira? Como se sentem os atletas indígenas diante dessa circunstância? Em outros estudos que discutem a participação de indígenas em competições amadoras de futebol (e suas variações como o futsal) não há a menção a essa prevalência de brancos nas equipes (Fassheber, 2006; Fermino, 2012; Grando, 2004; Nascimento, 2015; Silva, 2014; Vianna, 2001).

Em relação à presença de não-indígenas em uma equipe Karipuna que disputava um campeonato de futebol amador, Oliveira (2018) faz duas observações interessantes. A inserção desses atletas poderia estar atrelada a necessidade de melhorar o desempenho

ou, por outro lado, ao perceberem a oportunidade de fazerem parte de uma boa equipe, aproximaram-se dos indígenas. Uma primeira análise aponta que tanto um ponto quanto o outro podem se enquadrar no caso dos Karo Arara.

A partida, em sua maior parte, transcorreu normalmente. Os dois Arara que estavam entre os reservas entraram durante o jogo, assim como os quatro Gavião. Houve alternância de bons lances e gols entre as equipes. Contudo, aproximando-se do final, o ânimo dos jogadores ficou mais exaltado, principalmente pelo placar favorável ao Karo PG. Após algumas entradas duras, dois jogadores do time dos Gavião foram expulsos e teve início uma pequena confusão. O que achamos surpreendente foi o comportamento de todos os indígenas participantes da partida. Além de não estarem envolvidos nas situações das jogadas mais duras e das expulsões, também não adentraram na confusão envolvendo os outros jogadores. Em episódios de discussão, inclusive nas mais ríspidas, entre os atletas nas competições amadoras, o mais comum é que todos os integrantes da equipe participem de alguma forma, seja apaziguando ou estimulando o conflito. Mas, os atletas indígenas Gavião e Arara estavam imóveis e sem manifestar qualquer reação, aguardando a intervenção da equipe de arbitragem. Novamente, surgem alguns questionamentos: Essa conduta está vinculada ao *ethos* de cada povo? É oriunda de posicionamentos individuais ou coletivos? Como percebem o comportamento dos seus pares não-indígenas?

A preocupação em apresentar uma conduta adequada durante as partidas contra os brancos coaduna com os princípios do *fair play*, podendo ser observada entre os Kaingang. Conforme relata Fassheber (2006), em diversos momentos antes dos jogos pôde acompanhar os discursos de lideranças orientando os atletas a jogarem limpo e passar uma imagem positiva aos não-indígenas. Para o pesquisador, isto seria uma estratégia para dar maior visibilidade ao povo e ao seu modo de vida.

Após esse primeiro contato, mesmo sem ter sido direto com os povos da região, tivemos a certeza de que o universo esportivo, em especial o do futebol, oferecia boas perspectivas para a realização de um estudo. Com efeito, vale frisar que a escassez de pesquisas nesse âmbito no contexto indígena não diz respeito apenas a Rondônia, mas entre os povos ameríndios de uma forma geral. Embora tenha havido um aumento nos últimos anos, em comparação com outras linhas de investigação, tais como, parentesco, xamanismo, rituais, dentre outros, a sua frequência é muito menor.

Dessa forma, em um primeiro momento, contactamos as lideranças esportivas de cada um dos povos para o estabelecimento de uma parceria a fim de realizarmos ações

esportivas na aldeia por meio da instituição em que trabalhamos, o Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia de Rondônia – IFRO. Fomos a aldeia Paygap do povo Karo Arara e a aldeia Ikólóéhj do povo Ikólóéhj Gavião. Fomos muito bem recebidos nas duas aldeias para apresentarmos a nossa proposta de trabalho. Os Gavião ficaram de entrar em contato posteriormente, mas não o fizeram.

Em relação aos Arara, por já termos tido um encontro prévio na cidade com duas lideranças, sabíamos que a possibilidade de dar certo era considerável. Contudo, não foi um processo simples. As lideranças se interessaram pelo desenvolvimento do esporte com os jovens e anuíram com a realização da pesquisa, mas ressaltaram a importância de ser ter o comprometimento com o povo, inclusive, no período posterior a realização da investigação, visto terem tido experiências negativas com outros pesquisadores.

Acertados esses detalhes, ficou definida a realização do projeto de prática esportiva na aldeia Paygap, onde residiam as lideranças esportivas com as quais estabelecemos contato. A aproximação com pessoas das outras duas aldeias, quais sejam, Iterap e Cinco Irmão, só ocorreu posteriormente.

A busca por auxílio no desenvolvimento de atividades esportivas nas comunidades indígenas, sobretudo o futebol, também ocorre em outros contextos (Fassheber, 2006; Grando, 2004; Vianna, 2001). Nesse sentido, Vinha (2004) relata que uma das solicitações dos Kadiwéu no período em que esteve realizando a sua investigação junto a esse povo era o desenvolvimento de um curso voltado para a ampliação do conhecimento a respeito do futebol.

Os encontros do projeto esportivo teriam como temas, a princípio, o vôlei e o futebol. Mas, por fim, somente este foi contemplado. Embora esteja em estado precário, a aldeia possui um campo de futebol (20mx50) que foi construído pelos próprios moradores. Durante as discussões iniciais com as lideranças, houve a manifestação de interesse, por parte deles, que futuramente também fosse feita alguma ação a respeito de suas práticas corporais tradicionais, mas ainda não houve essa solicitação.

Desde o primeiro dia, a desenvoltura na prática do futebol de todos os participantes chamou-nos a atenção. Meninos e meninas apresentavam uma boa execução da parte técnica e uma boa compreensão da parte tática. Não obstante as limitações de material e infraestrutura e não terem histórico (a maioria) de participação em atividades de iniciação esportiva, o desempenho apresentado era profícuo. Outros pontos de destaque nos encontros também foram o prazer que demonstravam em participar de atividades lúdicas e a seriedade com que encaravam as disputas coletivas. Este último,

aliás, mostrou-se interessante pelo fato de que, não obstante serem muito competitivos, não houve qualquer episódio de deslealdade ou atrito entre os participantes. Todos esses fatores nos levaram a pensar: por que essa facilidade no aprendizado e prática do futebol mesmo em condições longe das ideais? O comportamento sereno em situações de competitividade também é mantido em jogos com e/ou contra os brancos?

À medida que os encontros foram acontecendo na aldeia, o estreitamento dos laços de amizade também aumentava. Dessa forma, surgiu a oportunidade de acompanhar os Karo Arara em outro contexto esportivo, o dos campeonatos amadores de futebol da região. Se até então exercíamos a função de professor em atividades de iniciação/desenvolvimento no esporte, surgia, agora, a oportunidade de sermos treinador da equipe Karo PG.

Vianna (2001) salienta que uma das condições para que pudesse desenvolver a sua pesquisa junto aos Xavante era exercer a função de treinador. Conhecedores de sua experiência pregressa como atleta profissional, os indígenas solicitaram o seu auxílio na organização e execução de sessões de treinamento nos horários em que não estivessem trabalhando. Fassheber (2006) também menciona a sua colaboração como treinador, em alguns momentos, junto aos Kaingang no Paraná. Da mesma forma, Grando (2004) destaca o seu suporte aos Bororo acerca das especificidades do futebol, tais como regras, fundamentos técnicos, dentre outros. Ou seja, a colaboração dos pesquisadores para o aprimoramento da prática futebolística é algo frequente.

As competições eram, em sua maioria, na cidade de Ji-Paraná. Não obstante eventualmente participarem de torneios na área rural próxima a aldeia ou em Nova Colina (distrito de Ji-Paraná). A respeito desses campeonatos, as lideranças nos relataram que após alcançarem bons resultados em campeonatos menores da região, sendo, inclusive, campeões, começaram a ser convidados a participar das disputas de maior relevância, que acontecem em Ji-Paraná. É uma prática comum nos torneios deste município que somente equipes convidadas participem. Dessa forma, as lideranças destacam o reconhecimento que o Karo PG vinha recebendo. O convite e o reconhecimento do bom desempenho não se restringem ao universo Arara. Fassheber (2006) relata, a partir de uma entrevista com um atleta Kaingang, que este povo também era prestigiado por organizadores de competições esportivas. Grando (2004) observa a mesma situação com os Bororo, sendo que quem estabelecia o contato com o não indígena se tornava o responsável por organizar a seleção da aldeia para o campeonato.

O papel exercido nas primeiras competições foi como treinador. Em um primeiro momento, mantivemo-nos mais discreto, procurando entender melhor aquele ambiente e como poderia ajudar. Com o passar do tempo, fomos tendo uma participação mais efetiva, atuando na orientação dos atletas e na organização da equipe. Embora, enquanto treinador tivéssemos a responsabilidade de escalar e orientar a equipe, uma das lideranças que havia nos convidado, estava na equipe como jogador. Dessa forma, em muitos momentos conversávamos sobre a entrada dos jogadores e as mudanças nas funções a serem executadas. Mesmo que não estivéssemos totalmente de acordo, a sugestão que ele apresentava era acatada. Situação semelhante foi relatada por Vianna (2001) que, apesar de em alguns momentos ter sido direcionado para ser o responsável em tomar as decisões da equipe, ainda recebia determinações de outras lideranças.

O acompanhamento mais próximo das partidas e de diversas competições nos fez notar uma diferença em relação a observações iniciais a alguns Karo Arara envolvidos com o futebol. A conduta ponderada, serena, que identifiquei naquele primeiro encontro, apresentava, agora, uma instabilidade, notadamente nas questões envolvendo a arbitragem. Em alguns momentos das partidas, descontente com decisões técnicas e de comportamento que, ao seu ver, prejudicava a equipe, reclamavam de forma veemente. Esta conduta é comum entre jogadores e treinadores das equipes dos brancos, que, muitas vezes, responsabilizam os árbitros por suas fragilidades em diferentes aspectos do jogo.

Por outro lado, Fassheber (2006) menciona um descontentamento de lideranças esportivas Kaingang com relação a uma atuação assimétrica da arbitragem nos seus jogos contra os brancos. Para o autor, essa situação indica a tensão existente entre o povo indígena e os brancos. A partir do que pude observar nas competições, parece-me que, a princípio, o caso dos Kaingang não se aplica aos Karo Arara. As cobranças sobre a equipe de arbitragem foram desproporcionais e ocorreram erros/acertos para ambos os lados. Além disso, há a predominância de atletas brancos atenuando uma possível rivalidade.

O município de Ji-Paraná possui um calendário esportivo repleto de torneios/campeonatos de futebol amador, tornando possível muitas experiências com o Karo PG. Os certames ocorrem durante todo o ano, alguns, inclusive, simultaneamente, e ocupam vários dias da semana, principalmente o sábado e o domingo. A partir do momento em que começou a alcançar bons resultados, o Karo PG passou a figurar entre as principais equipes da região e receber convites para estar presente na maior parte dos eventos futebolísticos do cenário amador. Contudo, somente o desejo de participar não é suficiente para a sua concretização, pois questões financeiras e de logística cumprem um

papel importante nesse contexto. O pagamento da taxa de inscrição, da taxa de arbitragem, uniformes, deslocamento da aldeia para a cidade, bebidas para os atletas após os jogos, são fatores que podem dificultar a participação.

Esses desafios para a prática do futebol fora da aldeia também são observados em outros trabalhos. Nascimento (2015) aponta que embora os Munduruku pensassem em retomar os jogos contra não-indígenas, as dificuldades com o transporte limitavam as suas possibilidades. Nos relatos de Fassheber (2006) e Vianna (2001) os percalços ocasionados pelo transporte também são evidentes. Já Grando (2004) relata os desafios enfrentados pelos Bororo para participar de um campeonato em um município próximo, dentre as quais não almoçar e permanecer em pé na carroceria de um caminhão durante todo o trajeto até o local do jogo.

Ao longo das competições esportivas com o Karo PG, pudemos contribuir para minimizar alguns desses obstáculos. Financiando inscrições, uniformes ou, até mesmo, com o transporte dos (as) atletas. Este último ponto, aliás, remete-nos a Vianna (2001), que aponta o papel de “motorista” como um dos que emergiram em seu período com os Xavante.

Treinador, dirigente, motorista e, por fim, atleta. Em algumas competições, a princípio, pela falta de jogadores nas partidas e, posteriormente, por apresentar um bom desempenho, fomos convidados para jogar com a equipe. Saímos da função de treinador e nos tornamos atleta. Foi uma experiência importante para adquirir mais uma perspectiva acerca do futebol entre os Karo Arara. Contudo, à época não nos sentíamos assim. Pairavam questionamentos se deveríamos participar diretamente nas situações que desejávamos compreender. Se não seria mais adequado somente acompanhá-los, sem ser treinador, jogador ou professor no projeto esportivo.

Nesse sentido, a leitura de um texto a respeito da pesquisadora Jeanne Favret-Saada e o seu trabalho sobre a feitiçaria no Bocage francês (Siqueira, 2005) foi muito importante. A antropóloga destaca que no início de sua pesquisa oscilava entre duas situações: se deveria participar do trabalho, o que tornaria uma experiência pessoal, não caracterizando, no seu entender, um trabalho de campo; ou se ficaria somente observando, mantendo-se a distância, o que, por sua vez, poderia limitar a sua percepção do fenômeno.

A pesquisadora, então, afirma que começou a participar dos eventos, sem se preocupar em pesquisar ou compreender tudo aquilo que acontecia. Apenas, deixou-se afetar. Mas o que é ser afetado? É a ação do pesquisador permitir que as coisas aconteçam no campo sem que esteja no seu comando. Não significa que deverá estar totalmente

alinhado com a perspectiva dos seus interlocutores. Mas é aceitar que não pode ter o controle de todas as situações e que é nesse processo de descoberta, o qual talvez seja bem diferente do que havia estabelecido em seu projeto inicial, que a pesquisa poderá acontecer (Siqueira, 2005).

E foi com esse pensamento que demos continuidade ao trabalho de campo. Concomitantemente ao acompanhamento da equipe Karo PG nos campeonatos amadores de futebol, surgiu a oportunidade de expandir a rede de relações junto aos Karo Arara por meio da colaboração na preparação do povo para as I Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná e para o Jogos Escolares de Rondônia (JOER), em que também estaríamos presente em Iterap.

Antes, contudo, de detalhar os primeiros contatos com o pessoal de Iterap, vale fazer um aparte acerca da Cinco Irmãos. A prática esportiva não acontece nessa aldeia da mesma forma que em Paygap e Iterap. Há pessoas envolvidas com o esporte, notadamente o futebol. Mas, além de serem em uma quantidade bem menor que as outras duas (até por ser menor também), geralmente jogam em Paygap ou em equipes deles nas competições fora da aldeia. Dessa forma, o enfoque da descrição e análise das experiências será das aldeias maiores, embora eventualmente haja a menção aos moradores da Cinco Irmãos, como no caso da sua presença nas Olimpíadas e no JOER, por exemplo.

A receptividade das pessoas de Iterap foi boa. Desde o primeiro contato, sempre se mostraram solícitos, abertos à parceria e à disponibilidade de execução do trabalho. O estabelecimento de relações com uma nova aldeia, fez surgir uma nova necessidade no trabalho de campo, qual seja, saber lidar com os interesses e o desejo de exclusividade de cada uma das aldeias. Não foram poucas as situações em que fomos “cobrados” por dar mais atenção a uma aldeia do que a outra. Santos (2015) também experimentou algo semelhante com o povo em seu período de campo.

A parceria estabelecida junto às aldeias tornou possível, posterior a participação no JOER e nas Olimpíadas, a implantação de um projeto esportivo em cada uma delas. Intitulado “IFRO – ATLETA CIDADÃO”³, os adolescentes da aldeia tiveram a oportunidade de terem aulas de futebol duas vezes semanas sem precisarem ir à cidade. Os materiais e os professores (dos quais éramos um deles) seriam disponibilizados, sendo que a contrapartida seria o espaço físico.

³ É um projeto de iniciação esportiva fruto de uma parceria entre o IFRO e um senador do estado de Rondônia. Possibilitou a iniciação esportiva em várias modalidades em várias cidades do estado.

O fato de acompanharmos os meninos e as meninas nos projetos, assim como termos podido acompanhar a equipe feminina de Paygap nos campeonatos fora da aldeia e a equipe feminina do povo nas Olimpíadas, possibilitou ter uma visão ampla da prática nas aldeias, não se restringindo aos homens/meninos. Nem sempre é uma tarefa possível, como relatado por Vianna (2001). O pesquisador salienta que no trabalho de campo é necessário, muitas vezes, serem feitas escolhas acerca daquilo que se quer observar. Ele destaca esse ponto para justificar as poucas informações obtidas a respeito do futebol feminino entre os Xavante, já que em muitos momentos da prática entre as mulheres, ele estava acompanhando os homens.

A presença junto às mulheres nas competições se mostrou algo surpreendente. Embora por acompanhá-las nas aldeias soubéssemos de seu potencial, o desempenho nos campeonatos não deixou de ser impactante. Quase sempre chegavam as finais. Não importa se era futebol, futebol de sete ou futsal. Mantinham a mesma postura e qualidade. Ao mesmo tempo, questionava-nos: como conseguem ter resultados, muitas vezes, até melhores do que os homens com menos tempo para treinar/jogar? Como conciliavam o cumprimento das responsabilidades familiares com a paixão pelo futebol?

As competições em que estivemos presentes com os homens e as mulheres das aldeias também chamaram a atenção pelo aspecto negativo. Em muitas situações, recebiam falas preconceituosas e, até mesmo, pejorativas por parte dos brancos. Em alguns jogos, podia-se ouvir de algumas pessoas que acompanhavam a partida: “toca pro indinho” “até que o indinho sabe jogar” “podem falar nessa sua língua louca”. Estas expressões indicam um menosprezo em relação a sua capacidade e um desrespeito aos seus valores culturais. Outra feita, quando o jogo era em Nova Colina que fica mais próximo a Terra Indígena, os comentários foram feitos pelos próprios não-indígenas integrantes da equipe: “só tem índio nessa cidade” “olha como são esses índios” e apontam para um preconceito em relação a esses povos. Essas experiências, suscitavam-nos novamente algumas reflexões: Como os Karo Arara percebem esses comentários, inclusive de pessoas mais próximas? Será que atribuem ao futebol a possibilidade de reafirmação identitária e valorização étnica? Se sim, como explicar a presença de poucos indígenas na equipe?

Além de todas essas questões apresentadas até aqui, ainda há aquelas relacionadas à estrutura interna do próprio povo e que se tornaram proeminentes ao relacionar com o trabalho de Santos (2015). Em sua tese, a autora discute a busca por parte de lideranças deste povo pela expansão de suas relações de socialidade e a utilização de rituais nesse

processo. A observação de que as pessoas estavam restringindo a sua convivência ao seu agrupamento familiar doméstico é fundamental na construção dessa percepção.

Em Iterap, uma das aldeias, Santos (2015) ressalta que o único momento do cotidiano em que as interações extrapolam o círculo familiar doméstico ocorre aos finais de tarde, durante as partidas de futebol e vôlei. Em Paygap, outra aldeia, também se dá diariamente, mas somente com o futebol. Também pude verificar essa situação. Isso demonstra o espaço importante que o esporte, em especial o futebol, ocupa na vida dos moradores da aldeia. O uso do esporte na expansão das relações de socialidade também são observadas por Fermino (2012) entre os Laklãnõ/Xokleng.

No plano futebolístico construído junto aos brancos, parece-nos que ocorre o duplo movimento observado por Santos (2015) do tornar-se índio e tornar-se branco. Se, por um lado, a participação do Karo PG nas competições regionais, mesmo com a presença de poucos indígenas na equipe masculina, possibilita a visibilidade do povo e do seu *ethos*, conforme ressaltado pelas lideranças. Por outro, as comemorações após os gols/jogos, as publicações de fotos/vídeos em redes sociais, a utilização de camisetas de times nacionais e internacionais, apontam para uma aproximação, cada vez maior, ao mundo dos brancos.

É a partir dessas experiências, dúvidas, reflexões, idas e vindas das aldeias que esta tese se constrói. Foram três anos de convivência contínua com os Karo Arara, dos quais trinta dias foram residindo nas aldeias (vinte em Paygap e dez em Iterap). Uma experiência singular e que ao mesmo tempo se mostrou enriquecedora e desgastante, branda e desafiadora.

Esta tese tem o seguinte problema de pesquisa: Quais sentidos e significados o esporte, em especial o futebol, adquire para os Karo Arara na constituição da sua organização social e de suas relações étnicas e interétnicas?

Para tentar respondê-lo, temos por objetivo geral:

- Compreender os sentidos e significados do esporte, particularmente o futebol, entre os Karo Arara, vislumbrando os elementos de apropriação e reelaboração desse esporte em sua organização social e em suas relações étnicas e interétnicas.

E por objetivos específicos:

- Identificar os aspectos que norteiam os sentidos e significados de esporte entre os Karo Arara, especificamente do futebol, atentando para sua organização social.

- Descrever a participação das mulheres no cenário esportivo do povo Karo Arara, analisando o protagonismo que elas assumem nesse contexto.
- Verificar de que modo ocorre a manifestação identitária dos Karo Arara por meio do esporte, notadamente o futebol, no contexto étnico e interétnico.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de uma etnografia multissituada. De acordo com Marcus (1995), este método se desloca de um único campo e situações locais, que são especificidades da etnografia convencional, para a investigação da circulação de identidades, objetos e significados culturais presentes em diversos tempos e espaços. Dessa forma, as limitações impostas ao pesquisador pela permanência somente em um lugar são rompidas, oportunizando-se a compreensão das relações estabelecidas pelo seu objeto em contextos distintos.

A investigação multissituada é construída a partir do acompanhamento dos aspectos que compõem e/ou levam a um fenômeno social específico, em que o pesquisador faz conjunções ou justaposições acerca de suas partes de modo a constituir vínculos e/ou associações entre elas (Marcus, 1995; Sciré, 2009). Nesse processo, as técnicas empregadas no trabalho de campo, bem como a intensidade destinada no envolvimento em cada um dos locais poderá oscilar. Contudo, isto não se configura em um problema, pois a base de conhecimento resultante da pesquisa é um produto de intensidade e qualidades variadas (Marcus, 1995).

Consoante Marcus (1995), este método se constitui a partir de diferentes meios e técnicas, que se constroem na busca e no mapeamento de um fenômeno cultural complexo, tendo como referência as suas características básicas que vão se tornando flexíveis à medida que são identificadas. Como exemplos, o autor cita: seguir as pessoas; seguir as coisas; seguir a metáfora; seguir a trama, a história ou a alegoria; seguir a vida ou a biografia; e seguir o conflito. Desse modo, a etnografia multissituada revela-se como um modo profícuo de descrever e acompanhar um fenômeno que se manifesta em lugares distintos, mas que mantém relações entre si por meio de conexões constituídas na dinâmica local e interlocal (Moraes, 2021).

A utilização desse método se mostrou apropriado devido ao modo como o esporte, em especial o futebol, apresentou-se entre os Karo Arara. A manifestação desse fenômeno não se restringia à aldeia, alcançando os municípios próximos, as competições amadoras, a interface com a administração pública e as relações com os não-indígenas e outros povos indígenas. Um outro espaço importante foram as redes sociais, como o *whatsapp* e o

instagram, em que os atletas e as lideranças esportivas moviam-se constantemente e ao mesmo tempo que eram influenciados por códigos, normas e valores também produziam novos saberes. Assim, o trânsito por esses diferentes espaços foi essencial para delinear a rede de sentidos e significados que compõem o esporte entre os Karo Arara.

A consecução da pesquisa também esteve condicionada pela utilização de algumas técnicas. Anteriormente, destacamos as dúvidas geradas pelas incertezas quanto a intensidade no envolvimento com o trabalho de campo e como as ideias contidas em Siqueira (2005) foram elucidadoras. Nesse sentido, também nos valem da observação participante conforme frisa Cardoso de Oliveira (2000, p.24), segundo o qual esta técnica “...significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação”.

Partindo dessa premissa, percebe-se que a observação é um elemento fundamental de qualquer estudo e que utilizar-se da observação participante significa estudar com as pessoas, vendo as suas ações e escutando as suas falas. Ou seja, a participação ocorre a partir da atenção dada às ações do outro e não tratando-o de forma reificada (Ingold, 2019).

Ainda, a fim de atentar-se a todos os detalhes presentes nesse processo, recorreu-se a Geertz (1989), que nos fala da importância de ser feita uma “descrição densa”; já que, “fazer etnografia é como tentar ler [...] um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, [...] e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (Geertz, 1989, p. 7). Quer dizer, deve-se procurar encontrar aquilo que não se apresenta de forma evidente.

Para Peirano (1995), durante a pesquisa de campo, em que ocorre a busca pelo diálogo constante com o outro, ampliam-se as possibilidades de compreensão da realidade investigada. É por meio desse contato direto e contínuo que se torna possível perceber gestos, sinais e códigos, muitas vezes implícitos, e atribuir sentidos e significados dentro do contexto no qual eles ocorrem. Como ocorreu durante a pesquisa, já que ao acompanhar-se os jogos dos Karo Arara aos finais de tarde, nos fins de semana, em competições amadoras, nas Olimpíadas, dentre outras situações, pode-se compreender o papel que o esporte e, em especial, o futebol exerce na organização social dos moradores de Paygap.

Nesse processo de observação, a utilização do diário do campo foi essencial. Este instrumento consiste em um caderno, uma caderneta ou, até mesmo, um arquivo eletrônico (computador, *tablet*, dentre outros) no qual registra-se as informações coletadas junto às experiências com o grupo (Minayo, 2009). No nosso caso, valemo-nos de uma caderneta pequena para não esquecermos nenhuma informação importante enquanto vivenciávamos as situações e, posteriormente, transcrevemos para outros cadernos que foram categorizados por temas. Dessa forma, neste instrumento anotamos as nossas percepções e realizamos reflexões, as quais foram fundamentais na parte final da pesquisa, em que foram utilizadas juntamente com os depoimentos dos participantes para a compreensão do objeto em estudo.

O entendimento que os participantes possuem acerca dos temas foi verificado por meio de entrevistas semiestruturadas (encontram-se no apêndice), que tiveram pequenas variações nas perguntas de acordo com o grupo do qual os participantes faziam parte. Mas, em todos os casos, apresentavam flexibilidade a fim de ampliar as possibilidades de resposta. O objetivo com a entrevista era nos permitir acessar informações que somente o contato direto com o interlocutor torna possível, visto que abre a possibilidade de ele refletir a respeito da própria realidade que vivencia (Minayo, 2009).

O roteiro da entrevista sofreu pequenas modificações de acordo com o grupo do qual o participante fez parte. As questões para as lideranças esportivas versavam a respeito da origem do seu contato com o esporte, o seu processo formativo enquanto liderança, as possibilidades da prática esportiva na aldeia e com os não-indígenas, o papel de destaque que o futebol possui na comunidade, os sentidos e significados que essa modalidade apresenta de acordo com o local e com as pessoas com as quais ele é realizado e o desenvolvimento de políticas de esporte e lazer para os povos indígenas em Rondônia. Para os praticantes, foi as origens do seu envolvimento com o esporte, a sua percepção em relação à prática na aldeia e fora dela, o papel que o futebol exerce na comunidade e as diferenças entre jogos realizados na aldeia, fora dela e com os não-indígenas.

Na escolha dos participantes para as entrevistas, procurou-se definir a mesma quantidade por grupo. Da mesma forma foi feito com relação às aldeias, sendo dez participantes de Paygap e dez de Iterap. O objetivo também era manter uma paridade em relação ao gênero dos participantes, mas não foi possível, sobretudo pela disponibilidade de mulheres engajadas no papel de liderança. Dessa forma, foram sete homens e três mulheres em Paygap, enquanto em Iterap foram seis homens e quatro mulheres. Pelos motivos expostos anteriormente, não foram incluídos participantes da aldeia Cinco

Irmãos. Por fim, foram selecionados aqueles que se envolvessem diretamente com o esporte e estivessem dispostos a conversar, assim como todos eram maiores de idade e assinaram o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE).

Vale destacar também a opção metodológica por não revelar o nome dos participantes nas entrevistas e em outras passagens do texto. Considerando a continuidade do relacionamento e dos trabalhos junto ao povo, e a possibilidade de que alguma fala pudesse gerar algum atrito dentro da própria aldeia ou entre as aldeias, preferimos preservar a identidade dos interlocutores. Sendo assim, utilizamos a abreviação “Atl Pay/Ite” para se referir a um atleta entrevistado. Em seguida, há um número que indica a sua ordem na posição das entrevistas. No final, caso seja homem, há a presença da letra “H” e, caso seja mulher, a presença da letra “M”. E, para as lideranças, o termo “Lid Pay/Ite”, a numeração indicando a ordem na posição das entrevistas, seguido da letra “H” ou “M” (da mesma forma que os atletas).

Em sua maior parte, as entrevistas foram realizadas nas aldeias. As exceções foram alguns entrevistados que residem na cidade e se dispuseram a nos receber em suas casas. De uma maneira geral, as informações obtidas nas entrevistas foram importantes para a construção desta tese, não obstante ter sido menos do que esperávamos, principalmente no que diz respeito à quantidade. Acredito que o fato de não dominarmos a sua língua materna contribui nesse aspecto. As entrevistas com mais conteúdo foram aquelas realizadas com as pessoas que mais transitam pelo mundo dos brancos, notadamente as lideranças.

Dessa forma e considerando a relevância da participação destas lideranças na pesquisa, apresentaremos uma breve descrição daquelas que mais contribuíram na construção deste trabalho:

- Lid It 2 H: professor das séries iniciais do ensino fundamental em sua aldeia. Está concluindo o curso de licenciatura em Educação Intercultural. Residiu por quase dez anos na cidade de Ji-Paraná, entre a infância e o início da vida adulta. Foi nesse período que se apaixonou pelo esporte, sobretudo pelo futebol. É o principal responsável por fazer a interlocução entre a sua aldeia e os parceiros da cidade na área esportiva. O seu envolvimento com esporte atualmente ocorre por meio do papel de treinador em algumas competições e gestor na busca por melhorias para o seu povo, não obstante pratique vôlei e futebol de forma recreativa.

- Lid Ité 4 M: professora das séries iniciais do ensino fundamental em sua aldeia. É graduada no curso de licenciatura em Educação Intercultural. Residiu toda a sua vida na aldeia. Residiu toda a sua vida na aldeia. O seu envolvimento com o esporte, notadamente o futebol, iniciou na adolescência, pois até este período era impedida de jogar pela família e pelos meninos/homens que jogavam. Atualmente, exerce um papel muito importante enquanto liderança em diferentes áreas para o seu povo, incluindo o esporte, e como um exemplo de força e competência para as outras mulheres.
- Lid Pay 1 H: professor dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio em sua aldeia. Está concluindo o curso de licenciatura em Educação Intercultural. Nasceu e cresceu em Iterap, mudando-se para Paygap após se casar com a filha do cacique desta aldeia. Possui vasto conhecimento acerca dos conhecimentos tradicionais do Karo Arara, sendo um dos principais responsáveis por divulgar a cultura do povo. Participou como atleta em competições de futebol durante muito tempo e hoje exerce a função de treinador.
- Lid Pay 4 M: principal liderança dos Karo Arara. Nasceu e cresceu na cidade. Aos dezoito anos mudou-se para aldeia de Paygap, casando-se com um dos filhos do cacique. Por ter crescido fora da aldeia, sofre resistência por parte de algumas pessoas. Contudo, é a principal articuladora de recursos para o povo. Além disso, participa de organizações indígenas a nível estadual e, constantemente, participa de eventos estaduais e nacionais. No campo esportivo, é a dirigente responsável pela equipe de Paygap que participa de campeonatos amadores na região, sendo bastante respeitada pelos “boleiros” da região.
- Lid Pay 5 H: coordenador da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) no polo de Ji-Paraná. Foi atleta de futebol amador durante muito tempo e, reconhecidamente, um dos melhores jogadores dos Karo Arara. Atualmente, colabora na organização das equipes durante a participação em eventos esportivos.

Encerrada a fase da entrevista, demos início à sistematização dos dados e a escrita. Para tanto, valemo-nos de Cardoso de Oliveira (2000, p. 26) mais uma vez, que ressalta a

complexidade do processo de organização e elaboração do texto, uma vez que, “exige o despojo de alguns hábitos no escrever, válidos para diversos gêneros de escrita, mas que para a construção de um discurso disciplinado por aquilo que se poderia chamar de “(meta) teoria social” nem sempre parecem adequados.” O autor também salienta que a organização e análise das informações apreendidas, bem como a sua escrita é o ápice de um processo que possui outras duas partes, a saber, o olhar e o ouvir. Para que seja efetiva a aplicação do primeiro sentido, a visão, o pesquisador deverá chegar a campo com o olhar treinado, subsidiado por uma base teórica que lhe permita acompanhar o fenômeno social de modo não naturalizado. Isto é, essa preparação do olhar é essencial e pode ser considerada a sua primeira experiência no contexto do trabalho (Cardoso de Oliveira, 2000).

Contudo, somente o olhar seria insuficiente para perceber os meandros da estrutura social com a qual se está em contato. Precisa-se do ouvir. Com efeito, a dissociação das duas capacidades acontece somente em nível conceitual, visto que caminham de maneira simultânea e complementar. O saber ouvir também não se constitui em uma tarefa fácil, considerando as diferenças identitárias e culturais entre o pesquisador e o sujeito investigado. Mas, conhecer a perspectiva do nativo em relação ao fenômeno, o que é inviável apenas com a observação (Cardoso de Oliveira, 2000).

Por isso, essa relação dialógica entre pesquisador e nativo, sobretudo na entrevista, deverá ser construída de modo a possibilitar que ambos tenham uma presença ativa, ou seja, que estejam em uma condição de iguais, na qual falam e são ouvidos. O diálogo sendo construído nesse formato entre os interlocutores proporcionará uma verdadeira interação (Cardoso de Oliveira, 2000).

A escrita da tese, conforme pontua Cardoso de Oliveira (2000), apresenta como um dos traços marcantes a busca pela aproximação do trabalho de campo com a elaboração textual. Nesse sentido, uma boa escrita tem como ponto de partida as ações realizadas no campo, especificamente o ver e o ouvir, atentando-se para que a dimensão subjetiva do pesquisador não se torne preponderante. Mas, sim, a intersubjetividade, que o aproxima das bases teóricas.

A escrita e a sua reelaboração, entendidas como um ato cognitivo, serão realizadas quantas vezes forem necessárias. Isso porque poderá haver a necessidade do aperfeiçoamento do texto sob o aspecto formal de dar um melhor tratamento na fidedignidade dos fatos narrados e descritos e solidificar as análises e os argumentos que lhe dão sustentação (Cardoso de Oliveira, 2000).

Nesse processo, as experiências vivenciadas no trabalho de campo, as anotações nos diários e as entrevistas foram fundamentais. Outro recurso que favoreceu a construção do texto e a sua compreensão foi a utilização de imagens. A sua presença ocorre, sobretudo, nos capítulos do esporte e do futebol a fim de ilustrarem situações que permitam identificar as diferentes facetas desse fenômeno entre os Karo Arara. Em razão de serem oriundas de diferentes meios e, por conseguinte, possuírem diferenças na qualidade de resolução, as imagens apresentam variações no seu tamanho para que a visualização não seja prejudicada.

Além disso, o suporte dado pelas bases teóricas nas categorias discutidas também se mostrou imprescindível. No caso do esporte, os trabalhos de Bracht (2003), Brown (2024), Guttmann (2004) e Marchi Junior (2015). Em relação ao futebol Da Costa e Helal (2022) e DaMatta (1994). No que concerne aos Karo Arara, Arara (2016), Arara (2022), Mindlin (2016) e Santos (2015). Já acerca das práticas esportivas no contexto indígena, Fassheber (2006), Fermino (2012), Grando (2004), Vianna (2001) e Vinha (2004). No que diz respeito ao protagonismo feminino, Alves (2022), Goellner (2005) e Milhomen (2021). E, por fim, a respeito da identidade Kelly (2005), Nunes (2012; 2014) e Vilaça (2000).

Este trabalho se inscreve em um conjunto de pesquisas realizadas sobre a temática do corpo e culturas tradicionais do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza - Necon. Grupo de pesquisa da Universidade de Brasília, que foi criado e institucionalizado em 2002, sendo o primeiro grupo de pesquisa do Brasil a tratar no seu título do tema Corpo como objeto de estudo (conforme Conferência de Abertura proferida por Terezinha Petrúcia da Nóbrega durante o XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em Natal, no ano de 2021). O Necon compreende três linhas de pesquisa, para além daquela que envolve corpo, comunidades tradicionais e políticas, há uma que trata dos estudos do corpo e sensações, e outra cujo tema é corpo, natureza e gênero.

No lastro de pesquisas desenvolvidas pelos/as pesquisadores/as do Necon encontram-se os estudos sobre o corpo indígena, cujas investigações buscam compreender os sentidos e significados produzidos por esses corpos em relação a distintas práticas corporais, notadamente, àquelas relacionadas ao esporte e ao sentido de esportivização (Almeida, 2008).

Esta tese, portanto, segue a linha de investigação traçada de antemão por pesquisadores/as deste grupo, promovendo, de alguma forma, uma interlocução com o trabalho desenvolvido por Arthur Almeida acerca da esportivização dos jogos indígenas.

Em seu trabalho, Almeida (2008) analisa uma edição do Jogo dos Povos Indígenas (JPIN) e possíveis desdobramentos nas tradições dos povos participantes. O autor destaca o processo de esportivização, isto é, a incorporação dos códigos e valores do esporte moderno nas práticas corporais tradicionais realizadas no evento, e as prováveis consequências subjacentes.

Em nossa pesquisa, também observamos essa situação ao acompanharmos a 1ª Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná. Neste evento, houve disputas de práticas corporais tradicionais que não pertencem a nenhum dos povos participantes. Por outro lado, não percebemos mudanças na utilização do arco e flecha entre os Karo Arara (única prática tradicional desse povo presente no evento) em seu dia a dia, algo que poderia acontecer conforme sugerido por Almeida (2008).

Outro ponto ressaltado pelo autor, refere-se à importância do futebol entre os povos e como esta modalidade adquire diferentes significados entre os indígenas de acordo com seu interesse. Neste aspecto, aprofundamos mais a análise do que Almeida (2008), visto que acompanhamos somente um povo no qual o futebol auxilia na compreensão de suas relações internas e com a sociedade nacional. A discussão desses temas será feita ao longo da tese.

Ao trabalho de Almeida (2008), junta-se o de Santos (2019), que analisou uma dança tradicional do povo Kayapó Mebêngôkre, que vive em uma região localizada nos estados do Mato Grosso e do Pará. O autor da dissertação, que se autodefine como indígena, realizou uma pesquisa etnográfica com seu povo, participando do processo ritual da dança como construção da identidade do corpo indígena entre os Kayapó Mebêngôkre. Ao longo de pouco mais de 20 anos, verificamos que as produções do Necon se destacam em relação às compreensões de corpo, corporeidade e suas mediações com gênero, mas observamos haver pouca produção acerca das culturas indígenas. Nesse sentido, o nosso trabalho soma-se a uma agenda de pesquisas de grande relevância, ao tempo que, ainda pouco estudada no Necon em específico e acadêmico em geral.

Para encerrarmos essa parte introdutória, apresentamos a estrutura da tese. No primeiro capítulo, realizaremos uma apresentação do povo Karo Arara a partir das informações presentes na Literatura. Destacaremos a sua localização, população, histórico e organização social.

No segundo capítulo, discutiremos a presença do esporte entre esse povo. Abordaremos a quase não existência de atividades que correspondam a esportes tradicionais, a sua participação em eventos esportivos e a sua percepção das políticas

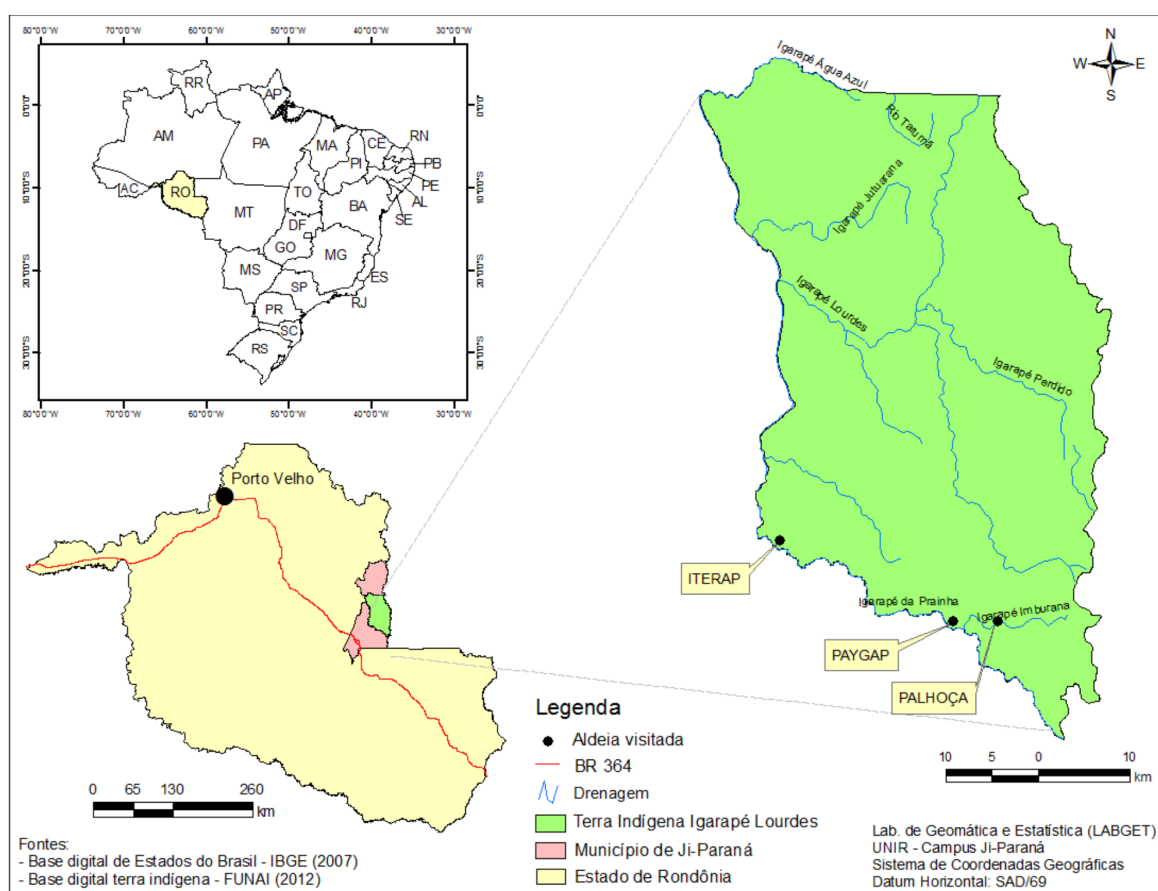
públicas de esporte e lazer. No terceiro capítulo, o foco será no futebol, principal modalidade esportiva presente nas aldeias. Falaremos como ocorre a sua presença dentro das aldeias, a participação em campeonatos e a sua interface com as mídias.

No quarto capítulo, trataremos do protagonismo das mulheres Karo Arara no âmbito esportivo. Descreveremos os desafios enfrentados, as suas conquistas e a busca pelo fortalecimento de seu protagonismo a fim de diminuir as desigualdades ante aos homens. No quinto capítulo, a discussão será centrada na forma pela qual o esporte, notadamente o futebol, relaciona-se com os aspectos identitários do povo. A percepção que os Karo Arara possuem acerca da influência desse fenômeno social em sua cultura, as relações com os brancos e se o esporte (futebol) promove um deslocamento identitário nesse povo. Por fim, nas considerações finais buscaremos arrematar as discussões estabelecidas ao longo da tese relacionando com os objetivos estabelecidos.

1 QUEM SÃO OS KARO ARARA? HISTÓRIA, ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PRESENÇA NA LITERATURA

Os Karo Arara, Arara Karo ou simplesmente Arara vivem em três aldeias (Iterap, Paygap e Cinco Irmãos ou Palhoça), que se localizam na parte sul da Terra Indígena (TI) Igarapé Lourdes (Figura 1), situada próxima a Ji-Paraná na parte central do estado de Rondônia do Brasil. A sua população atual nas aldeias é de, aproximadamente, 387 pessoas (Brasil, 2024). Nesta TI também se encontram os Ikólóéhj Gavião, povo com o qual mantém uma relação de longa data e nem sempre amistosa.

Figura 1 – Localização da TI Igarapé Lourdes e das aldeias do povo Karo Arara



Fonte: Laboratório de Geomática e Estatística (LABGET) da Universidade de Rondônia (UNIR) – Campus Ji-Paraná (Santos, 2015).

O termo Arara, etnônimo pelo qual este povo se apresenta aos não-indígenas e é conhecido na região, é conferido aos próprios brancos que assim se referiam a eles devido a presença de urucum em todo o corpo e de uma pena do rabo da arara vermelha aliada a uma resina brilhante na região do septo nasal. Em relação à expressão Karo, refere-se à língua falada pelos Arara e a sua atribuição foi feita pelo primeiro estudioso linguístico desse povo, Nilson Gabas Jr, e significa "arara" na língua nativa (Santos, 2015). A sua

língua faz parte da família Ramarama pertencente ao tronco linguístico Tupi⁴ (Gabas Junior, 2023).

O passado desse povo revela um comportamento seminômade. De acordo com (Santos, 2015), com base nos depoimentos coletados junto às pessoas que com ela conviveu durante o período de sua pesquisa na aldeia, os Karo Arara delimitam o seu espaço temporal em dois momentos. Um período antigo, em que havia bastante deslocamento e se situavam em malocas. E um tempo recente, no qual passam a conviver mais com os brancos e se dirigem para os seringais da região do Rio Machado⁵, vinculando-se aos patrões.

Antes do contato com os brancos, os velhos e velhas destacam dois pontos importantes acerca da organização do povo: o compartilhamento de uma mesma maloca⁶ e os deslocamentos incessantes. Estas malocas eram construídas de maneira espaçosa para comportar muita gente. Até por isso, é um período marcado na lembrança dos mais idosos por ter bastante indivíduos (Santos, 2015).

A realização de deslocamentos constantes está relacionada com o plantio, a caça e a pesca. Nesse contexto, também havia a preocupação com a captação de recursos no ambiente para as suas atividades produtivas, tais como o bambu para confecção de flechas e o barro para a cerâmica. Outro aspecto responsável pelas andanças é a sua relação com a morte. Com o falecimento de algum indivíduo, o seu corpo era ali enterrado e os demais iam embora para não serem "assombrados" pelo espírito do morto e para não serem afetados pela sua lembrança. Assim, todos esses fatores influenciavam na formação de novas malocas ou no estabelecimento de acampamentos temporários (Santos, 2015).

Esse tempo antigo, o da maloca, é retratado como um espaço-tempo no qual as pessoas compartilhavam experiências em diversas situações, tais como a casa, a roça e a festa. A sua lembrança remete à fartura, pois as roças eram maiores e produziam em maior quantidade e variedade. Desse modo, tinham mais matéria-prima para produção de macaloba⁷ e, conseqüentemente, a realização de festas e a expansão de suas relações de socialidade. Ou seja, é visto de forma positiva por potencializar as experiências coletivas,

⁴ Tronco linguístico é um termo utilizado para se referir às famílias linguísticas que possuem a mesma origem.

⁵ Segunda principal bacia hidrográfica de Rondônia. Passa pela parte central do município de Ji-Paraná.

⁶ É um tipo de habitação muito utilizada antigamente pelos povos indígenas.

⁷ É uma bebida tradicional indígena feita com mandioca, cará e/ou outros tubérculos. Pode ser de dois tipos: azeda (quando há fermentação e, conseqüentemente, tem teor alcoólico) ou doce (não há fermentação) (Santos, 2015; Keppi; Pruiksma, 2016).

assim especificadas: a produção da roça, a realização de festas, as visitas, as danças e o consumo de macaloba. Tais aspectos compreendem a percepção dos Karo Arara do “tempo de riqueza”, em que seus rituais, xamanismo, casamentos, dentre outros aspectos de sua cultura, eram vivenciados de forma plena (Santos, 2015).

A aproximação com os brancos começa a ocorrer a partir do contato com seringalistas que atuavam na região do rio Machado. Estas aproximações datam, provavelmente, de um período entre 1880 e as primeiras décadas do século XX. Os relatos indicam que estas relações eram conflituosas e marcadas pela presença de doenças. Por volta de 1940, conhecem o seringalista José Maria de Barros (Mahó) e estabelecem a primeira relação com um branco que não seja por via de guerra (Santos, 2015).

O resultado desses contatos iniciais é o falecimento de centenas de Karo Arara por doenças contagiosas (Gabas Junior, 2023). Os que sobreviveram a esse período começam a prestar alguns serviços para Mahó, mas não como seringueiros. De início, envolveram-se com caça, roça, tarefas domésticas, dentre outras atividades (Santos, 2015).

Nesse período, as famílias moravam distantes umas das outras, não faziam festas e as visitas eram raras. Os encontros ocorriam quando iam à sede administrativa do seringal, o barracão. As roças eram reduzidas e restritas junto às casas de cada família. Desse modo, pela produção insuficiente de mandioca, não tomavam macaloba azeda, que cumpre um papel importante em momentos coletivos, como festas e mutirão de derrubada das roças (Santos, 2015).

Também é neste momento que ocorrem os primeiros contatos com os Ikólóéhj Gavião. No início, era uma relação amistosa, em que os Karo Arara, inclusive, intermediaram uma aproximação com o seringalista Mahó. Contudo, após alguns anos de relação e devido ao compartilhamento de uma informação falsa por uma pessoa que transitava entre os dois povos, os Ikólóéhj Gavião impetraram um ataque contra eles, resultando em vários mortos (Santos, 2015).

O período com os seringueiros ocasionou momentos muito difíceis para os Karo Arara. As doenças em virtude do contato resultaram em diversas vítimas. Os que conseguiram sobreviver, eram maltratados e ameaçados pelos patrões. Não obstante estarem em terras que lhes deveriam ser asseguradas, passavam por dificuldades e com medo de serem mortos.

Dentro desse contexto, a situação das mulheres era ainda pior. Eram submetidas à violência sexual. Quando os maridos estavam cortando seringa eram coagidas pelos patrões a se submeterem a sua vontade. O medo de que pudesse acontecer alguma coisa

para si ou para o marido, inclusive a morte, fazia com que permanecessem em silêncio, não lhes contando os abusos sofridos (Arara, 2022).

E, dessa forma, ia seguindo a vida dos Karo Arara junto aos seringueiros/seringalistas. Expulsos de seus territórios ou vivendo sob ameaça, trabalhando de maneira forçada, constrangidos a não se comunicarem em sua língua materna, sujeitas (no caso das mulheres) a perseguição sexual e tendo seus filhos arrancados para serem criados pelos seringueiros/seringalistas (Arara, 2022).

Por volta de 1966, os Karo Arara são contactados pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) – Antiga Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e começam a ser reunidos. Se outrora se apresentavam em grande quantidade impressionando, inclusive, os Ikólóéhj Gavião, naquele momento a quantidade de pessoas era bastante reduzida, na casa de dezenas. Com o estreitamento das relações entre o SPI e os índios das duas etnias foi criado o Posto Indígena Igarapé Lourdes no local onde se encontravam os Ikólóéhj Gavião (Santos, 2015).

Os resquícios dos antigos conflitos fizeram com que somente duas famílias Karo Arara aceitassem permanecer juntos a eles. Os demais dispersaram-se para dois lugares nas proximidades. Contudo, a presença crescente de invasores na Terra Indígena, em razão do processo de colonização promovido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), fez com que os dois povos se unissem para expulsar os invasores. Após obterem êxito, conviveram por alguns anos no local, usufruindo das casas e plantações deixadas pelos invasores, até acontecerem novos desentendimentos e os Karo Arara efetuarem uma nova andança. Dessa vez, para fundarem a sua própria aldeia (Santos, 2015).

1.1. Organização social e a formação das aldeias

O desenvolvimento das relações de socialidade entre os Karo Arara está imbricada com a presença da bebida, da caça e da roça. A manutenção das relações de parentesco demanda a realização dessas atividades. Dentro dessa dinâmica, assim como em outras etnias, a unidade produtiva responsável pelas ações é o casal, em que ao homem compete a caça, à mulher, a bebida e a comida, e aos dois a roça (Santos, 2015).

Nesse sentido, a construção das relações de parentesco relaciona-se com a especificidade dessas ações. A doação de uma carne, a divisão de uma roça e o compartilhamento de uma bebida promovem a consolidação da ideia de parente. A constituição do parentesco se apresenta de maneira instável, podendo ser ratificada ou

esquecida. Portanto, mesmo em relações estáveis, como a do casal e os seus filhos, é necessário a observação desses aspectos e o cuidado contínuo para que possa existir (Santos, 2015).

A distribuição populacional desse povo se dá em três aldeias. A maior delas é Iterap (Figura 2). Dentre as construções que fazem parte de sua extensão territorial, além das casas pertencentes às famílias, também encontramos uma maloca, a casa em que ficam os professores não-indígenas da Secretaria de Educação (SEDUC) do estado de Rondônia, o postinho de saúde, uma escola e as igrejas. Esta aldeia apresenta unidades menores, constituídas por uma ou mais famílias, as quais possuem a sua própria liderança e que estão representadas na imagem por um círculo e o respectivo nome.

No processo histórico de sua fundação, Iterap não se tornou, imediatamente, uma residência definitiva. Os Karo Arara continuavam o trânsito pelos seringais e utilizavam a localidade como ponto de descanso no processo de deslocamento para Ji-Paraná. Após algum tempo e a desvalorização da borracha, fixaram-se de vez (Santos, 2015).

A escolha desse lugar está associada a uma melhor condição de vida e o acesso às condições básicas de saúde e educação. Esta última, aliás, é apontada pelas pessoas da comunidade como a principal responsável pela cessação das andanças, visto que com as instalações escolares estabelecidas em determinado lugar, é necessário por lá permanecer a fim de que as crianças possam frequentar as aulas (Santos, 2015).

Os núcleos familiares que compõem uma residência nessa aldeia são, geralmente, preenchidos por um casal mais idoso, os seus filhos e filhas solteiras, bem como os filhos casados com as suas esposas, ou seja, com inclinação virilocal⁹. Constituem-se, dessa forma, em grupos familiares extensos que ocupam várias residências. A respeito da ida do casal para a casa do pai do homem após o matrimônio, Santos (2015) salienta que os seus interlocutores afirmaram não ter uma regra estabelecida. Contudo, a partir de suas observações, verificou a predominância da virilocalidade, não obstante ter encontrado casais que residiam uxorilocamente¹⁰.

Ainda a esse respeito, a antropóloga afirma que embora o local da residência seja optativo, há o trabalho obrigatório para o sogro. Concretizado o casamento, o marido dirige-se à casa do sogro para auxiliá-lo no trabalho agrícola. Dessa forma, enquanto não há consolidação do casamento com a presença de vários filhos e uma casa própria, o casal transita entre a casa dos pais da mulher e dos pais do homem.

A uma predileção entre os indivíduos dessa aldeia para que as interações do dia a dia se concentrem junto ao grupo doméstico. Mesmo quando se está envolvido em uma outra situação, como ir ao posto de saúde, aproveita-se para visitar um familiar. No entanto, há momentos em que as interações restritas ao campo doméstico são ampliadas: a prática, nos finais da tarde, de futebol por homens jovens e adultos, e a prática do vôlei de ambos os sexos. Ou seja, a atividade esportiva se constitui em um aspecto importante da sociabilidade dos indivíduos em Iterap (Santos, 2015).

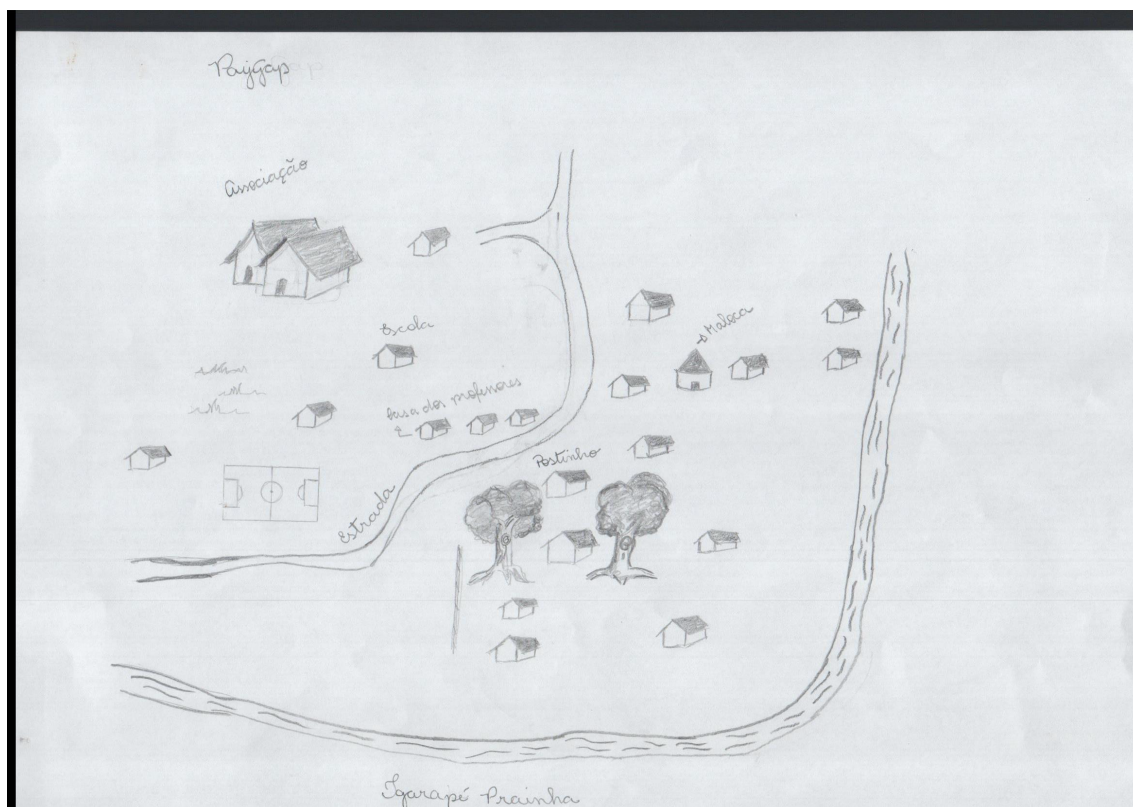
⁹ Refere-se ao costume de um novo casal ir morar próximo a família do marido.

¹⁰ Refere-se ao costume de um novo casal ir morar próximo a família da esposa.

Com o surgimento de desentendimentos relacionados à extração e venda de madeiras e à apropriação da roça comunitária, o atual cacique de Paygap, Pedro Agamenon, e seu irmão (que mais tarde retornou a Iterap) abriram e fundaram essa nova aldeia. Posteriormente foram acompanhados pela família da esposa de Pedro (Santos, 2015).

A disposição das famílias em Paygap (Figura 3) é mais próxima do que em Iterap. Contudo, há a presença de pequenos afastamentos, notadamente das pessoas que não possuem uma relação de descendência com Pedro, de modo a manter uma certa distância da residência do cacique (Santos, 2015). Além das casas pertencentes às famílias, também encontramos uma maloca, a casa em que ficam os professores não indígenas da SEDUC, o postinho de saúde, uma escola e a sede da associação da comunidade.

Figura 3 – Croqui da aldeia Iterap

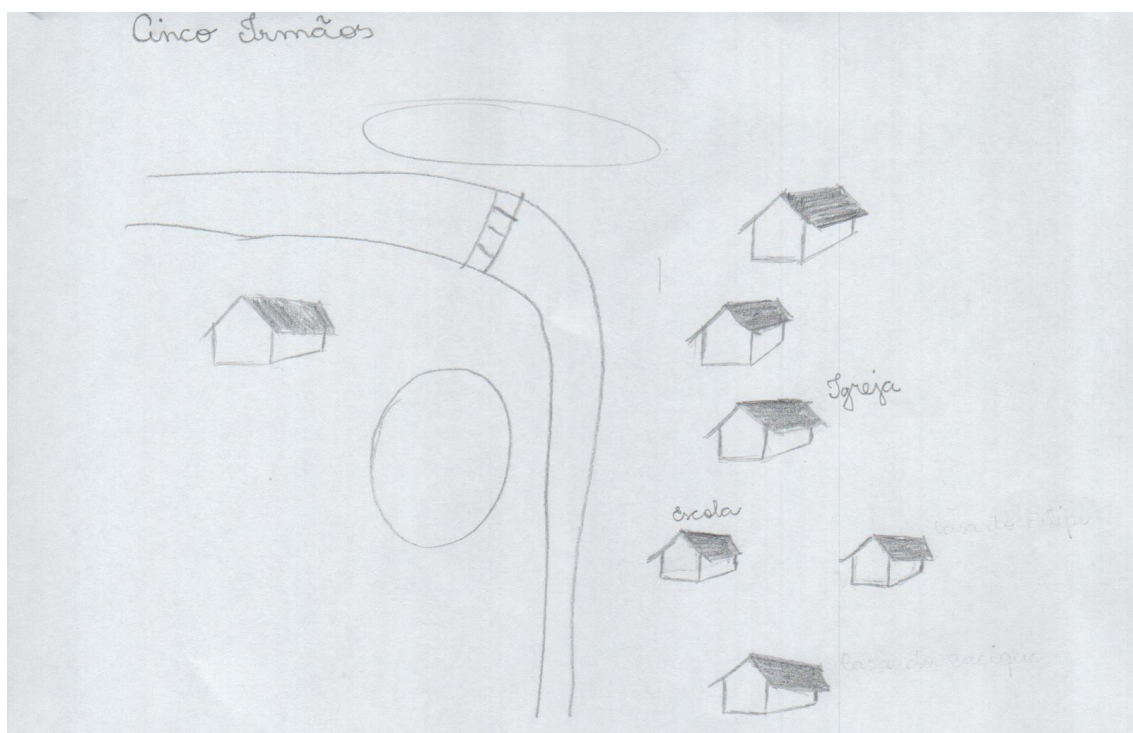


Fonte: Dhuliana Paula de Assis Geronimo.

Assim como em Iterap, todos os fins de tarde ocorrem a prática do futebol. No que concerne às redes de sociabilidade, devido às relações de parentesco, é comum se visitarem e se encontrarem com frequência, especialmente no terreiro da casa do cacique (Santos, 2015).

A aldeia Cinco Irmãos (ou como comumente é chamada pelas pessoas, Palhoça) (Figura 4), surgiu devido a desentendimentos relacionados a questões decisórias e ao papel de chefia, o entendimento de comunidade, e a presença cada vez maior de brancos em Paygap. Dessa forma, Janete, tia classificatória da esposa de Pedro, e seus familiares se deslocaram sete quilômetros para dentro da TI em um local anteriormente ocupado pela família do genro do cacique (Santos, 2015). Além das casas, também há uma escola e uma igreja.

Figura 4 – Croqui da aldeia Cinco Irmãos



Fonte: Dhuliana Paula de Assis Geronimo.

1.2 Os Karo Arara na literatura

A presença de estudos na literatura a respeito desse povo é escassa. Santos (2015), tendo como pano de fundo a Festa do Jacaré¹¹, busca compreender as relações de socialidade dos Arara na atualidade e as características e os desafios que ela apresenta para cada uma das aldeias. Nesse sentido, além de discutir a festa e os seus desdobramentos, também apresenta a história do povo, a sua mitologia e cosmologia, e a sua organização social.

¹¹ Uma festa tradicional do povo Karo Arara (Santos, 2015; Arara, 2016).

Mindlin (2016) apresenta em formato de texto, a aula magna ministrada pelo cacique de Paygap, Pedro, aos participantes do Projeto Açaí¹². É um texto imprescindível para conhecer mais sobre a história desse povo. Embora esteja centrado na vida do cacique, permite-nos compreender a vida, a luta e o sofrimento dos Karo Arara ao longo das interações estabelecidas com a sociedade nacional, visto que a história de Pedro e do seu povo estão entrelaçadas.

Outros trabalhos relacionam-se a diferentes aspectos da cultura desse povo. Gabas Junior (1999) e Isidoro (2006) tratam da questão linguística. A respeito da educação escolar, temos o de Paula (2008). Já Nóbrega (2008) relata a luta deles junto com os Ikólóéhj Gavião para impedir a construção de uma hidrelétrica que afetaria a Terra Indígena (TI). Alves (2018), a partir de entrevistas com seis professoras do povo, busca analisar a constituição de suas identidades produzidas no contexto da comunidade e das escolas das aldeias.

Contudo, queremos dar um destaque maior aos trabalhos realizados pelas pessoas do próprio povo. Essas produções são referentes a participação de professores Karo Arara no curso de licenciatura básica em Educação Intercultural da Universidade de Rondônia (UNIR) campus Ji-Paraná. Entendemos como interculturalidade um espaço de negociação simbólica entre culturas distintas (Bhabha, 1998; Fleuri, 2003), que se distancia, portanto, da mera assimilação cultural. A interculturalidade subsiste numa prática que evidencia processos de ressignificação que colaboram para a reinterpretação de práticas corporais diversas, dentre estas o futebol, à luz de tradições e valores próprios, construindo uma experiência singular de interculturalidade (Candau, 2008).

Gavião (2015) discorre a respeito das plantas medicinais utilizadas pelo povo no tratamento de doenças. O autor destaca que antigamente era comum o uso dessas plantas para problemas diversos, tais como gripe, dores de cabeça, picadas de cobra, dentre outros. No entanto, o contato com a sociedade nacional fez com o uso diminuísse consideravelmente em razão da opção por remédios industrializados.

Dessa forma, o seu objetivo por meio do trabalho é reforçar a importância da manutenção dos conhecimentos tradicionais. Preocupado com o pouco interesse dos mais jovens, conforme as entrevistas com os mais velhos e as suas próprias impressões, apresenta uma série de plantas presentes na mata e os fins para os quais podem ser empregadas.

¹² Foi um projeto no estado de Rondônia que teve por objetivo ofertar o magistério para os indígenas.

Já Arara (2016), apresenta a Festa do Jacaré. Um evento tradicional do povo Kara Arara que possibilita o fortalecimento de sua cultura. Da mesma forma que Gavião (2015), a autora demonstra preocupação com os impactos causados pelas relações com os brancos nas tradições do seu povo. A própria festa se constitui em um exemplo, já que, segundo ela, as pessoas que frequentavam a igreja não estavam participando.

É com o objetivo de preservar e valorizar a sua cultura que a autora descreve todo o processo de realização da festa. A partir de suas experiências e do relato dos mais antigos, ela traz os motivos para a sua realização, como ocorre a preparação e como acontece o evento principal. Além disso, ela também apresenta uma breve biografia do povo, bem como a sua própria.

Por seu turno, Arara (2022) investiga a trajetória política das mulheres Karo Arara no passado e nos dias atuais. Para tanto, ela constrói a sua análise a partir do depoimento de três mulheres que vivenciaram momentos distintos desse povo. A trajetória dessas mulheres foi marcada por muito sofrimento, desafios e lutas. Se para o povo, os desdobramentos das interações com a sociedade nacional foram difíceis, para elas foi ainda mais devido à sua condição de mulher.

Apesar das dificuldades advindas desse processo, ao longo da história, como destaca a autora, elas foram se fortalecendo. Passaram a ocupar espaços de liderança e lutar pelos direitos do seu povo de uma maneira geral e das mulheres em específico. As suas conquistas podem ser vistas como o maior número de professores sendo mulheres do que homens, por exemplo. Não obstante esses avanços, ainda precisam continuar lutando para a superação de obstáculos, principalmente os de gênero e de etnia. E, por isso, consoante Arara (2022), trabalhos como o seu são fundamentais.

Outras obras importantes desse povo, apesar de não terem sido produzidas exclusivamente por eles, possuem a sua participação direta. Em Keppi e Gomide (2016), há a apresentação de receitas alimentares dos Karo Arara relatadas pelas mulheres do povo. Também são apresentados outros conhecimentos tradicionais a respeito dos alimentos e de práticas de alimentação, assim como a exposição de alguns mitos.

No caso de Keppi e Pruiksma (2018), as mulheres contam a história do povo a partir de suas próprias experiências, bem como trazem a sua percepção da vida atual e as suas perspectivas para o futuro. Os relatos mostram as lutas e os sofrimentos vivenciados pelos Karo Arara a partir do contato com os brancos, sobretudo por parte das mulheres. Por outro lado, demonstram, também, a força e o protagonismo que elas sempre tiveram, e que serão discutidos no capítulo quatro.

2 ESPORTE

Um dos grandes fenômenos sociais existentes desde o último século é o esporte. A sua capacidade de mobilizar as pessoas para praticar, assistir, torcer, comprar, dentre outras situações, é enorme. Ao longo do século XX foi se estruturando e se tornando cada vez mais imbricado com as dimensões política, econômica e cultural da sociedade.

Para Tubino (1987), embora haja evidências importantes acerca da prática esportiva nas civilizações antigas, elas são inconsistentes. Nessas civilizações, tais como a grega, a romana, a chinesa, a maia, dentre outras, foram encontrados indícios de atividades que se relacionam com os esportes modernos, despertando especulações acerca da origem desse fenômeno.

Dentre essas civilizações, foi na Grécia onde o esporte alcançou o seu maior destaque, sobretudo pela forma como essa sociedade percebia essa atividade e a utilizava para o seu desenvolvimento. Um dos eventos mais importantes naquele período era os Jogos Olímpicos, organizado de quatro em quatro anos e que reunia os melhores atletas homens para disputas individuais em diferentes provas (Tubino, 1987).

As atividades ou jogos que eram realizados nessas sociedades utilizavam em sua dinâmica de funcionamento os movimentos de correr, saltar, chutar, golpear, dentre outros. Assim como a presença de objetos, tais como bola, espada, arco e flecha ou, até mesmo, a presença de animais, como cavalos. Contudo, nos termos em que a prática esportiva é entendida atualmente, a sua origem é mais recente.

Para Bracht (2003), há uma linha na historiografia tradicional do esporte que defende a ideia de que o esporte moderno é fruto de um processo de desenvolvimento contínuo, isto é, as modalidades esportivas atuais seriam uma evolução de jogos existentes em civilizações antigas, tais como a chinesa, grega, romana, dentre outras. Ou do período da idade média.

Por outro lado, a outra corrente que advoga em favor de uma ruptura entre essas práticas corporais antigas e as modernas. Haveria a continuidade de alguns elementos, mas os cruciais seriam novos. Para tanto, é necessário estabelecer uma distinção entre as especificidades culturais, políticas e econômicas de cada período. Muitas práticas corporais nos séculos anteriores estavam relacionadas com as instituições militares e religiosas, ou seja, o seu funcionamento era regido pela lógica delas (Bracht, 2003).

Nessa perspectiva, entende-se que o esporte moderno se originou na Inglaterra, a partir do século XVIII, por meio de transformações efetuadas em jogos tradicionais realizados por classes populares e em outras práticas corporais desenvolvidas pela

nobreza. Esse processo se acentua nos séculos posteriores e o seu alcance extrapola os limites do continente europeu, tornando-se um fenômeno reconhecido, desenvolvido e, também, questionado em todo o mundo (Bracht, 2003).

Os esportes na Inglaterra surgiram a partir de atividades com as quais as classes dominantes se envolviam em seu tempo **livre** e de jogos populares. À medida que a participação nessas atividades ia aumentando, surgia a necessidade de uma regulamentação que deixasse a forma de se praticar mais clara, evitando possíveis desentendimentos (Bracht, 2003).

Com isso, as modalidades esportivas foram se desenvolvendo e sendo padronizadas, a fim de que as disputas pudessem ser realizadas em uma mesma conjuntura, mesmo em países diferentes. Os embates se tornaram cada vez mais acirrados, tendo a busca pelo melhor desempenho, sobrepujando o seu oponente em um confronto direto ou na comparação dos resultados obtidos.

A consolidação do esporte, então, se deu na esteira do processo de modernização vigente nos séculos XIX e XX, caracterizado pela crescente urbanização, industrialização, inserção da tecnologia nos meios de comunicação e transporte, dentre outros. O seu desenvolvimento no bojo da sociedade ocidental moderna fez com que adquirisse características derivadas dos princípios que regem esse meio, a saber, competitividade, organização científica do treinamento, recordes e o rendimento nas dimensões física e técnica (Bracht, 2003).

Para Guttmann (2004), são sete características que retratam o esporte. A primeira se refere ao secularismo. De acordo com o autor, os esportes modernos são despojados de qualquer vínculo com questões religiosas. Se nos povos primitivos e antigos, as atividades esportivas possuíam, em maior ou menor grau, fins religiosos, não é o caso dos esportes modernos. Mesmo que muitos atletas façam o uso de algum elemento religioso antes, durante ou depois de sua prática, não se constitui como sua finalidade (Guttmann, 2004).

A segunda é a igualdade. O autor se pauta em duas dimensões desse princípio: todos poderem participar e terem as mesmas condições na disputa. Embora antigamente houvesse uma certa igualdade, hoje é muito maior. E isto se dá, sobretudo, pela superação de duas barreiras: a racial e a de gênero. Mesmo que ainda não possuam as circunstâncias totalmente apropriadas, mulheres e negros tem possibilidades melhores atualmente (Guttmann, 2004).

A terceira é a especialização. Embora na Grécia Antiga, por exemplo, já houvesse um certo grau de especialização, é na modernidade que se acentua. As funções a serem exercidas no contexto esportivo são específicas de acordo com a modalidade, em um processo que caminha junto com a profissionalização (Guttmann, 2004).

A racionalização é a quarta. Para o autor, apesar de os jogos de antigamente possuírem organização e regras, na modernidade isso se tornou ainda maior. Se, antes, as regras poderiam ter uma origem divina, agora são um artefato cultural. Além disso, o envolvimento da ciência e as suas contribuições para a prática são muito maiores atualmente (Guttmann, 2004).

A quinta é a burocratização. Nas civilizações antigas, como gregos e romanos, já havia o gérmen desse elemento em sua organização. Mas é na modernidade que há a sua presença notável. Uma de suas principais vantagens é a regulação e a padronização das regras de maneira universal para uma modalidade esportiva (Guttmann, 2004).

A sexta é a quantificação. Uma tendência no mundo moderno é a necessidade de atribuir números, valores a tudo, mensurando um desempenho. Na Roma antiga, havia a preocupação de determinar os primeiros, segundo e terceiros. Mas não da forma minuciosa como é feita nos esportes atualmente (Guttmann, 2004).

A sétima característica, e última, são os recordes. À medida que o esporte foi se desenvolvendo na modernidade, o interesse pelo estabelecimento e a superação de marcas foi aumentando. Dessa forma, a mensuração nos termos que é feita e a possibilidade de comparação entre locais e períodos diferentes, delimita a diferença para os séculos anteriores (Guttmann, 2004).

As contribuições de Guttmann (2004) para a compreensão do fenômeno esportivo são notáveis. Apesar de sua relevância, algumas críticas são apontadas em relação às limitações de sua análise. Uma delas se refere ao fato de o seu modelo não contemplar o esporte enquanto espetáculo. Outra, que caminha na mesma direção, diz respeito à não adequação de seu modelo às diferentes possibilidades de manifestação do esporte. Ou seja, a sua preocupação foi caracterizar o esporte de alto rendimento, não se detendo em estender a sua análise à prática esportiva em escolas, espaços de lazer, dentre outros (Pilatti, 2002).

Outros autores importantes também procuraram estudar, conceituar e refletir a respeito desse fenômeno, tentando trazer elucidações a sua complexidade. E, da mesma forma que Guttmann (2004), são trabalhos que possuem mais ou menos aceitação no meio acadêmico, não obstante as suas contribuições para a área.

E essa dificuldade na compreensão do esporte ocorre por conta da sua transformação ao longo dos anos, em que foi adquirindo novos significados e se solidificando em um processo de internacionalização. Nesse sentido, novas modalidades foram surgindo, assim como formas variantes de práticas tradicionais. A quantidade de praticantes apresenta um aumento contínuo, dividindo-se entre amadores e profissionais. Da mesma forma acontece com o número de espectadores, cada vez maior, os quais demandam sempre mais do espetáculo esportivo, fazendo com que a sua evolução seja frequente. Tudo isso permeado por questões políticas e econômicas (Marchi Junior, 2015). Assim, como entender um fenômeno imbricado as diferentes dimensões da sociedade e as suas contradições e complexidade?

Considerando esses pressupostos, uma definição de esporte precisa ser abrangente o suficiente a fim de tentar abarcar todas as suas possibilidades. Por isso, valemo-nos de Marchi Junior (2015, p.59) e entendemos o esporte como

um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinâmica e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização.

A utilização dessa perspectiva nos parece importante ao relacionarmos o que entendemos por esporte com o objetivo deste trabalho, isto é, ao se buscar compreender a prática esportiva no contexto indígena, não se pode restringir a sua amplitude conceitual, o que poderia levar a desconsideração das especificidades e possibilidades desse cenário.

E isso é algo comum no que concerne às práticas sociais em países como o Brasil. Para Brown (2024), a caracterização de um esporte como moderno ou não moderno está relacionada com o entendimento de que o mundo moderno se construiu na Europa e na América do Norte para, então, ser estendido às áreas periféricas. Dessa forma, as práticas esportivas surgidas fora do epicentro da modernidade não foram enquadradas nessa mesma categoria.

Evidentemente que os europeus possuem um papel essencial no desenvolvimento do esporte e em sua inserção em outros países, visto que embora haja algumas discordâncias, o entendimento predominante é de que os primeiros esportistas na América do Sul eram oriundos do Reino Unido. Inclusive, a adesão por parte da população local também não foi de maneira imediata. Não obstante esse receio inicial antes de

ingressarem na prática, tornaram-se, posteriormente, melhores que os próprios criadores (Brown, 2024).

No entanto, Brown (2024) afirma que havia prática esportiva na América do Sul antes da chegada das modalidades que vieram da Europa. O autor salienta que mesmo que esses jogos praticados não tivessem uma padronização internacional de regras ou clubes com sedes, possuíam a mobilização física necessária, a competitividade e códigos que regiam o seu funcionamento.

Nos primórdios do século XX na América do Sul, a utilização do esporte por pessoas e instituições estava relacionada com a melhoria dos corpos, das cidades e das nações, assim como um meio para que os imigrantes fossem incluídos na sociedade. As autoridades locais utilizam o esporte como um meio para o controle social e direcioná-los de acordo com os seus interesses (Brown, 2024).

Por isso, houve um apagamento dos jogos indígenas existentes no continente. As elites locais os consideravam desorganizados e indesejados, de modo que poderiam perturbar a ordem pública (Brown, 2024). No Brasil, Vinha (2004) e Fassheber (2006) verificaram essa situação junto às comunidades indígenas que estudaram, em que, a partir da ação dos brancos, algumas de suas práticas corporais tradicionais foram sendo deixadas de lado.

Embora os jogos e lutas das populações indígenas, por exemplo, que nos remetem ao esporte conforme vimos discutindo, façam parte de um processo mais amplo de suas práticas tradicionais, é importante a sua discussão. Já que, consoante Brown (2024, p.51) “A diversidade, profundidade, e sofisticação de algumas práticas [...] sugerem que devemos incluir as culturas indígenas da América do Sul dentro de qualquer história global dos esportes”.

E como se faz presente o esporte entre os povos indígenas no Brasil? Os relatos diretos e indiretos nos indicam que ocorre, principalmente, por meio do futebol. É a modalidade pela qual possuem mais apreço. Um campo de futebol com as medidas mais ou menos oficiais quase sempre está presente nas aldeias. Camisetas de times de futebol profissional, a torcida por times específicos, moradores com nomes de jogadores famosos, são vários os exemplos que demonstram isso.

Mas, a presença do esporte entre os povos indígenas do país não se restringe a jogar futebol, até porque nem todas as pessoas jogam ou tem o interesse em praticar. Dessa forma, entre os próprios indígenas há a busca por se organizarem a fim de que o esporte possa se fazer presente de modo mais abrangente. Vinha e Rocha Ferreira (2003),

por exemplo, destacam que dentro da associação dos Kadiwéu há departamentos para o esporte e lazer. O objetivo seria propiciar atividades para que as pessoas pudessem ter o que fazer no domingo. Embora possa parecer contraditório com a forma de organizar o tempo por parte dos indígenas, eles entendem que isso possibilita o envolvimento da juventude atual com algum entretenimento, visto que possuem poucas opções.

Outra forma seria por meio do suporte de políticas públicas. Entre os anos de 2003 e 2018 (antes de ser extinguido), o Ministério do Esporte (ME) realizou algumas ações com o intuito de concretizar o acesso ao esporte e lazer para os povos indígenas, dentre as quais foram o Jogos dos Povos Indígenas (JPIN), o Programa Esporte e Lazer na Cidade (PELC), o Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas (FOPPELIN), a Rede de Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e Lazer (CEDES) e o Programa Segundo Tempo (Almeida, 2016; Soares; Capi; Debertoli, 2016).

A ação mais prolífica foi, sem dúvida, o JPIN. A sua realização se constitui em uma iniciativa que envolve a articulação do Governo Federal (Ministério do Esporte e da Cultura) e da FUNAI com o objetivo de promover um evento com a presença de práticas corporais sistematizadas, que represente o desenvolvimento de uma política pública específica e diferenciada (Almeida, 2008).

De acordo com Soares e Pintos (2011), o JPIN é a primeira proposta de esporte e lazer desenvolvida pelo governo federal junto aos povos indígenas. Ao longo de sua trajetória histórica, os Jogos contribuíram para que o esporte e o lazer fossem apreendidos como um instrumento de luta por esses povos na materialização de seus direitos políticos e sociais.

Este evento, considerado uma das grandes manifestações esportivas e culturais das Américas, promove a celebração das culturas indígenas, a partir da apresentação e desenvolvimento de diversas práticas corporais, tanto as de caráter tradicional, como os jogos, danças e rituais, quanto as oriundas do contato com a sociedade envolvente, como o futebol (Almeida, 2008).

A sua organização também possibilita espaços que promovem a conscientização políticas dos seus participantes, o que viabiliza a busca de novas alternativas visando ao desenvolvimento de políticas públicas para as etnias. Esse convite a reflexão acerca dos seus direitos e das lutas para efetivá-los promovido pelo esporte e lazer, traz novas perspectivas para a relação entre Estado e sociedades indígenas, sendo benéfico para as demandas desses povos (Soares; Pintos, 2011)

Dentre os instrumentos presentes nos JPIN voltados para a construção do entendimento acerca da relevância do esporte e lazer, há o Fórum Social Indígena, um espaço formativo dentro do evento em que são promovidas discussões entre as diferentes etnias, a partir de problemáticas instituídas pelo Comitê Intertribal e pelo ME (Soares; Pintos, 2011).

A importância deste espaço está vinculada à riqueza presente nos debates, os quais apresentam as necessidades construídas ao longo da trajetória de cada comunidade, em um processo mediado pela interação com os gestores, o que, por conseguinte, vai moldando os sujeitos politicamente, ao passo que direciona o olhar dos gestores para essas novas demandas. Constrói-se, assim, novas configurações nas relações interétnicas, em que os indígenas passam a ser reconhecidos como sujeitos políticos (Soares; Pintos, 2011).

Grando (2015, p.42) ao refletir acerca de suas experiências nos JPIN salienta que, apesar de o evento sofrer influência dos códigos presentes no esporte da sociedade ocidental, ele também produz os seus próprios sentidos e significados, de modo a resultar em outras experiências relacionadas ao esporte e ao lazer que não ficam restritas a "...lógica das competições esportivas, mas também se constituem de elementos interculturais e interétnicos impostos pela presença das "delegações indígenas".

Por outro lado, também apresenta limitações no atendimento às diferentes demandas provenientes das aldeias, não obstante a sua representatividade como política pública. Luciano (2016) aponta os Jogos como uma iniciativa que beneficia apenas um grupo restrito de comunidades indígenas, a partir de critérios não muito claros e que reforçam a exclusão e a discriminação. É um tipo de proposta que possui caráter excludente, em que poucos são privilegiados em detrimento da grande maioria, reforçando uma cultura seletiva muito presente em ações, sobretudo com o esporte, na sociedade ocidental.

As considerações do autor vão ao encontro da situação dos Karo Arara, um dos povos que nunca participou do JPIN. Podemos considerar que em eventos dessa natureza se constituem formas de envolvimento com o esporte por parte de diferentes interlocutores. Jogos escolares, Olimpíadas, torneios de futebol, fazem parte das iniciativas do poder público municipal as quais os Karo Arara têm acesso. A seguir, falaremos sobre elas. Primeiro, no entanto, discutiremos as práticas esportivas ou a prática esportiva tradicional entre esse povo.

2.1 Esportes tradicionais

A gente mais disputava também campeonato era de arco e flecha, na época não tinha bola muito, a gente veio usar bola depois que começou a ver jogos do não indígena. Mas dizer que a gente tinha um futebol de bola, nós não tínhamos. A partir daí que a gente começou a copiar do não indígena esse futebol (Lid Pay 1 H).

É, o arco e flecha era mais... Tanto a gente fazia festa na matança de porco, não é bicho de criação, que a gente criava, pegava filho de porcão, de catete mesmo, de anta, fazia festa e chamava as outras aldeias para poder participar da festa. Aí eles faziam competição, tanto fazia como a gente usava isso aí como matança de animais. E aquele que acertasse, ele botava o bicho longe, aquele que acertasse que era campeão ganhava a permissão. E muitas vezes o dono dos animais que criava o bicho, por exemplo, o mutum, o jacaré, o jacu, O outro bicho que eles criavam, durante a festa os que vinham participar, o que vieram eles matavam. Só que as flechas todas eram do dono do bicho. Não levava nada. Se eu levasse 10 flechas, eu tinha que deixar no dono da festa. E o dono também pegava. O que você levar, ela estava contando que você ia deixar lá. Você não ia trazer nada de volta. Então, assim que acontecia, ele acertava aquele que era campeão e ele ganhava a permissão, dava colar, dava cocar bem-feita e tal (Lid Pay 1 H).

Nas conversas com as pessoas nas aldeias a respeito das práticas corporais que os Karo Arara possuem, seja as que eles já haviam vivenciado ou as que tivessem ouvido dos mais antigos, a única mencionada foi o arco e flecha, conforme relatado na passagem acima. E essa prática, assim como outras pertencentes a povos indígenas, tem passado por modificações, que estão relacionadas às interações com os brancos.

As práticas corporais tradicionais de um povo, tais como os jogos, as danças, as lutas, dentre outras, estão inseridas dentro de uma dinâmica mais ampla. Ou seja, essas práticas não possuem um fim em si mesmas, mas, na verdade, são utilizadas com o objetivo de perpetuar os conhecimentos tradicionais e possibilitar aos indivíduos praticantes a construção e solidificação identitária.

Para Alencar, Grando e Carvalho (2019), as práticas corporais tradicionais indígenas são construções históricas que detêm saberes essenciais do grupo e que demonstram a relação entre o corpo, a natureza e a cultura. As técnicas corporais que compõem as suas práticas, ao mesmo tempo que produzem significados também são significadas e interagem com o ambiente por meio de dispositivos, tais como o arco e as pinturas corporais, que reforçam os seus valores identitários. Nesse contexto, os momentos lúdicos não se restringem a um único ambiente, podendo ser vivenciados tanto nas roças durante as atividades de provisão quanto nas festividades da aldeia.

Esses saberes tradicionais são portadores das marcas e de influências que as relações entre diferentes culturas, ao longo do processo civilizatório, podem propiciar. O

impacto dessas interações estará diretamente relacionado com o tempo de contato, podendo ser seculares como observados em povos da região Nordeste ou mais recente como verificados em povos do Pará e Mato Grosso (Alencar; Grando; Carvalho, 2019).

E parte dessa influência pode ser observada nas práticas corporais em razão da presença do esporte. Esse fenômeno possui códigos e valores vinculados à sociedade dos brancos, como vimos anteriormente. Os quais podem ir de encontro às particularidades do contexto indígena, acarretando conflitos de valores e/ou modificações nas práticas dos povos originários.

Nesse sentido, Vinha (2004) assevera que a utilização da expressão "esportes tradicionais" pelos indígenas ocorre de três formas distintas: 1) como jogo referência, em que é feita a sua institucionalização, tornando-se comum a todos (ex: cabo de guerra). 2) Como jogo tradicional de um grupo indígena, em que passa a ser praticado por outros povos e tem por objetivo a ampliação das disputas e mudanças de comportamento (ex: corrida de tora). 3) como um jogo tradicional significativo para um grupo, o qual passa ser chamado de esporte tradicional devido a sua popularização (ex: zarabatana).

Em todos os casos, fica evidente a influência das características do esporte oriundo dos brancos nas práticas tradicionais. Almeida (2008) denomina esse processo de esportivização e o descreve como uma situação na qual os códigos do esporte de alto rendimento são inseridos em suas práticas tradicionais e em outras dimensões de sua vida social, impactando diretamente em suas subjetividades e em suas formas de organização.

Em seu trabalho, Almeida (2008) analisa as modalidades presentes em uma das edições do JPIN. Uma delas é o arco e flecha. O autor destaca que essa prática está vinculada com a caça e a defesa da comunidade, além de possuir outros significados específicos de acordo com cada povo. Mas no evento esportivo, as especificidades dão lugar à padronização e à busca pelo melhor rendimento. Da mesma forma acontece com os Karo Arara. Se, conforme a liderança relatou, o arco e flecha era experimentado durante festas tradicionais, hoje se faz presente em competições, como nas Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná.

Os eventos esportivos, como o JPIN, cumprem um papel importante no fortalecimento do esporte entre os povos indígenas e, conseqüentemente, da propagação dos códigos e valores dos brancos em suas comunidades. O impacto e as suas conseqüências nas práticas corporais tradicionais a longo prazo ainda precisam ser melhor estudadas. No último capítulo refletiremos mais acerca dessa incorporação do mundo dos brancos a partir do esporte pelos indígenas.

O fato é que pesquisadores têm se mobilizado para que o patrimônio corporal dos indígenas seja preservado. Almeida (2016), por exemplo, sugere que as Políticas Públicas de Esporte e Lazer (PPEL) para estes povos considerem o resgate dos jogos e brincadeiras tradicionais, visto que constituem a identidade de cada povo. Ele cita um trabalho desenvolvido junto aos Kalapalo, em que na tentativa de os pesquisadores compilarem as suas práticas corporais, elementos culturais presentes, até então, somente com os mais velhos, emergiram e possibilitaram a legitimação da sua cultura. Assim, as ações sistematizadas nesta área devem considerar como cada povo compreende os seus jogos e brincadeiras tradicionais.

A vivência de práticas corporais tradicionais deve ser entendida como uma afirmação étnica e política no desenvolvimento das relações com a sociedade nacional, prezando pela sua preservação e perpetuação, de modo que o esporte ocidental não lhes substitua e/ou altere os seus significados. Agir nessa perspectiva, significa colaborar para a manutenção do patrimônio cultural das sociedades indígenas no Brasil (Almeida, 2016).

No contexto atual, em que os diferentes povos no Brasil estabelecem relações cada vez mais intensas com a sociedade nacional, nas quais entram em contato com valores e instituições distintas da sua e que promovem mudanças na sua organização política, econômica e social, reconhecer às suas práticas corporais tradicionais constitui-se em um movimento de fortalecimento da sua identidade e exercício do direito à livre determinação (Almeida, 2016).

Entre os Karo Arara, essa busca pelo resgate de suas práticas corporais tradicionais continua. Uma liderança de Iterap me relatou a solicitação que recebeu dos organizadores das Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná (que será discutida mais a frente) para que pudesse apresentar esportes tradicionais do povo a fim deles fazerem parte de edições futuras do evento. Contudo, até a escrita dessa tese, não havia logrado êxito. Enquanto essa tarefa não é cumprida (e não sei se será possível), os esportes dos brancos seguem dominantes nas aldeias dos Karo Arara.

2.2 A participação em competições escolares

Embora a participação de jovens Karo Arara em competições escolares já tenha acontecido em outro momento¹³, no ano de 2023 foi a primeira vez que participaram

¹³ De acordo com a Lid Pay 1 H, em meados dos anos 2000, ele e outro professor Karo Arara organizaram uma equipe masculina de futebol para participarem dos Jogos Escolares Municipais (JEMs) de Ji-Paraná. A equipe representava os povos indígenas, visto que contava com a participação de atletas do povo Ikólóéhj Gavião.

representando as suas próprias escolas, da mesma forma que ocorre com os outros participantes seja da cidade ou da zona rural. Como são muito inteirados daquilo que envolve o esporte na região, sobretudo do futebol e das suas variantes, desde 2022 os jovens de Paygap demonstravam interesse em participar dos Jogos Escolares Municipais (JEMs)¹⁴, o que se tornou possível no ano seguinte.

A dificuldade em participar do evento em outros anos estava ligada, a meu ver, a questões de logística. Com a necessidade de jogar todos os dias (às vezes até dois jogos), a distância entre as aldeias e cidade se tornava um problema difícil de ser solucionado. E ainda havia a alimentação dos atletas. A participação só se tornaria viável caso houvesse uma colaboração entre pais, professores e a SEDUC. E foi o que aconteceu.

Algumas lideranças das aldeias possuíam uma boa relação com pessoas ligadas ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que conseguiu a liberação de um alojamento vinculado à igreja católica. Com a colaboração do núcleo indígena da SEDUC, obtiveram a alimentação para os atletas que ficassem hospedados. Dessa forma, e com a presença de alguns pais que prepararam as refeições e permaneceram nos alojamentos para cuidar dos jovens, foi possível a permanência deles na cidade e viabilizada a presença na competição.

O professor de Educação Física das escolas das aldeias esteve à frente de todo esse processo. Devido a enorme demanda que recai sobre o responsável pelas equipes que participam de eventos esportivos escolares,¹⁵ auxiliamos no transporte de parte dos alunos até o alojamento e acompanhamos algumas equipes nas disputas. Superados os desafios iniciais, o foco estava todo voltado para a competição.

Os jovens atletas das aldeias foram inscritos em duas categorias, quais sejam, infantil (entre 12 e 14 anos) e juvenil (entre 15 e 17 anos) em três esportes: atletismo, futsal e futebol. As equipes da categoria juvenil nas modalidades futsal (feminino) e futebol (masculino) eram oriundas das três aldeias e representaram todo o povo Karo Arara. Pela quantidade insuficiente de atletas em Paygap e na Cinco Irmãos, mas que tinham interesse em participar, essa foi a solução encontrada para que não ficassem de fora.

¹⁴ O JEMs é a fase municipal dos Jogos Escolares de Rondônia (JOER). Os vencedores se classificam para a fase regional (que envolve a participação de municípios próximos) e, posteriormente, os vencedores desta etapa se classificam para a fase estadual, a qual possibilita para a equipe campeã a ida a fase nacional.

¹⁵ O professor tem que reunir toda a documentação dos alunos, informar os pais sobre o evento, efetivar a inscrição e, ainda, treinar e acompanhar a (s) equipe (s). No caso das equipes das aldeias, por serem a primeira vez que estavam participando, essa situação foi mais trabalhosa.

O primeiro contato que os jovens tiveram com o evento foi na cerimônia de abertura (Figura 5). Momento importante de todos os eventos dessa natureza, foi possível verificar uma mistura de sentimentos apresentada pelos jovens. Ao mesmo tempo em que era perceptível a alegria quando estavam juntos conversando e colocando o uniforme, no momento em que desfilaram e/ou quando as pessoas ficavam olhando para eles, apresentavam timidez. Vale frisar que, de acordo com as lideranças, alguns dos jovens de Iterap não tinham vindo (ou somente poucas vezes) para Ji-Paraná até aquele dia. Outro ponto importante foi a presença de familiares, já que a SEDUC disponibilizou alguns ônibus para que pudessem vir acompanhar a cerimônia.

Figura 5 – Parte dos atletas Karo Arara na cerimônia de abertura no JEMs 2023



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

As disputas ocorreram durante dez dias. E o desempenho dos jovens foi excelente, sobretudo se considerarmos o contexto da preparação. A definição de que iriam participar foi um mês antes do início da competição. É a partir daí que se iniciam os treinos. Aqueles que participaram do atletismo, em que as provas são em sua maioria individual, treinaram uma/duas vezes por semana. Os participantes do futsal/futebol treinaram somente quatro vezes no total, com o agravante de que, no caso do futebol, o campo que treinavam era bem menor do que o que jogariam e, no caso do futsal, os treinos foram adaptados no campo, pois não havia uma quadra poliesportiva nas aldeias. Mesmo com todos esses percalços, no atletismo a maioria dos atletas subiu ao pódio, sendo que aqueles que conquistaram primeiro ou segundo lugares se classificaram para a fase regional. No caso do futsal/futebol, as equipes infantis feminina (Figura 6) e masculina (Figura 7) de futsal

de Iterap conquistaram, respectivamente, quarto e terceiro lugares, enquanto a equipe feminina de futsal juvenil (Figura 8), a qual era composta por participantes das três aldeias, terminou em segundo lugar, classificando-se, também, para a fase regional.

Figura 6 – Equipe infantil feminina de futsal de Iterap



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Figura 7 – Equipe infantil masculina de futsal de Iterap



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Figura 8 – Equipe juvenil feminina de futsal Karo Arara



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

O envolvimento das pessoas próximas aos atletas durante toda a competição foi muito interessante. Familiares, amigos e até alguns brancos com maior proximidade foram as competições, principalmente as de futsal, a fim de prestigiarem as equipes. Entre as pessoas da cidade, o mais comum é acompanharem somente as finais. No caso dos Karo Arara, mesmo com distância das aldeias, vários vieram torcer pelos jovens. E proporcionaram momentos marcantes. Após todas as vitórias no futsal, a torcida invadia a quadra para comemorar com os atletas. Percebia-se a felicidade genuína, principalmente se considerarmos todas as dificuldades que superaram para chegar até aquele momento (Figura 9).

Figura 9 – “Invasão” de quadra da torcida após a vitória da equipe infantil masculina de futsal de Iterap



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Contudo, a fase municipal do Jogos também teve duas situações lamentáveis. Em ambas, ocorreram atitudes ofensivas e discriminatórias direcionadas aos atletas Karo Arara. Na primeira, alguns atletas ouviram estudantes de uma escola próxima ao local do jogo se referir a eles como “índinhos” em tom de deboche. Como não conseguiram identificar o responsável, não foi possível tomar alguma providência. Já na segunda, foi apresentada uma denúncia à organização da competição. Quando as atletas chegaram para o jogo, foram abordadas por um funcionário da prefeitura do município, que era responsável pela segurança do local, da seguinte maneira “branco não gosta de barulho de índio não”. Entre as atletas havia uma branca (ela mora na aldeia pois o pai é casado com uma indígena) que o confrontou. Em seguida, ele redarguiu “fica criando caso não. Faço essa brincadeira com todos os índios”. Ao chegarem até o local onde eu estava aguardando-as para o início do jogo, a atleta branca me relatou a situação e, na sequência, realizei a denúncia. Acredito que esse desfecho só foi possível por conta da indignação dessa atleta branca. Quando conversei com as atletas indígenas, não se manifestaram. Não sei se por vergonha, receio ou por estarem acostumadas com esse tipo de atitude. Infelizmente, é comum passarem por esse tipo de situação. Seja de forma explícita ou velada, quase todos os Karo Arara com quem já conversei relataram algo semelhante.

Aproximadamente um mês após os bons resultados na fase municipal do Jogos escolares, teve início a etapa regional. Nesta, participaram os atletas classificados no atletismo e a equipe juvenil feminina de futsal. Em colaboração junto ao professor de

Educação Física das aldeias, fiquei responsável pela equipe de futsal. A parte logística, dessa vez, foi mais fácil de ser resolvida. Além de terem menos alunos participando, na fase regional do Jogos é ofertado alojamento para as equipes de outras cidades, sendo que, pelas particularidades dos atletas indígenas, conseguimos incluí-los, mesmo sendo em Ji-Paraná.

O desafio que, de fato, houve dessa vez foi em relação à montagem da equipe que disputaria a competição. A derrota na final da fase anterior indicava as limitações da equipe e a necessidade de melhora para a próxima fase que seria ainda mais difícil. Além disso, algumas das atletas vinculadas à Iterap não quiseram entrar nas partidas finais. Assim, em uma decisão em conjunto entre professores de Educação Física, lideranças das aldeias e as principais atletas da equipe, ficou acordado que elas seriam substituídas¹⁶ na etapa municipal por atletas de destaque de escolas da cidade. Não foi uma escolha fácil. Embora houvesse o interesse pelo resultado positivo, também estavam em jogo a participação e a experiência para essas jovens, assim como a representatividade cultural. No fim, pesou o desejo das principais atletas em ter uma equipe mais competitiva, de modo que todas pudessem colaborar (fato que não aconteceu na fase municipal). Essa busca pela competitividade também foi determinante para a inserção de brancos na equipe de futebol amador de Paygap, conforme veremos no próximo capítulo. Desse modo, a equipe foi composta por cinco jogadoras Karo Arara e sete jogadoras brancas.¹⁷ (Figura 10).

¹⁶ O regulamento dos JOER permite que a partir da fase regional possam ser incluídos atletas de outras escolas em uma equipe.

¹⁷ O objetivo era formar a equipe com metade das jogadoras indígenas e a outra metade de brancas. Contudo, um atleta de Paygap teve que ser substituída de última hora por problemas com a documentação.

Figura 10 – Equipe juvenil feminina de futsal que representou o povo Karo Arara na fase regional dos Jogos Escolares



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Um outro elemento desafiador, mas de natureza individual, diz respeito à condição de uma das atletas indígenas. Ela possuía uma filha de um ano de idade. Ou seja, a menina ainda estava se alimentando do leite materno e era totalmente dependente da mãe. Por ser mãe solo (o pai não quis assumir a criança), ela dependeu da colaboração de amigas, da família e, até mesmo, do professor de Educação Física das aldeias para que pudesse participar dos jogos. Inclusive, em uma oportunidade, ela precisou sair com a partida em andamento para amamentar a sua filha. Essa situação nos mostra como a mulher indígena precisa de muito mais esforço para poder se envolver com o esporte e, no caso dessa atleta, acabou inviabilizando a sua participação na etapa estadual. O tema será melhor discutido no capítulo quatro.

Em relação à competição, mais uma vez bons resultados foram alcançados. No atletismo, um jovem venceu a sua prova e se classificou para a etapa estadual. E a equipe feminina de futsal foi vice-campeã, em uma partida final bem disputada, sendo derrotada somente nos pênaltis. Com o segundo lugar, a equipe conquistou o direito de participar da fase estadual do Jogos.

A equipe contra a qual foi realizada a disputa pelo título da competição (e que também foi sua adversária durante a fase de grupos dessa etapa) possuía uma rivalidade com as jogadoras da cidade que ingressaram na equipe indígena. Naquela equipe também havia uma jogadora Karo Arara cuja família mora em Paygap (ela mudou para cidade

pois queria disputar a competição escolar e achava que não teria time na aldeia). Diante de tal cenário, fiquei curioso para saber se essa animosidade prévia poderia influenciar as atletas indígenas e, até mesmo, a sua relação com a parente que, momentaneamente, era adversária. Mas não foi o que aconteceu. Uma conduta respeitosa e leal pôde ser observada em todas as jogadoras. Mesmo que houvesse jogadas mais ríspidas e, certas vezes, até desleais pelas brancas, nenhuma Karo Arara se portou dessa forma, inclusive a que pertencia a equipe adversária. Isso diz muito sobre o *ethos* futebolístico do povo e que será debatido no próximo e no último capítulo.

Para a fase estadual, a equipe continuou a mesma, só não esteve presente a atleta indígena que era mãe, conforme abordado anteriormente. Não foi colocada nenhuma jogadora em seu lugar. Dando continuidade ao suporte dado ao professor de Educação Física das aldeias, acompanhei a equipe novamente. Dessa vez, a competição seria em outra cidade, Cacoal, localizada a 110km de Ji-Paraná.

Como as atletas não estavam em ritmo de competição como nas outras etapas (a fase estadual ocorreu dois meses após a regional) e não foi possível realizar uma preparação adequada para a equipe, o desempenho não foi tão bom. Aliado aos fatores mencionados acima, junta-se o fato de as equipes participantes serem melhores que as das etapas anteriores. Dessa forma, a equipe indígena terminou a competição em oitavo lugar.

Contudo, os Karo Arara também obtiveram destaque na competição. A atleta de Paygap pertencente à escola de Ji-Paraná foi a melhor jogadora do Jogos e a sua equipe foi vice-campeã. O seu desempenho foi exaltado por todos que acompanharam as partidas, que ficaram impressionados pela qualidade que ela apresentava.

Já no atletismo, o jovem participante não conseguiu performar tão bem, terminando nas últimas colocações. A avaliação geral feita por todos os envolvidos na participação dos jovens Karo Arara no JOER (atletas, pais, lideranças e professores de Educação Física) foi positiva. Considerando o tempo de preparação e as condições estruturais para que treinassem, bem como a parte logística, não se imaginava que os atletas iriam ter um desempenho tão bom, simbolizado pelas várias medalhas conquistadas. A comunidade demonstrou o seu reconhecimento ao recepcioná-los com muita alegria no retorno às aldeias, parabenizando-os pelos resultados. Esse panorama indicava que poderia ter iniciado um novo momento do esporte escolar nas aldeias do povo Karo Arara, gerando muita expectativa para o ano de 2024.

Mas, o cenário que parecia promissor, não se concretizou. Devido a problemas de relacionamento com uma liderança de Iterap, o professor de Educação Física parou de

dar aulas na aldeia, concentrando o seu trabalho somente em Paygap. O suporte oferecido pela SEDUC não se repetiu, que alegou dificuldades financeiras para não colaborar com a logística. Dessa forma, a delegação Karo Arara que participou do JOER no de 2024, restringiu-se a seis alunos de Paygap. Eles apresentaram um bom desempenho, sendo que dois deles chegaram a disputar a fase estadual do Jogos.

A falta de apoio do poder público, neste caso representado pela SEDUC e pela prefeitura municipal de Ji-Paraná, escancara a dificuldade que os povos indígenas possuem em dar continuidade a projetos em seus territórios, estando à mercê de ações pontuais. Apesar do evidente sucesso na participação do povo Kara Arara no ano anterior e um discurso de apoio em uma futura participação ao final do evento, tanto a SEDUC quanto a prefeitura se esquivaram de prestar algum auxílio, sugerindo, inclusive, ao professor de Educação Física (agora apenas de Paygap) que trouxesse poucos atletas ou nenhum porque senão ele não conseguiria viabilizar a participação. Essa temática será melhor desenvolvida no último tópico do capítulo.

Nesse contexto também destaco a pouca mobilização da comunidade Karo Arara (Pais e lideranças sobretudo) a fim de garantir a presença dos jovens novamente no Jogos. Primeiro, em relação a Iterap, poderiam ter intervido no desentendimento entre o professor de Educação Física e a liderança, procurando solucionar o conflito e facultar a sua permanência na aldeia. Dessa forma, haveria um profissional responsável para organizar os atletas/equipes para irem ao Jogos. O segundo ponto diz respeito à cobrança aos gestores públicos. Eles poderiam ter se reunido, apresentado os resultados do ano anterior e dos desdobramentos positivos nas aldeias, reforçando a importância de ser dado prosseguimento. Mas, como nada foi feito, a presença no ano de 2024 foi discreta e as possibilidades para os próximos anos são incertas.

A presença de atletas indígenas em eventos esportivos escolares representando as escolas do seu próprio povo em Rondônia é algo recente, conforme pudemos perceber por conversas junto aos Karo Arara e pelo acompanhamento de notícias em emissoras de televisão do estado. Na literatura, encontramos apenas dois trabalhos a respeito da temática. No primeiro, Gruppi (2015) descreve a participação da “nação indígena” (equipe constituída por indígenas de diversos povos) em três edições do Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) na década de 1980

Já no segundo, Drey (2023) compartilha a sua experiência junto ao povo Xavante durante a participação nos Jogos Escolares do Mato Grosso. Há similaridades em relação ao que foi vivenciado por aqui. De uma forma geral, os atletas obtiveram um bom

desempenho, enfrentaram situações de preconceito e a equipe juvenil feminina da modalidade futsal chegou até a fase estadual. No entanto, em todas as etapas, a equipe foi composta somente por atletas indígenas. Um aspecto importante destacado pelo autor foi a continuidade do apoio da gestão pública, que pode ser observada pela realização de um Jogos apenas entre as escolas do povo Xavante.

2.3 As Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná

Entre 20 e 23 de abril de 2023 foram realizadas a 1ª Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná. O evento aconteceu no Centro Desportivo de Lazer Walmar Vieira (CEDEL) e contou com a presença dos povos Karo Arara, Ikólóéhj Gavião, Zoró, Paiter Suruí, Cinta Larga e Tupari. Com inspiração no Jogos dos Povos Indígenas (JPIN) idealizado pelos irmãos Terena, as modalidades esportivas no evento foram o arco e flecha (Figura 11), cabo de guerra (Figura 12), corrida de velocidade (Figura 13), corrida de toras (figura 14), corrida de paneiro¹⁸ (Figura 15), futebol (Figura 16) e arremesso de lança. Com exceção da corrida de paneiro, que foi disputada somente por mulheres, e do futebol, disputado tanto por homens quanto por mulheres, as demais provas eram apenas para os homens. Foram dias de muita competição, de manifestações culturais diversas, intercâmbio entre os povos e alguns desafios.

Figura 11 – Prova de arco e flecha



Fonte: Facebook da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

¹⁸ É um tipo de cesto tradicional entre povos indígenas.

Figura 12 – Prova de cabo de guerra



Fonte: *Facebook* da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

Figura 13 – Prova da corrida de velocidade



Fonte: *Facebook* da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

Figura 14 – Prova da corrida de toras



Fonte: *Facebook* da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

Figura 15 – Prova da corrida de paneiro



Fonte: *Facebook* da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

Figura 16 – Futebol



Fonte: Facebook da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

As discussões para a realização das Olimpíadas iniciaram no ano de 2022. A administração municipal vigente se mostrou mais propensa a realizar ações voltadas para as populações indígenas e, dentre as quais, havia o interesse em realizar um evento esportivo. Um outro fator importante era a presença, naquele momento, de uma liderança do povo Ikólóéhj Gavião como assessor na Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo (SEMICTUR), que foi o setor da gestão responsável pela organização.

Com a demonstração do interesse foram convidadas lideranças dos povos Ikólóéhj Gavião e Karo Arara para a apresentação da ideia e dar início aos trabalhos. Conforme relatos, houve um receio inicial por parte das lideranças indígenas em razão de não ter tido um evento dessa magnitude até então e pelo período para a sua execução, que seria de cinco meses. Também foi sugerido a mudança na quantidade de participantes. Enquanto a equipe da prefeitura desejava somente a participação dos dois povos localizados próximos ao município, as lideranças reivindicaram a presença de mais participantes, o que foi acatado. Superados esses entraves iniciais, foi confirmada a realização da 1ª Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná para o ano seguinte, 2023, no mês de abril (em referência a data comemorativa aos povos indígenas nesse período) na Terra Indígena (TI) Igarapé Lourdes.

Entretanto, à medida que o evento se aproximava, mudanças no local da competição foram feitas. Ao analisar detalhadamente a TI, verificaram que a estrutura para receber as delegações e para serem realizadas as disputas seria inadequada, assim

como a estrada que a conecta à cidade, naquele momento, estava muito ruim. Dessa forma, optaram, em um primeiro momento, pelo deslocamento da sede para Nova Colina, pela maior proximidade a TI (Figura 17). Em virtude dos mesmos problemas estruturais, os quais não haveria a possibilidade de serem mitigados até a data do evento, uma nova mudança foi realizada. Dessa vez, decidiu-se pelo CEDEL em Ji-Paraná (Figura 18). Além de ser um espaço mais amplo em que todas as modalidades esportivas poderiam acontecer no mesmo local, a maior escola da cidade fica próxima ao espaço, sendo um alojamento apropriado para os participantes e que eliminaria possíveis problemas de deslocamento para a competição.

Figura 17 – O anúncio da mudança da sede da 1ª Olimpíadas de Ji-Paraná para Nova Colina



Fonte: *Instagram* da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

Figura 18– O anúncio da escolha do CEDEL para o evento



Fonte: *Instagram* da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

No início do ano de 2023, em contato com as lideranças de Paygap, conversamos sobre a possibilidade de eu auxiliar na preparação do povo para as Olimpíadas. Embora tivesse imaginado que contribuiria em todas as modalidades esportivas, estive mais presente no futebol. Na verdade, a escolha e os treinos para os outros esportes ocorreram bem próximo ao evento, como veremos adiante.

As equipes de futebol (masculino e feminino) dos Karo Arara foram aqueles que chegaram mais bem preparados para o evento. Além de, praticamente diariamente, fazerem parte da rotina dos atletas das equipes, eles realizaram partidas amistosas contra equipes da zona rural próxima às aldeias e de Ji-Paraná. Nem todos os (as) jogadores (as) dos amistosos estiveram presentes na lista de selecionados, mas todos os escolhidos participaram desses jogos, em pelo menos uma ocasião (Figuras 19 e 20).

Figura 19 – Equipe feminina de futebol Karo Arara em preparação para as Olimpíadas Indígenas



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Figura 20– Equipe masculina de futebol Karo Arara em preparação para as Olimpíadas Indígenas



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

O processo de escolha dos integrantes das equipes de futebol foi dividido entre Iterap e Paygap. As lideranças de cada uma das aldeias definiram quem seriam os escolhidos, sendo que cada aldeia ficaria responsável pela metade dos participantes. No caso de Paygap, as lideranças também incluíram alguns atletas da Cinco Irmãos a fim de contemplar todo o povo.

Em relação às demais modalidades, com exceção da corrida de velocidade que o escolhido para participar foi de Cinco Irmãos e um dos participantes do arco e flecha que

era de Paygap, todos os outros atletas eram de Iterap. Há três semanas do início do evento, realizou-se uma seletiva para os interessados em participarem das provas. Uma liderança de Paygap iria colaborar no processo e me convidou para ajudá-lo. Foi a primeira vez que fui àquela aldeia. As provas foram explicadas aos interessados, que tiveram a oportunidade de realizá-las e apresentar a sua competência para fazer parte da equipe de atletas às lideranças que fariam a escolha. A participação dos postulantes às vagas foi bem interessante, pois muitas pessoas da comunidade se fizeram presente. A cada tentativa errada ou se o desempenho fosse ruim, os espectadores se divertiam bastante. Aconteciam muitas risadas e brincadeiras. É um comportamento comum nas aldeias dos Karo Arara e que sempre me chamou atenção. Possuem um lado bem espirituoso, que torna o ambiente mais leve.

Encerrado os dois dias de testes, foram definidos os representantes do povo em cada uma das modalidades. Após as pessoas se dispersarem, estávamos com o professor de Educação Física das aldeias, quando uma liderança de Iterap reclamava para ele acerca de uma liderança de Paygap, que, na visão dele, queria comandar tudo e fazer as coisas somente do jeito dela. Essa tensão entre as lideranças das aldeias será retomada mais à frente quando for discutida a percepção do povo a respeito do evento.

A delegação estava formada e o tempo de preparação havia terminado. Chegou o dia de início das Olimpíadas Indígenas. Os atletas e as lideranças dos povos participantes chegaram à cidade durante o período diurno do dia 20 de abril, visto que a noite seria realizada a abertura. Acomodaram-se na escola próxima ao local da competição, fizeram a sua ornamentação e dirigiram-se para a cerimônia.

O início do evento estava marcado para às 19hrs. Mas, assim como acontece na maioria das vezes, teve atraso. Neste caso foi de 1h. Os participantes que iriam desfilar representando os seus povos já estavam presentes antes do horário pré-determinado. Dessa forma, acredito que o retardamento ocorreu em virtude de as autoridades públicas da cidade não terem chegado. Chamou-nos a atenção, também, a pouca presença de não indígenas, sobretudo pelos Karo Arara e pelos Ikólóéhj Gavião terem proximidade com muitas pessoas vinculadas ao esporte. No dia Seguinte, em conversa com um branco que estava assistindo a competição, ele relatou que estava passando pelo local e ficou curioso para saber o que estava tendo. Foi quando descobriu o evento. Segundo ele, muitas pessoas poderiam ter ido acompanhar, pois gostam de eventos esportivos. Mas, pela pouca divulgação, não devem ter ficado sabendo. A falha na divulgação será discutida posteriormente sob a perspectiva dos participantes Karo Arara.

Com a presença e a acomodação das autoridades convidadas, anunciou-se a abertura. Os convidados ficaram em um palco montado somente para este momento. Os representantes da cidade, gestores de órgãos públicos, vereadores e prefeito, ficaram na parte de frente. Enquanto as lideranças indígenas na parte de trás. Todos que eram da cidade tiveram a oportunidade de falar por um momento sobre a importância do evento. Entre os indígenas, somente os representantes dos Karo Arara e dos Ikólóéhj Gavião. Essa situação já dava indícios de como a equipe organizadora das Olimpíadas, notadamente o prefeito de Ji-Paraná, pretendia deslocar o foco para as figuras políticas. Inclusive, como soubemos posteriormente, uma liderança do povo Suruí Paiter, conhecida mundialmente, ficou incomodada por não ter tido a oportunidade de falar.

Os atletas e as lideranças representantes de suas equipes foram organizadas em filas para poderem se apresentar aos espectadores e aos convidados no palco (Figura 21). Durante a entrada, realizaram cânticos em sua própria língua. Também houve a apresentação de danças por parte dos Karo Arara e dos Ikólóéhj Gavião. Nesse momento, mais uma vez ficou escancarada a preocupação da organização somente com os convidados da cidade. As apresentações só foram possíveis de serem assistidas por quem estava no palco. As delegações e o público em geral não tiveram a oportunidade pela forma que foi planejada a abertura. Ou seja, um evento que tinha por intuito exibir e valorizar as culturas indígenas contemplou apenas um seleto grupo.

Figura 21 – Delegação Karo Arara pronta para o desfile de abertura



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Ao final das apresentações e como marco de encerramento da abertura e início das competições ocorreu o acendimento da pira olímpica. Um representante de cada povo anfitrião foi escolhido para carregar a tocha e realizar o ato. Contudo, com o objetivo de trazer os holofotes para si, o prefeito do município entrou carregando a tocha com os dois indígenas (Figura 22). Uma cena constrangedora para quem acompanhava o evento e que sabe o simbolismo desse momento para os participantes, notadamente para os indígenas.

Figura 22 – Condução da tocha para o acendimento da pira olímpica



Fonte: *Instagram* da prefeitura do município de Ji-Paraná, 2023.

O primeiro dia de competição iniciou às oito horas. As disputas pela manhã foram de futebol, corrida de velocidade e cabo de guerra. Embora tivesse o interesse de acompanhar todas as provas, o compromisso com os Karo Arara, sobretudo com as equipes de futebol, impossibilitou-nos de conseguir.

Na corrida de velocidade o formato consistia em uma disputa entre os três representantes do próprio povo, em que o vencedor se classificaria para a final contra os outros povos. No caso dos Karo Arara, havia um participante da Cinco Irmãos e dois de Iterap, sendo que aquele levou a melhor. Apesar de não ter acontecido nenhum acidente, a organização correu muitos riscos com essa prova. A superfície da corrida era preenchida por blocos de concreto. Para piorar a situação, há trânsito constante de veículos, tornando-a acidentada. Se alguém caísse, a chance de se machucar seriamente era considerável. É um ponto a ser observado caso haja competições no futuro.

No cabo de guerra, os povos foram organizados em dois grupos com três equipes, sendo que a melhor de cada um deles disputaria a final. Mesmo que o tempo de preparação

tenha sido curto, os atletas Karo Arara, todos de Iterap, estavam confiantes em fazer uma boa competição devido ao aprendizado de algumas técnicas com um professor branco da aldeia. Contudo, foi insuficiente. Esforçaram-se bastante, mas os Cinta Larga (que foram os campeões) e os Paiter Surui foram melhores, acarretando sua eliminação da competição.

O futebol, modalidade que mais tinha espectadores, seguiu o mesmo formato de disputa que o cabo de guerra, pelo menos no primeiro dia, como veremos adiante. A equipe feminina terminou a fase de grupos em primeiro lugar, com uma vitória e um empate, classificando-se, a princípio, para a final. Já a masculina, obteve uma vitória e uma derrota, terminando em segundo lugar e, conseqüentemente, ficando de fora da final. Esse resultado gerou muita frustração nos atletas e nas lideranças pela expectativa de título que nutriam. Inclusive a torcida, que nas outras modalidades havia sido bem discreta, apoiou bastante durante as partidas e cobrou mais ainda ao final. Os jogadores foram responsabilizados pelo desempenho ruim e os treinadores por terem (ou não) feito substituições. O fato é que a lamentação foi geral.

O segundo dia de competição também iniciou por volta das 08hrs e com as competições individuais. O atleta Karo Arara foi o campeão na corrida de velocidade (Figura 23). Na sequência, teve início a prova arremesso de lança, que possuía a mesma formatação da prova anterior. Os representantes do povo haviam ido bem nos treinamentos e, por conseguinte, gerado a expectativa de um bom resultado. E, de fato, aconteceu. O desempenho do atleta oriundo de Iterap lhe rendeu um segundo lugar. Nessa prova, teve início a uma série de decisões questionáveis da organização.

Figura 23 – Premiação da prova de corrida de velocidade



Fonte: Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI) do IFRO-Campus Ji-Paraná, 2023.

Na prova de arremesso de lança, o formato de disputa foi alterado pouco antes de ser iniciada. Ao invés de poderem realizar três tentativas, foi possível somente uma, tanto na fase classificatória quanto na final. A margem para errar se tornou consideravelmente menor. A minha impressão é que a mudança realizada ocorreu por acharem que não haveria tempo disponível.

Logo após o encerramento da prova foi feita a sua premiação, a da corrida e a do cabo de guerra. Em seguida, lideranças de cada povo foram convocadas para uma reunião extraordinária a fim de deliberarem acerca de alterações no regulamento do futebol. Sem saberem explicar os motivos para que tenha sido feita, os representantes Karo Arara com quem conversamos após o término do encontro disseram que ficou decidido a realização de uma fase semifinal em vez de apenas a final. Uma decisão, no mínimo, controversa, pois efetuar uma modificação dessa magnitude no regulamento no meio disputa poderia prejudicar as equipes que já contavam com a sua presença na disputa pelo título. E foi o que aconteceu no gênero masculino, como veremos mais a frente.

A retomada da competição de futebol ocorreu no período da tarde. No feminino, as equipes que haviam ficado em primeiro em seus grupos, Karo Arara e Tupari, venceram as semifinais e se classificaram para a final. O time dos Karo Arara enfrentou

a equipe dos Ikólóéhj Gavião, com quem jogam eventualmente e, também, se enfrentaram na preparação para as Olimpíadas. As Karo Arara são uma equipe melhor e conseguiram vencer com relativa tranquilidade.

No masculino, foi diferente. Os Ikólóéhj Gavião e os Suruí Paiter passaram em primeiro em seus grupos e perderam para os Karo Arara e para os Tupari, respectivamente. No jogo dos Karo Arara, quando a partida estava na metade do primeiro tempo, começou a chover. Embora a chuva fosse intensa, os árbitros decidiram interromper a partida somente depois de dez minutos e a água já estava praticamente cobrindo a superfície do campo (Figura 24).

Figura 24 – Chuva intensa na partida de futebol



Fonte: NEABI do IFRO-Campus Ji-Paraná, 2023.

Como a chuva não cessava, a organização deliberou pela suspensão do restante da partida, das finais, das provas de corrida de tora e de paneiro, assim como do desfile cultural que aconteceria no período noturno. Após a espera de duas horas no espaço de jogo e com a chuva ainda em vigência, os atletas foram para o alojamento. A expectativa geral é que não haveria mais nenhum evento no sábado, até porque as condições para a prática eram inadequadas. Mas não foi o que aconteceu.

Em uma nova decisão questionável da organização, e dessa vez sem ponderar a respeito da integridade física dos participantes, a competição de futebol seria encerrada ainda naquele dia. Posteriormente, em conversas com lideranças, relataram-nos que foram pressionados pela organização para que jogassem. Eles não queriam jogar, pois haviam tomado banho e jantado. Mas os responsáveis pelo evento disseram que se não

houvesse os jogos restantes, no outro dia a definição dos campeões aconteceria por meio de disputa de pênaltis. Essa situação também gerou atrito entre as lideranças dos Karo Arara e dos Ikólóéhj Gavião. Um representante deste povo que é funcionário da prefeitura e participou da organização nas tratativas para retomada dos jogos disse “podemos jogar sim, estamos acostumados a jogar na lama, cascalhos, etc.”. Insatisfeita com o posicionamento do parente, a liderança Karo Arara redarguiu “os seus índios podem, mas os meus não”. Mesmo que, de fato, pudessem jogar em qualquer superfície, fiquei refletindo em qual seria o encaminhamento caso a competição fosse disputada por brancos.

De toda forma, mesmo contra a vontade dos participantes, a competição foi reiniciada. Os jogos foram disputados sob chuva (mais fraca) e com a superfície do campo molhada (como era de grama sintética era ainda mais escorregadia do que se fosse natural). A retomada da partida semifinal entre os Karo Arara e os Ikólóéhj Gavião terminou com a vitória dos primeiros. Assim, as finais, tanto no masculino quanto no feminino, seriam entre os Karo Arara e os Tupari.

As semelhanças das finais não ficaram restritas aos povos participantes. Os jogos foram bem equilibrados, terminando empatados em um gol, sendo decididos nos pênaltis e com o mesmo vencedor, os Tupari. O jogo masculino foi mais duro e, com as condições do gramado estando inapropriadas, resultou em lesões. Dois atletas Karo Arara saíram machucados, sendo que um deles foi para o hospital devido a uma fratura no braço. Apesar de todas essas situações, o clima entre todos os participantes era de harmonia. Após o encerramento da partida do gênero masculino, uma liderança Karo Arara reuniu os jogadores (masculino e feminino) e a torcida dos dois povos para ressaltar a importância desse clima amistoso. Ao final, fez uma oração que gerou bastante emoção em todos os presentes.

O terceiro e último dia de competição iniciou às oito horas. As últimas provas foram a corrida de toras e a corrida de paneiro. O regulamento das duas era o mesmo. Cada povo possuía uma dupla como representante e a prova consistia em realizar um percurso de cento e quarenta metros, sendo que cada participante carregaria o objeto por setenta metros e não haveria pausa para passá-lo à (ao) companheira (o). A tora possuía cinquenta quilos e o paneiro trinta. Na corrida de toras, a disputa foi bem acirrada e os Karo Arara conquistaram o segundo lugar. Já na corrida de paneiro o desempenho não foi bom e terminaram em último lugar.

Após a finalização das últimas disputas, foram realizadas as suas premiações, a do futebol e a do campeão geral¹⁹. Os Karo Arara conquistaram o segundo lugar no geral, levando a uma comemoração efusiva de toda a delegação (Figura 25). Houve também discursos das autoridades presentes. Dessa vez, diferente da abertura, lideranças tradicionais dos povos que estavam presentes foram convidadas a falar (Figura 26). Contudo, os políticos tiveram mais destaque novamente, notadamente o prefeito. Inclusive, esse holofote maior destinado aos brancos em detrimento dos indígenas, protagonistas do evento, gerou insatisfação nos espectadores e nos próprios participantes. Em conversa com algumas lideranças Karo Arara, eles destacaram que iriam mencionar essa situação na reunião de avaliação do evento.

Figura 25 – Comemoração dos Karo Arara com a conquista do segundo lugar geral



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

¹⁹ Em cada prova, de acordo com a posição conquistada, obter-se-ia uma quantidade de pontos. Ao final, os três povos com mais pontos conquistados receberiam um troféu.

Figura 26 – Caciques do povo Karo Arara no momento do discurso final próximos ao prefeito



Fonte: NEABI do IFRO-Campus Ji-Paraná, 2023.

Por fim, em sua despedida antes de retornarem às aldeias, os Karo Arara fizeram um grande círculo com os brancos com os quais possuem boas relações e realizaram uma oração, conduzida por um vereador que é próximo de uma das aldeias (Figura 27). É perceptível que a religião está sempre presente junto a eles no campo esportivo, seja por meio de orações, dedicatórias, mensagens em redes sociais, dentre outros. E, embora um desses segmentos religiosos que possui bastante adeptos em Iterap seja mais rigorosa em seus costumes, não interfere na prática do futebol. No último capítulo, ampliaremos a discussão.

Figura 27 – Momento de oração dos Karo Arara Após o encerramento do evento



Fonte: NEABI do IFRO-Campus Ji-Paraná, 2023.

2.3.1 As Olimpíadas Indígenas sob a perspectiva dos Karo Arara

A primeira edição das Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná gerou bastante repercussão entre os povos indígenas, notadamente entre os Karo Arara. Foram meses de conversas acerca da competição, de como deixaram escapar a vitória no futebol, da necessidade de uma maior preparação, da interação junto aos outros povos e da expectativa para a próxima edição²⁰.

Toda essa mobilização em torno do evento, despertou o nosso interesse em verificar de uma maneira minuciosa a forma como os Karo Arara perceberam o evento, que foi um marco no que concerne às ações da administração pública voltadas para os povos indígenas, sobretudo em relação ao esporte e ao lazer. Dessa forma, nos próximos parágrafos serão apresentadas as percepções dos Karo Arara que participaram da primeira Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná a respeito do evento.

2.3.1.1 A organização do evento e a organização da delegação Karo Arara

O funcionamento da competição conforme planejado e descrito no regulamento, os espaços adequados para as disputas e para o descanso, a alimentação, dentre outros aspectos, são fundamentais a serem considerados em eventos dessa natureza. E eles

²⁰ Em 2024, as Olimpíadas seriam realizadas, inicialmente, em julho. Sem nenhum motivo específico, transferiram a data para agosto. Devido a uma forte onda de calor no período e uma das piores nos últimos anos, adiaram mais uma vez. Contudo, em setembro, avisaram que não haveria mais competição no ano vigente.

indicam a capacidade organizativa da equipe responsável. Contudo, a organização também ocorre a nível interno dos participantes. E nem sempre é uma tarefa fácil, consoante o olhar dos nossos interlocutores.

[...] faltou treino, faltou a gente se preparar mais, porque para a gente fazer uma boa competição tem que ter treino, porque não tem como você sair daqui, por exemplo, às Olimpíadas hoje e amanhã você ir lá competindo, você vai ter muita diferença (Lid Pay 1 H).

Eu achei também um pouco que a gente teve ali naquela escolha, que nem da feminina mesmo, que a gente teve um pouco de problema, que não tinha as meninas que não jogavam bem, porque eu falei assim, a gente vai tentar levar as meninas que têm aqui os documentos e que sabem jogar, que também eu sabia que elas jogavam daqui e eu escolhi aquelas meninas que jogavam (Lid Ite 4 M).

(Teve divergência na definição dos atletas) No começo teve um pouquinho, mas depois conseguimos nos acertar (Lid Ite 5 H).

[...] Nas Olimpíadas mesmo a gente teve muito converseiro, não teve assim “Ah, você vai assumir isso aqui, cada equipe vai ter uma equipe para poder conduzir seus atletas”. Aí foi uma coisa assim meio que vaga... (Lid Pay 1 H).

Como eu falei, foi complicado sim, de um aspecto natural, a gente não consegue se entrosar com a outra aldeia, porque não convivemos tanto juntos, não conseguimos nos aproximar por causa da distância, da logística (Lid Ite 5 H).

O primeiro dia lá, diz que eu não tinha chegado, diz que quiseram, que o próprio povo nosso queria brigar, [...], aí demorou, acabou, foi só isso que aconteceu, mas tirando isso acho que não teve mais nada [...] Aí todo mundo consertou, todo mundo voltou tudo em paz, que não precisa, porque quando a gente sai da casa da gente, para a casa dos outros tem que ter respeito [...] então acho que é uma coisa que me deixou meio... quando eu escutei, eu falei para a minha mulher, se tivesse carro, iria voltar agora pra aldeia e eu falava, quando eu escutei essa conversa, de repente, resolveu, todo mundo foi amigo, todo mundo se conversando. Então, foi só isso, esse ponto que deixou meio assim, mas tirando isso, já está tranquilo (Lid Pay 3 H).

A primeira situação apontada, a falta de preparação adequada, foi bastante destacada nos meses posteriores nas aldeias. Em conversas informais, a justificativa de

não terem conquistado o primeiro lugar na classificação geral e de não terem vencido mais disputas era relacionada ao pouco tempo de preparação para o evento. Com exceção do futebol, em que os atletas que compuseram as equipes participavam de campeonatos com frequência e que os escolhidos das aldeias se reuniram para fazer amistosos visando ao entrosamento da equipe com dois meses de antecedência, as demais modalidades iniciaram os treinamentos próximo a competição.

As disputas de arco e flecha e lançamento de lança demandam uma capacidade técnica apurada. O cabo de guerra, a corrida de paneiro e a corrida de toras além da técnica, pressupõe um bom entrosamento entre os (as) parceiros (as). Ou seja, quanto mais tempo dedicado aos treinamentos melhor é o resultado. E os participantes Karo Arara escolhidos para as provas foram determinados com pouco tempo para o início da competição. E, mesmo nesses poucos dias que teriam para se preparar, não conseguiram destinar muito tempo devido a questões pessoais. O incômodo com o desempenho abaixo do esperado devido a preparação inadequada também foi relatado para Vinha (2004) pelos Kadiwéu em razão de sua participação em uma edição do JPIN.

Por outro lado, uma melhor ou pior preparação irá depender do contexto indígena que será investigado. Guimarães e Guimarães (2015) entrevistaram atletas de vários povos que estiveram presentes no JPIN de Porto Nacional - TO em 2011. As autoras verificaram que a maior parte deles afirmou que os seus povos se preparam bastante para se apresentarem bem no evento. Da mesma forma pode ser observado nos relatos dados pelos participantes da edição de Paragominas – PA em 2009. Mesmo que o resultado positivo não tenha sido alcançado, a maioria destacou a preparação feita para participarem do Jogos.

Com essa insatisfação a respeito da preparação para a competição, poderia se imaginar que no próximo ano seria diferente. Mas não foi o que aconteceu. Embora o evento tenha sido cancelado, a confirmação só ocorreu duas semanas antes da data prevista. E não havia qualquer indício de mobilização dos participantes e das equipes para treinarem. Muitos com quem conversamos falavam que o pessoal estava “desanimado”. A nossa impressão é que com afazeres e outras situações com as quais estão envolvidos no dia a dia, a atenção com essa questão era pequena. Acreditamos que competia às lideranças esportivas de cada aldeia o papel de mobilizar o povo para o evento, mas isso não aconteceu.

A segunda situação se refere a escolha dos participantes para comporem a delegação. Apesar de não ter tido tanta divulgação dentro das aldeias, muitas pessoas

manifestaram o desejo de representar o povo na competição. Quando foi feita uma seletiva em Iterap para a escolha dos participantes que integrariam a delegação, houve muitos interessados. Mas, conforme observado nas respostas, não foi uma tarefa tranquila.

Com exceção do futebol, em todas as outras modalidades os interessados se apresentaram nesses dois dias de seletiva em Iterap. Além de nós e das lideranças que realizariam as escolhas, havia professores da SEDUC colaborando. Embora um ou outro postulante à vaga tenha ficado chateado por não ter conseguido entrar, aqueles que foram selecionados faziam parte do consenso de quem acompanhou.

O desafio, de fato, ocorreu com o futebol. Há muitos jogadores (as) nas aldeias e a maior parte deles (as) possuía o desejo de estar na equipe. Mas eram apenas quatorze vagas. Acreditamos que com o objetivo de minimizar possíveis atritos, metade das vagas ficou com Iterap e a outra metade com Paygap, que dentro do seu quantitativo inseriu um atleta da Cinco Irmãos no masculino. Os atletas foram definidos pelos líderes de cada aldeia. Como toda lista, houve discordâncias. Principalmente em Iterap que é uma aldeia maior e possui mais jogadores. Contudo, a animosidade acerca dos jogadores ocorreu, de fato, durante a competição. Após as partidas, sobretudo quando o resultado não era positivo, havia reclamações ou, como se diz no meio do futebol, “cornetas” da torcida (e até de alguns jogadores) a respeito das decisões dos treinadores. Tanto no feminino quanto no masculino eram dois técnicos, um de cada aldeia. No masculino, especialmente, questionavam a permanência em demasia de alguns jogadores, mesmo não estando jogando bem. Relacionavam isso ao fato de ter um vínculo familiar com o treinador.

Em relação ao processo de escolha, e não necessariamente aos desdobramentos em si, os depoimentos dados pelos participantes do JPIN de 2009 (Pinto; Grando, 2009) vão na mesma direção do que observamos entre os Karo Arara. De um modo geral, há lideranças esportivas nos povos que definem os participantes. Há os casos de povos com mais de uma aldeia e a necessidade de dividir as vagas entre elas, o que nem sempre possibilita a formação das melhores equipes.

O descontentamento com decisões que eram (ou que foram) tomadas pelas lideranças esportivas do povo nos levam à terceira situação. O conflito entre as lideranças de Iterap e Paygap. Como mencionado por uma das lideranças, a distância física e a falta do contato frequente colaboram, embora haja outros fatores presentes nessa equação, para que não haja uma coesão entre as aldeias. Evidentemente que em qualquer agrupamento

social haverá discordâncias, inclusive dentro de cada aldeia ocorre isso. No entanto, entre elas, o nível de desentendimento é maior.

O respeito sempre está presente, é claro. Mas a insatisfação com as ações e decisões também se faz presente. No período de preparação para as Olimpíadas, um dos responsáveis pela seleção dos atletas de sua aldeia reclamava de uma liderança da outra aldeia, destacando que ela só “queria as coisas do jeito dela”, o que estava tornando o trabalho em parceria inviável.

Por isso, acreditamos que a situação mencionada na última resposta não seja algo esporádico, mas sim que ocorra com alguma frequência. Não obstante também acreditamos que essa crítica ao comportamento e as ações dos pares da outra aldeia ser, na maioria das vezes, velada, consoante o relato que apresentamos. Mesmo com esses atritos, no final das contas, conseguiram se acertar e não permitiram que esses conflitos em potencial pudessem atrapalhar o desempenho do povo no evento.

Conflitos também foram observados por Rodrigues (2014) durante o período em que acompanhou os Guarani e Kaiowá. De acordo com a autora, houve divergências em relação à organização da delegação que representaria os indígenas de Dourados - MS no JPIN de 2013 em Cuiabá. Discordâncias acerca de quem seriam os responsáveis, assim como a inviabilidade em contemplar todos os interessados em participar resultou em um ambiente de desconfiança dentro da TI.

Sim, porque o que eu vi errado lá, porque eles colocaram uma coisa no evento e não teve, é por causa, eles falaram que quem participou do futebol não participou da outra modalidade, o que eu percebi isso, que foi fora do controle da organização [...] É, porque tem muita gente aqui que não foi por causa que estava jogando futebol, não tinha muito evento e o pessoal queria participar, mas na regra lá estava que não podia (Lid Pay 2 H).

Na hora, a gente seguiu uma regra, quando chegou lá, foi outra. Assim que eu vi nas Olimpíadas, aquelas Olimpíadas passadas, passou? Falei que quem for participar do arco e flecha não vai participar do futebol. Quem for participar do futebol não vai participar do arco e flecha. Só que lá eu vi goleiro participando do arco e flecha, goleiro participando do cabo de guerra. Goleiro participou do lance de dardo, então não cumpriu as regras, então ficou meio bagunçado também (Lid Pay 1 H).

Então já gostei, mas precisa melhorar bastante, que eu pude perceber enquanto a gente estava à frente também, de algumas melhores, por exemplo, a questão da organização em si mesmo, dos jogos, por exemplo. Teve um jogo lá mesmo

que aconteceu no sábado e foi debaixo de chuva, então era um jogo que poderia ter agendado, que domingo daria mais gente, inclusive as pessoas me ligaram e tal, que Leandro, o jogo vai ser na final. Aí não vieram devido à chuva, poderia sim ter adiado e ter guardado para domingo, então teria mais gente, teria mais pessoas participando, então teria mais visibilidade no município em geral. Então são pontos que eu vejo que precisam... (Lid Pay 5 H).

[...]eu acredito também que o espaço também eu acho que não era apropriado e uma das coisas que eu senti falta já que era uma olimpíada indígena e como tinha pessoas de outros municípios e nós estávamos dormindo ali próximo e não voltávamos para a aldeia, eu acho que a noite era para ser uma noite cultural. Acho que a gente tem bastante artista que poderia estar durante a noite mostrando, fazendo pinturas, outros cantando. Nós temos cantores, nós temos pessoas mais velhas que poderiam contar um pouco da sua história. Então, acho que não é um ponto negativo, mas acho que é algo que a gente tem que colocar, pontuar que faltou. foi a parte da noite que nós tivemos o momento cultural nosso (Lid Pay 4 M).

A limitação na quantidade de modalidades que poderiam participar, isto é, caso estivessem participando de algum esporte/prova não poderiam se inscrever em outra, foi uma reclamação constante nas semanas posteriores ao evento. De acordo com os nossos interlocutores, alguns atletas do futebol teriam condições de vencer as provas de lançamento de lança e corrida de toras (embora que os competidores tenham ido muito bem e conquistado o segundo lugar). Não temos certeza se o descontentamento com a equipe organizadora procede. Já presenciamos em outras oportunidades, campeonatos de futebol amador, o entendimento equivocado acerca do regulamento da competição. Uma má compreensão a respeito daquilo que foi determinado. Dessa forma, como não estivemos presentes quando o regulamento foi apresentado, não conseguimos afirmar se foi um ato falho da organização ou um entendimento errado por parte das lideranças.

Outra crítica forte à organização, conforme discutimos anteriormente, foi a realização dos jogos de futebol sob forte chuva. Além dos riscos para a integridade física dos atletas, também impossibilitou a presença dos seus amigos e parceiros para acompanharem as partidas. Havia, de fato, muitos interessados em assistirem as finais da competição, pessoas que fazem parte do contexto dos campeonatos amadores da região. Alguns com quem conversamos, assim como a liderança apontou na resposta, questionaram a pouca divulgação do evento. Eles sabiam devido a proximidade com os

Karo Arara. Mas, muitas pessoas que teriam interesse em acompanhar o evento, desconheciam e, por isso, não foram ou só conseguiram ir ao encerramento.

O planejamento de atividades para os momentos em que não estivessem competindo também foi destacado. No caso, momentos de apresentação de elementos culturais de todos os povos participantes. Acreditamos que nas próximas edições isso será considerado, pois foi mencionado na reunião de avaliação e iria valorizar ainda mais o evento.

A organização de um evento esportivo é uma tarefa complexa, em que há negociações entre a equipe gestora e os participantes, bem como os meandros de gerir os recursos financeiros. No caso dos povos indígenas, essa situação se acentua em razão de suas especificidades, as quais, muitas vezes, são desconsideradas pela equipe organizadora. E quanto maior o evento, maiores são os obstáculos, conforme podemos observar em trabalhos relacionados aos JPIN (Almeida, 2008; Grando, 2015; Pinto; Grando, 2009).

Fialho e Silva (2010) também discutem os desafios de se organizar um evento esportivo para indígenas, a partir de sua participação no 1 Jogos Indígenas de Pernambuco. As autoras relatam a consideração dos indígenas de forma genérica pelos organizadores ao desconsiderarem as suas especificidades, como na escolha das provas, por exemplo. Além disso, tomaram decisões unilaterais que geraram conflitos com os participantes. Em suma, a realização do evento atendia a uma demanda dos povos, mas foi permeada por muitas lutas e negociações, sendo que nem sempre prevalecia a vontade dos maiores interessados.

2.3.1.2 A importância do evento

Por ser uma disputa esportiva, é claro que todos os participantes da primeira Olimpíadas de Ji-Paraná possuíam o desejo de se sagrarem campeões. Contudo, assim como é reforçado no JPIN, o conagraçamento entre os povos participantes é um aspecto essencial desse tipo de evento. E, pelas respostas dos participantes, é possível verificar que esteve presente durante os dias de competição.

[...] a Olimpíada, além do esporte trazer essa sabedoria de unificação de outros povos, trouxe também um momento muito bom para nós, porque a gente teve acampado no mesmo lugar que foi na escola. A gente teve um momento ali de lideranças conversar sobre o próprio movimento indígena de Rondônia. Não

aconteceu só, não foi uma simples Olimpíadas, não teve só o esporte. Foi um momento de jovens se conhecerem outros jovens... (Lid Pay 4 M).

A gente teve momento que a gente fez uma troca de intercâmbio entre outros povos, como os Suruí, os Zoró, os Cinta Larga que estiveram lá, os Tupari. E no momento a gente pensou, gostaram muito também, a gente fez a apresentação cultural, a gente fez noite cultural também lá dentro do alojamento (Lid Pay 1 H).

[...] só assim você conhece que ainda tem indígena ainda no Brasil, porque você não tem como visitar tudo para você conhecer que realmente são indígenas. Então acho que isso aí aumenta e nota o nosso povo conhecer por isso, porque muitas vezes tem parente ali que eu nem conhecia. Então, através daquele jogo ali, fui conhecendo muito. Eu acredito que se acontecer de novo, acredito que vai aproximando e conhecendo a realidade do outro (Lid Pay 3 H).

A gente conversou muito, a gente ali também fez com que os homens refletissem a importância da mulher também, não só como liderança, mas como uma atleta também, porque os homens ficaram, assim como as mulheres ficavam na torcida, as mulheres falaram também que se sentiam muito bem de ver que os homens também estavam torcendo por elas. Então, a gente teve essa conversa, teve vários momentos de conversa, e uma das conversas que eu achei mais linda foi o momento que a juventude se reuniu, uma para agradecer a outra e contou que como estava sendo legal, a gente perdeu, mas foi tão bom te conhecer, vamos apresentar como é a música de vocês. Então, teve troca de conhecimento, teve fortalecimento de jovem para jovem, de atleta para atleta, de liderança para liderança, liderança passando força para outra liderança, jovens passando força para aquela turma que não havia conseguido. Então, foi um momento que, para quem estava de fora pode achar que foi simples, mas para nós que estavam ali participando foi muito gigante (Lid Pay 4 M).

[...] Você sente a alegria de todos ali, isso é uma das coisas mais importantes que teve aqui. Não teve lá, mas como no esporte, uma forma chegou. Mudou completamente a concepção de tanto as crianças, como os jovens, como as outras lideranças e até mesmo os políticos hoje olham de diferente para a sociedade indígena. (Lid It 5 H).

A oportunidade de interagir com outros povos, conhecer outras culturas e fazer novas amizades foi enfatizada por todos. Apesar de os povos indígenas de Rondônia serem organizados e promoverem eventos com frequência, um dessa magnitude em que

puderam estar presentes tantas pessoas ao mesmo tempo em um ambiente festivo, ainda não havia acontecido. Foi um momento propício para a construção de novas amizades e parcerias.

Também foi a ocasião de fortalecer as relações de gênero, conforme apontado por uma liderança. Infelizmente, o tratamento desigual a que estão sujeitas as mulheres também se faz presente em contexto indígena (será tratado de forma mais detalhada no capítulo quatro). Mas, mesmo que tenha sido em uma situação específica, terem conseguido fazer os homens refletirem acerca da importância de valorizarem as mulheres em suas atividades, já mostra um avanço.

Outro ponto ressaltado e que sempre está presente nas conversas com os Karo Arara, refere-se a forma como os brancos os veem. Há uma preocupação dos indígenas em não serem mal vistos ou, talvez, ainda mais mal vistos, posto que o preconceito é grande. Dessa forma, eles sempre mencionam o seu comportamento como algo importante quando estão em interação com os brancos. Essa questão será melhor desenvolvida no último capítulo. Em todo caso, parece-nos que saíram satisfeitos com os desdobramentos do evento no que concerne a sua relação com os brancos.

Mesmo com todos os desafios para a realização do evento e a sua pouca divulgação, a Olimpíada foi um marco para os povos indígenas de Rondônia, notadamente para os que estiveram presentes. As interações, as trocas de experiência, a divulgação de suas culturas, fortaleceram a imagem dos indígenas no estado.

2.3.1.3 A valorização dos povos indígenas

Como salientado no tópico anterior, apesar de todos os percalços enfrentados para e durante a sua realização, as Olimpíadas Indígenas teve um resultado positivo por quem pode acompanhar. Dessa forma, passado algum tempo, verificando junto aos meus interlocutores a respeito da repercussão daqueles dias de competição, quisemos averiguar se o evento possibilitou a valorização das culturas indígenas.

Sem dúvida, valorizou. Eu creio que só faltou mais um pouco de divulgação (Lid Pay 5 H).

Acho que sim, porque para mim foi assim, acho que valorizou um pouco da cultura para mostrar para o não indígena também que existe o povo aqui perto da cidade e também do outro município que vieram ali também. Para participar e também para mostrar um pouco da cultura de cada povo também, que foi muito bom o jogo também, não teve confusão, nem nada (Lid Ite 4 M).

O que eu vi, o que eu percebi muito aqui é que o povo aqui perto, parte do município de Ji-Paraná, que não é reconhecido, porque a gente anda aí, o pessoal Gavião, Arara, era meio sumido, não tinha nome assim, não aparecia. Porque às vezes o branco fala, eu não conheço esse povo, esse povo mora onde? Eu vejo que as olimpíadas trouxeram muito isso, para o pessoal conhecer mesmo que tem povo que mora aqui perto de Ji-Paraná (Lid Pay 2 H).

Sim, teve momentos que sim, só que não apareceu muita gente no evento, que a gente esperava mais o público do município participar... (A pouca presença ser devido a organização não ter divulgado mais o evento) Eu acho que sim, acho que teve pouca divulgação, muitos colegas mesmo da gente, que os parceiros falavam que não tivemos acesso, não foi comunicado [...] então por isso que não participaram. Mas, assim, eu acho que foi uma coisa nova também, foi a primeira dos Olimpíadas, tudo não vai ser 100%, tudo vai estar informado, então acho que... A primeira experiência está boa. É, a primeira foi muito boa (Lid Pay 1 H).

Eu acredito que valorizou, porque todo mundo, todo o tempo que eu vi, todo mundo respeitou, valorizou, todo mundo bateu parabéns para todo o time, para todo o povo que estava lá, indígenas, acho que não saiu ninguém com falta de respeito com ninguém. E pelos parceiros que estavam junto, eu acredito que eles trataram o nosso povo bem. Como eles falaram depois, nós não fizemos mais porque já estava muito em cima, foi marcado isso rápido, mas eles garantiram que o ano que vem eles querem fazer melhor para receber melhor do que com essa primeira coisa (Lid Pay 3 H).

A divulgação, de fato, poderia ter sido melhor. Embora nas redes sociais da prefeitura do município de Ji-Paraná tenham a presença algumas postagens, as publicações poderiam ser em maior quantidade. As mudanças nas datas e nos locais da realização do evento também colaboraram para uma certa confusão acerca de quando e onde iria acontecer, dificultando o conhecimento para espectadores em potencial que não estavam tão inteirados. Sendo assim, se a informação acerca do evento tivesse chegado a mais pessoas, provavelmente o público seria maior e o contato com as manifestações culturais indígenas seriam mais reconhecidas.

A valorização entre os próprios participantes e pelos brancos também foi destacada. Chama a atenção a fala da liderança mencionando o desconhecimento das pessoas a respeito dos indígenas que residem próximos a cidade. Realmente, é algo que acontece. E, quase sempre, vem acompanhado de comportamentos preconceituosos e

discriminatórios. Ter oportunidades para conhecer mais sobre as culturas indígenas, como proporcionado pelas Olimpíadas, pode auxiliar na mudança desse cenário.

O reconhecimento dos brancos se deu pelas manifestações calorosas das pessoas que acompanharam os discursos e as manifestações culturais na abertura e no encerramento, assim como durante as competições. Poderia ter sido também pela promessa de realizar um evento ainda melhor no próximo ano. Mas o discurso não se concretizou. E as populações indígenas já estão acostumadas com o não cumprimento de promessas relacionadas às políticas públicas.

2.4 As Políticas Públicas

Há uma negligência evidente com as populações indígenas acerca de suas necessidades básicas, quando observamos as ações governamentais. Percebe-se que esse descaso está relacionado ao modo como eles se organizam e concebem as suas vidas. O seu vínculo com o território, desperta o interesse de pessoas e/ou empresas que almejam a exploração e o lucro desmesurado (Grando, 2015).

A luta pela preservação e concretização dos seus direitos faz parte do cotidiano dos povos indígenas, em esforços direcionados tanto ao Estado quanto à sociedade civil. A presença dessas garantias em dispositivos legais não tem sido suficiente, visto que estão sob ataques constantemente. Ao ser inviabilizado o usufruto aos indígenas dos seus direitos, limita-se o exercício de sua cidadania.

Para Soares e Pintos (2011), a promulgação da Carta Magna constitui-se em um marco e, também, em avanços na relação entre o Estado e os povos indígenas. Entretanto, a sua repercussão tem sido inoperante para a efetivação dos direitos destes povos, embora eles tenham estabelecido diferentes estratégias ao longo dos anos para que isso aconteça.

A partir do momento em que são reconhecidos como cidadãos brasileiros, os indígenas passam a demandar novas ações, dentre as quais encontram-se as relacionadas ao esporte. Contudo, o exercício de sua cidadania só será, de fato, concretizado, caso os costumes, tradições e cosmologias de cada etnia seja respeitada. E, para isso, é imprescindível a colaboração das comunidades indígenas na construção e na implantação das políticas públicas (Grando; Almeida, 2016).

A Constituição Federal (CF) de 1988 assegura a esses povos políticas públicas diferenciadas, que levem em consideração a especificidade e a diversidade de seus costumes, crenças, línguas, dentre outros elementos culturais. Isto significa que eles possuem direitos civis em razão do seu enquadramento como cidadãos brasileiros e,

também, identitários devido a ser cidadão indígena. Ou seja, possuem dupla cidadania (Luciano, 2016).

Nesse sentido, a constituição de uma dupla cidadania implica na consideração da participação, colaborativa e efetiva, dos indígenas em processos de elaboração, execução e avaliação de políticas públicas destinadas a eles, tendo em vista que são os mesmos que possuem as condições adequadas para a efetivação da harmonia necessária entre os direitos oriundos da cidadania nacional e dos seus direitos específicos (Luciano, 2016).

Espera-se, assim, que o Estado atue de forma protagonista na elaboração e execução de ações sistemáticas que permitam aos povos indígenas o acesso ao esporte e ao lazer. Essa atuação deverá considerar as diferentes realidades econômicas e culturais vivenciadas pelas etnias, pautando-se por uma política de inclusão social e que estenda os seus benefícios também aos indígenas que vivem em ambiente urbano (Grando; Almeida, 2016).

As políticas públicas voltadas em relação ao esporte para a população indígena, de fato, não existem. O que acontece é que nós indígenas acabamos nos inserindo nos espaços que hoje já existem, seja lá fora como aqui. Na verdade, dentro do nosso território mesmo, já realizamos eventos entre nós, mas nada que fizesse com que tivesse visibilidade, igual teve o primeiro encontro da amizade²¹. Mas esse encontro da amizade já sempre aconteceu dentro dos territórios, sempre aconteceu com outros povos e isso não foi a primeira vez que foi atuado, foi a primeira vez que teve a participação da prefeitura dentro da nossa comunidade em relação ao esporte. Mas essas trocas de eventos de futebol, de torneio, a gente sempre realizou. Mas, assim, dentro do município de Ji Paraná, dentro de Rondônia, não existe política pública voltada à população indígena em relação ao esporte. (Lid Pay 4 M).

Apesar das prerrogativas legais, o suporte oferecido pelo poder público no que concerne ao desenvolvimento esportivo junto aos Karo Arara e demais povos indígenas da região é mínimo. As primeiras ações registradas neste campo remetem ao ano de 2023, em que foi realizada a primeira Olimpíadas Indígenas do município de Ji-Paraná e o Festival da Amizade Indígena.

Ao ampliarmos o panorama para Rondônia, verificamos em trabalho recente (Gurkewicz; Grando; Almeida, 2023) que as ações desenvolvidas nesse estado se restringem ao estímulo da prática esportiva de natureza ocidental. Além disso, não foi observada uma articulação entre as secretarias municipal e estadual, visando a uma ação intersetorial que pudesse ser efetiva. Ou seja, não houve a preocupação em fortalecer as práticas corporais tradicionais e as ações realizadas foram pontuais e a nível local.

²¹ Ela se refere ao evento Festival da Amizade, que será abordado no próximo capítulo.

[...] hoje eu acho que se a gente não estiver no pé cobrando ali, não acontece. Hoje eu aprendi assim que nós temos que estar ali junto, nós temos que estar ali buscando, que se eu vou lá só uma vez e não voltar mais, e passava rolando e veio só uma vez e não voltou, então eles também esquecem, a gente esquece também. Mas hoje não, hoje nós temos uma parceria, bastante parceiros aí, por exemplo, o município mesmo está disposto a ajudar a gente, o prefeito mesmo, mas nunca dizia não para a gente, esse prefeito que está hoje aí, Ele deu muita oportunidade para a gente, ele tem diálogo com os povos indígenas. E isso é muito bom para nós. É o que nós precisamos mesmo (Lid Pay 1 H).

Então, sobre a questão das políticas públicas voltadas para as questões indígenas, isso a gente sempre enfrentou dificuldade. A questão mais que a gente sofre nas comunidades é a questão de apoio, principalmente dos políticos do poder público, de interagir mais, estreitar mais esse diálogo com as comunidades indígenas, principalmente dentro das comunidades, a gente precisa de alguma estrutura, como campo de futebol, ou mesmo ter uma quadra, e esse é o sonho nosso de fazer essa estrutura (Lid Ite 2 H).

Então, referente a isso que as políticas públicas, principalmente voltado ao esporte, eu vejo que, de fato, na verdade sim, o que eu vejo é que o povo indígena ficou meio que esquecido, no geral mesmo, esporte e todos os conceitos possíveis [...] voltando para o lado esporte, assim, eu vejo que tem que incentivar, não sei, é uma sugestão minha. Abrir escolinhas, por exemplo, que a gente vê hoje, por exemplo, assim [...] estruturar na aldeia, eu vejo. Ver o local a princípio meio central para as outras terem facilidade de acesso, porque ela é próxima, dá pra ir de dia e volta no mesmo dia (Lid Pay 5 H).

Eu acho que precisa de ter mesmo tem, de focar mesmo, de ter um calendário mesmo, a data tal dia vai acontecer um evento, eu acho que falta isso mesmo, de ter uma data mesmo, de colocar mesmo a questão do que fazer (Lid Pay 2 H).

A oferta de apoio por parte de pessoas relacionadas a gestão pública (prefeito, vereadores, secretário, dentre outros) geralmente só ocorre em períodos determinados com fins eleitorais. Eles reforçam que estão abertos a parcerias, mas estas só são efetivadas a muito custo e com muita cobrança, conforme destacado pela liderança. A vigilância e a proatividade tem que ser constante para garantir a ação do poder público, mesmo que seja o mínimo.

A ênfase na elaboração de um calendário contendo os eventos esportivos e as suas respectivas datas também é um ponto que chama a atenção. Na visão dessa liderança, os esforços da gestão municipal deveriam ser direcionados para a criação de competições esportivas e distribuí-las ao longo do ano. Esse entendimento ratifica a importância do esporte dentro da organização social dos indígenas, notadamente dos Karo Arara.

O esporte, de fato, é muito apreciado dentro das aldeias, sobretudo o futebol, tendo em vista que em muitas delas há um campo para a prática dessa modalidade. O contato com a sociedade nacional e, mais recentemente, o acesso a recursos tecnológicos tornou as experiências com esse fenômeno mais intensa, seja na realização de disputas dentro e

fora da aldeia, ou no acompanhamento do esporte profissional por meio da televisão, internet, dentre outros.

Cada povo, em seu contato histórico com o esporte, desenvolveu e continua a desenvolver modos próprios de se relacionar com essa prática corporal. Almeida (2016) destaca que alguns agentes possuem papel relevante nesse contexto, tais como o Estado, as instituições religiosas, os professores das escolas indígenas, as pessoas que se encontram próximas às aldeias, e, mais recentemente, as mídias, que viabilizam uma aproximação com o esporte de alto rendimento.

Ainda de acordo com Almeida (2016), apesar de a prática esportiva adquirir contornos específicos em cada etnia, há a predominância da dimensão do rendimento, que pode ser observada nas disputas realizadas na própria aldeia ou no ambiente urbano. Isso posto, é importante refletir acerca do impacto gerado na comunidade, tanto em seus comportamentos quanto nas práticas sociais.

Para ilustrar essa perspectiva, o autor aponta o treinamento, que se caracteriza por ações sistemáticas de especialização em técnicas corporais específicas visando ao rendimento esportivo e que propicia a inserção de um novo modo de construção corporal no ambiente indígena. Desse modo, a fabricação do corpo (Seeger; Da Matta; Viveiros de Castro, 1979), processo pelo qual os sujeitos obtêm a sua identidade étnica, estaria suscetível a mudanças, em razão da prevalência das técnicas corporais voltadas ao esporte de rendimento, suscitando o surgimento de outras identidades.

O esporte de alto rendimento, que tem como princípios a competitividade e a sobrepujança, pode gerar tensões ao ser apropriado pelas comunidades indígenas, visto que vai de encontro às suas bases cosmológicas. É necessário que esse fenômeno, então, seja reconhecido e compreendido dentro das suas múltiplas possibilidades, a fim de que se utilize aquela que melhor se adeque ao contexto.

Dentre as possibilidades, há o esporte em seu formato recreativo, no qual a ludicidade se apresenta de modo preponderante. Embora essa característica também seja marcante nos jogos e brincadeiras presentes nas etnias, o esporte, mesmo recreativo, diferencia-se das práticas corporais tradicionais indígenas, visto que estas possuem valores específicos vinculados a sua organização social.

A prática esportiva, então, a ser promovida e experimentada nas comunidades indígenas deverá contemplar diferentes dimensões, de modo que a sua finalidade não esteja voltada apenas para o rendimento, mas que também atenda a fins pedagógicos, de saúde coletiva e do desenvolvimento humano. Por isso, as pessoas que estarão à frente

dessas ações junto às etnias, além da compreensão das especificidades culturais da comunidade em que se encontram, precisarão conhecer a construção histórica do esporte, reconhecendo-o como um fenômeno cultural (Almeida, 2016).

[...] as pessoas veem que a gente pede visibilidade ou pede espaço, porque muitas vezes a gente fala que quer voz, mas voz a gente sempre teve, a gente só precisa de espaço. Eles confundem muito de que a gente quer uma abertura diferenciada e não, a gente não quer nada diferenciado. A gente quer também, dentro do esporte, que as políticas públicas sejam voltadas para dentro do nosso território. Eu acho que o esporte e esse espaço começam desde dentro do nosso território. Como que nós, mesmo que o município abra espaço na cidade para que a gente participe de campeonatos, de que forma que a gente vai estar preparado para enfrentar qualquer campeonato lá fora se a gente não tem nenhuma estrutura dentro da nossa comunidade? Então, acho que as políticas públicas têm que primeiro ter esse olhar de que a estrutura deve ser desde dentro da comunidade, porque os nossos atletas não moram na cidade. São da aldeia, então acho que a estrutura é a maior necessidade nossa de todos os territórios. Para o senhor ter ideia, o senhor conhece que o time das meninas iniciou agora esse ano passado iniciaram a jogar na quadra, sendo que nunca pisaram em uma quadra. Então, assim, qual a expectativa nossa se elas passam pelo primeiro time para nós gerar uma vitória de como se elas chegassem na final? Porque como que uma menina que joga sem nunca ter pisado em uma quadra... (Lid Pay 4 M).

Sendo os principais beneficiários das ações desenvolvidas em seus territórios, os povos indígenas possuem um papel indispensável na elaboração das propostas. Mas, como salientado pela liderança, precisam de espaço. Precisam ter a oportunidade para poder indicar as suas necessidades e demonstrar os seus desejos. As ações realizadas, que não são muitas, quase sempre ocorrem de maneira compulsória, impossibilitando a participação dos indígenas.

E, no caso do esporte, não contempla o principal gargalo, a infraestrutura física e material. Na fala de todas as lideranças essa situação é mencionada. Como será possível o desenvolvimento das práticas esportivas de maneira adequada sem o espaço e materiais adequados? Para que pudessem ter as mínimas condições de participar de uma competição de futsal, foi necessária a adaptação do espaço e da bola disponíveis. Para outras modalidades esportivas é praticamente inviável.

Nesse sentido, é importante considerar que cada aldeia (povo) também possui as suas próprias particularidades. O interesse por determinado tipo de estrutura e material não necessariamente irá ocorrer pelos parentes. Esse entendimento é uma extensão da compreensão do indígena de uma maneira genérica, em que todos os grupos formariam um único povo. Dessa forma, observa-se que a pretensão de muitas políticas públicas direcionadas a eles é que essa perspectiva homogeneizadora, de fato, se concretize, uma

vez que as singularidades de cada etnia, isto é, os seus códigos, símbolos e valores são desconsiderados.

Os modos próprios como cada grupo produz o corpo e as suas práticas corporais está relacionado com as especificidades presentes na produção de sua vida coletiva, as quais estabelecem diferenças tanto com a sociedade envolvente quanto entre si. Isso decorre do desenvolvimento histórico vivenciado por cada etnia a partir de suas relações sociais e ambientais peculiares vinculadas ao contexto em que estavam inseridas (Grando, 2015).

A melhor forma de identificar as características do grupo, de modo que elas sejam pontos de referência na composição de uma proposta, é ter a colaboração dos principais interessados, ou seja, os próprios membros da comunidade. Ora, se são os próprios indígenas que detém o conhecimento acerca de quais práticas corporais e/ou esportivas lhes despertam o interesse, quais necessidades materiais e de infraestrutura apresentam, como são organizadas as suas atividades sociais, é fundamental que tenham uma participação significativa nesse processo.

Contudo, fomentar essa participação proativa, mas não lhes proporcionar a aquisição dos conhecimentos técnico-científicos necessários a fim de subsidiar as escolhas, limita o seu protagonismo. O fenômeno esportivo faz parte da sociedade ocidental moderna, imbuído de sentidos e significados complexos, os quais precisam ser compreendidos pelos indígenas antes de poderem idealizar as suas propostas (Almeida, 2016).

O desafio em desenvolver ações de esporte junto aos povos indígenas passa, então, não apenas pela diversidade de práticas corporais a serem consideradas e que levem em conta as peculiaridades de cada povo, mas também por viabilizar ou não o protagonismo de cada um deles na estruturação de propostas que satisfaçam as suas necessidades (Alencar; Grando; Carvalho, 2019).

Quando os povos indígenas lutam para que políticas públicas garantam o seu acesso ao esporte, desejam que sejam consideradas as suas demandas específicas, resguardando os interesses e a vontade de cada povo. Nesse sentido, a sua finalidade é o fortalecimento e a valorização de suas culturas, até mesmo com a utilização de práticas corporais da sociedade ocidental, como o futebol (Luciano, 2016).

3 FUTEBOL

Neste capítulo, abordaremos a relação dos Karo Arara com o futebol. Como esse fenômeno mundial se faz presente na vida desse povo? A nível de organização, as experiências descritas serão agrupadas entre aquelas restritas ao ambiente da aldeia e aquelas que rompem esse limite. Espaços físicos, materiais, organização das equipes, jogos entre aldeias, contra outros povos indígenas e contra os brancos estarão entre os assuntos presentes nos próximos parágrafos. Mas, primeiro, falemos a respeito da relevância social desse esporte.

O futebol é uma manifestação sociocultural que apresenta diferentes facetas, em que algumas se contradizem entre si, mas, talvez, seja o que o torna fascinante. Ele pode ser percebido e/ou vivenciado como um esporte e/ou jogo, como um ritual e/ou espetáculo, como um meio de manipular as massas e/ou algo prazeroso. Envolver-se com ele demanda um amor intenso e treinamento, a começar pelo cumprimento rigoroso de suas regras, que são comuns e obrigatórias a todos os participantes. Esse conjunto de normas pode até ser flexibilizado, mas daí deixaria de ser um esporte (DaMatta, 1994).

Essa modalidade da forma como nós a conhecemos, com as suas regras, padronizações e institucionalizada, isto é, um esporte moderno, surge em meados do século XIX na Inglaterra. Há registros, alguns milenares, de sociedades que realizavam práticas corporais nas quais utilizavam uma bola (ou objeto semelhante) e os pés para o seu desenvolvimento. Contudo, não há nenhum indício concreto de que seriam um modelo sistematizado tal qual o dos ingleses.

No Brasil, a versão mais aceita é a de que esse esporte chegou no final do século XIX. Embora não haja unanimidade acerca do (s) responsável (eis) por tal ato, diz-se que Charles Miller, ao retornar ao país depois de um período de estudos na Inglaterra, trouxe consigo bolas, uniformes, um livro de regras e, a partir daí, deu início a popularização da modalidade.

Os movimentos iniciais da modalidade no país provocaram um sentimento dubio. Se, por um lado, a sociedade brasileira naquele momento, caracterizava-se pelos privilégios, hierarquias e ainda predominantemente racista, por outro lado, interessava-se por uma manifestação cultural que premiava o desempenho e não a sua classe social, etnia, dentre outros marcadores. A sua propagação em solo brasileiro se dá a partir do momento em que se separa aquilo que acontece no seio social e o que acontece no campo de jogo (DaMatta, 1994).

Ao longo dos anos, a conexão estabelecida entre a sociedade brasileira e o futebol se intensificou tanto que muitos se esquecem de sua origem inglesa e acreditam ser um produto nacional, tal qual o samba, a feijoada, dentre outros. Este fato, aliás, é um indicativo de como essa modalidade mobiliza o povo brasileiro. Com efeito, pode indicar, também, a sua associação com a questão identitária, tanto individual quanto coletiva (DaMatta, 1994).

O fator identidade pode ser percebido de diferentes maneiras na dinâmica social brasileira, seja por discursos ou ações concretas. Pode ser verificado quando o Brasil é denominado o “país do futebol”; quando, durante as partidas da seleção masculina em copas do mundo, as atividades profissionais são suspensas e as pessoas se reúnem para poderem acompanhar juntas; quando o presente mais desejado por muitas crianças é uma bola; quando em ruas, quadras, campos, quintais, aldeias, dentre outros espaços físicos, com muita frequência, observa-se um grupo de pessoas jogando futebol ou uma de suas variantes. Poderíamos citar ainda outros exemplos que demonstram como esse fenômeno está arraigado no cerne da sociedade brasileira.

Todo esse sentimento e identificação que ele desperta na população indica como pode ser entendido por diferentes ângulos. Dessa forma, mesmo que o futebol esteja alinhado à ótica capitalista e elitista, calcado na espetacularização do jogo e no consumo, também permite a vinculação dos indivíduos por meio da atribuição de valores culturais e da construção de identidade sociais. Ou seja, ele torna possível o trânsito entre valores locais e particulares com os de caráter universal (DaMatta, 1994).

De acordo com Vogel (1982), a identificação da sociedade brasileira com o futebol é perceptível pelo espaço que esse fenômeno ocupa no seu dia a dia. Em encontros casuais, quase sempre é um dos temas que emergem nas conversas, seja entre conhecidos ou estranhos. Mesmo aqueles que não são tão apaixonados e acompanham com tanto afínco possuem algo a falar do seu time e/ou do futebol. Outro aspecto é a ruptura que ele provoca na distância entre as camadas sociais. Seja a pessoa mais simples ou a mais ostentosa não será a hierarquia social que impedirá essa aproximação em torno da modalidade. Na verdade, às vezes pode acontecer de haver uma distância em relação aos pares que se encontram na mesma camada social.

Um dos papéis que mais reforçam essa nossa identificação com o futebol é o de torcedor. É por meio dele que sentimos alegria e tristeza, satisfação e frustração, muitas vezes até de forma simultânea. Seja pela seleção nacional (muito menos atualmente) ou, principalmente, pelo nosso time, somos envolvidos por um sentimento arrebatador que

nos mobiliza a agir de forma incomum (eventualmente irracional) e/ou de achar que possuímos competências ocultas, visto que todo torcedor acredita fielmente que sabe qual é a melhor escalação e/ou forma de jogar para a sua equipe (Vogel, 1982).

Embora a sensibilização causada pela seleção brasileira masculina de futebol seja cada vez menor, foi a partir dela que ocorreu a associação do futebol à identidade social brasileira. Mostero, Helal e Amaro (2015) salientam que a construção do entendimento do Brasil como o "país do futebol" iniciou na década de 1930. Naquele período o país passava por momentos de transformação. O acesso a informações e, por conseguinte, a construção de novas ideias alcançavam diferentes grupos na sociedade brasileira. Ou seja, delineava-se um ambiente social heterogêneo.

Ao mesmo tempo em que a discussão de uma identidade nacional acontecia, o apreço pelo futebol aumentava consideravelmente, tornando-o, rapidamente, o esporte mais popular do país. Um evento, nesse sentido, teve papel marcante. O torneio Sul-Americano de Futebol realizado no Brasil em 1919 consagrou o país tanto na questão esportiva, visto que foi campeão, quanto em sua organização. O torneio concorreu para o deslocamento do futebol da elite, que o tinha introduzido, para a grande massa, em um processo que se apresentava definitivo (Mostero; Helal; Amaro, 2015).

A popularidade alcançada pelo futebol propiciou a ampliação de sua prática entre as pessoas com condições de vida mais precárias. Contudo, não obstante a modalidade estar cada vez mais presente na sociedade brasileira, dois aspectos geravam muita discussão e dominariam os debates acerca da modalidade nas décadas de 1920 e 1930, quais sejam, a questão racial e a profissionalização (Mostero; Helal; Amaro, 2015).

E é justamente essa questão racial que possibilitará ao futebol ser um colaborador decisivo para a construção da identidade nacional. O desafio que se apresentava era: como agrupar dentro de uma mesma identidade negros e brancos? A forma como vinha ocorrendo o desenvolvimento social e econômico do país não permitia uma segregação racial no processo de unificação de uma identidade. Após muitos embates, a proposta constituída pelo governo que ressaltava a importância das três raças (também indígena) na formação da sociedade brasileira prevaleceu. E o futebol foi o responsável por concretizar o simbolismo da mestiçagem do país (Mostero; Helal; Amaro, 2015).

Nesse sentido, a copa do mundo de 1938 foi fundamental para as pretensões do governo à época, capitaneado por Getúlio Vargas. Ele acreditava que com um bom desempenho apresentado pela seleção (e o título), a população se encheria de orgulho e reforçaria o fator identitário a partir daquela equipe miscigenada. E foi o que aconteceu.

A população e a imprensa estavam encantados com a forma de jogar da seleção brasileira. Inclusive, é aí que surge a ligação do Brasil com o "futebol arte", que também é reforçado pela imprensa internacional. Um modo de jogar futebol que só era possível pela mistura étnica (e as suas características) dos jogadores (Mostero; Helal; Amaro, 2015).

É a partir do futebol, então, que se torna possível a união entre Estado nacional e sociedade. Se, em um primeiro momento, essa identidade foi marcada pela tristeza e frustração, por não terem obtido títulos, principalmente em razão da derrota na final da copa do mundo de 1950, ao longo das décadas e das conquistas mundiais, esse sentimento foi ressignificado para a percepção de um povo como criativo, generoso e orgulhoso. Que, não obstante todas as mazelas sociais, é possível vencer, mesmo que de forma momentânea (DaMatta, 1994).

A respeito das implicações que a participação da seleção brasileira masculina em eventos internacionais gerava antigamente, Vogel (1982), analisando o futebol no Brasil a partir da perspectiva do ritual tendo como pano de fundo as copas do mundo de 1950 e 1970, faz uma comparação interessante entre esses dois eventos e o modo como é possível perceber a sociedade brasileira por meio do desempenho nessas competições. O primeiro aspecto a ser relacionado se refere ao fato de que ser o primeiro, ou seja, ser o melhor (o vencedor), é algo inegociável. No código hierárquico do país só se possui algo significativo quando se está no topo. Abaixo disso, não se dá relevância. O segundo aspecto diz respeito ao valor atribuído ao resultado. Alcançar a vitória ou a derrota trará diferenças notáveis como desdobramento. Em 1950, a perda do título em casa gerou dor, sofrimento e humilhação. Os "culpados" por tamanho vexame prosseguiram com essas marcas, como o goleiro Barbosa por exemplo, enquanto estiveram vivos. Já em 1970, a reação despertada na nação foi outra. Satisfação, euforia e orgulho acompanhavam as pessoas após o jogo. Além disso, os "heróis" do tricampeonato são reverenciados até os dias atuais (e provavelmente continuarão a ser).

E o terceiro é que, embora os eventos sejam totalmente opostos, assemelham-se ao impacto causado na identidade social. Ou seja, tanto a derrota acachapante de um quanto a vitória emblemática do outro foram importantes no processo de construção da nossa identidade (Vogel, 1982).

É bem verdade que se durante muito tempo a forte ligação da sociedade brasileira com o futebol era simbolizada pelo engajamento da população proporcionado pela participação da seleção masculina nas copas do mundo de futebol, tem-se notado a diminuição da força dessa ligação. Embora, como mencionamos anteriormente, em dias

de jogo da copa do mundo as pessoas se reúnam para acompanhar, o entusiasmo gerado já não é mais o mesmo.

A expectativa com o desempenho do esporte nacional vem esmaecendo ao longo das décadas. E a derrota é um bom parâmetro. Se o resultado adverso na copa de 1950 causou um impacto devastador na população, derrotas mais recentes como o 7x1 pra Alemanha em 2014 e 2x1 para Bélgica em 2018 não trouxeram consequências funestas para os jogadores e nem um sentimento de luto para a população e para a imprensa (Da Costa; Helal, 2022).

Essa diminuição ao longo das décadas, notadamente a partir dos anos de 1990, da identificação da sociedade brasileira com o futebol por meio da seleção nacional masculina foi investigada por Da Costa e Helal (2022) por meio da análise de jornais de grande circulação nacional. Os autores verificaram que, nas copas de 1950 e 1970 derrota e vitória, respectivamente, causaram um frenesi social, mas não se pode dizer o mesmo dos resultados das copas de 1994, 2002, 2014 e 2018, também preenchidos por vitórias e derrotas. A comoção que se observava anteriormente tem sido cada vez menor diante das participações em copas do mundo.

Contudo, a indiferença que por ora é observada em relação a seleção masculina de futebol não deve ser estendida a outros domínios da modalidade no país. Nem mesmo no caso da torcida. A paixão que o clube do coração desperta nas pessoas é capaz de fazê-las percorrerem grandes distâncias para poder acompanhá-lo, criar vínculos com pessoas recém conhecidas e, pelo lado negativo, envolverem-se em situações de violência. Com efeito, as experiências proporcionadas pelo universo do futebol, seja como torcedor, consumidor, jogador, gestor, dentre outras, representam uma dimensão importante da dinâmica social.

E é por isso que DaMatta (1994) ressalta que o futebol torna possível compreender em muitos aspectos a sociedade brasileira. De acordo com o autor, um primeiro aspecto reside no fato dessa modalidade possibilitar a integração social. Embora a divisão seja um elemento constante dentro da sociedade devido a questões políticas, institucionais, religiosas, dentre outras, o futebol tem a capacidade de reunir e organizar uma coletividade em torno de um mesmo objetivo.

Um segundo aspecto, também relacionado a essa força integrativa, refere-se à possibilidade da experimentação do êxito, principalmente para aqueles que têm condições de vida mais precárias. Apesar de ser propagado que o sucesso está ao alcance de todos, não é o sentimento que boa parte da população experimenta. Assim, seja pelo seu time do

coração, pela seleção ou, até mesmo, por quem joga, torna-se palpável essa "vitória", que não é experimentada no dia a dia em outras instituições, tais como, a educação, saúde, dentre outros (DaMatta, 1994).

Por fim, e relacionado aos anteriores, há o sentimento de igualdade e justiça propiciado pelo futebol. Em um ambiente regido por regras, que valem para todos, será aquele que tiver mais mérito, e às vezes um pouco de sorte, que sairá vencedor. Não logrará êxito por ser rico, branco, dentre outros marcadores sociais assimétricos. Tem que ter talento, esforço e desempenho para se sobressair. Se no cotidiano, é comum para uma parcela considerável da população se sentir frustrada e injustiçada por haver um grupo de privilegiados que, mesmo sem esforço, sempre se dão bem, no futebol isso é possível de ser revertido, já que não há vencedores e derrotados de forma pré-determinada (Da Matta, 1994).

Além do projeto de estado para tornar o futebol como parte da identidade nacional, a facilidade de se adaptar a sua prática em diferentes situações também foi um elemento fundamental para a sua popularização no país. A possibilidade de ser realizado em várias superfícies (campo, quadra, areia, terra, dentre outras), com a utilização ou não de materiais oficiais (bola, uniformes, chuteiras, dentre outras) e com diversos arranjos de jogos e/ou jogadores (rebatida²², futebol 7, dentre outros) tornou a sua prática mais acessível e atrativa. E, com essas diferentes experiências, um repertório técnico maior para os seus praticantes. Até por isso, os jogadores brasileiros têm a sua capacidade técnica reconhecida e exaltada em todo o mundo.

A sua capacidade adaptativa e, por conseguinte, a possibilidade de ser realizado em diferentes circunstâncias, fez com que o futebol fosse introduzido e se tornasse adorado entre os povos indígenas. É muito comum que nas aldeias espalhadas pelo Brasil haja a presença de pelo menos um campo de futebol (às vezes também uma quadra poliesportiva) e que cotidianamente, geralmente aos finais de tarde, os moradores se reúnem para “bater uma bolinha”.

A origem temporal da presença do futebol entre os povos indígenas irá variar de acordo com o contexto. Fassheber (2006) relata que a partir de depoimentos coletados junto aos Kaingang, a modalidade se faz presente entre eles desde, pelo menos, a década

²² A rebatida é um jogo em que são formadas equipes de dois ou três jogadores em que o objetivo é fazer mais gols que o seu oponente. Cada jogador tem direito a três cobranças de pênalti e caso o gol seja feito após a cobrança ter sido defendida pelo goleiro ou ter batido em uma das partes das traves, o gol valerá mais de um.

de 1930. Já Oliveira (2018) verificou que entre os Karipuna o futebol está presente desde a década de 1960. Por outro lado, nos Munduruku, pertencentes a aldeia Nova Munduruku, o seu início remete ao ano de fundação da comunidade, 1988 (Nascimento, 2015).

Ainda sobre os Munduruku, Nascimento (2015) relata que no início os jogos aconteciam com uma bola adaptada, confeccionada com meias e panos. Este fato, todavia, não era um obstáculo para a alegria e satisfação que os participantes tinham em jogar. Esses primeiros momentos do esporte na aldeia Nova Munduruku, às vezes, eram mais intensos, em razão de algumas jogadas mais duras, que propiciavam o surgimento de conflitos.

O envolvimento com esse fenômeno por parte dos Laklãnõ/Xokleng decorre dos primeiros contatos com os brancos, entre as décadas de 1930 e 1940. Acerca do aprendizado da modalidade pelos indígenas, alguns relatos apontam para a participação do chefe do posto indígena, enquanto outros atribuem as observações realizadas dos jogos dos brancos por meio do deslocamento até os municípios próximos (Fermino, 2012).

A compreensão do funcionamento do jogo e, por conseguinte, de sua prática frequente suscitou alguns fatos interessantes entre os Laklãnõ/Xokleng. O primeiro refere-se às pessoas acenderem fogo ao redor do campo para poderem jogar até mais tarde. O segundo era o convite para os brancos virem à aldeia nos finais de semana. Dessa forma, a inserção da modalidade entre eles ocorreu de forma gradativa, conquistando muitos adeptos ao longo do tempo e se tornando uma prática corporal com presença constante (Fermino, 2012).

Em todos esses trabalhos, os autores mencionam a participação direta dos brancos através da presença do Estado

[...], pela instalação de linhas de transmissão que avançavam rumo às terras indígenas, seja pelas missões religiosas que usavam o futebol como contrapartida na tentativa de “civilizar”, de “pacificar” populações e suas modalidades de disputas corporais (Costa, 2021, p.4).

Em relação aos Karo Arara, em todas as conversas que tive também é mencionada a participação direta dos brancos para que o futebol viesse a fazer parte de suas vidas. Embora não apontem com precisão a data de quando entraram em contato com a modalidade pela primeira vez, destacam que foi no período do seringal, um dos momentos históricos em que se deslocavam bastante antes de fixarem residência nas aldeias atuais,

conforme Santos (2015). Um fato interessante de seu envolvimento com o esporte nos primórdios diz respeito à bola. Para poderem jogar, quase sempre, precisavam fabricá-la com o látex extraído da seringueira.

Com o passar do tempo, o futebol foi caindo no gosto dos Karo Arara. E não somente deles. São vários os relatos de povos indígenas em que o esporte ocupa um lugar importante em suas vidas, como entre os Kaingang (Fassheber 2006; Silva, 2014), Xavante (Vianna, 2001), Bororo (Grando, 2004; Almeida, 2013), Laklãnõ/Xokleng (Fermino, 2012), Guarani e Kaiowá (Rodrigues, 2014) e Munduruku (Nascimento, 2015). A sua presença ocorre no cotidiano, em festividades, em eventos dentro e fora da aldeia. Também atrai a atenção de crianças, jovens, adultos e idosos, seja para assisti-lo ou para jogá-lo. Ou seja, o futebol mobiliza uma comunidade indígena de diferentes modos.

Nesse sentido, Almeida (2013) afirma que os Bororo de Meruri atribuem diversos sentidos a esse esporte. Os anciãos, por exemplo, possuem as suas ressalvas por relacionarem a sua prática ao desinteresse dos jovens com o trabalho. Para os missionários salesianos é algo positivo, visto que ocupa o tempo livre dos jovens, afastando-os de se envolverem com o consumo de bebidas alcoólicas. Já para os jovens, além de possibilitar se relacionarem com os seus pares, constitui-se como uma possibilidade de se tornarem atletas profissionais.

Fermino (2012) destaca que entre os Laklãnõ/Xokleng pode se verificar que a motivação para a prática do futebol na aldeia é a expansão de suas relações de sociabilidade, que se manifesta no encontro com as pessoas que não mantiveram contato durante o dia ou durante a semana. Também é um momento de se distanciar, mesmo que temporariamente, dos problemas do dia a dia e aliviar o estresse das aulas e do trabalho.

Ainda acerca desse povo, à medida que o conhecimento acerca da modalidade ia aumentando, principalmente por meio do contato com os brancos, a sua presença na aldeia foi se tornando mais estruturada. Dessa forma, a finalidade da prática que, no início, era a reunião das pessoas e a diversão, passa para o alcance de um bom rendimento esportivo, viabilizado por um processo de seleção de jogadores e participação em campeonatos municipais. O ingresso nessas disputas também está relacionado com a demonstração de que sabem jogar futebol para os brancos e desconstruir a visão preconceituosa ainda presente entre moradores da região (Fermino, 2012).

Os Kaingang, a partir da leitura de Fassheber (2006), concebem o futebol como um espaço de sociabilidade bastante agregador. Além disso, relacionam o bom desempenho no futebol com o exercício da liderança, ou seja, eles procuram aproximar

as pessoas que se destacam na modalidade da função de liderança. Assim, para o autor, o futebol atua como um revelador de identidades, posto que aquele que é um bom jogador possivelmente será um bom político.

A socialização proporcionada pela modalidade igualmente é notada nos Sateré-Mawé. Chiquetto (2014) verificou que o futebol exerce um papel importante em suas relações de sociabilidade, propiciando a construção de uma ampla rede de amizades e parentesco, nas quais se fortalecem alianças e rixas junto às pessoas com as quais conviviam em Manaus. Para ilustrar esse entendimento, o autor diz que quando as pessoas do próprio povo visitavam pessoas de outras comunidades, imediatamente eram convidados para jogar futebol. Desse modo, os primeiros contatos e aproximações se davam no campo de futebol.

Em relação ao que se espera alcançar com a prática do futebol, Vianna (2001) verificou diferentes possibilidades junto aos Xavantes. Enquanto um de seus interlocutores acreditava que o esporte deveria servir para transmitir a filosofia da aldeia, em que seriam escolhidos para participar de competições aqueles que se dedicassem aos treinos e tivessem orgulho em representar a aldeia, para outro (e que levava a equipe para os campeonatos) deveriam participar, acima de tudo, os melhores.

Essa tensão desencadeada pelo futebol entre os povos indígenas, conforme observado acima, também pode ser observada em mais de um contexto, embora com diferenças. Entre os Kadiwéu, isso ocorre por conta da preferência pelo futebol ante as festas tradicionais por parte dos jovens e líderes esportivos. Essa modalidade estava se fazendo presente de forma constante nas festas da cultura. Dessa forma, respeitando o apreço pelo esporte, procuraram outros momentos para sua vivência, em que não sobrepujem às práticas tradicionais (Vinha; Rocha Ferreira, 2003).

Portanto, a maneira como o futebol se apresentará entre os povos indígenas ganhará contornos próprios de acordo com a localidade. Os sentidos e significados atribuídos por uma aldeia poderão ter aproximações e/ou distanciamentos com aqueles referentes a outro agrupamento do seu próprio povo e/ou de outros povos a depender do tempo que praticam e do intercâmbio realizado junto a outros grupos, notadamente os brancos. Por isso, é fundamental que se verifique a forma como ocorre o desenvolvimento da modalidade tanto dentro quanto fora da aldeia. O que será feito a seguir.

3.1 O futebol dentro da aldeia

A prática futebolística nas aldeias de Paygap e Iterap ocorre diariamente. Na Cinco Irmãos, que possui uma quantidade menor de moradores, dá-se de forma mais eventual, sendo que o habitual é jogarem em Paygap. A presença da modalidade na rotina desse povo não significa que conte com a participação de muitas pessoas (sobretudo adultos) e se desenvolva por meio do simulacro de sua versão oficial (11x11). É possível observar nos espaços apropriados (campos de jogo das aldeias) ou nos alternativos (quintais e terreiros²³) agrupamentos, especialmente de crianças e adolescentes, divertindo-se por meio de variações da modalidade, tais como o jogo de altinha, o chute ao gol ou jogos com equipes de tamanho reduzido (2x2 ou 3x3)²⁴.

Com efeito, a convivência me fez perceber a predileção que possuem por essas formas variantes do futebol, especialmente o chute ao gol. Mesmo quando estão reunidos para outra finalidade, como as sessões de treinamento, por exemplo, aproveitam qualquer momento em que não esteja tendo atividade para jogar. Nas partes urbanas próximas a aldeia (Ji-Paraná e Nova Colina), podemos verificar que se destacam outros jogos, como a fração e a rebatida²⁵. Questionei, então, um grupo de jovens com quem conversava em Paygap se conheciam esses outros jogos e eles responderam que sim, mas que preferiam o chute ao gol.

Entre os Xavante, Vianna (2001) verificou que no seu dia a dia, o futebol ocorre aos finais de tarde com a presença de homens mais velhos, jovens e adolescentes. A prática pode se dar por meio do jogo propriamente dito ou através de jogos reduzidos, como o futevôlei, o bobinho ou ficar praticando chutes ao gol. Este último, aliás, assim como os Karo Arara, é o modelo pelo qual tem maior predileção.

Rodrigues (2014) observou em seu trabalho com os Guarani e Kaiowá que existe um coordenador responsável pela organização do futebol dentro da Terra indígena. Dessa forma, são estabelecidos dias para os treinamentos (equipes infantis, feminina e adulto), assim como para torneios/campeonatos e atividades de lazer.

²³ Termo utilizado para designar um espaço plano amplo de terra, geralmente plano, próximo a uma casa.

²⁴ Esses jogos costumeiramente são realizados pelas crianças menores e, quase sempre, em espaços pequenos, como os terreiros.

²⁵ Fração é um jogo no qual 2 (ou três) jogadores tentam fazer um gol, tendo como um oponente somente um goleiro. As regras podem variar de acordo com o local, mas, de uma forma geral, cada jogador só pode dar um toque em sequência, tem que finalizar fora da área delimitada, se o goleiro defender 3 chutes de um mesmo jogador, a bola for acertada três vezes na trave (infrações) ou chute for dado direto para fora, esse jogador troca de lugar com o goleiro. Caso consigam fazer três gols, as infrações são apagadas e reinicia-se o jogo.

No caso dos Bororo da aldeia Meruri, Grando (2004) salienta que a organização da sua prática dentro da comunidade acontece aos finais de semana, quando os cinco times masculinos e os dois femininos disputam partidas entre si. Os horários e a ordem dos jogos são definidos em reuniões no decorrer da semana. A finalidade dessa forma de organização é promover a socialização entre os participantes e evitar o surgimento de confusões em razão da definição de quais equipes irão jogar primeiro.

Cada equipe possui um líder, representado na figura do capitão ou do dono caso estejam presentes, a quem é atribuído o papel de definir os jogadores que iniciarão o certame. Também é de sua responsabilidade a distribuição dos uniformes. Este material, em geral, é adquirido via a contribuição de todos os integrantes, seja por meio da doação em dinheiro ou de artesanato. No caso da chuteira, outro material imprescindível, caso o jogador não consiga, o dono do time tentará viabilizar uma (Grando, 2004).

Nesses jogos do final de semana, há a busca por apresentar o melhor desempenho, aprimorar os conhecimentos técnicos, táticos e as regras. Contudo, em que pese o desejo de vencer, é a dimensão lúdica que predomina nesses momentos. Não há competitividade exacerbada. Desse modo, o mais comum é que não haja conflitos nas partidas (Grando, 2004).

Uma outra finalidade atrelada aos jogos na aldeia Meruri é a observação do desempenho dos jogadores. A partir desse acompanhamento, os que se destacarem serão selecionados e convidados a fazer parte da equipe que disputará as competições fora da aldeia. Nesse processo, somente jogar bem é insuficiente, pois o seu conhecimento acerca da cultura e a sua receptividade para aprender a se comportar diante de outros povos e dos brancos também é levado em consideração (Grando, 2004).

Entre os Laklânô/Xokleng, conforme relata Fermino (2012), o futebol possui muitos adeptos e é praticado em diferentes espaços, tais como as aulas de Educação Física, nas "peladas", jogos aos finais do dia, torneios contra outros povos e campeonatos municipais contra os brancos. A quadra na escola da aldeia constitui-se como o principal espaço para os jogos, em que se reúnem de quatro a cinco vezes por semana para jogarem no período noturno. Ou seja, o envolvimento corriqueiro é com o futsal, principalmente quando estão disputando campeonatos na cidade e aproveitam esses momentos para se prepararem. Embora a infraestrutura do local apresente muitos problemas que, inclusive, oferecem riscos aos participantes, as partidas acontecem.

Já o futebol fica restrito aos sábados à tarde, quando se reúnem no campo da aldeia. Estes jogos possuem características especiais, visto que após o seu término os

jogadores e as pessoas que foram assistir realizam uma pequena confraternização com bebida e música, que segue até algumas horas da noite quando decidem se dirigir até outro local, geralmente um bar ou uma casa noturna, para darem continuidade a comemoração (Fermino, 2012).

Os Kaingang da Terra Indígena (TI) Xapecó praticam o futebol e algumas de suas variantes, o futsal e o futebol de sete. Desde o período de surgimento das equipes, acontecem competições e jogos dentro da TI, assim como participam de competições em municípios próximos. O mais comum era a realização de partidas amistosas, sendo um jogo na cidade e outro na aldeia, embora nem sempre a equipe da cidade comparecia para a partida fora de seus domínios (Silva, 2014)

A prática entre os Munduruku, da aldeia Nova Munduruku, dá-se aos finais de semana no período vespertino. A oportunidade de participar é concedida a todos, de modo que aqueles que tiverem interesse podem jogar. O que se espera alcançar com a modalidade dependerá do contexto. Para as disputas fora da aldeia a finalidade é apresentar um bom desempenho, o domínio das regras oficiais e estar atento ao que acontece no meio futebolístico dos brancos. Já na aldeia, o propósito é adequar a cultura local (Nascimento, 2015).

A participação dos jovens mais velhos e dos adultos geralmente ocorre em jogos ao final do dia. Durante os dias de semana, estão envolvidos com os estudos e/ou com o trabalho (roça, atividades em casa, atividades laborais). Mas, mesmo aos finais de semana, os jogos se mantêm mais ou menos no mesmo horário devido ao forte calor que assola a região durante praticamente todo o ano. O formato dos jogos é determinado menos pela quantidade de participantes do que pelo tamanho do campo, apresentando diferenças entre Paygap e Iterap²⁶. De todo modo, em ambas as aldeias, a sua dinâmica é similar às “peladas”²⁷ que observamos entre os não indígenas. Pelo fato da minha presença estar relacionada, geralmente, com a realização de treinamentos, não consegui acompanhar muitos jogos que ocorressem a partir da própria organização dos moradores. Dessa forma, além das minhas observações, as informações referentes a esses momentos são oriundas de conversas informais, das entrevistas, de grupos do *Messenger* do *Facebook* e do *WhatsApp*.

²⁶ Como a presença do futebol não ocorre de maneira significativa no dia a dia da aldeia Cinco Irmãos, está não será apresentada.

²⁷ Termo designado para se referir a prática do futebol de forma recreativa e, geralmente, com flexibilidade das regras oficiais.

Em Paygap, por ser uma aldeia menor e as casas serem mais próximas umas das outras, nos jogos que acompanhei, o seu início é combinado por meio da comunicação interpessoal direta entre os participantes. Mesmo aqueles que não foram comunicados, seja por estarem trabalhando ou envolvidos em alguma outra atividade na aldeia ou fora dela, conseguem perceber quando o jogo está para começar em razão do campo ficar na entrada da aldeia e ser possível ouvir o som da bola sendo chutada e os atletas conversando (ou rindo) há uma boa distância. Em conversas com o pessoal da aldeia, eles informaram que também se organizam através dos grupos de *WhatsApp*.

A partir da reunião de, pelo menos, dez atletas, os times começam a ser organizados. Nos jogos em que há a presença de adultos, a idade mínima dos participantes que pude verificar foi de doze anos. Apesar de muitos possuírem chuteira, nem sempre fazem uso do apetrecho nesse tipo de jogo. Inclusive, alguns preferem jogar descalço, o que acarreta riscos para si próprio no transcorrer das partidas, visto que a competitividade e os embates físicos intensos são traços marcantes do *ethos* futebolístico arara.

Este modo de conceber a prática do futebol por parte dos indivíduos Karo Arara (todas as aldeias), aliás, sempre me chamou atenção. O jogo pode ser na própria aldeia, contra os parentes²⁸ da outra aldeia, contra outro povo indígena ou contra os não indígenas. Não importa. A postura competitiva e o uso da força física (algumas vezes até de forma excessiva) estão presentes. A valorização dessas valências físicas também foi observada em outros povos (Fassheber, 2006; Rodrigues, 2014; Vianna, 2001; Vinha, 2004). Mas, se entre a maior parte dos não indígenas, essa combinação de elementos provavelmente resultaria em discussões e/ou confusões, não é o caso aqui. Eles mantêm uma conduta ética e respeitosa que se revela através dos seus movimentos, os quais, mesmo quando ocorrem com o uso desproporcional da força, são compreendidos pelo seu oponente. Evidentemente há exceções e, dessa forma, pode ocorrer descontentamento da outra parte. No entanto, não acompanhei qualquer conflito derivado de disputas mais ríspidas durante as partidas e os relatos obtidos indicam poucos episódios, que foram solucionados rapidamente.

Em uma boa parte dos jogos que acompanhei em Paygap, as meninas/mulheres participaram junto com os meninos/homens. Em algumas ocasiões, possuíam a quantidade de atletas necessária para jogar somente entre si. Questionadas acerca dessa

²⁸ O termo parente é empregado por eles para se referir a outros indígenas.

situação, disseram-me que até pouco tempo atrás (há uns dois anos) era comum jogarem juntos, mas que desde então têm se posicionado de forma a terem o seu próprio horário.

Essa situação, a emergência de tempos e espaços para jogar futebol por parte das mulheres, aponta uma contradição entre o discurso dos homens e o que acontece na prática, inclusive de lideranças, a respeito do envolvimento das mulheres com a modalidade. Embora enfatizem a importância da liberdade de escolha das meninas/mulheres em relação a jogar futebol e vejam com bons os olhos o seu interesse, na divisão dos horários deixam, na maior parte das vezes, o primeiro para elas, em que o calor é mais intenso. Além disso, em outros momentos, elas precisam se impor para que os meninos/homens saiam do campo e não atrapalhem a partida, sendo que recebem como resposta expressões como “vão lavar louça” e “vão lavar roupa”. A participação delas não se dá, assim, sem desafios. Os desdobramentos dessas situações e o protagonismo feminino no campo esportivo serão discutidos no próximo capítulo.

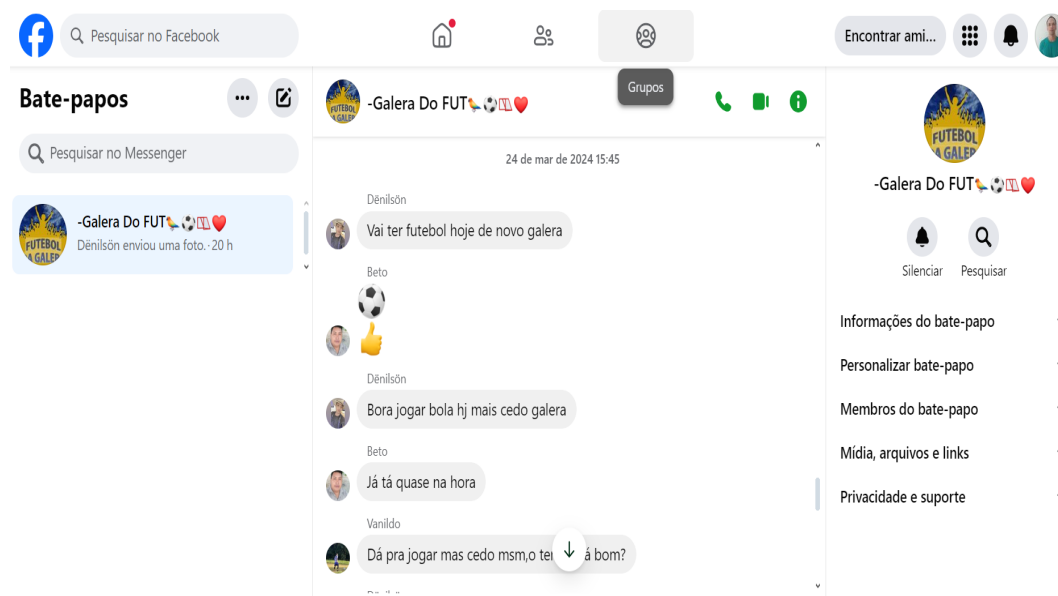
Retomando aos aspectos práticos dos jogos, no que concerne a formação das equipes, não há um critério único utilizado. De acordo com a Lid Pay 4, as equipes são organizadas por faixa etária e/ou parentesco. No primeiro caso, os jovens com menos idade (até 15 anos) não fariam parte dos jogos com os adultos, pois não estariam aptos fisicamente e ficariam restritos à sua faixa etária. No segundo caso, as equipes seriam formadas a partir de um parentesco mais próximo, em que os filhos e/ou os netos do cacique (Pedro) e de sua esposa (Maria) comporiam uma equipe e os descendentes dos familiares de Maria a outra. Contudo, nenhum dos jogos que acompanhei se deu por meio dessa configuração.

Em minhas observações e a partir dos relatos de outras lideranças e atletas, o ordenamento dos participantes ocorre de maneira aleatória, em que dois participantes são responsáveis por selecionar os demais atletas, ou por equidade, em que se considera a qualidade dos jogadores na distribuição. Esses formatos são os que costumeiramente observamos entre os não indígenas.

Dessa forma, não obstante ser tentador do ponto de vista investigativo sugerir que o parentesco, conforme relatado pela Lid Pay 4, é um fator levado em consideração na montagem das equipes nos jogos entre os moradores de Paygap, os elementos concretos nos apontam para uma outra direção. Na verdade, a Lid Pay 5 mencionou que houve algumas tentativas de que fosse feito dessa forma, mas, ao perceberem que o desequilíbrio técnico entre as equipes estava afetando as partidas, abandonaram a ideia.

Em Iterap, uma aldeia maior na qual os moradores se encontram em vários agrupamentos mais ou menos distantes uns dos outros, as redes sociais ocupam um papel fundamental, sobretudo o *Messenger* do *Facebook*. Embora o aplicativo *WhatsApp* seja a ferramenta digital de comunicação preferida dos brasileiros (Dourado, 2025), por algum motivo que não sei explicar e nem os moradores com quem conversei, nesta aldeia o seu uso é reduzido. Desse modo, o estabelecimento dos horários, a sua antecipação devido a condições climáticas favoráveis e o lembrete do início das partidas para aqueles que esqueceram, ocorre através de um grupo naquele *app*²⁹ (Figura 28). Mesmo que não tenha a presença de todos os praticantes, encontra-se, pelo menos, um morador de cada uma das pequenas aldeias. Assim, as informações referentes aos jogos conseguem chegar a todos os interessados.

Figura 28 – Jogadores de Iterap combinando a prática do futebol



Fonte: Grupo do *Facebook* dos jogadores de futebol de Iterap.

Se, atualmente, as tecnologias digitais facilitam a prática do futebol, antigamente se dava de outra forma. Em conversas com os moradores, relataram que marcavam com antecedência, ou seja, quando se encontravam no dia ou período anterior combinavam de jogar posteriormente. Os jovens, por exemplo, ao se encontrarem na escola, já deixavam o local e o horário pré-estabelecido.

Diferentemente de Paygap, em Iterap os homens e as mulheres, na maior parte das vezes, não jogam juntos. Com uma quantidade maior de participantes, principalmente

²⁹ Abreviação para o termo “aplicativo”.

homens, e dada a postura extremamente competitiva deles, a “mistura” dos gêneros ocorre mais entre crianças e adolescentes, em que as diferenças físicas são menores. No entanto, as discussões acerca dos privilégios deles e as contradições nas falas das lideranças também estão presentes. Há uma ideia de tentar viabilizar um campo somente para as mulheres, mas ainda não foi concretizado.

As equipes são formadas a partir de duas formas: com dois responsáveis escolhendo as equipes ou por afinidade. A primeira forma ocorre de modo similar a Paygap. Já a segunda, de acordo com os meus interlocutores, como eles possuem mais afinidade com uns do que com outros, já mantém times pré-definidos que, se todos estiverem presentes, jogaram com aquela configuração. Se faltar alguém, convidam outra pessoa para fazer parte.

A constituição das equipes para os jogos do cotidiano apresentadas pelos Karo Arara ocorre de forma muito similar aos brancos. Por outro lado, a dinâmica de organização do futebol do dia a dia entre povos indígenas apresentará critérios variados. Dessa forma, a escolha de um jogador em detrimento de outro poderá estar relacionada a questões de afinidade, de parentesco, de desempenho, dentre outros.

Entre os Kaingang da TI Xapecó, Silva (2014) salienta que o principal fator que aproxima um indivíduo de uma equipe é a afinidade. Na organização social desse povo, dá-se a divisão em duas metades, Kamé e Kairu. No entanto, este elemento da cultura tradicional não interfere na inclusão de um jogador em uma ou outra equipe. O que importa, de fato, é que jogue bem.

Também junto aos Kaingang, Fassheber, (2006) ao discutir sobre a composição das equipes em outras duas TI, destaca alguns aspectos interessantes. Na TI Rio das cobras, a patrilinearidade, elemento de sua cultura tradicional, influencia a inserção de um jogador em uma equipe. Ou seja, segundo os seus interlocutores, quando o jogador inicia a sua participação na modalidade, o seu pai é quem define para qual time jogará. Já na TI de Palmas também ocorre a influência dos sogros em relação aos genros nesse processo. Este segundo movimento de encaixe de um indivíduo em uma equipe está relacionado com uma característica de sua cultura tradicional, na qual o genro deverá trabalhar para o seu sogro.

No início da organização do futebol entre os Laklãnô/Xokleng, de acordo com Fermio (2012), a formação das equipes era norteadas pela questão familiar, em que uma família jogava contra outra. Essa disposição não durou muito tempo, sendo substituída

por critérios de amizade, interesse e desempenho. Desde esse período as equipes apresentavam uma certa estrutura, com a presença de diretoria e técnicos.

Em tempos recentes, para os jogos realizados dentro da aldeia, não há um processo formal para que aconteça. Em competições realizadas nos municípios próximos, por outro lado, existem responsáveis por levar as equipes. São pessoas que possuem uma relação estreita com a modalidade, de modo que também jogam ou pararam por estarem em idade avançada (Fermino, 2012).

Nos jogos do dia a dia dos Munduruku, a critérios na organização das equipes, em que os participantes são divididos conforme a idade e o sexo. A exceção ocorre com as crianças, não havendo separação. Os menores, aliás, fazem parte do primeiro grupo a jogar, enquanto os jovens e adultos do sexo masculino são os últimos (Nascimento, 2015). Vale ressaltar que, assim como os Kaingang da TI Xapecó, a divisão clânica dos indivíduos não influencia a organização das equipes.

A formatação das equipes Xavante para os jogos do cotidiano, consoante Vianna (2001), podem ser de três modos, a saber, por classes de idade (que segue critérios tradicionais presentes na organização social do povo), pela posição da casa (de acordo com o lado em que a casa do jogador se localiza na aldeia ocorrerá o seu direcionamento para uma equipe) e pela escolha de dois jogadores (prática comum entre os brancos).

3.1.1 Espaços e materiais para a prática

A infraestrutura e os recursos materiais são bem limitados nas aldeias. Não obstante as lideranças esportivas se mobilizarem junto a políticos e a gestores públicos do município, o auxílio que recebem ocorre de maneira pontual, seja com uma pequena ajuda na manutenção do campo (geralmente aparando a grama) seja com a doação de bolas.

Em Paygap, o campo, apesar de não possuir uma superfície nivelada, é o melhor da TI, incluindo os dos Gavião. Se considerarmos, conforme destacado pela Lid Pay 2, que a sua existência é resultado do trabalho manual dos moradores de Paygap no início dos anos 2000, a sua qualidade é admirável. A sua localização é próxima a entrada da aldeia (Figura 3). As suas dimensões correspondem, aproximadamente, às oficiais de um campo para o Futebol Sete³⁰, sendo adequado para equipes com sete participantes. Contudo, já acompanhei algumas partidas em que havia a presença de cinco participantes

³⁰ Uma forma variante do futebol em que se joga num campo com dimensões menores e com sete jogadores em cada equipe.

por equipe, assim como outras em que o quantitativo era de onze. Ou seja, embora, algumas vezes, o número de jogadores seja abaixo ou acima do apropriado para o tamanho do espaço, isso não é um fator que desencadeie discussões ou reclamações entre os partícipes, pelo menos não que eu tenha notado.

A demarcação do gramado somente ocorreu duas vezes nesse período em que eu os acompanho. A primeira foi para um amistoso contra uma equipe Gavião e a segunda foi para o Festival da Amizade Indígena. Assim, é a partir da percepção espacial desenvolvida ao longo de muitos jogos naquele espaço que acertam as marcações de arremesso lateral, tiro de meta, etc.

Em quase todo o período que eu os acompanhei, as traves utilizadas eram de madeira e, pelo desgaste do tempo e das condições climáticas, encontram-se em péssimo estado. Pelo menos uma vez durante as partidas, o jogo precisava ser interrompido para que as traves possam ser ajeitadas, visto que as partes que estavam pregadas se soltavam. Dessa forma, além da inconveniência da interrupção do jogo, havia também o risco a que estão expostos os jogadores, notadamente o goleiro. Contudo, em julho de 2024, eles receberam a doação de dois pares de traves de ferro, o que possibilitou a melhora na prática do futebol.

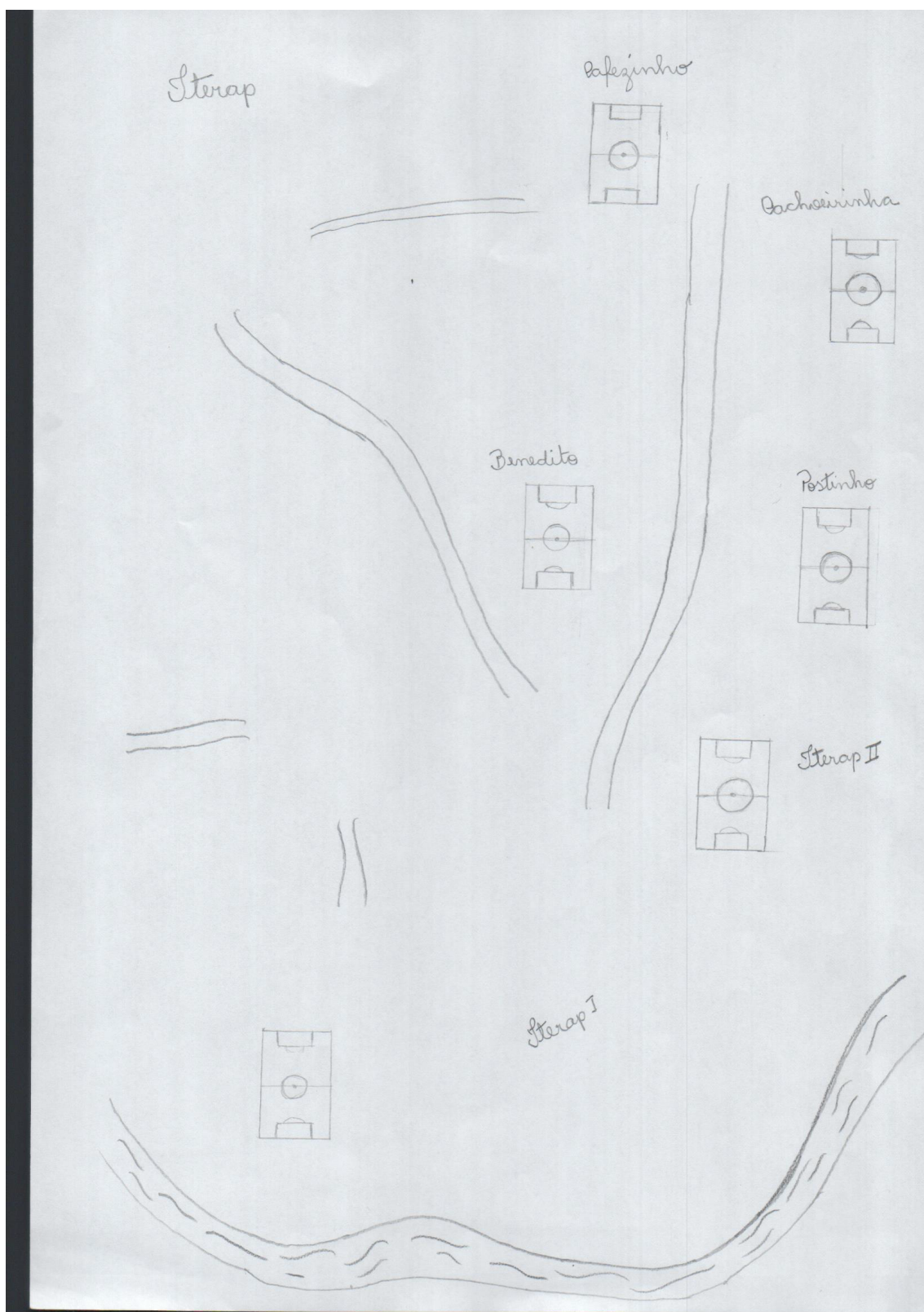
As bolas geralmente são oriundas de doações. Políticos e parceiros, como ONGS e colegas que trabalham com futebol em Ji-Paraná, são os principais doadores. Pelas condições do entorno do campo (árvores, espinhos, pedras) e por não haver uma delimitação do local com alambrados³¹ ou redes, a vida útil de uma bola é curta. Assim sendo, pode ocorrer de estarem sem uma bola ou o seu estado ser precário, o que resultará na inviabilização dos jogos.

Em relação aos materiais de uso pessoal, em sua maioria possuem chuteira e meião, notadamente os homens. Eventualmente, alguns podem ficar sem devido ao desgaste do apetrecho e por não possuir recurso para adquirir outro. Mas isto não é um fator que interfere em sua participação porque pode jogar descalço, o que muitos preferem. Na verdade, mesmo em campeonatos, onde o seu uso é obrigatório, aqueles que não possuem e não tem condições de adquirir outra conseguem dar um jeito, posto que obtém uma emprestada.

³¹ É uma tela feita com fios de arame galvanizado ou revestidos em PVC utilizada para delimitar o espaço de jogo e evitar que a bola saia com muita frequência.

Já em Iterap, no que concerne à infraestrutura, os jogos podem acontecer em 6 campos, quais sejam, o campo da entrada (Iterap 1), o de Iterap 2, o do postinho, o do Benedito, o da Cachoeirinha e o do Cafezinho (Figura 29). O melhor deles é o de Iterap 2, que foi construído em 2023, mas por a grama não ocupar todo o espaço e eles ainda estarem tentando resolver isso, só é utilizado em momentos específicos, como em treinamentos. O da entrada da aldeia é o que costuma ser mais utilizado e, também, o de condições mais precárias. Há a presença de grama somente em algumas partes, sendo constituído majoritariamente por terra e areia. Isto, aliado ao trânsito de animais pesados (bois e vacas) e de veículos automotivos, indicam o porquê da precariedade.

Figura 29 – Localização dos campos na aldeia Iterap



Fonte: Dhuliana Paula de Assis Geronimo.

O seu tamanho é o menor dentre todos os espaços utilizados. E é um fato curioso que levou a essa configuração. Antigamente, a partir da orientação de quem chega à

aldeia, o plano em que se dava o jogo era no vertical, com as dimensões superiores ao do futebol 7 (aproximadamente uns 60m x 40m). Contudo, após acertarem com a bola um transformador de energia que ficava na parte lateral do campo duas vezes, foram advertidos pelos responsáveis da companhia de energia elétrica da cidade que, se acontecesse mais uma vez, ficariam sem conserto. Desde então, redirecionaram para o plano horizontal e reduziram drasticamente o tamanho, apresentando-se menor que uma quadra oficial de futsal (possui por volta 30m x 20m).

O destaque dado a essas medidas oficiais é importante porque constitui-se em um fator que interfere diretamente nas pretensões competitivas dos desportistas da aldeia. Em quase todos os lugares que disputam partidas amistosas e/ou torneios/campeonatos, o tamanho do campo é maior e comporta a presença de mais jogadores. Dessa forma, a rápida adaptação é fundamental para que tenham sucesso nesses embates.

Somente no campo utilizado em treinamentos é que as traves são de ferro. Nos demais são de madeira. Os mesmos riscos aos participantes evidenciados em Paygap por conta do desgaste desse material também ocorre aqui. Aliás, até para o desenvolvimento do jogo em si. Há alguns meses, doei uma bola para que pudessem jogar as suas “barreirinhas”³² e, no primeiro chute ao gol, a bola acertou um prego solto da trave, furando e tornando-se inviável para o uso, visto que o estrago foi tão grande que não houve conserto.

As bolas e o equipamento de uso pessoal seguem a mesma dinâmica de Paygap. Eventualmente, quando não há mais bolas em condições de uso e não conseguem através de parceiros, os praticantes se reúnem e fazem uma “vaquinha” para a aquisição de uma nova.

Da mesma forma que a organização das equipes, a questão dos materiais e do espaço para a prática, possuirá contornos próprios em cada contexto, embora tenham bastante similaridades entre si. Nos Guarani e Kaiowá, há o costume de serem realizadas campanhas (vaquinhas, rifas, bingos e doações) a fim de custear o futebol na aldeia. Para a aquisição de bolas para o uso diário se valem de ações mais rápidas e menores. Quando a necessidade é maior, como a estruturação para a participação em um campeonato (chuteiras, uniformes, dentre outros), optam por meios mais bem elaborados (Rodrigues, 2014)

³² A forma como denominam um jogo que ocorre nos finais do dia.

No que concerne ao material esportivo (uniformes, chuteiras e bolas) indispensável para a sua prática, Vianna (2001) destaca que, entre os Xavante, a sua aquisição é feita por compras na cidade pelos próprios indígenas ou por doações dos brancos com os quais detém relações.

No caso dos Bororo de Meruri, Grando (2004) salienta que referente aos materiais, todos os integrantes da equipe contribuem na aquisição do uniforme, seja com a doação em dinheiro ou de artesanato. Caso um jogador não consiga adquirir a sua própria chuteira, o dono do time irá tentar disponibilizar uma para ele.

Já os kaingang de Rio das Cobras, segundo Fassheber (2006), na maior parte das vezes se organizam dentro do grupo para que consigam adquirir os materiais e participar das competições. Pode ser por meio de uma “vaquinha” ou de uma roca em conjunto. Embora já tenham recebido ajuda de brancos, isso raramente acontece.

O contato com outras realidades indica que, assim como os Karo Arara, os outros povos indígenas, embora com pequenas mudanças entre si, também precisam se organizar individual ou coletivamente para possuir os materiais necessários à prática. Não é algo simples, visto que materiais de boa qualidade não são baratos. Por isso que, quase sempre, adquirem de qualidade inferior, interferindo diretamente no jogo. Quando não, colaborando para que apresentem problemas físicos, já que um calçado mais barato possui material inadequado e contribui para que haja muitos praticantes com as mais diversas lesões.

3.1.2 Treinamento

Uma possibilidade de manifestação do futebol no cotidiano da aldeia e que está diretamente relacionada com a presença deste pesquisador é o treinamento. Com efeito, foi a manifestação do interesse em colaborar com o desenvolvimento do futebol nas aldeias por meio da realização de sessões periódicas de treinamento que franqueou o meu ingresso nas aldeias, o estreitamento das relações e, posteriormente, o desenvolvimento da pesquisa.

Desde as primeiras conversas com as lideranças, o desejo de que houvesse treinamento para os jovens nas aldeias foi apresentado. Ressentem-se do descaso da gestão pública municipal em relação ao interesse deles. Alguns pais levavam, eventualmente, os seus filhos para treinarem em escolinhas de futebol na cidade. Mas, devido às dificuldades de transporte e aos gastos, não conseguiram permanecer durante muito tempo.

Dessa forma, uma das contrapartidas para a realização da pesquisa foi essa. O formato dos treinamentos ao longo do tempo foi modificando em virtude do estreitamento das relações e da interferência das políticas públicas. A primeira possibilidade de treinamento ocorreu no ano de 2022 em Paygap. Apesar de ser uma aldeia com um número menor de moradores e, por conseguinte, com menos jovens para participar, o interesse, a dedicação e a qualidade apresentada, minimizavam o impacto desse empecilho. Devido a limitações de disponibilidade de tempo tanto da parte deles quanto da minha, os treinos eram realizados somente uma vez na semana, sendo que, em alguns momentos, ocorria um intervalo de duas ou três semanas entre as sessões.

Essa indisponibilidade de tempo dos jovens, o fator que se apresentava com mais frequência na interrupção da continuidade dos treinamentos, estava relacionado a situações diversas. Auxiliando os pais em algum trabalho, deslocando-se entre as aldeias para visitar familiares, participando da coleta da castanha ou alguma outra atividade relacionada ao modo de vida na aldeia.

No período em que esteve realizando a sua pesquisa junto aos Xavante, Vianna (2001) também colaborava no desenvolvimento do futebol junto ao povo por meio de treinamentos. Como esteve junto a eles em momentos diferentes, percebeu diferenças na adesão e dedicação aos treinos nos dois períodos. O pesquisador destacou que as situações adversas que interferiram no funcionamento dos treinos de forma apropriada foram o envolvimento dos atletas com o trabalho na roça e o deslocamento de suas aldeias até o local do treino. Ou seja, circunstâncias características do modo de vida nas aldeias. Mesmo que o horário dos treinamentos não coincidisse com o labor na roça, o cansaço acumulado pelo dia inteiro na lida associado a enorme distância que deveriam percorrer, afetavam a motivação para ainda irem jogar futebol.

No ano de 2023, os treinamentos ocorreram de forma mais intervalada. Passei alguns períodos de 7 a 10 dias nas aldeias e, nesses momentos, foram realizados os treinos. As ações em Iterap também começaram a partir daí. Além do objetivo de colaborar para o desenvolvimento do futebol nas aldeias, houve algumas outras finalidades, quais sejam, a participação nas Olimpíadas Indígenas, no JOER e nos campeonatos amadores. As sessões em Iterap possuíam muito mais participantes pelo fato de ser uma aldeia maior. No entanto, no que concerne à qualidade técnica dos participantes, principalmente entre as mulheres, Paygap estava à frente.

A sistematização e execução dos treinos em boa parte do período foi bem desafiadora. Isto porque a intenção era preparar os (as) atletas e as equipes para

competições de futsal, ou seja, iriam jogar em uma superfície (concreto) com a qual não possuem tanta familiaridade, visto que nas aldeias não há quadras, somente campos para a prática do futebol de 7 ou de 11. Como disputaram um torneio no ano anterior e tiveram bastante dificuldade para performar bem, procurou-se nos treinos adaptar os espaços e os materiais para que tivessem um bom desempenho contra os brancos.

A realização de treinamentos para que pudesse atuar bem em jogos e/ou campeonatos contra os brancos também pode ser observada entre os Bororo da aldeia Meruri. Almeida (2013) relata que ao se frustrarem com a constância dos resultados negativos obtidos em jogos/competições contra os brancos resolveram se aperfeiçoar. Passaram a realizar treinamentos técnicos, táticos e físicos e acompanhar atentamente as partidas pela televisão. Como consequência, conseguiram ganhar um campeonato em uma cidade próxima a aldeia, o que proporcionou um sentimento coletivo de satisfação, demonstrando que poderiam ter uma relação de igualdade com os não-indígenas.

Em 2024, as condições para que pudessem haver treinos melhoraram consideravelmente. Com o início do projeto “IFRO – Atleta Cidadão”,³³ os jovens passaram a ter treinos nas aldeias duas vezes na semana. Além disso, os materiais necessários para as atividades e para o jogo (bolas, coletes, cones, dentre outros) que anteriormente eram escassos, agora se possuía em quantidade adequada. Outro ponto positivo dessa iniciativa é o recurso destinado aos participantes todos os meses e que permite mitigar outra dificuldade nas aldeias para a participação dos jovens, que era a chuteira. A expectativa é que o projeto tenha continuidade para os próximos anos, propiciando ampliação do desenvolvimento futebolístico dos jovens.

3.2 O futebol fora (nem sempre) da aldeia

Se no subtópico anterior foi descrito como acontece o futebol no espaço interno das aldeias dos Karo Arara, com destaque para a organização das equipes, o espaço físico e os materiais, o objetivo agora é apresentar o futebol em vigência no ambiente externo (ou quase sempre). Faço essa ressalva porque, embora a abordagem seja referente às interações com outras aldeias, povos indígenas e brancos, alguns desses encontros ocorrem em suas próprias aldeias.

³³ Esse projeto é fruto de uma parceria entre o IFRO e o Senador Confúcio Moura, em que são ofertadas a prática de diversas modalidades esportivas (núcleos) em diferentes municípios do estado de Rondônia. Dois desses núcleos são em Paygap e Iterap com a modalidade futebol.

3.2.1 Jogos amistosos

Os jogos amistosos são partidas disputadas com base nas regras oficiais, mesmo que não haja arbitragem, contra outras aldeias (somente em Iterap), outros povos indígenas e brancos. A finalidade é variável, em que pode se estar jogando com objetivo de se preparar para alguma competição, para permanecer em “ritmo de jogo”, para obter materiais esportivos em torneios promovidos por políticos ou, modalidade que vem acontecendo ultimamente, valendo uma determinada quantia financeira.

Em Paygap, a formação das equipes para esses jogos dependerá do nível de qualidade da equipe adversária e/ou do local onde irão jogar. Se o oponente a ser enfrentado for uma boa equipe a tendência é que a participação fique restrita aos melhores jogadores da aldeia. Isso ocorre, geralmente, quando jogam contra alguma equipe da cidade (mesmo se acontecer na aldeia). Além da qualidade técnica, em conversas com lideranças, a delimitação dos jogadores está relacionada a colocar aqueles que estão mais acostumados com uma conduta mais maliciosa dos oponentes. Pela proximidade da aldeia e vínculo afetivo com os moradores, os praticantes da aldeia Cinco Irmãos também entram na lista dos possíveis jogadores, até porque não possuem atletas suficientes para formarem a própria equipe.

Entre os Kaingang, Fassheber (2006) verificou que o modo como eles organizam a equipe não necessariamente possibilita a apresentação de um bom desempenho e, conseqüentemente, a obtenção da vitória. De acordo com o pesquisador, os responsáveis pelas equipes optam, muitas vezes, por selecionar pessoas próximas a eles e não as que possuem melhor condição técnica.

O privilégio por se ter uma relação próxima ou um determinado status também foi observado por Rodrigues (2014) entre os Guarani e Kaiowá. A pesquisadora afirma que a opção pelos mais velhos (veteranos) em detrimento dos que jogam melhor é comum entre eles nos jogos em que recebem equipes visitantes para partidas amistosas. Geralmente são representantes de instituições que possuem parcerias junto ao povo, tais como a prefeitura, FUNAI, dentre outros. O time preparado para esses jogos é composto, em sua maioria, por veteranos. Muitos ficam de fora, principalmente jovens, esperando uma oportunidade para poder entrar.

A finalidade dessas partidas amistosas era mostrar a força do povo. Dessa forma, quando o resultado obtido foi adverso, a torcida que acompanhava em peso o jogo demonstrava o seu descontentamento. Reclamavam da arbitragem e, principalmente, da

escalação. Para os críticos, deveriam ter colocado jogadores mais novos e/ou melhores, os que estavam jogando não "aguentavam" nada. (Rodrigues, 2014).

Embora não seja tão comum entre os Karo Arara, pode se observar que em alguns momentos ocorre episódios semelhantes aos relatados acima, sobretudo quando os jogos acontecem nas próprias aldeias. Um aspecto importante das partidas em que ocorre isso, refere-se a sua relevância. Quanto mais importante é o jogo, menos provável é a possibilidade de os melhores tecnicamente ficarem de fora.

Quando os jogos são contra algum time de Iterap, de outro povo indígena (principalmente os Gavião) ou da área rural próxima, há uma possibilidade maior de participação. Em ambos os casos, não é somente a qualidade técnica que é levada em consideração, mas também o comprometimento com a equipe. Este atributo é verificado na predisposição para atender aos chamados da equipe e na dedicação durante as partidas. De uma forma geral, é perceptível que praticamente todos os postulantes à equipe possuem essa característica. No fim, será a qualidade técnica que pesará a favor de se fazer parte da equipe ou não.

O local da partida às vezes colabora na decisão de quem fará parte da equipe. Os jogos na aldeia, na área rural próxima (inclusive o campo dos Gavião) num raio de 10km ou no distrito de Nova Colina favorecem a participação de quase todos os interessados. Contudo, quando o amistoso é em Iterap (40km) ou Ji-Paraná (50km), as condições já se tornam mais difíceis em razão do transporte. Até meados de 2023, uma liderança esportiva possuía um carro com carroceria que viabilizava o deslocamento. Mas, após inúmeros problemas com o veículo, desfez-se dele, o que faz com que cada jogador tenha que dar o seu jeito para poder estar na partida.

Em Iterap, as situações destacadas acima também podem ser aplicadas ao seu contexto. Além delas, há a especificidade das partidas marcadas entre as pequenas aldeias. Esses jogos diferem das “barreirinhas” pelo fato de procurarem seguir à risca as regras oficiais, às vezes até com a presença de um árbitro. Outra diferença é que, quase sempre, as equipes são compostas por moradores daquele núcleo e se enfrentam uniformizados. As partidas são bem disputadas e intensas, sendo que, eventualmente, acontecem algumas rugas que são resolvidas posteriormente.

Uma nova forma de realizar partidas amistosas pelas equipes de Paygap e Iterap tem sido os jogos apostados. Eles estabelecem uma quantia financeira a ser paga por cada equipe e o vencedor fica com todo o dinheiro. As partidas observadas foram disputadas contra alguma equipe Gavião ou contra uma equipe de moradores da área rural próxima.

Esse formato tem sido mais buscado por eles em razão do atrativo financeiro e do estímulo competitivo que é promovido. O dinheiro arrecadado pela equipe ocorre a partir da contribuição dos participantes. Da mesma forma, caso vençam, dividem o valor ou fazem alguma comemoração. Na maior parte dos jogos que tive ciência, os Karo Arara venceram.

Outra possibilidade de os atletas Karo Arara serem beneficiados, neste caso com materiais esportivos, é através da participação em torneios amistosos organizados por políticos. É uma prática comum entre políticos da região, sobretudo entre aqueles que possuem algum nível de relação com a atividade esportiva, organizarem torneios em que convidam um número específico de equipes e fazem a doação de bolas e uniformes para os participantes. Após a entrega dos materiais, realizam uma disputa entre as equipes participantes para que usem o uniforme recebido e para que possa se chegar ao vencedor. Como não há premiação e nem disputas de alto nível técnico ou intensidade, as partidas apresentam mais um caráter amistoso. A participação de eventos dessa natureza também foi observada por Rodrigues (2014) entre os Guarani e Kaiowá.

3.2.2 Torneios

O maior envolvimento dos Karo Arara com o futebol em competições se dá por meio dos torneios. Estes eventos esportivos são de curta duração, geralmente somente um dia, e propicia aos vencedores uma premiação em dinheiro e, quase sempre (ou às vezes somente), uma quantidade considerável de bebida alcoólica (cerveja). É corriqueiro a sua realização na região, acontecendo vários durante o ano e com motes diferentes.

Há os torneios que visam apenas propiciar um dia de competição e confraternização para os atletas amadores, como este de reinauguração de um campo (Figura 30). É o tipo de formato que mais acontece e que traz uma abrangência maior para a participação, com disputas para homens, mulheres e, às vezes, para jovens. A presença dos Karo Arara é condicionada pela reunião de um grupo de jogadores e pelo transporte.

Figura 30 – Torneio promovido para reabertura de um campo de futebol

REABERTURA DO CAMPO CRAVA CLUBE T-25/T26
FUNDOS DA TV RECORD-Candelária
CHUMBO GROSSO BAIRRO. ALTO ALEGRE
GRANDE TORNEIO DE FUTEBOL SETE NOS DIAS 27 E 28 DE JULHO DE 2024

Dia 27 Julho de 2024	Dia 27 Julho de 2024	Dia 28 Julho de 2024
Torneio Infantil	Feminino Aberto	Masculino Aberto
Sub-10 Sub-12	a partir das: 14:00Hs	a partir das: 8:00Hs
a partir das: Início às 08:00Hs da manhã	Premiações Feminino 1º Lugar - 400,00 2º Lugar 200,00	Campeão R\$ 600,00
Medalhas e trofeus 1º e 2º Lugar		Vice Campeão R\$ 400,00
Inscrições Abertas		
Antônio Nunes - (69) 99245-2996 Horário Comercial		Dr. Vagner - (69) 99290-2977 Horário Comercial

Fonte: Grupo do *WhatsApp* dos esportistas de Iterap.

Outro formato que também conta com a participação deles quando são resolvidas as questões de transporte e de quantitativo de pessoas é o com finalidade beneficente (Figura 31). Como muitos atletas amadores não possuem situação financeira confortável, quando apresentam um problema físico mais grave oriundo de sua participação em campeonatos, pessoas próximas a eles organizam um evento esportivo para arrecadar fundos e custear o tratamento. Pude acompanhar as equipes masculina e feminina de Paygap em um desses torneios em 2023. Ambas as equipes contavam com a presença de brancos, inclusive com a minha. Os homens ficaram em terceiro lugar e as mulheres foram campeãs. As equipes dessa aldeia participam com frequência de competições na região, sendo conhecidas e respeitadas por sempre apresentarem um bom desempenho.

Figura 31 – Torneio promovido em prol da cirurgia de uma atleta da cidade



Fonte: Grupo do *WhatsApp* dos esportistas de Itirap.

A maior parte das equipes nesses dois tipos de torneio apresentados são de brancos. Embora haja muitos jogadores com interesse de participar nas aldeias do povo Karo Arara (e dos Gavião), a obtenção de transporte sempre se apresenta como um obstáculo.

Durante dois momentos do ano (que duram alguns meses), estudantes indígenas de todo o estado vem para Ji-Paraná ter aulas no curso de Licenciatura Intercultural na UNIR e aproveitam para organizar competições de futebol (as vezes futsal) que mobiliza a comunidade indígena da região (Figura 32). Não obstante a grande maioria das equipes serem compostas por indígenas, eventualmente ocorre a participação de brancos, os quais possuem relação com eles. Um ponto de destaque desses eventos é a presença de muitos indígenas na torcida. Eles aproveitam a oportunidade para reencontrar conhecidos de outros povos e estreitar os laços de amizade.

Figura 32 – Torneio realizado pelos estudantes do curso de Licenciatura Intercultural da UNIR



Fonte: Grupo do *WhatsApp* dos esportistas de Iterap.

No ano de 2024, um novo formato de competição se fez presente entre os Karo Arara, os torneios itinerantes (Figura 33). Estes eventos têm ocorrido bastante na área rural da região. O de Paygap foi o primeiro a ser marcado. Enquanto o idealizador do evento fica responsável pelas atrações musicais e pela parte esportiva, os moradores da aldeia deveriam disponibilizar o espaço e organizar a venda de bebida e comida. Em relação às inscrições, houve um interessante considerável. No masculino teve mais de dez equipes, sendo somente uma de brancos (o restante era de Paygap, Iterap e dos Gavião). Já no feminino, quatro equipes se inscreveram e não teve participação de brancos (duas de Iterap, uma de Paygap e uma Gavião). Os jogos transcorreram ao longo do dia, sendo que os das mulheres aconteceram primeiro e terminaram no começo da tarde, e o dos homens iniciou após o encerramento do feminino e foi finalizado de tardezinha. Tanto entre os homens quanto entre as mulheres os Gavião venceram.

Figura 33 – Torneios itinerantes a serem realizados em Paygap e em Iterap

Fonte: Grupo do *WhatsApp* dos esportistas de Iterap.

Devido ao sucesso de participação no torneio por parte dos indígenas, foi agendado para pouco tempo depois um torneio na aldeia Iterap. Havia uma mobilização na comunidade para deixar o espaço físico apropriado, assim como para inscreverem bastante equipes. E, de fato, estava acontecendo. Contudo, uma semana antes do evento, um ancião da aldeia faleceu e, após deliberação das lideranças, ficou acertado o adiamento do torneio para ser respeitado o luto de acordo com as tradições do povo. Mas não houve a realização no ano de 2024.

3.2.3 Festival da Amizade Indígena

Com o objetivo de atender as demandas do povo Kara Arara em relação ao desenvolvimento de ações esportivas nas aldeias, a prefeitura municipal de Ji-Paraná em novembro de 2023 organizou o primeiro Festival da Amizade Indígena (Figura 34). A competição foi realizada na aldeia Paygap em razão de se manter uma equidade acerca das ações promovidas pela gestão pública, uma vez que pouco tempo antes havia acontecido a Festa do Jacaré em Iterap e, posteriormente, seria a vez dos Gavião com o Festival da Castanha³⁴.

³⁴ Evento que teve por objetivo celebrar o início da colheita da castanha.

Figura 34 – 1 Festival da Amizade Indígena

Fonte: Página oficial da prefeitura de Ji-Paraná no *Instagram*, 2023.

A contemplação das aldeias e dos povos dentro de suas ações é um movimento necessário e cauteloso da gestão pública municipal. Ao longo desse período de convivência pudemos perceber o descontentamento dos moradores quando acreditam que somente a outra aldeia (ou povo) está sendo beneficiada, inclusive em situações que participamos.

O formato estabelecido para a competição permitia a participação de duas equipes tanto no masculino quanto feminino para as aldeias Paygap e Iterap, e duas equipes para o povo Gavião. Assim como em outros momentos referentes à participação e a organização de eventos, principalmente na esfera esportiva, pudemos verificar uma certa confusão e desconhecimento acerca do funcionamento. Há três dias da competição as lideranças não sabiam ao certo a quantidade de equipes que poderiam participar. Houve dificuldades em relação à alimentação da equipe de arbitragem (ficaram hospedados na aldeia). Essa falta de clareza naquilo que está acontecendo e no repasse de informações à comunidade por parte das lideranças das ações é motivo de reclamações frequentes do cacique de Paygap.

Por fim, apesar dos entraves, deu tudo certo no evento. Nos dois dias de disputa, estiveram presentes os atletas, bem como os seus amigos e familiares dos povos Karo Arara e dos Gavião. Além de poderem acompanhar disputas acirradas e de bom nível

entre as equipes, o festival se constituía em um espaço de atualização das relações de sociabilidade.

Da mesma forma que foi observado por Vianna (2001) entre os Xavante, os jogos entre as aldeias possuem rivalidade. Com efeito, entre os dois povos, Karo Arara e Gavião, é ainda maior. Em conversas com os moradores de ambas as aldeias, tentamos verificar se esse sentimento de não querer perder de forma alguma para os Gavião possuía relação com um conflito histórico³⁵ entre eles, mas disseram que não. Ou seja, embora tenham tido desentendimentos ao longo do período de convivência, isso não é levado ao campo. Provavelmente essa busca pela vitória a qualquer custo contra os Gavião esteja relacionada a uma afirmação étnica, em que se quer mostrar que é o povo mais forte, o melhor.

A organização de competições entre aldeias (e povos), mesmo que não haja a participação do poder público, também é comum em outros lugares. Entre os Bororo de Meruri quando há um feriado é organizado um campeonato entre as equipes da aldeia. Geralmente, as mulheres também participam. As condições de participação dos atletas são mais flexíveis, facilitando o ingresso daqueles que possuem um bom desempenho. Por outro lado, também tem uma maior permissividade com aqueles que consomem bebida alcoólica, tornando a disputa mais propensa ao surgimento de conflitos. Com efeito, o próprio formato desses jogos faz com que sejam mais competitivos e propícios a confusões, haja vista o seu caráter formal (Grando, 2004).

No caso dos Xavante, Vianna (2001) ressalta que aos finais de semana ocorrem partidas de campeonatos que reúnem equipes pertencentes às aldeias das Terra Indígena. Podem acontecer até quatro jogos em um dia. No domingo, o início é previsto para depois do término da missa realizada pela manhã. A presença de muitos indivíduos decorre não somente do interesse nos jogos do campeonato, mas também em desenvolver as suas relações de sociabilidade com os demais parentes. Dentre as normas para a participação em campeonatos internos, aqueles que costumam não participar com frequência das festas tradicionais ficam proibidos de jogar. Algumas outras infrações incorrem no pagamento de uma multa. Dentre elas, temos: ingerir álcool ou fumar antes e durante os jogos; envolver-se em confusão com árbitros ou adversários; manter o cabelo igual ao dos brancos; dentre outras.

³⁵ Foi descrito no primeiro capítulo.

Rodrigues (2014) verificou que os campeonatos que acontecem internamente entre os Guarani e Kaiowá apresentam uma estrutura flexível em que os jogos podem ocorrer em um dia ou em vários dias, a depender da quantidade de equipes participantes. As regras desses torneios não são decididas com antecedência, ou seja, são instituídas nos dias de jogos e podem ser alteradas caso o coordenador do evento julgue ser necessário.

Nos torneios organizados internamente entre esses povos é comum a presença de não indígenas nas equipes. A participação depende da autorização da coordenação do evento. Questionado a respeito, um coordenador disse haver muitas famílias mestiças, em que as moças se casam com não indígenas. Devido a passarem a morar na aldeia e a apresentarem bom comportamento, é permitida a participação nos campeonatos (Rodrigues, 2014).

Apesar de sempre haver algum branco na equipe, notadamente nas de Paygap, não foi permitida a participação no Festival. As lideranças consideram alguns desses brancos como se fossem da família por conviverem há muito tempo e/ou por terem esposas da aldeia ou serem enteados. Contudo, e apesar dos esforços dessas lideranças, para participar teve de ser indígena de fato. Reflexões acerca dessa relação com os brancos será feito no último capítulo.

Após diversas partidas eliminatórias, as finais, tanto no masculino quanto no feminino, foram entre Paygap e os Gavião. Um fato interessante na competição masculina diz respeito ao desempenho das equipes de Paygap. Não obstante terem definido uma equipe como a principal (“A”), em que foram colocados os melhores jogadores e mais experientes, a que chegou à final foi a equipe com jogadores mais novos e considerada a menos qualificada, isto é, a “B”.

As finais foram jogos bem disputados e equilibrados, assim como a maior parte das partidas no torneio. Por fim, as equipes de Paygap (masculino e feminino) sagraram-se campeãs. Logo após, foram feitas a entrega das premiações para os campeões em um espaço montado especificamente para o evento, em uma cerimônia que contou com a participação de lideranças indígenas (dos dois povos), gestores da prefeitura municipal de Ji-Paraná e políticos (Figuras 35, 36, 37).

Figura 35 – Equipes feminina e masculina de Paygap campeãs do 1 Festival da Amizade Indígena



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Figura 36 – Equipe masculina “B” de Paygap campeã do 1 Festival da Amizade Indígena



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Figura 37 – Lideranças e autoridades na estrutura montada para a cerimônia de encerramento do evento



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

Nesse momento final do evento, há um fato importante a se destacar. Antes de os vencedores receberem os seus prêmios, foi dada a palavra às lideranças que fariam a entrega das medalhas e dos troféus. O habitual é que se deixe a liderança/autoridade com maior relevância por último, a fim de que encerre esse momento. Em outros eventos com a participação e/ou voltado para os indígenas que já acompanhamos, inclusive na aldeia, o gestor público de maior destaque seria o último. No caso do Festival da Amizade Indígena, seria o secretário de turismo. E estava transcorrendo dessa forma até chegar o momento do cacique de Paygap, que se posicionou de maneira firme e afirmou que queria ser o último, o que foi prontamente atendido pelo gestor da prefeitura responsável pelo evento (Figura 38). Como anfitrião, Pedro não abriu mão de tecer as considerações que fechariam o evento, mesmo que não seguisse o protocolo estabelecido pelos brancos. Esse trânsito pelos códigos e valores dos mundos dos brancos e o seu próprio, notadamente no esporte, e os desdobramentos na questão identitária serão aprofundados no último capítulo.

Figura 38 – O cacique de Paygap, seu Pedro, discursando na cerimônia de encerramento



Fonte: Acervo do próprio autor, 2023.

3.2.4 Campeonatos amadores

O tipo de competição que mais pudemos acompanhar os Karo Arara ao longo do tempo foram os campeonatos amadores da região. Em sua maioria eram de futebol sete, mas também estivemos presente em alguns de futebol de 8³⁶ e futebol de 11. Os campeonatos geralmente aconteciam em Ji-Paraná, sendo que também pude observar alguns no distrito de Nova Colina. Pudemos experimentar diferentes papéis nessas competições, quais sejam, torcedor, treinador, “empresário” e jogador, pelos quais foi possível construir uma percepção mais abrangente acerca das relações estabelecidas pelos Karo Arara com os brancos no universo do futebol.

O primeiro contato que tivemos foi como observador em uma partida disputada contra uma equipe dos Gavião. A forma como se desenvolveu o jogo, chamou-nos a atenção desde antes de a bola rolar. Havia muitos brancos nas equipes. Embora as equipes recebessem o nome dos povos, não era a presença dos indígenas que predominava. Inclusive, entre os quatorze jogadores que começaram jogando, somente quatro não eram brancos. Por outro lado, os atletas Karo Arara e Gavião que estavam em campo, não apresentavam nível técnico menor que o dos brancos. Os seus desempenhos interferiam positivamente para as suas equipes.

A partida foi bem disputada com boas chances para ambas as equipes. Como melhor aproveitamento nas finalizações, os Karo Arara, identificado pelo nome Karo

³⁶ Esse formato costuma acontecer somente em Ji-Paraná. Apesar de utilizarem as medidas do futebol de sete, permitem a participação de um jogador a mais.

PG³⁷, conseguiu ficar à frente do placar no segundo tempo. Com a ampliação da vantagem, os Gavião, notadamente os jogadores brancos, começaram a ficar nervosos e efetuarem faltas mais ríspidas nos adversários, desencadeando desentendimentos entre as equipes. Nesses momentos, ficou perceptível uma diferença de comportamento entre os indígenas e os brancos. Enquanto estes discutiam e, quase, chegavam às vias de fatos, aqueles permaneciam imóveis, como se nada estivesse acontecendo. Essa conduta pacífica, não desrespeitando os seus adversários e nem a arbitragem, chamou-nos bastante a atenção. Contudo, mais à frente veremos que nem sempre é assim.

A apresentação de um comportamento respeitoso em relação aos seus colegas de equipe, aos seus e adversários e a equipe de arbitragem, seguindo os preceitos do *fair play*³⁸, também é observado em outros contextos futebolísticos com a participação dos indígenas. Rodrigues (2014) salienta que os Guaraní e Kaiowá se orgulham de ter um comportamento impecável nos jogos fora da aldeia. Eles procuram mostrar o caráter que identifica o seu povo, bem como a força e a qualidade condizente com o seu futebol. Já Fassheber (2006) destaca que os Kaingang fazem uso do *fair play* como uma estratégia a fim de que tenham mais visibilidade junto aos brancos, assim como o seu estilo seja bem-visto. A preocupação em se ter uma boa imagem ante aos brancos também foi um ponto abordado pelas lideranças Karo Arara nas conversas que tivemos acerca dos jogos na cidade.

Nesse período em que acompanhamos os Karo Arara na participação em campeonatos amadores, somente mais recentemente é que Iterap começou a participar. Se em Paygap, como mencionado anteriormente, o nome da equipe é Karo PG (Figura 39), em Iterap o nome dado a equipe é Karo F.C. (Figura 40). Boa parte dos campeonatos que ocorrem em Ji-Paraná, sobretudo os que possuem as melhores equipes e pagam as melhores premiações, é limitado o número de participantes, isto é, só estarão presentes as equipes que forem convidadas. Nesse sentido, é necessário ter boas relações com os organizadores e, principalmente, possuir um certo prestígio conquistado por meio de bons desempenhos em outras competições.

³⁷ Esse nome indica que a equipe representa os Karo Arara de Paygap (PG como abreviação da aldeia da qual fazem parte).

³⁸ *Fair Play* ou jogo justo (limpo) refere-se à importância de os atletas agirem de forma leal e honesta no ambiente esportivo.

Figura 39 – Material de divulgação de um jogo da equipe Karo PG em um campeonato amador



Fonte: Grupo do *WhatsApp* da equipe Karo PG.

Figura 40 – Material de divulgação de um jogo da equipe Karo F.C em um campeonato amador



Fonte: Grupo do *WhatsApp* dos esportistas de Iterap.

No caso dos Bororo de Meruri, Grando (2004) verificou que na participação em campeonatos fora da aldeia, um membro da comunidade acerta o ingresso da equipe no certame com um branco e se torna o responsável por, junto com os líderes de cada uma das equipes, selecionar os atletas que farão parte do time. Diferentemente das competições internas, ao saírem para disputas externas ocorre o fortalecimento da identidade étnica. Os jogadores, a torcida que os acompanha ao local dos jogos e a torcida que os aguarda na aldeia estreitam os seus laços com o objetivo de mostrar a força dos Bororo ante os brancos.

Rodrigues (2014) destaca que os Guarani e Kaiowá são constantemente lembrados para participar das competições fora da aldeia. Esse convite é feito diretamente às lideranças esportivas do povo. De acordo com os seus interlocutores, os organizadores gostam de convidá-los por serem bons participantes tanto na vitória quanto na derrota. Ou seja, mantém uma conduta respeitosa com os adversários e com a arbitragem, não se envolvendo em qualquer tipo de confusão.

Desse modo, a pesquisadora afirma que entre os Guarani e Kaiowá, a inserção no futebol fora da aldeia pode se dar de duas formas, quais sejam, ingressando em equipes organizadas por não indígenas e/ou a partir da constituição de uma equipe do próprio povo que participará de competições a nível regional e nacional (Rodrigues, 2014). O bom nível técnico apresentado em várias competições tem possibilitado a alguns jogadores Karo Arara receberem convites para participar de equipes dos brancos. Entretanto, caso equipes do próprio povo participem dessas competições, sempre optam por jogar com os parentes.

Retomando os aspectos que favorecem o ingresso nos principais campeonatos da região, O Karo PG adquiriu esse reconhecimento no cenário do futebol amador da região há algum tempo. Depois de resultados expressivos, inclusive títulos, na área rural próxima a aldeia e no distrito de Nova Colina, passaram a ser convidados a disputarem campeonatos em Ji-Paraná. Isto não significa que eles abandonaram as disputas nas quais se envolviam anteriormente, mas as de Ji-Paraná tornaram-se prioridade.

A diminuição na participação de competições em Nova Colina por parte da equipe de Paygap possui outros motivos além das ambições esportivas maiores. Um deles, mas de menor impacto, é a precariedade do campo de jogo. O principal, no entanto, refere-se à rivalidade que foi crescendo ao longo dos anos e que quase culminou em um final trágico. Os relatos de discussões, ameaças e agressões são diversos e incluem, até mesmo, partidas amistosas disputadas na aldeia. Com efeito, em um deles a situação foi bem grave. Em mais de uma oportunidade conversando sobre os campeonatos, as lideranças de Paygap destacaram um episódio no qual haviam saído vencedores de uma competição no distrito de Nova Colina e, após o jogo (que teve discussões e desentendimentos no seu transcorrer), estavam retornando para aldeia em uma F4000³⁹ (jogadores e familiares), quando um grupo de pessoas relacionadas ao jogo recém terminado começou a segui-los.

³⁹ Veículo do tipo caminhão leve que possui ampla carroceria e, embora a finalidade principal seja transportar objetos, é muito utilizado no interior e nas áreas rurais para transportar pessoas.

Em determinado momento, algumas pessoas do veículo vinculadas ao Karo PG iniciam uma troca de ofensas com aqueles que estavam na moto. Contudo, uma dessas pessoas percebeu que alguns deles estavam armados com revólveres e gritou para o motorista dirigir mais rápido e se afastar dos perseguidores, o que de fato aconteceu. Sempre que lembram dessa história ressaltam o quanto ficaram assustados e como desanimaram em participar de campeonatos no distrito. Questionados a respeito dos motivos que levaram a receberem um comportamento hostil no distrito, salientam que começou a partir do momento em que começaram a vencer.

A rivalidade com os brancos, talvez não nessa proporção, também foi observada por Fassheber (2006) junto aos Kaingang. De acordo com o pesquisador, a rivalidade nos jogos de futebol deste povo é muito maior contra equipes da cidade do que entre as aldeias do próprio povo. Dessa forma, nos jogos contra os brancos, eles têm a preocupação de se mostrarem respeitosos e não violentos.

Na composição das equipes que participam desses campeonatos, conforme abordado anteriormente, são levados em consideração aspectos referentes ao comprometimento do atleta e a sua qualidade técnica. Contudo, na formação das equipes principais das aldeias que irão participar das competições mais difíceis, há uma diferença primordial entre Paygap e Iterap, qual seja, a presença de brancos.

Quando as disputas são em Nova Colina, a tendência é que as equipes de ambas as aldeias sejam formadas apenas por indígenas. Ultimamente, como também foi destacado, o Karo PG tem evitado entrar nas competições do distrito. Dessa forma, os jogadores de Paygap, tendo o desejo de participar, o que geralmente ocorre com os mais jovens, organizam-se e vão participar, não tendo o envolvimento das lideranças do time principal da aldeia. Outras possibilidades são o ingresso nos times de Iterap ou dos Gavião acontecendo ocasionalmente. Já em Iterap, por ser uma aldeia maior e, por conseguinte, ter mais jogadores, formam mais de uma equipe que, eventualmente, tem a presença de alguém de Paygap. Apesar de toda a rivalidade com as equipes do distrito, que atinge em menor grau Iterap, a presença dos Karo Arara nesses campeonatos é frequente, principalmente pela distância em relação às aldeias.

Ao se encaminharem para os campeonatos em Ji-Paraná, novos arranjos acontecem, pelo menos em Paygap. Em todos os campeonatos amadores que acompanhamos o Karo PG, os brancos estiveram em maior número do que os indígenas, inclusive entre aqueles que iniciavam a partida (Figuras 41 e 42). Em conversas com as lideranças isso ocorre em razão das dificuldades de transporte e pelo nível técnico. A

nossa impressão é que é menos pelo transporte do que pelo nível apresentado pelos jogadores. A justificativa deles é que, como as competições são mais difíceis, precisam de jogadores mais experientes. Embora vários jogadores da aldeia sejam considerados bons, acreditam que falta “malícia” para eles em uma disputa mais exigente.

Figura 41 – Equipe Karo PG em uma partida de um campeonato amador



Fonte: Grupo do *WhatsApp* da equipe Karo PG.

Figura 42 – Equipe Karo PG em uma partida de um campeonato amador



Fonte: Grupo do *WhatsApp* da equipe Karo PG.

Por outro lado, em Iterap as equipes são compostas apenas por indígenas. Apesar de alguns deles jogarem também pelo Karo PG, dão preferência para a sua aldeia caso participem. Essa inclusão de brancos na equipe de Paygap já foi motivo de críticas por

parte de uma liderança de Iterap, não obstante possuir algumas contradições nessa forma de se relacionar com os brancos, as quais serão discutidas no último capítulo.

O fato é que se a motivação das lideranças do Karo PG em incluir brancos na equipe está na expectativa de apresentar um bom desempenho e, eventualmente, tornar-se campeão, têm conseguido alcançar esses objetivos. Em quase todos os campeonatos em que estivemos presentes, conseguiram alcançar as fases finais (Figuras 43 e 44) e, quando foram derrotados, as disputadas foram bem acirradas, sendo geralmente decididas nos pênaltis. Em um desses campeonatos a equipe chegou à final e era considerada a favorita, mas por problemas do organizador da competição, a final nunca aconteceu⁴⁰.

Figura 43 – Material de divulgação da partida de quartas de final da equipe Karo PG em um campeonato amador

LJPFUT7 CHAMPIONS CHAMPIONS LEAGUE 2023 PARANAENSE FUT7		
JOGOS - QUARTAS		
QUARTAS #2 - 2º COLOCADO B X 3º COLOCADO A		
 P.S.P	X	 AMIGOS DO ZINA/PROSERV
AABB - Ji-Paraná - RO 16/07/2023, 08:15		
QUARTAS #1 - 1º COLOCADO A X 4º COLOCADO B		
 KARO PG	X	 MANCHESTER UNIT
AABB - Ji-Paraná - RO 16/07/2023, 09:15		
QUARTAS #3 - 1º COLOCADO B X 4º COLOCADO A		
 REAL JIPA	X	 A FIRMA
AABB - Ji-Paraná - RO 21/07/2023, 20:00		
QUARTAS #4 - 2º COLOCADO A X 3º COLOCADO B		
 LYONNAIS	X	 RESENHA F.C./ MOVEIS AMAZONIA
AABB - Ji-Paraná - RO 21/07/2023, 21:00		

Fonte: Grupo do *WhatsApp* da equipe Karo PG.

⁴⁰ O organizador alegou problemas pessoais para não conseguir arcar com a premiação do evento e solicitou o seu adiamento. Por fim, mudou de cidade e as equipes finalistas, incluindo o Karo PG, desistiram de tentar fazer acontecer o jogo.

Figura 44 – Material de divulgação da partida de semifinal da equipe Karo PG em um campeonato amador



Fonte: Grupo do *WhatsApp* da equipe Karo PG.

A presença de brancos em equipes indígenas também foi verificada por Rodrigues (2014) entre os Guarani e Kaiowá quando os acompanhou em alguns campeonatos na cidade. Havia equipes com a presença somente de indígenas e outras em que havia a presença de brancos. O desempenho da equipe com a presença dos brancos foi melhor, chegando, inclusive, à final. Em relação a uma das equipes composta somente por indígenas, chamou atenção da pesquisadora a prioridade dada a eventos internos, visto que no dia da partida da fase semifinal da competição na cidade, disputaram um torneio na aldeia, o que contribuiu diretamente para o resultado negativo. Outro ponto é como a presença de brancos modifica a conduta da equipe, já que havia um comportamento mais provocativo e arrogante em relação às outras. Essas mudanças no comportamento provocadas pela presença dos brancos também ocorrem entre os Karo Arara e serão discutidas no último capítulo.

A composição das equipes adquire um contorno diferente entre os Munduruku. Nascimento (2015) que para a formação dos times para competições fora da aldeia, o processo de preparação das equipes se inicia na infância. Como a comunidade é pequena, as crianças crescem juntas e, a partir desse grupo que se desenvolve junto, constrói-se

uma equipe. Os que representarão a comunidade serão aqueles com o melhor desempenho.

No caso dos Xavante, Vianna (2001) observou que os times que disputam competições entre aldeias ou municípios, em geral, recebem o nome da aldeia da qual fazem parte ou de uma associação indígena com forte atuação política. Em relação aos jogadores que são escolhidos para participar, não é possível afirmar que as equipes sejam seleções das aldeias, haja vista também existirem outros critérios, tais como a identificação ao clã, ao grupo de idade, consanguíneos próximos, afins próximos, dentre outros. O pertencimento a um time, então, expressa a tensão inerente ao sistema de parentesco Xavante. Desse modo, a compreensão dos caminhos que levam a montagem de um time passa pelo entendimento de sua realidade sociocultural, que por sua vez demanda um olhar nas transformações que ocorreram/ocorrem nesse povo.

A relação com a arbitragem dos jogos parece ser um outro aspecto influenciado pela presença dos brancos na equipe. Quando os jogos são somente entre si ou, até mesmo, contra os Gavião, os Karo Arara de Paygap e de Iterap tendem a ter um comportamento mais tranquilo acerca da arbitragem. Embora os seus jogos sejam muito disputados, com bastante intensidade de modo que em alguns momentos ocorrem faltas mais duras, dificilmente reclamam do (s) árbitro (s) de maneira acintosa.

Por outro lado, quando essas partidas possuem a presença de brancos, seja na sua equipe, nos adversários ou na arbitragem, a forma de agir se transforma. Principalmente nas partidas que ocorrem fora das aldeias. Os jogadores indígenas parecem manifestar um comportamento padrão dos jogadores brancos, qual seja, a crença de que o (s) árbitro (s) deliberadamente está tentando prejudicar o seu time. Se saem vencedores, os reclames são em menor proporção, mas se perdem, foi devido ao árbitro, que marcou (ou não) uma falta, que não deu um escanteio, que deu pouco de acréscimos, dentre outros. Inclusive, em mais de uma ocasião afirmaram que havia um tratamento desigual da arbitragem por serem indígenas. Um aprofundamento maior nessas questões será feito no último capítulo.

Nas competições que pude acompanhá-los, as críticas sempre me pareceram exageradas. Não obstante o nível da arbitragem nem sempre ser elevado, erros e acertos eram cometidos para os dois lados, deixando claro que muito mais que uma tentativa de prejudicar uma das equipes, os erros estavam relacionados às suas limitações. Rodrigues (2014) verificou situação semelhante entre Os Guaraní e Kaiowá que, apesar de reclamarem de a arbitragem ser tendenciosa e preconceituosa em competições fora das

aldeias, a sua procedência é questionável, pois diz respeito mais ao desconhecimento das regras dos jogadores do que de má intenção dos árbitros.

Nesse sentido, a torcida detinha um papel fundamental em aumentar a tensão com a arbitragem. As manifestações de injustiça vindas de fora do campo inflamavam os jogadores a apresentarem comportamento semelhante ou pior junto aos árbitros, que resultaram em discussões, seguidas de punições, principalmente com cartão amarelo. É perceptível uma diferença de comportamento da torcida Karo Arara de ambas as aldeias de acordo com o trânsito e/ou imersão que possuem no mundo dos brancos. Aqueles que têm esse contato mais intenso são mais críticos e agressivos com a arbitragem. Já aqueles com menos contato se portam de forma mais tranquila.

Entre os Guarani e Kaiowá, Rodrigues (2014) verificou que a conduta da torcida é bem respeitosa. Embora façam as suas críticas a um ou mais jogadores, quando a atuação não seja de seu agrado, é algo dentro da normalidade. Da mesma forma ocorre com o árbitro. Os torcedores mais riem e brincam do que se irritam ou buscam a ofensa para manifestar o seu descontentamento. No caso dos Xavante, Vianna (2001) salienta que, além de se comunicarem pouco durante o jogo, não são de reclamar de arbitragem.

O clima mais descontraído observado por Rodrigues (2014) também ocorre entre os Karo Arara, mas notadamente quando os jogos são nas aldeias e/ou contra as outras aldeias e os Gavião. Sujeitos bem extrovertidos, em sua maioria, e que gostam de brincadeiras, sempre que surge uma oportunidade para uma brincadeira acerca de um jogador e/ou uma jogada, eles aproveitam.

3.3 O futebol e as mídias

Conforme exposto no tópico anterior, as redes sociais cumprem um papel imprescindível na organização dos jogos que acontecem no cotidiano das aldeias. Mas, a sua utilização não se restringe a isso. Na verdade, as redes sociais, *sites* de notícias, televisão (e rádio antigamente), *youtube*, ou seja, as mídias digitais e eletrônicas, ocupam um lugar importante na relação entre os Karo Arara e o esporte, em especial o futebol, e nos possibilita vislumbrar o apreço que possuem por esse fenômeno social.

O consumo do futebol pelas mídias (rádio, televisão e jornais) também marca a presença da modalidade no dia a dia dos Xavante. O contato com notícias referentes a jogadores, dirigentes e clubes faz com que esse tema perpassasse as conversas realizadas em suas interações diárias (Vianna, 2001).

A principal ferramenta utilizada por eles, inegavelmente, são as redes sociais. Acompanha-los através do *Facebook*, *Instagram*, *TikTok* e *WhatsApp*, permite-nos perceber que o futebol não é somente um esporte em que você ganha ou perde, mas um espaço-tempo em que cultivam sonhos, reafirmam a sua identidade e estreitam laços afetivos, inclusive com outras aldeias, povos e com os não indígenas.

O acesso as suas redes sociais ocorreu, na maior parte delas, a partir de convites dos próprios Karo Arara. Somente em uma delas, um grupo de *Messenger* do *Facebook*, foi por meio do nosso pedido, de modo que pudéssemos entender melhor a organização do futebol no dia a dia da aldeia de Iterap. A presença de brancos em suas redes sociais também é comum, mas não em todas. Nesse grupo do *Messenger*, por exemplo, somente nós não fazíamos parte do povo.

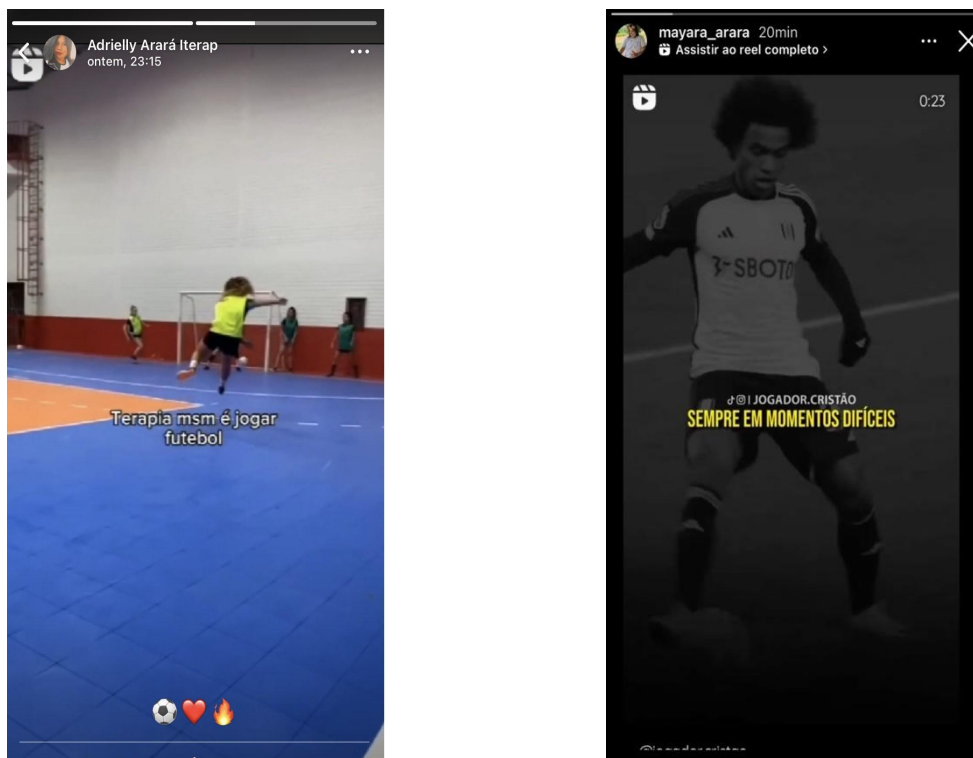
O compartilhamento de mensagens prontas com teor motivacional é bem comum entre os praticantes, notadamente os jovens. Nesse sentido, o futebol é associado a questões de bem-estar e religiosidade (Figura 45) e de persistência (Figura 46). Esses *posts*⁴¹ são oriundos, geralmente, dos não indígenas, o que indica o trânsito frequente por este meio. Este fato também pode ser evidenciado na adesão a postagens virais⁴² entre os usuários dessas redes, como no caso das “correntes” e do *TBT*⁴³ (Figura 47).

⁴¹ Termo utilizado para se referir a mensagem enviada pela rede social.

⁴² Essa expressão está relacionada com as postagens que se tornam muito populares entre os usuários da rede social.

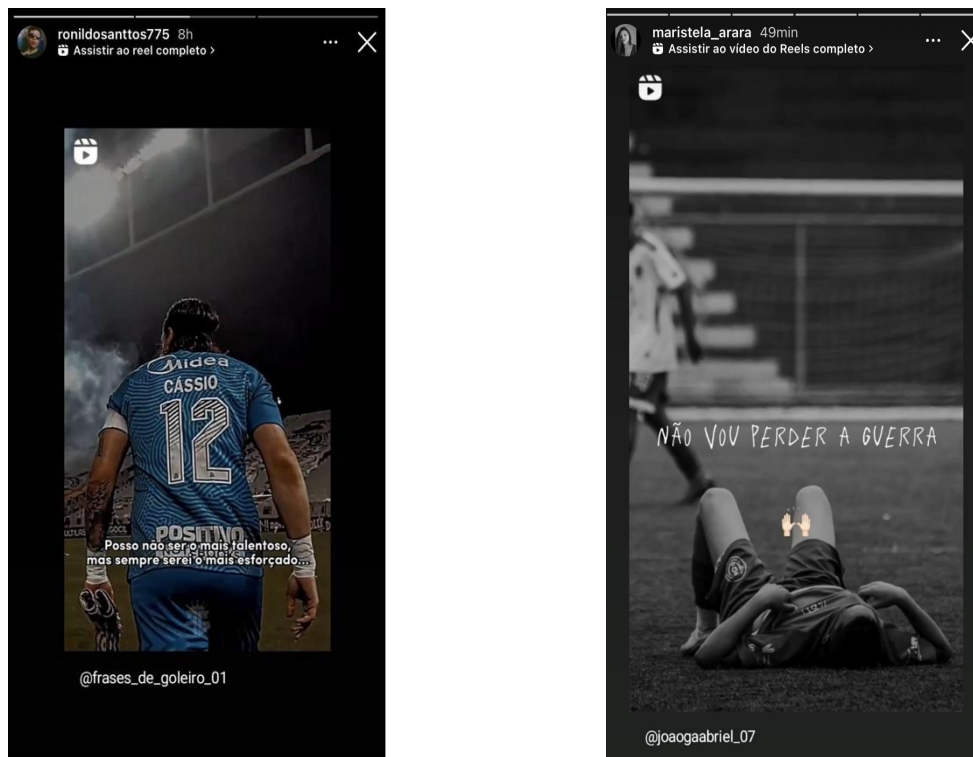
⁴³ Esse termo significa “Throw Back Thursday” algo como “quinta-feira da saudade”. As pessoas utilizam esse termo para publicar, nas quintas-feiras (embora nem sempre), experiências que tiveram no passado e gostaram muito.

Figura 45– Mensagem motivacional relacionando o futebol a sensação de bem-estar e a religiosidade



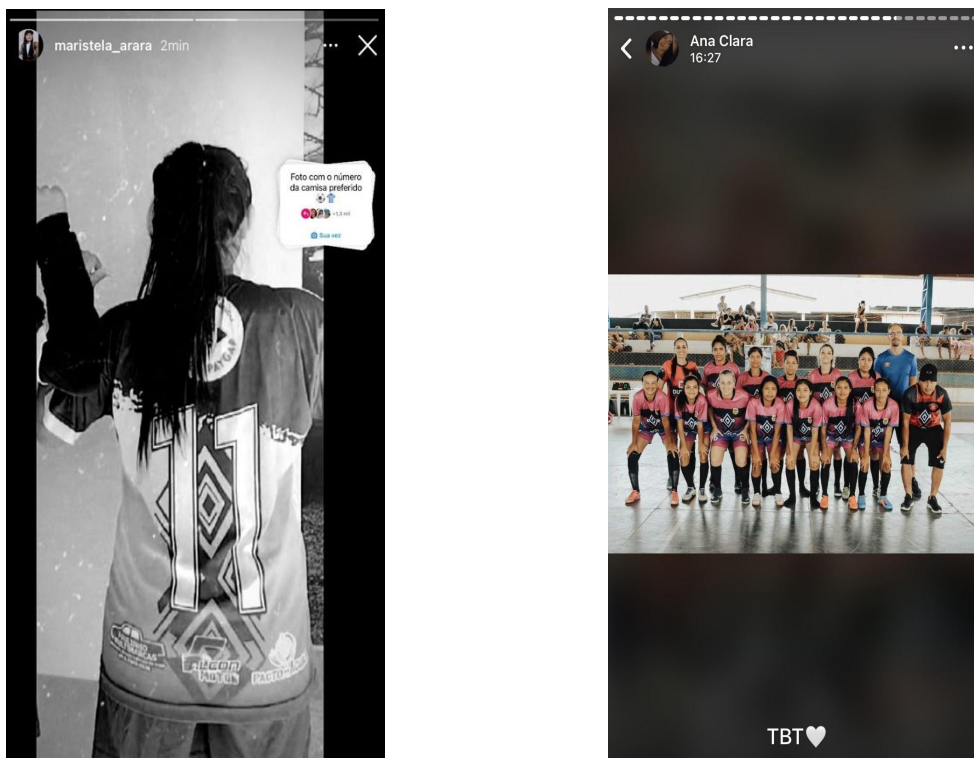
Fonte: *Instagram* das atletas Karo Arara.

Figura 46 – Mensagem motivacional relacionando o futebol ao sentimento de perseverança



Fonte: *Instagram* dos atletas Karo Arara.

Figura 47 – “Corrente” e TBT relacionados ao futebol



Fonte: *Instagram* das atletas Karo Arara.

As manifestações frequentes que os Karo Arara fazem nesse ambiente também denotam o seu esforço em ressaltar particularidades importantes de sua vida pessoal em que há uma relação direta com a prática esportiva. Dessa forma, podemos verificar como um evento esportivo, as olimpíadas indígenas, contribui para o fortalecimento identitário e de seus relacionamentos sociais dentro do próprio povo (Figura 48) e com outros povos (Figura 49).

Figura 48 – Valorização identitária e dos relacionamentos do próprio povo em um evento esportivo



Fonte: *Instagram* das atletas Karo Arara.

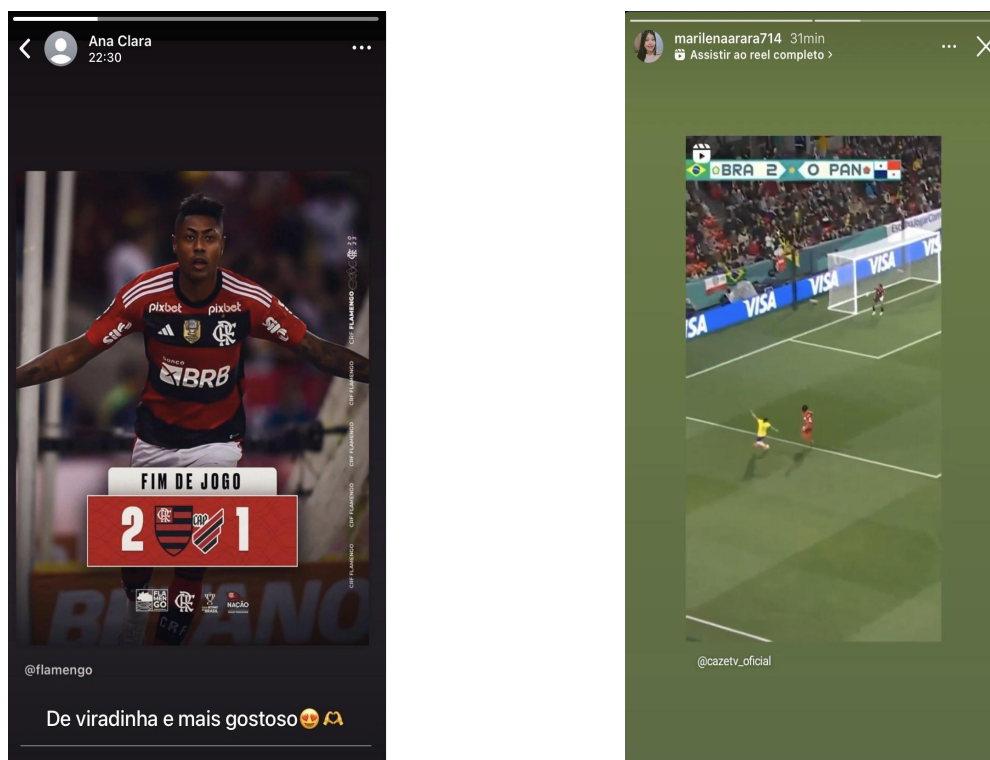
Figura 49– Fortalecimento dos laços de amizade junto a outros povos



Fonte: *Instagram* da atleta Karo Arara.

Outro aspecto com o qual interagem bastante, assim como os seus pares não indígenas, refere-se às equipas e jogadores profissionais. Após as partidas das quais as equipas que torcem fazem parte e, sobretudo, quando vencem, publicam imagens em suas redes ressaltando tais resultados, assim como o apoio a seleção feminina de futebol (Figura 50). Do mesmo modo, os jogadores com maior destaque na modalidade também recebem a sua atenção (Figura 51).

Figura 50 – Manifestação da paixão pelo clube que torcem e pela seleção feminina de futebol



Fonte: *Instagram* das atletas Karo Arara.

Figura 51 – Manifestação de carinho pelo atleta Neymar

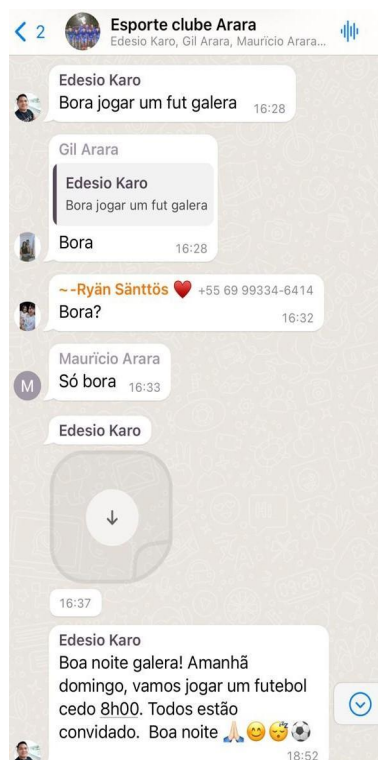


Fonte: *Instagram* da atleta Karo Arara.

Nas interações que ocorrem em ambientes coletivos (grupos do *Facebook* e *WhatsApp*) nos quais os integrantes praticamente se restringem aos moradores das

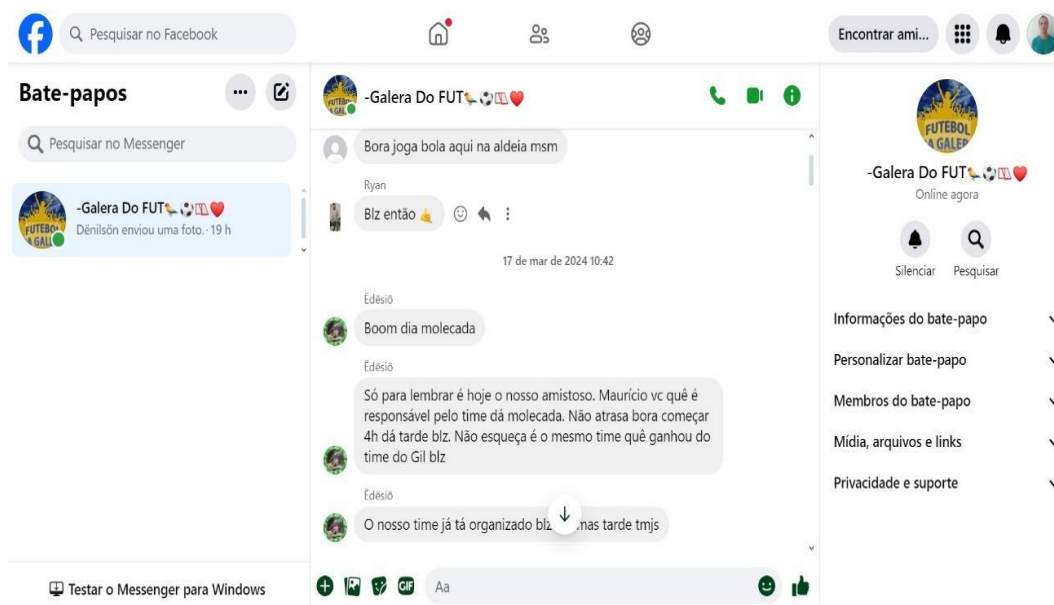
aldeias, há a presença de assuntos diversos, mas o que predomina é a combinação dos horários das “barreirinhas” (Figura 52) e de amistosos (Figura 53). Há também grupos em que se tem a participação considerável dos não indígenas, notadamente os da equipe Karo PG. Nestes, as trocas de mensagens geralmente se referem a situações da equipe nos campeonatos (Figura 54).

Figura 52 – Moradores de Iterap combinando uma “barreirinha”



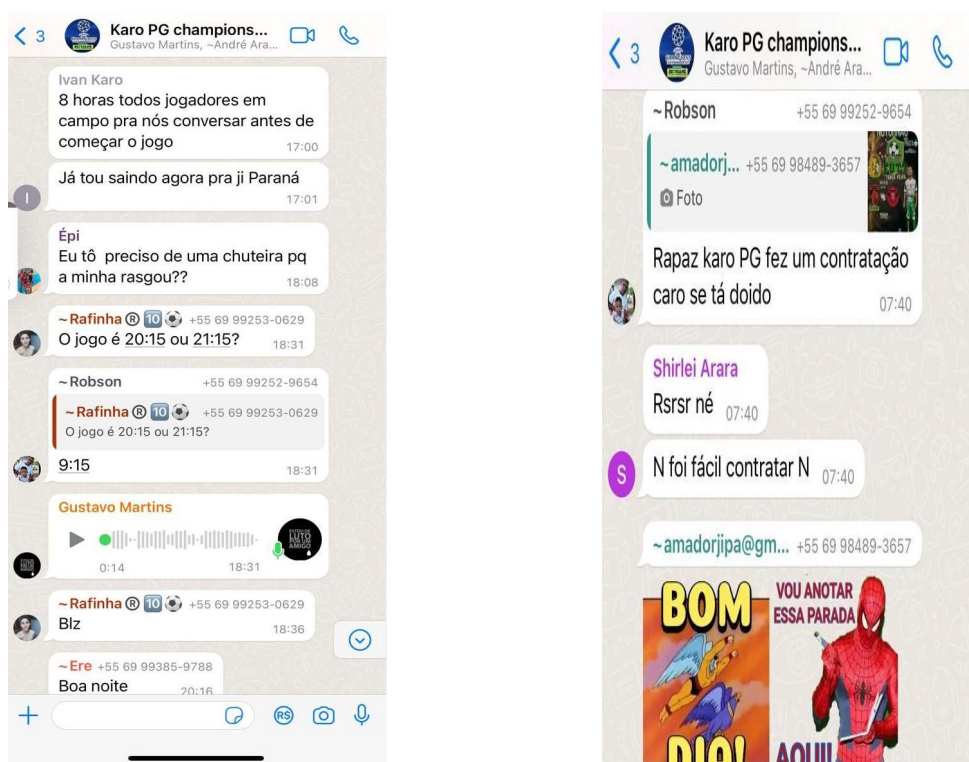
Fonte: Grupo do *WhatsApp* dos esportistas de Iterap.

Figura 53 – Equipes de Iterap combinando um amistoso



Fonte: Grupo do *Facebook* dos jogadores de futebol de Iterap.

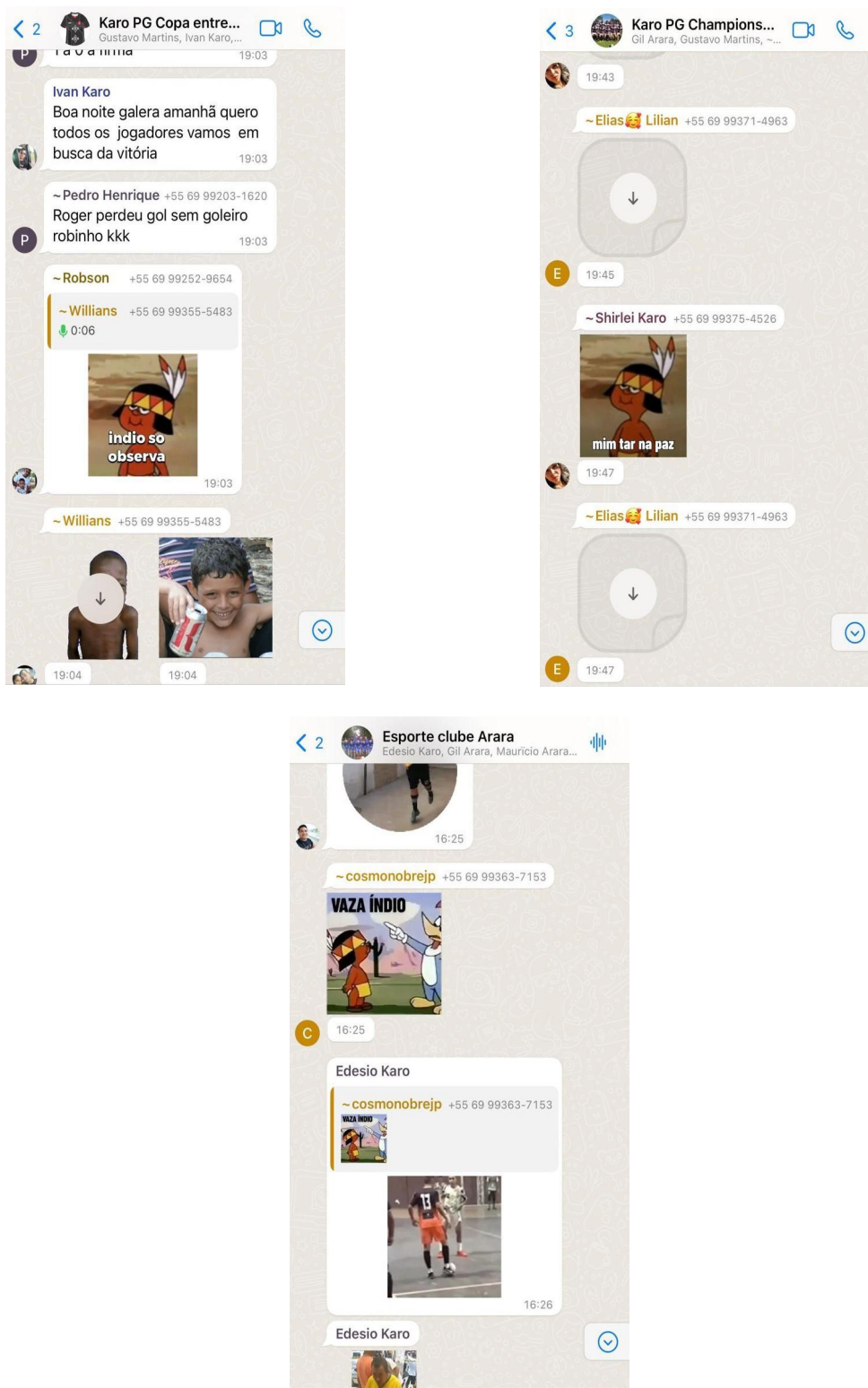
Figura 54 – Conversas sobre a participação da equipe Karo PG nos campeonatos



Fonte: Grupo do *WhatsApp* da equipe Karo PG.

Um aspecto que me chamou a atenção nesses grupos é a realização de brincadeiras que tratam o indígena de forma estereotipada, sendo que, algumas vezes, são feitas pelos próprios Karo Arara. O contexto no qual essas situações ocorreram era descontraído, em que os interlocutores se manifestaram de forma bem-humorada acerca do tema em discussão (Figura 55). As pessoas que participam desse tipo de interação representam um elemento importante para a forma como os Karo Arara percebem essas “brincadeiras”, pois já evidenciei um descontentamento quando esse tipo de manifestação ocorreu por pessoas fora do seu círculo de relações, assim como também já tivemos alguns relatos.

Figura 55 – “Brincadeiras” sobre os indígenas



Fonte: Grupos do *WhatsApp* da equipe Karo PG e dos esportistas de Iterap.

Uma mídia tradicional que já não é tão utilizada, mas que foi fundamental para a aproximação do povo com o futebol, é o rádio. Antigamente, quando o acesso a televisão era bem restrito, era por meio do rádio que eles conseguiam acompanhar os campeonatos

de futebol do país. Em conversas com os moradores, é perceptível a importância desse meio de comunicação para o desenvolvimento da paixão pelo esporte.

Da mesma forma ocorre com os Kaingang da TI Xapecó que o interesse em acompanhar as equipes de futebol profissional teve grande influência das rádios. A simpatia que nutre pelas equipes de São Paulo e do Rio Grande do Sul, por exemplo, deve-se ao fato de que quando começaram a acompanhar, na década de 1970, as únicas estações que chegavam até a comunidade eram provenientes desses estados (Silva, 2014).

Entre os Karo Arara também pode ser observada uma grande paixão pelos clubes profissionais de futebol do Brasil. As equipes que possuem mais torcedores são as oriundas de São Paulo e do Rio de Janeiro, notadamente Corinthians e Flamengo. Apesar de não assistirem a todos os jogos de suas equipes, acompanham diariamente as suas notícias, valendo-se das facilidades proporcionadas pelas redes sociais. É muito comum também postarem brincadeiras e provocações futebolísticas relacionadas aos times pelos quais os seus amigos e familiares torcem.

Já com os Guarani e Kaiowá, os motivos que os levaram a torcer para um determinado clube do Brasil estão relacionados a influência de seus familiares, a presença desse clube na mídia, a chegada na região de pessoas oriundas das cidades de origem desses clubes e a presença de escolinhas de futebol desses clubes na região (Rodrigues, 2014).

Com a chegada da televisão, essa relação se estreitou ainda mais. Até bem pouco tempo, eles acompanhavam as partidas que eram transmitidas pelas redes de televisão tradicionais (Globo, Sbt, Band, dentre outras), as quais geralmente aconteciam na quarta-feira e aos finais de semana. Os campeonatos assistidos restringiam-se a competições estaduais, nacionais e, às vezes, sul-americanas. Com a evolução tecnológica e o advento de aparelhos de televisão com acesso a internet, alguns moradores ampliaram as possibilidades de acompanhar o seu esporte preferido, sobretudo pelo *Youtube*.

Mesmo com a oportunidade de assistirem mais jogos devido aos recursos tecnológicos, nem sempre isso acontece. As atividades diárias (trabalho profissional, trabalho na roça, trabalho doméstico, dentre outras) limitam a oportunidade de ficar na frente da televisão acompanhado. Há também a preferência por conversar com familiares e amigos ou passear pela aldeia, principalmente os jovens. Dessa forma, não obstante poderem assistir o futebol pela televisão diariamente, ainda o fazem somente alguns dias na semana.

Entre os Xavante, Vianna (2001) afirma que o consumo do futebol pelas mídias (rádio, televisão e jornais) também marca presença na modalidade no dia a dia desse povo. O contato com notícias referentes a jogadores, dirigentes e clubes faz com que esse tema perpassasse as conversas realizadas em suas interações diárias. Com efeito, esse interesse da etnia pelo universo do futebol, tanto no contexto nacional quanto no internacional, chamou bastante a atenção do pesquisador. Conhecer o histórico profissional de um atleta ou conjecturar a respeito de certos jogadores serem indígenas em razão de características fenotípicas são alguns exemplos. Outro ponto notado por ele foi a mobilização para assistir aos jogos da seleção brasileira. Somente em alguns poucos eventos, inclusive tradicionais, ele verificou a presença de tantas pessoas.

No caso dos Munduruku, Nascimento (2015) pondera como este aspecto, assim como outras situações da comunidade, possibilitam a observação da relação entre o moderno e o tradicional. Após a chegada da energia elétrica e o advento de recursos tecnológicos, como a televisão e o acesso à internet, os indivíduos passaram a apropriar do futebol por meio das mídias, acompanhando as partidas das equipes profissionais no Brasil e adquirindo produtos de grandes empresas esportivas. Contudo, ao mesmo tempo em que adentravam esse novo ambiente, não deixaram de realizar as suas partidas no campo de chão batido, jogando sem uniforme e/ ou sem calçado e modificando as regras institucionalizadas para viabilizar as disputas.

4 O PROTAGONISMO DAS MULHERES KARO ARARA NO ESPORTE

Neste capítulo, discutiremos a participação das mulheres Karo Arara no esporte e como elas vêm assumindo um protagonismo nessa área, tanto dentro quanto fora das aldeias. Assim como em outras dimensões de suas vidas, o envolvimento com o esporte demanda a superação de desafios e um esforço maior do que os homens. Apesar de, atualmente, as possibilidades de se estar no ambiente esportivo serem bem maiores do que há duas, três décadas, à medida que as mulheres vão crescendo e adquirindo novas responsabilidades, sobretudo familiares, as condições propícias para que pratiquem, diminuam.

As oportunidades voltadas para a prática esportiva para homens e mulheres são desiguais não somente entre as populações indígenas, mas nos diversos países ao redor do mundo. E isso ocorre desde a sua origem. Embora o esporte, enquanto fenômeno moderno, date de meados do século XIX, a inserção e conquista de espaço por parte das mulheres só se tornou possível a partir das primeiras décadas do século XX.

Essa conquista passa pela participação nos Jogos Olímpicos Modernos, a qual, apesar de ser permeada por obstáculos, trouxe à tona a possibilidade de a mulher assumir o papel de atleta. A presença delas no evento como participantes só se tornou possível a partir da segunda edição, não obstante os protestos de alguns de seus idealizadores, como o barão Pierre de Coubertin, que defendiam a presença delas apenas como espectadoras (Goellner, 2005).

A tentativa de impedir a participação das mulheres estava calcada na ideia de que elementos presentes no cenário esportivo, tais como o esforço físico, as emoções fortes, a espetacularização dos gestos corporais, a seminudez, dentre outros, colocaria em risco a imagem de feminilidade atribuída a elas. Além disso, por se conceber o esporte enquanto um ambiente natural e hegemonicamente masculino, ensejar a participação das mulheres poderia provocar a desestabilização da representação de superioridade dos homens (Goellner, 2005).

A sociedade da época, respaldada pela perspectiva de caráter biológico que delimitava as diferenças entre os gêneros com evidente favorecimento aos atributos “considerados” masculinos, legitimava o domínio do homem em suas diferentes instâncias. A inserção das mulheres no esporte tornar-se-ia uma ameaça a essas bases machistas vigentes na medida em que possibilitava a diminuição dessa desigualdade nas relações entre homens e mulheres por meio do enfraquecimento dessas concepções construídas socialmente.

No Brasil havia uma preocupação entre as famílias, notadamente as da elite, de que a exposição do corpo por meio da prática esportiva ocasiona a desmoralização feminina. Tendo o corpo como eixo central por meio da prática esportiva, dos cuidados com a aparência e do seu desnudamento, entendia-se que, ao mesmo tempo, o envolvimento com o esporte promovia a autoafirmação da mulher ante a sociedade, mas também a direcionava para a desonra e, até mesmo, a prostituição (Goellner, 2005).

Embora não houvesse uma unanimidade em relação à presença ou não das mulheres no esporte, a tensão oriunda no embate entre essas diferentes perspectivas resultou na mobilização, efetuada por alguns setores, pela restrição da prática de algumas modalidades pelas mulheres. Nesse sentido, em 1941 o Conselho Nacional de Desportos (CND) publicou um decreto-lei em que proibia a participação delas em modalidades que não se adequavam à sua natureza (Goellner, 2005).

A proibição incidia em esportes considerados violentos e incompatíveis física e psicologicamente com a natureza feminina da mulher. Além da preocupação em não afetar a sua “beleza”, havia também, assentado nos ideais eugenistas, o desejo de se garantir corpos fortes e saudáveis que viabilizassem o exercício da maternidade de forma adequada.

Em 1965, por meio da deliberação n.7, o CND reforçou o impedimento as mulheres de participarem em determinadas modalidades esportivas (dessa vez foram apontadas), especificadas no segundo artigo, sendo o futebol (também o de salão e o de praia), pólo aquático, *rugby*, halterofilismo e *baseball* (Goellner, 2005).

A publicação desses documentos oficiais indica concepções acerca da mulher e da feminilidade, as quais giram em torno da beleza e da maternidade. Desse modo, o envolvimento com modalidades esportivas consideradas “violentas” não ia ao encontro do que se considerava como experiências sociais salutaras para as meninas e jovens. Contudo, mesmo que fosse presente no discurso oficial da sociedade brasileira da época a obrigatoriedade de se manterem afastadas desse tipo de atividade, muitas mulheres desconsideravam essas proibições e vivenciavam experiências esportivas (Goellner, 2005).

O fato é que, enquanto as mulheres têm se esforçado para se manterem presentes no ambiente esportivo, os prejuízos para o desenvolvimento do esporte feminino no país são inegáveis. A revogação da lei que proibia a participação delas em alguns esportes só ocorreu em 1979. A partir de então, e de forma vagarosa, é que se iniciou o apoio institucionalizado.

O futebol, modalidade comumente associada à identidade do povo brasileiro e, indiscutivelmente, uma das mais acompanhadas e praticadas (se não a mais), inclusive entre as mulheres e as populações indígenas, figura entre aquelas que foram mais prejudicadas nesse processo.

Januário e Knijnik (2022) salientam que as dificuldades observadas para a estruturação e solidificação do futebol feminino no Brasil estão relacionadas as proibições legais determinadas na década de 40 (e revogadas no final da década de 70), assim como na associação da prática dessa modalidade esportiva a perda da feminilidade e outras características atribuídas às mulheres.

Nesse sentido, Goellner (2005) ressalta que a pouca visibilidade direcionada para a participação das mulheres no futebol no Brasil está relacionada a falta de patrocínio, mas também há alguns outros aspectos, tais como a associação da prática do futebol a masculinização das mulheres e a concepção de uma noção de feminilidade em que se constrói uma relação obrigatória e direta entre mulher, feminilidade e beleza.

A história oficial do futebol entre mulheres no Brasil é recente. No entanto, há indícios da realização de jogos entre mulheres desde as primeiras décadas do século XX, notadamente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Contudo, em 1941, quando o futebol feminino passava por um momento de crescimento contando, inclusive, com o apoio de jornais, o CND publicou o decreto-lei supracitado. Apesar desse esforço para impedir a prática do futebol por parte das mulheres, no final da década de 50 iniciou-se um novo crescimento, o qual foi novamente combatido, desta vez com a deliberação nº7/65 do mesmo órgão (Batista, 2022).

Apesar de não ser um movimento consolidado, o envolvimento das mulheres com o futebol denotava uma transgressão à concepção social predominante acerca da identidade feminina, a qual estava atrelada à imagem de mãe. Nessa época, a mulher, notadamente o seu corpo, é entendido como um bem social em que se depositava a expectativa a geração de filhos sadios (Goellner, 2005).

Com a anulação da Lei, em 1979, que impedia o envolvimento das mulheres com o futebol, esperava-se que seria mais fácil, para elas, conseguirem jogar. Contudo, a experiência futebolística ainda continuou a ser difícil devido a sua não permissão de realização em campos oficiais, bem como o embargo a clubes associados a federações de terem equipes femininas (Batista, 2022).

Toda essa contextualização histórica, mostra-nos que, se atualmente as mulheres têm condições mais favoráveis para praticar esportes, especialmente o futebol, a

conquista se deve a muita luta e a superação de inúmeros desafios desde os primórdios do século XX.

No caso do futebol, a sua prática tem experimentado um crescimento perceptível no Brasil nos últimos anos, que pode ser constatado por meio do aumento da quantidade de equipes e atletas profissionais, bem como pelo engajamento social em torno da participação das mulheres na modalidade. Com efeito, esse panorama é fruto do esforço e persistência das mulheres que transitam pelos diferentes espaços do contexto futebolístico (Januário; Knijnik, 2022)

Esse quadro brevemente delineado da história da mulher no esporte com as suas desigualdades, dificuldades e superações, guardadas as proporções e particularidades, também se observa no contexto indígena. A ênfase dada ao futebol também não foi aleatória. Essa é a modalidade que mais desperta o interesse e o engajamento nesses povos, tanto de mulheres quanto de homens.

Os trabalhos que discutem a realidade esportiva indígena indicam que as dificuldades vivenciadas pelas mulheres não se resumem às oportunidades para se praticar, mas também se fazem presentes em sua parca menção no campo teórico. O fato de quase todas as pesquisas encontradas terem sido feitas por homens auxilia na compreensão dessa situação. O mais comum é que, considerando as divisões sexuais (trabalho, rotina, dentre outras) existentes nas aldeias, os pesquisadores ficassem vinculados ao universo feminino.

No entanto, no nosso caso as possibilidades foram ampliadas. Desde os nossos primeiros contatos com o povo Karo Arara, seja no trabalho com o projeto de extensão ou no acompanhamento dos campeonatos amadores, tivemos a oportunidade de observar e vivenciar as experiências esportivas do domínio feminino, tanto de mulheres quanto de meninas e jovens.

Essa proximidade nos fez constatar o reconhecimento que as mulheres, sobretudo as de Paygap, têm obtido no contexto futebolístico regional. A partir de 2021, elas começaram a disputar campeonatos em Ji-Paraná e cidades próximas, extrapolando os limites das aldeias e das linhas⁴⁴ que vigorava até então. Independente do formato (futebol 7, futsal ou futebol de 11) passaram a conquistar bons resultados, inclusive títulos, ocasionando o interesse crescente de jogadoras não indígenas em fazerem parte da equipe, e de organizadores de competições da região de que fizessem parte dos seus eventos.

⁴⁴ Forma que são chamadas as divisões na zona rural.

No âmbito interno, isto é, na forma como o esporte, especialmente o futebol, acontece no cotidiano delas, foi possível perceber o apreço que possuem pela prática esportiva, mas que, nem sempre, conseguem participar do modo que gostariam. Responsabilidades familiares, problemas físicos e o machismo velado (às vezes, nem tanto), interpõem-se em seus caminhos e, em muitos casos, promove o afastamento (em alguns casos definitivo) do esporte.

As próximas páginas são uma tentativa, bem modesta aliás, de descrever o envolvimento das mulheres Karo Arara nas diferentes dimensões do cenário esportivo de que fazem parte e como a partir da emergência de suas atuações enquanto lideranças, a participação do povo no esporte tem se consolidado dentro e fora da aldeia.

4.1 O futebol no cotidiano da aldeia: há igualdade?

Uma cena comum, aos finais de tarde das aldeias de Iterap e Paygap (sobretudo naquela por ter mais praticantes), é a concentração de muitos moradores no campo ou em um dos campos (Iterap) ansiosos para dar início a um dos momentos mais aguardados do dia, o jogo de futebol. Seja uma “pelada” ou um amistoso (entre as aldeias, no caso de Iterap), há o interesse não só de quem vai jogar, mas também de vários que gostam de acompanhar a peleja para se divertir e interagir com os seus pares.

As mulheres (meninas, jovens e adultas) são uma presença considerável nesse ambiente. Dispostas a “mostrar” o seu futebol, organizam-se em equipes ou, caso não haja outra possibilidade, unem-se aos homens, para poderem vivenciar a atividade pela qual possuem muito apreço. Mas nem sempre foi assim. Antigamente, não havia essa oportunidade. Inclusive, algumas adultas que hoje jogam, só puderam experimentar a modalidade já na adolescência.

“Hoje as mulheres participam mais porque antes acho que elas nem participavam muito dos jogos” (Atl Pay 1 M).

“(Se jogam mais hoje) Sim porque antigamente as mulheres não jogavam não” (Lid Pay 1 H).

“Quando eu jogava não aceitava mesmo que as mulheres... Então, nessas peladas, por exemplo, aqui da aldeia, de tardezinha, só jogava homem mesmo” (Atl Pay 2 M).

“É, hoje as meninas participam mais dos jogos, nas reuniões também. Antigamente as mulheres ficava em casa, mas só os homens que participavam. Mais hoje participam mais agora” (Lid Ite 4 M).

“(as mulheres jogam bem mais hoje) Exato. Antigamente, as mulheres não tinham essa oportunidade como as gurias de hoje têm [...] os homens não

deixavam, tomavam conta do espaço, do campo, não deixava elas jogarem” (Lid Ite 5 H).

“Sim, eu vejo que hoje mudou. Até porque elas jogavam só entre lá na aldeia e depois elas conseguiram participar fora. E acho que hoje participam mais do que antigamente. Antigamente era meio que raro. Acontecia, mas era como eu falei, jogar mais misto ali, não era mais o time delas mesmo. Até para a quantidade de pessoas que tinha também na Paygap, era pouca gente ali. Tinha que se jogar e misturar, mas eles sempre fizeram presente no meio” (Lid Pay 5 H).

Embora alguns homens admitam que dificultaram a viabilização da prática do futebol pelas mulheres, há aqueles que acreditam (e que promovem essa percepção) que não havia o interesse por parte delas, o qual foi surgindo com o passar do tempo. Como resultado desse tolhimento, ocorre a dificuldade de as mulheres se perceberem enquanto atletas. Entendem-se como auxiliares, colaboradoras dos homens.

“Então, as mulheradas da comunidade aqui, da minha comunidade, quem gostava de futebol mais eram os homens. Depois que as mulheradas viram os homens brincando, jogando bola, eles foram vendo. Aí, dali, as mulheradas foram se aproximando mais e gostando do futebol” (Lid Ite 2 H).

“Mudou porque as mulheres antigamente jogavam só com os homens, elas não tinham o time das mulheres, não existia, elas aprenderam a jogar com eles, não tinha um time delas e hoje não, hoje tem um time delas. Hoje elas podem, até o dia que eles não querem dar o campo para elas, aí eles convencem elas de jogarem junto, mas elas sabem que elas têm um time delas e que querem, então tem o dia que elas falam não, hoje nós não vamos jogar com vocês, hoje a gente vai jogar e vocês não vão jogar, ou então esperem nós jogar primeiro, ou então vocês joguem primeiro no horário que der, que aí tal horário vai ser nosso. Então elas se posicionam e antes não, antes elas jogavam com eles, mas naturalmente, não tinha também aquele pensamento de fazer o time delas, para elas, elas ajudavam, não eram eles. Ela está me ajudando no time, eu estou ajudando no time tal. Até a fala delas era isso. Eu não estou no time, ela falava que está ajudando. [...] Nem se olhava com... Hoje a gente escuta que elas falam que eu sou atleta, eu jogo futebol” (Lid Pay 4 M).

O reconhecimento de sua capacidade para poderem jogar futebol somente entre si, executando as técnicas necessárias e organizando as suas próprias equipes, foi fundamental para que as mulheres pudessem exigir o tempo e o espaço apropriados para a sua prática. O estabelecimento de limites no ambiente esportivo junto aos homens era imprescindível para que mais mulheres sentissem confiança em participar, notadamente as mais novas, e a modalidade se popularizasse entre elas.

A mudança de postura das mulheres, não obstante ter propiciado avanços em suas condições de jogo, ainda não lhes assegura a equidade em relação aos homens. No que concerne aos materiais de uso individual (chuteira, meiões, dentre outros), eles possuem muito mais acesso do que elas. Da mesma forma ocorre com as bolas para poderem jogar, em que, quase sempre, dependem da cessão de um deles. No caso de Iterap, ainda há a

questão do espaço físico, pois, muitas vezes, não querem permitir (ou reclamam de elas irem) no campo principal, direcionando-as para um campo de dimensões menores e qualidade inferior.

E a situação que ocasiona maior disparidade, principalmente em Paygap, diz respeito ao horário de início dos jogos e a quantidade de tempo que cada gênero tem direito. As condições climáticas nesta região são de temperaturas elevadas em boa parte do ano, inviabilizando a realização de jogos durante quase todo o dia. Como nos campos das aldeias ainda não tem postes com iluminação, não é possível jogar no período noturno. Dessa forma, as partidas são marcadas geralmente após as 16h. Ou seja, já para o final do dia. No momento de se definir quem jogará primeiro e o tempo de duração, ocorrem os conflitos.

“Não é o mesmo tempo, às vezes a gente tem que brigar com os homens para a gente jogar bola. As meninas têm que começar mais cedo e os homens só mais tarde” (Atl Ite 1 M).

“(os homens têm mais tempo?) Têm mais” (Atl Ite 4 M).

“Não, o tempo só muda, porque ela joga menos minutos e nós jogamos mais tempo” (Lid Ite 3 H).

“Tem vezes que é igual. E assim, o que eu achava errado, que eu questionava, mas os meninos também às vezes não achavam, era o tempo delas. Às vezes elas jogavam mais cedo, por exemplo, três horas da tarde. Nós jogávamos de tarde, entendeu? O que não é o inverso? Jogando aquele sol quente, entendeu?” (Lid Pay 5 H).

“Sim, eles jogam mais que as meninas, que ali tem só um campo, aí tem vezes que a gente quer brincar mais, os meninos vão lá e entram no campo e não pedem licença, que eles vão entrar ali, eles entram assim mesmo e vai. Aí a gente sai do campo, que eles jogam mais que as meninas, que as meninas jogam pouco, que também não têm aquele treino para elas, aquele jogo para marcar minutos, tanto minutos que as meninas vão jogar, eles não fazem assim.” (Lid Ite 4 M).

“Elas hoje, elas quer jogar que nem tem esse problema do campo. Elas quer jogar ali e não jogar um pouquinho e sair. Tem isso aí, tem vezes que a gente não vai jogar bola e tem vezes que as meninas não querem ir no campo, que vão ali e vão sair rapidinho também do campo, elas têm interesse, as meninas querem jogar bola ali e não têm aquele tempo para elas” (Lid Ite 4 M).

“Tem vezes que a gente dava tempo para elas também, e de muita vez os homens não davam espaço para elas, só que tem todo o tempo, tem horário delas também, de começar mais cedo.” (Lid Pay 1 H).

“Então, é tudo tranquilo e a gente dá mais tempo para as mulheres. Por exemplo, quando é no horário no período da tarde, a gente dá uns 20 minutos para as mulheres jogarem. 10, 10 do lado, 10 do outro. Aí depois a gente faz as brincadeiras dos homens. Primeiro as mulheres, depois os homens.” (Lid Ite 2 H).

“(A divisão do tempo de jogo) Igual. É o restante do tempo. As meninas têm um grupo no *WhatsApp*, elas chamam umas outras e vem rápido. Ela manda mensagem, primeiro quem vai jogar bola hoje é as meninas, depois por último é vocês. Aí combina desse jeito” (Atl It 3 H).

As entrevistas e o convívio no cotidiano da aldeia indicam que, apesar de alguns homens assumirem o seu privilégio em detrimento das mulheres no que se refere aos horários, a percepção masculina geral é de que isso não ocorre. Com efeito, embora o discurso masculino seja de que não há qualquer tipo de ação preconceituosa direcionada para as mulheres que jogam, algumas ainda se valem de falas sexistas e discriminatórias para tentar invalidar a presença delas no espaço de jogo.

“Não, nós não temos preconceito, eu nunca vi aqui, e a gente acha legal isso (a participação das mulheres)” (Lid Pay 1 H).

“Mas nós, comunidade, não temos esse preconceito com a participação, não. Não tem preconceito com a participação, não. Graças a Deus, assim tudo é tranquilo. Quem tiver interesse em querer participar, tanto masculino, tanto feminino, é tranquilo pela participação” (Lid It 2 H).

“(preconceito) Tem, tem um pouco ainda que eles falam para nós sair para lavar a louça, que é o lugar de mulher. Esse daí também que a gente fala, nós não vamos ficar só lavando as panelas, nós já lavamos panelas, nós deixamos limpo lá e nós quer brincar. É esse daí que a gente é um pouco também assim...” (Lid It 4 M).

“(preconceito) Tem, sabe por que, professor? Porque a partir do momento que os homens colocam as mulheres para jogar no sol quente meio-dia e não tem a consciência de colocá-las no horário que eles querem jogar, porque eles querem jogar no melhor horário por conta do sol. Mas eles não pensam assim, nós homens não estamos aguentando, imagine as mulheres. Então, eles abrem brechas para elas nos piores horários para que elas desistam mesmo, sabe? E tem brigas de horário de campo, briga que eu digo assim, elas querem entrar e eles não saem. Elas estavam conseguindo jogar porque o Ivan tinha que ir para lá, embora saiam para jogarem. Aí elas conseguem, mas eles não saem. Tem hora que eu acho que é preconceito e tem hora que eu acho que é o vício que é tão grande de jogar naquele horário e que acaba não permitindo elas entrarem, mas eu já jogo logo o tema pesado para eles para ver se eles se tocam, porque teve já falas lá, vão lavar a louça de vocês, vão no sei o que lá, então isso é preconceito, porque eles poderiam também estar fazendo algo, mas estão jogando bola” (Lid Pay 4 M).

O esforço das mulheres para que o seu direito de jogar futebol em condições mínimas adequadas seja respeitado é constante. O discurso predominante que até algumas mulheres reforçam é o de que elas têm as mesmas oportunidades para jogar, no dia a dia, que os homens. No entanto, é possível notar que para terem condições parecidas com as deles, sempre tem que lutar pela bola, pelo espaço e pelo tempo.

4.2 O reconhecimento no cenário regional

A prática constante do futebol, propiciou, ao longo dos anos, o aprimoramento das habilidades e da capacidade de jogar. Isto é, as mulheres desenvolveram técnicas corporais próprias, que lhes possibilitam reconhecimento social. As gerações mais novas também se beneficiaram do fato de crescer tendo como referência outras mulheres e poderem assimilar o conhecimento que elas precisaram de muito mais tempo para conseguir. Vale ressaltar que as técnicas corporais são transmitidas oralmente e, por meio da transmissão, apresentam eficácia simbólica. O desenvolvimento do futebol feminino no povo Karo Arara ocasionou, então, a percepção de que o espaço da aldeia já não era mais suficiente para elas apresentarem o seu jogo. Elas queriam mais.

“E tem outra coisa que eu esqueci também, é que a gente tem o time das meninas também, e o que a gente pensou também, de participar também em Ji-paraná, e não jogar só tornezinho aqui.” (Lid Pay 2 H).

As mulheres se organizaram e passaram a realizar partidas amistosas tanto na aldeia quanto fora dela. Da mesma forma que os homens, elas jogavam contra o povo Gavião e/ou contra equipes da área rural próxima. Com a aquisição de mais experiência e o surgimento de oportunidades para participarem em torneios esportivos na área rural próxima a aldeia, começaram a se inserir nesse tipo de competição. Esses movimentos se fizeram presentes tanto em Paygap quanto em Iterap.

A partir do ano de 2021, a equipe de Paygap ampliou as suas possibilidades de participação, ingressando no cenário regional e disputando campeonatos em Ji-Paraná e cidades próximas. Embora contassem com o apoio de uma liderança masculina, era evidente o protagonismo dessas mulheres. A decisão de participar, a organização e a mobilização da equipe e a busca por alternativas para viabilizar a participação na competição partia delas. O mais interessante é observar que essa iniciativa se dava por parte de jovens, visto que a equipe era formada por jogadoras de até vinte anos.

“Era difícil ter time feminino, e agora o time feminino do nosso aqui da aldeia é reconhecido na cidade, todo mundo sabe quem é. Ali as pessoas veem quem joga melhor ali” (Lid Pay 2 H).

O bom desempenho e os resultados alcançados nas competições chamaram a atenção dos não indígenas. Dessa forma, passaram a receber convites para participarem de campeonatos na região. O interesse também se fez presente em atletas que requisitaram a possibilidade de participarem da equipe ou em equipes que gostariam de se unir a delas e formar somente uma. Outro ponto a se destacar diz respeito a algumas atletas que

tiveram um ótimo desempenho individual e receberam convites para participar de competições a nível estadual. Em alguns desses eventos, foram os destaques de suas equipes, sendo admiradas por performarem tão bem.

A obtenção desse reconhecimento a nível regional por parte das atletas Karo Arara, notadamente as de Paygap, dá-se com muito esforço e a superação de obstáculos que extrapolam o ambiente esportivo. Esses desafios que se interpõem à rotina competitiva dessas mulheres podem ser reunidos em dois grupos. O primeiro, e principal, se refere a parte logística. A partir do momento em que recebem um convite e/ou se interessam por um campeonato, precisam providenciar o dinheiro para inscrição, o transporte e o recurso para alimentação. É esse o principal motivo que inviabiliza o envolvimento das mulheres de Iterap nas competições. Solucionar todas essas questões não é simples.

Silva (2014) ao analisar o panorama geral do futebol feminino na TI Xapecó dos Kaingang, ressalta que entre as principais diferenças em comparação ao futebol masculino, encontra-se a precariedade de condições a que estão sujeitas. De acordo com a autora, as mulheres, diferente dos homens, não possuem uniforme, diretoria e, até mesmo, um nome que identifique a equipe.

O segundo diz respeito ao preconceito e à discriminação. Embora apresentem uma conduta respeitosa com as adversárias, no acompanhamento das atletas de Paygap em alguns campeonatos, pudemos verificar que nem sempre o tratamento recebido é recíproco. As falas ofensivas eram direcionadas à aparência física delas, ao fato de se comunicarem na língua materna e a elementos de sua organização social (por exemplo “vão derrubar castanha”). Em conversas com algumas delas, relatam que aprenderam a conviver com isso, mas, é perceptível e compreensível, o incômodo e a tristeza que isso causa. Uma espécie de sofrimento pessoal (Le Breton, 2016).

Apesar disso, elas procuram continuar a fazer uma das coisas de que mais gostam, jogar futebol. Buscam estar presentes nas competições, mesmo que nem sempre a equipe se encontre em suas melhores condições para poder competir, seja pela estrutura precária (falta de bolas, equipamento de uso individual e, no caso de campeonatos de Futsal, uma quadra para treinar) e/ou por não conseguirem se reunir para treinar. Sobre este último ponto, com o aumento do tempo de convivência, chamou-me a atenção, tanto em Paygap quanto em Iterap, terem várias mulheres (entre 20 e 30 anos) em boas condições físicas e técnica para jogar, mas que haviam se afastado da modalidade.

4.3 Aposentadoria precoce: as responsabilidades familiares e o abandono do futebol

Conforme destacado no tópico anterior, a equipe de Paygap era composta por atletas com até vinte anos de idade. Elas vinham competindo juntas a nível regional há dois anos. Contudo, para o ano de 2024, teriam uma baixa. A goleira da equipe não iria mais participar das competições. Procurando entender melhor os motivos, fui conversar com o restante da equipe e com pessoas da aldeia. A percepção que ficou subentendida após as interações era de que após ter se casado, estava mais complicado de ela participar.

O estreitamento das relações com as pessoas das aldeias ao longo dos anos, me fez perceber que essa era uma situação bem comum. Mulheres que jogaram durante a sua adolescência e na idade adulta, a partir do momento em que casaram e constituíram as suas famílias decidiram se afastar da modalidade. Há algumas justificativas para que isso ocorra. A primeira delas se refere à interferência do marido.

“Eu acho que elas acabam parando porque eu acho que os maridos delas não deixam [...] eu acho” (Atl Pay 2 M).

“porque eu também conheço algumas pessoas que não podem ir, que as pessoas às vezes se casam e não podem sair, a maioria das pessoas proíbe muitas mulheres de não estarem por dentro daquele movimento indígena, não só no movimento também, como nos esportes, eu acho” (Atl Pay 5 H).

“Eu e o Ivan já tínhamos reparado que algumas realmente são os próprios maridos que não aceitam” (Lid Pay 4 M).

“Às vezes eu acho que o marido delas não aceita” (Atl Pay 7 H).

“Eu acho que mais parte do marido. Então assim, por exemplo, tem menina que destaca bem, joga bem, aí depois que casa, aí abandona tudo.” (Lid Ite 2 H).

“Também é um pouco de ciúme, também que o marido não tem aquele consenso com ela para ela entender também que ela quer jogar bola. Eu também tive um pouco também com o meu esposo quando começou a jogar e eu queria jogar e a gente teve esse daí que é um pouco também (...) O marido tem que entender mais, a gente tem que conversar. Tem que entender também que a gente quer jogar, é o interesse da gente e a gente deixa ele jogar também e ele não quer deixar a gente também jogar bola. Por isso que também as mulheres desistem. Tem muitas mulheres que jogam também, que antigamente jogavam também as meninas” (Lid Ite 4 M).

“Muitas vezes é a família. Muitas vezes é o marido que não quer que jogue ou escolha. Acho que é isso” (Lid Ite 5 H).

Pelo fato de o ambiente esportivo amador, sobretudo em competições, ter a presença de muitas pessoas, caracterizando-se pelo seu clima festivo regado a música dança e bebidas, pode levar os homens, especialmente se possuírem um perfil controlador

e ciumento, a pensar que seu o relacionamento pode estar em risco, ainda mais se não forem envolvidos com o esporte.

Rodrigues (2014), que pesquisou a prática do futebol entre os Guarani e Kaiowá, verificou que ocorre a interferência do desejo do marido no envolvimento de mulheres casadas com a modalidade. Uma de suas interlocutoras destacou que obteve o consentimento do marido para poder participar dos treinamentos, mas que deveria deixar as suas responsabilidades familiares em ordem.

A partir dos relatos coletados junto aos Kaingang da TI Xapecó, Silva (2014) salienta que além da prática do futebol entre as mulheres ser mais recente, um dos obstáculos que se apresenta para atrapalhar o seu desenvolvimento é a postura de alguns homens que não aceitam que as suas esposas participem.

Nos Kaingang da TI Palmas, Fassheber (2006) ressalta a presença das mulheres na prática futebolística. O seu envolvimento é menor e mais tardio em comparação aos homens, mas também há entusiasmo. Os desafios para a participação se acentuam para as mulheres casadas, pois dependem da autorização do marido e do cumprimento das demandas familiares, como o cuidado com os filhos e com o ambiente doméstico.

Por outro lado, há também os relatos de casos em que os homens jogam e não gostam que as suas esposas joguem, esforçando-se para que elas não participem. Pode-se notar, então, que jogar não é um fator determinante para esse tipo de comportamento.

Nesse sentido, há uma segunda justificativa que também pode estar relacionada com essa insatisfação dos homens em relação ao envolvimento de suas esposas com o esporte. É a responsabilidade com as questões familiares. Nesse caso, destacamos os cuidados com os filhos e com as tarefas domésticas.

“Não sei. No meu ponto de vista, eu acho que é por causa dos filhos, entendeu? Que atrapalham também...” (Atl Pay 4 M).

“Igual eu falo para minha esposa, que hoje não é só um homem que pode jogar futebol, hoje tem a mulher que é capaz também de jogar futebol e hoje você vê que tem mulheres, igual você está falando, que não sei qual é o motivo de elas não estarem participando do futebol. E com filho fica mais difícil ainda” (Atl Pay 6 H).

“Mas eu converso com o Júnior, que é o esposo da Eline. A Eline jogava bola de mais. Ela era... Hoje a Mayara de lá. E aí, casando, ele falou, não, eu incentiva ela a ir, mas ela que não quer ir. Acho que devido às obrigações também. As obrigações familiares, como mãe, como esposa. Acho que é isso muito também, eu vejo. Mas não é tanto da parte deles não deixarem o marido [...] E assim que eu pude perceber foi isso, porque a gente formava time e queria que ela jogasse, achava que era dele, eu chamei ele para conversar, ele falou não, eu não, ela explica que não quer ir e hoje tem casa para cuidar, diz que ela jogou bola e tem casa para cuidar, é isso” (Lid Pay 5 H).

Eu acho que é o desânimo dela, eu acho que ela fica desanimada [...] é mais difícil (quando se tem filhos). Aí que é o problema. Tem que cuidar das crianças” (Atl Ité 1 M).

“Eu acho que elas param pra cuidar de filho e de casa” (Atl Ité 4 M).

“Porque ela faz as coisas na casa dela, aí não tem tempo de poder jogar, nem poder treinar” (Atl Ité 5 H).

“Ela também está saindo da doença depois e não tem outra pessoa para assumir o lugar dela. Então, eu acho que nesse ponto fica mais difícil, porque ela tem que cuidar da casa, cuidar das crianças” (Lid Pay 3 H).

De acordo com Nascimento (2015), entre os Munduruku da aldeia nova Munduruku, nem sempre as mulheres casadas conseguem participar dos jogos, devido às suas responsabilidades familiares. Nesse sentido, em seu período de campo, não presenciou a realização de partidas da equipe feminina. Nas conversas com os seus interlocutores, descobriu que o time estava passando por reformulações em razão do afastamento de algumas jogadoras, por motivo de casamento e gravidez. Em outros tempos, o time feminino disputava competições escolares, contra outros povos e, também, na própria aldeia.

Os trabalhos de Arara (2016), Arara (2022) e Alves (2018) reforçam as dificuldades vivenciadas pelas mulheres do povo nessa área. Os homens até ajudam, mas somente “quando” precisa. Ou seja, a colaboração na execução das tarefas no dia a dia é esporádica. É uma responsabilidade natural das mulheres e a sua participação só acontece em casos específicos.

A negligência masculina em relação ao compartilhamento das responsabilidades familiares ainda é muito presente tanto entre os não indígenas quanto entre os indígenas. Em sua grande maioria, os homens acreditam que atender as necessidades dos filhos e realizar as tarefas domésticas compete somente às mulheres. Apesar de cada vez mais mulheres também possuírem uma atividade profissional, inclusive no contexto indígena, essa concepção indolente dos homens ainda permanece.

E, ainda que a participação delas no suprimento financeiro das necessidades domésticas seja significativa, a negligência masculina permanece. Martins, Luz e Carvalho (2011), que investigaram a divisão do trabalho doméstico na residência de trabalhadoras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), verificaram que apesar dessas mulheres contribuírem com a renda familiar, sendo, em alguns casos, a provedora, permanecem como a principal responsável pelos

afazeres. Mesmo quando possuem uma empregada doméstica, a responsabilidade por gerenciar as suas atividades, também é dela.

Para Hirata e Kergoat (2007) a relação entre o trabalho nas esferas profissional e doméstica a partir dos papéis sexuais, pode ocorrer de quatro formas. A primeira, refere-se ao modelo tradicional, em que as atribuições familiares são todas de responsabilidade da mulher e ao homem compete a função de provedor. A segunda diz respeito à conciliação, formato no qual cabe, quase sempre, a mulher responder pelos afazeres domésticos em consonância com a atividade laboral. Já a terceira concerne a parceria, em que as responsabilidades são divididas por homens e mulheres. Por fim, a quarta, corresponde a delegação, modelo no qual as responsabilidades do lar são destinadas a terceiros.

Ao estendermos essa possibilidade de análise aos Karo Arara, podemos verificar que, em sua maioria, a organização se dará pela via tradicional ou pela conciliação. As mulheres que possuem uma atividade profissional (e que, nesse contexto, geralmente são as provedoras do lar), conforme demonstrado por Alves (2018), precisam se planejar para darem conta de todas as tarefas. Ainda poderíamos citar a delegação, a qual mais uma vez escancara essa disparidade na divisão das responsabilidades, visto que quando este formato ocorre é atribuído às filhas. Mesmo que haja filhos, estes ficam isentos de qualquer obrigação, salvo poucos casos.

A desigualdade no compartilhamento das tarefas domésticas pode afetar as mulheres de diferentes formas, sobretudo no que diz respeito ao cansaço. Labiak, Lacerda e Zwielewski (2023) buscaram compreender como a carga mental de trabalho das mulheres pode ser afetada pelos papéis sociais atribuídos aos gêneros. A investigação foi feita com profissionais da área da educação e verificou que o dispêndio de horas com os afazeres domésticos é muito maior pelas mulheres em comparação com os homens. Essa situação aliada à sua rotina laboral remunerada tem levado essas mulheres à exaustão mental.

Já Picanço e Araújo (2019), analisaram dois *surveys* realizados no Brasil nos anos de 2013 e 2016 que investigaram a percepção de cansaço de homens e mulheres na articulação entre trabalho profissional e trabalho doméstico. As autoras verificaram que os relatos de cansaço são maiores por parte das mulheres, corroborando com outras pesquisas sobre o tema e que indicam uma menor destinação ao trabalho doméstico por parte dos homens.

Uma terceira justificativa para o abandono da prática esportiva diz respeito a questões físicas. O afastamento das mulheres desse tipo de atividade ocorreria em razão de problemas físicos oriundos de lesões ou pela dificuldade de retorno após o nascimento do filho. Se antigamente os partos eram por via normal, atualmente muitos se dão por cesárea, o que implica em mais cuidados e um período de recuperação maior.

“(Já conversou com outras mulheres sobre o abandono do futebol?) Já. Eu sou meio pesada, eu gosto de conversar com eles. Por quê? Porque antigamente, quando eu me engravidei primeira filha minha, eu não parei de jogar, não. Mas eu parei por causa do meu joelho. Do joelho mesmo” (Atl Pay 4 M).

“Joga, só que assim, como eu estou falando, os meninos que ela ganhou são todos cesária. Aí, por exemplo, ela tem um menino pequeno que é o João, o filho dela está com dois anos ainda. em novembro, é recente. Eu fico meio com medo de jogar e acontecer algum problema” (Lid Pay 1 H).

As lesões são muito comuns entre os homens e as mulheres que praticam futebol nas aldeias, principalmente as que acometem o joelho. Em conversas informais com adultos que se encontram afastados da modalidade, pode-se notar que os problemas no joelho geralmente são apontados como a causa desse afastamento. A prática em condições inadequadas (material esportivo, campo e a própria preparação física) pode ser um indicativo desse panorama. Desse modo, é possível que essa situação colabore para o abandono das mulheres, assim como as gravidezes. Muitas engravidam na faixa dos vinte anos e não apenas uma vez, o que levaria a um distanciamento periódico, acarretando, posteriormente, na retirada.

Contudo, a partir da convivência e das interações, foi possível verificar que pode haver uma quarta justificativa. A sua percepção se dá de maneira mais complexa, visto que pode se relacionar com outras dimensões da vida na aldeia. O afastamento do esporte ocorreria em virtude de uma questão identitária.

“Ela que decide parar... Ela que não se vê mais como estudante, como atleta, ela não se vê mais, ela só se vê pronta para servir o marido” (Lid Pay 4 M).

“Rapaz, essa parte é muito complicada de estar até para a gente estar explicando. E quando as meninas são solteiras, isso não impede de nada, elas participam, mas depois que casam, arrumam marido, elas esquecem, elas abandonam até de estar praticando mais, até porque mesmo, eu acho que por causa da tradição mesmo, casa e não quer que a mulher joga mais, não quer brincar mais” (Lid Ite 2 H).

A fala da liderança feminina acerca da forma como entende o afastamento da prática esportiva se dá por suas observações e pelas interações construídas com essas mulheres ao longo dos anos. E essa concepção extrapola o âmbito esportivo. A partir dela,

entende-se que a mulher deixa de lado os seus próprios interesses (esportivos, educacionais, profissionais, dentre outros) para atender aos dos seus filhos e do seu marido, ou seja, os da sua família.

Nesse sentido, pode-se estabelecer uma aproximação com a fala da liderança masculina, especialmente quando ele menciona a “tradição” como fator desencadeador desse afastamento. Não obstante essa situação também ser observada entre as mulheres não indígenas, parece ser esperado que a mulher indígena, notadamente as Karo Arara, sigam um comportamento pré-determinado, qual seja, de se dedicar totalmente aos interesses da família e não necessariamente aos seus.

Ao longo dos anos, cada vez mais mulheres passaram a reivindicar a legitimidade de sua presença no espaço esportivo, considerado, até então, de soberania masculina. Nesse sentido, além do questionamento ao seu pertencimento naquele ambiente, a respeito de sua orientação sexual e a associação de sua participação a problemas de saúde, outras situações foram interpostas a mulheres, as quais, quase sempre, não são direcionadas aos homens. Mesmo que tenha ocorrido uma pequena melhora na divisão das atividades conjugais, espera-se que as mulheres sejam as principais responsáveis por elas (Dunning; Maguire, 1997). E é o que ainda parece prevalecer entre os Karo Arara.

“(Fica mais difícil jogar quando casa) Fica, mas sempre nós incentivamos aqui, nós nunca falamos para ela o que ela casou, ela vai deixar de jogar, praticar as coisas que ela fazia e nós sempre dá muito apoio aí é da escolha dela mesmo, mas isso para nós é normal, eu acho legal isso. Até mesmo a gente antes, sempre nós trabalhando com o time feminino eu e o Ernandes, a gente participava de torneios aqui, todos os torneios que as meninas levavam, ninguém ganhava, mesmo o Gavião, é difícil ganhar das mulheres daqui, e Iterap também não ganha. Na época, ela tinha a mulher do Juninho, a Eline, nossa atacante boa. A Andreлина também, que casou com... a Erika” (Lid Pay 1 H).

O discurso predominante entre os homens é de que há o incentivo para que as mulheres continuem a jogar após se casarem e terem filhos. Resguardado os casos de lesão, seria a própria mulher que não teria mais o interesse. Mas, como se manter motivada e em condições de jogar, quando são acumuladas tantas tarefas? Cuidar da casa, dos filhos, estudar e, em alguns casos, até uma atividade laboral. Como dispor de tempo quando se é a única responsável por tudo isso?

Alves (2018) apresenta um relato que vai ao encontro desses questionamentos quando uma de suas entrevistadas afirma que gostava muito do período de férias escolares (que era o seu período de férias, visto que é uma professora), pois poderia se dedicar mais

aos filhos e a sua roça. Ou seja, são tantas atribuições assumidas que fica difícil conciliar todas.

Em algumas oportunidades, quando dávamos treino ou acompanhamos jogos na aldeia, pudemos verificar algumas mulheres parando de jogar porque os filhos pequenos estavam chorando e querendo a sua presença. Em mais de uma dessas vezes, o pai da criança estava presente e, mesmo assim, ela teve que sair e ir ao encontro da criança.

Dessa forma, percebe-se que, apesar de ressaltar que apoiam e incentivam as mulheres a participarem, os subsídios necessários para que seja viabilizada a participação não ocorre. No caso, o compartilhamento das responsabilidades familiares. Isso indica que, de forma consciente ou inconsciente, a uma conduta machista⁴⁵ de boa parte desses homens. E isso implica em ainda mais dificuldades quando as mulheres se encontram no papel de liderança.

4.4 A assunção do papel de liderança

A mulher indígena tem obtido cada vez mais destaque no exercício do papel de liderança representando os interesses do seu povo diante de outros povos indígenas e dos não indígenas. Durante muito tempo não houve a sua presença nesses espaços ou, embora fosse atuante, não era exposta a sua participação. Ou seja, ela era invisibilizada. Contudo, atualmente, encontram-se em destaque nas lutas indígenas pelo reconhecimento de seus Territórios e por melhores condições na educação, na saúde e, é claro, no esporte.

Essa luta, pela aquisição e manutenção dos seus direitos, é constante, em que além de combaterem a discriminação e o preconceito racial, mobilizam-se na defesa de suas conquistas legais e na reafirmação de sua identidade e pertencimento étnico. E por mais que tenham ocorrido mudanças ao longo dos anos, ainda têm que se manter firmes para não serem colocadas numa posição submissa ao homem, a qual, no extremo, pode levar a uma complacência com casos de violência (Milhomen, 2021).

A preocupação com o território sempre guiou as ações do movimento indígena e no caso da atuação feminina não é diferente. Ele ocupa um papel essencial nas suas lutas, visto que concentram a sua memória coletiva, a sua ancestralidade e a sua autonomia. Entretanto, a negligência do estado provoca um contexto de incerteza em que os desafios são árduos e a violência é constante (Andrade; Marinho, 2023; Milhomen, 2021).

⁴⁵ Compreendemos o machismo como “...um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre homem e mulher” (Drumont, 1980, p.81).

A atenção destinada com maior interesse a um tema, no caso o território, não significa que outros sejam negligenciados. Há o direcionamento para aspectos específicos que vão ao encontro de demandas das próprias mulheres. Dessa forma, a busca por autonomia e participação em discussões referentes ao corpo, violência, reprodução, matrimônio, dentre outros, resulta, a partir da década de 80, na mobilização das mulheres indígenas na constituição de organizações femininas (Andrade; Marinho, 2023).

O envolvimento das mulheres indígenas nas organizações locais sempre aconteceu, mas era invisibilizado. Com a percepção da necessidade de atuarem de uma forma coletiva, organizada e que tivessem voz ativa, começaram a se articular e empreender as suas próprias organizações, passando a ocupar espaços, dentro do movimento indígena, que eram de soberania masculina (Alves, 2022).

A aproximação e a articulação entre as mulheres dentro de suas próprias comunidades e, posteriormente, junto a outros povos foi fundamental para que tivessem uma participação mais efetiva dentro do movimento indígena e pudessem reivindicar um olhar mais cuidadoso para as suas próprias questões.

A atuação dessas mulheres que iniciaram a estruturação das organizações femininas serviu de inspiração para as atuais gerações não desistirem e se mobilizarem em torno de uma causa comum. Se hoje é possível as mulheres indígenas ocuparem diversos espaços dentro do movimento indígena, sendo respeitadas e ouvidas acerca das diferentes situações vivenciadas pelos seus povos, deve-se ao esforço dessas precursoras (Alves, 2022).

Com efeito, vale frisar que a força demonstrada pelas mulheres nas lutas dos povos indígenas precede a sua reunião em associações. Mesmo que durante muito tempo tenham sido os homens a estarem à frente no contato com os não indígenas, o envolvimento deles só era possível porque as necessidades internas (criação dos filhos, alimentação, dentre outras) eram supridas por elas. No entanto, o reconhecimento dessas ações nem sempre ocorre. E não é só pelos homens, o que é corriqueiro. Mas, também, por algumas mulheres.

Andrade e Marinho (2023) notaram em sua pesquisa com as mulheres Xokó que, afetadas pelo pensamento colonialista e patriarcal, tendem a minimizar a sua importância na narrativa coletiva. Quando eram interpeladas acerca do papel exercido pelas mulheres na retomada das terras pelo povo, afirmavam que, por não estarem na linha frente, provavelmente não possuíam algo importante para compartilhar.

Ao fazerem isso, esquecem de sua participação na educação, no trato com as crianças e os mais velhos, em atividades produtivas como o cultivo do arroz e a produção das louças, bem como o trabalho com a espiritualidade, a reza, dentre outros. Ou seja, se foi possível o envolvimento dos homens na luta pelas terras, é porque as mulheres realizaram atividades essenciais na comunidade. Contudo, as consideram de menor importância (Andrade; Marinho, 2023)

Portanto, a luta para que recebam o mesmo tratamento e tenham os mesmos direitos que os homens é árdua e, às vezes, envolve a superação de pré concepções das próprias mulheres. Além disso, a resistência a ser enfrentada ultrapassa os limites da aldeia. O pensamento machista é forte em todos os lugares. Mas, mesmo assim, elas não se intimidam. Dentre os pontos mais debatidos por essas mulheres atualmente está a importância de se proteger os seus filhos, a si mesmas e ao território.

A atuação cada vez mais contundente das mulheres indígenas no âmbito político e no acadêmico tem resultado na capilaridade de suas ideias, em especial nas políticas públicas, e promovendo o redirecionamento do olhar acerca da questão indígena e a interface entre grupos sociais distintos (Dutra; Mayorga, 2019)

Tornar-se liderança, então, para elas é também um ato de resistência, visto que no trabalho junto aos homens e no atendimento aos pedidos da comunidade, elas buscam a desconstrução do machismo, posto que os homens não gostam de ser cobrados pelas mulheres (Silva, 2021).

O caminho para que possam exercer o papel de liderança é longo e passa por experiências no decorrer da vida, caracteres esperados pela comunidade, o conciliamento de múltiplas funções e, até mesmo, uma reconstrução identitária. Esses pontos não ocorrem de forma sequencial, mas sempre exigirão bastante delas.

Milhomen (2021) estudou a trajetória de vida de três mulheres indígenas residentes no estado do Tocantins. Uma de suas interlocutoras relaciona as experiências vivenciadas na adolescência ao fato de ter se tornado liderança enquanto adulta. Embora não militar naquele momento de sua vida, por acompanhar o seu pai em eventos, movimentos e reuniões em defesa dos direitos do seu povo, trouxe-lhe uma base para que fizesse essa escolha posteriormente.

Já Silva (2021) que teve como objeto de estudo como ocorre a organização e a luta política das mulheres lideranças no Território Indígena Mendonça no Rio Grande do Norte salienta que a maior parte das entrevistadas são jovens (menos de 35 anos) e se envolveram com o papel de liderança a partir do trabalho junto a sua comunidade a fim

de promoverem mudanças e, dessa forma, tiveram a sua atuação reconhecida, sendo indicadas a exercer esse papel pelos próprios moradores.

A identidade da mulher indígena começa a ser forjada desde antes do seu nascimento, em que sua mãe e seus familiares passam por intervenções sistemáticas tendo como eixo o corpo. Na infância, intensifica-se o contato com as subjetividades femininas do seu povo, adquirindo o *ethos* esperado para uma mulher. Não apresentar o comportamento desejado, tais como o bom desempenho de funções domésticas, a confecção de artesanatos, dentre outros, pode levar ao questionamento de sua identidade. Essa situação foi vivenciada por uma liderança de Paygap no período em que Santos (2015) realizou a sua pesquisa de campo.

Milhomen (2021) ressalta o casamento como outro marco na vida das mulheres e que proporciona a construção de uma nova identidade, em que redireciona o seu olhar para filhos e marido. A identidade da mulher indígena casada. Conforme vimos no tópico anterior, esse novo momento em suas vidas, no caso das Karo Arara, leva, muitas vezes, a abdicação de seus interesses, como a prática do futebol.

O fato é que a construção da identidade indígena dessas mulheres se dá em um processo contínuo no qual interagem valores, crenças, percepções e relações com diferentes culturas, com a sociedade, o território e natureza, e o protagonismo exercido dentro movimento indígena, em reuniões e encontros com a sociedade não indígena, o que provoca uma reconstrução identitária nessas mulheres (Milhomen, 2021).

Além disso, considerando o caráter dinâmico da identidade, a assunção do protagonismo dentro da própria aldeia e o envolvimento nos movimentos indígenas local e nacional, pode resultar em um impacto positivo nas próximas gerações de mulheres indígenas, que terão como referência mulheres fortes, determinadas e que lutam pelos seus direitos (Milhomen, 2021),

A possibilidade do exercício da liderança passa, também, pelo crivo da comunidade. Não basta ter o interesse e se achar em condições de exercer a função, é essencial que os seus a entendam como tal e deem o seu aval para que possa representá-los. E, para isso, precisam apresentar as características determinadas por eles.

Sacchi (2023) que desenvolve as suas pesquisas com mulheres e organizações indígenas femininas no contexto amazônico destaca que a liderança é forjada por meio do trabalho no dia a dia, em sua capacitação em diferentes áreas e no seu comprometimento com as demandas da comunidade. O compromisso, aliás, segundo a pesquisadora, é um requisito fundamental para ocupar o papel de liderança. E ele pode se

manifestar por meio do aconselhamento ou pela capacidade de encontrar soluções para os problemas de forma coletiva.

No contexto das lideranças mulheres da TI Mendonça, a oralidade é um elemento fundamental para serem escolhidas, de acordo com Silva (2021). Espera-se que a liderança possua a capacidade de saber se comunicar bem em público, o bom trato com as pessoas, estar disponível a qualquer momento para as demandas da comunidade e ter algum estudo.

Silva (2021) também aponta que o exercício do papel de liderança ocorre a partir de quatro pilares. O primeiro se refere a ter ciência das demandas da comunidade. O segundo em estabelecer estratégias para a sua resolução. O terceiro em buscar essas soluções por meio de parcerias, como com o Estado e as ONGs. Nesse processo estão presentes a elaboração de documentos, o acompanhamento de processo, a realização de manifestações, dentre outros. E o quarto, por fim, manter a comunidade ciente dos encaminhamentos que foram realizados.

Essas demandas também podem ser observadas entre os Karo Arara. Com efeito, em conversas com o cacique de Paygap sobre a atuação das lideranças, ele sempre destaca a importância do diálogo permanente com a comunidade. E, especificamente esse aspecto, o tem incomodado bastante. Seja mulher ou homem, a liderança não pode deixar de informar a comunidade acerca de sua atuação. Só que o que tem acontecido, em sua visão, é que esses líderes têm ido participar de reuniões na cidade acerca de interesses do próprio povo e não dão nenhum retorno para os seus pares na aldeia. Outra situação é a realização de eventos na aldeia que nem todos da comunidade ficam sabendo, inclusive ele. Ou seja, não tem havido uma boa comunicação por parte dessas lideranças, o que o tem deixado chateado.

A atuação enquanto liderança das mulheres também não se faz sem desafios. Se os homens já encontram bastante obstáculos por serem indígenas, elas possuem um duplo marcador social, qual seja, a etnia e o gênero. Esses dois elementos resultam em situações dificultadoras a serem vivenciadas tanto fora quanto dentro da aldeia.

“Nossa, é complicado falar disso (a participação da mulher enquanto liderança). É muito complexo, mas não é fácil, até porque, primeiro, por ser indígena, segundo, por ser mulher. E terceiro, nós vivemos em um mundo muito machista. O nosso mundo é muito o homem que faz, a capacidade de gerir as coisas só é o homem. E para mulher, a dívida ainda dobra mais ainda” (Lid Pay 5 H).

“Então, a questão dos preconceitos com as mulheres, de primeiro acontecia isso, que só os homens que estava na frente, que tinha voz, mas hoje, dentro da

nossa comunidade, a gente dá essa oportunidade hoje para as mulheradas também estar desenvolvendo dentro de qualquer outra atividade, de estar na frente também falando, de ter essa postura de também se tornar uma liderança que fala e que tem voz também, mas hoje tem muitas mulheres, principalmente quando é dentro do esporte, é pouco. É raro ter uma indígena no meio do esporte, mais são os homens mesmo. Mas não impede nada de a mulher também estar desenvolvida dentro da liderança” (Lid Ite 2 H).

“Acho que sim (sobre ser importante o envolvimento da mulher com o papel de liderança), porque hoje, por exemplo, se a gente montou uma equipe, uma comissão, acho que cada um tem que respeitar o outro e isso, que nem eu estou falando, Sempre a gente vem mantendo isso para cada um somar, não só o homem e a mulher. Quem tem uma mulher lá, tem uma ideia melhor do que a minha, a gente tem que acatar a ideia dela. Só porque ela é mulher, a gente vai desprezar ela, a gente vai discriminar e excluir ela.... A gente nunca foi machista, que fala assim. A gente sempre respeitou, a gente sempre buscou parceria com elas. Mas, sim, tem muitas outras pessoas que não aceitam, mas a gente que está ali como liderança, a gente tem que trazer as mulheres para participar também e a ideia, a opinião delas é bem-vinda também, é aceita entre nós” (Lid Pay 1 H).

“Muitas vezes, por ser mulher, a mulher tem só preconceito. Não entende, não sei o quê, pode ocorrer isso” (Lid Ite 5 H).

As falas dos homens Karo Arara, que também exercem o papel de liderança dentro e fora da aldeia, ratifica a ideia de que as mulheres indígenas, em especial as do seu povo, sofrem preconceito por conta do seu gênero (e fora da aldeia por ser indígena). Destacam, também, que se houve esse tipo de comportamento com as mulheres que desejavam o papel de liderança antigamente, hoje não ocorre mais.

Contudo, não é o que dizem algumas mulheres Karo Arara. Uma das entrevistadas de Alves (2018) relatou que ao assumir a função de liderança em Iterap indicada pela FUNAI, a sua escolha foi questionada por alguns moradores. De acordo com a interlocutora, a maioria dos descontentes eram homens. Mas, para ela não importa, pois mantém a sua luta por melhorias para o povo.

Arara (2022) observou situações semelhantes ao analisar a atuação enquanto lideranças políticas das mulheres do povo. A autora observou que, mesmo mais recentemente, quando as mulheres buscavam ocupar espaços de protagonismo onde, outrora, pertenciam somente aos homens, eram questionadas e criticadas.

Do mesmo modo acontece em outros contextos indígenas. Duarte (2017) afirma que entre os Terena o machismo ainda impera, em que os homens procuram privilegiar outros homens. Uma de suas interlocutoras ressalta que a preponderância do machismo prejudica a conquista de políticas públicas para o povo, visto que no momento de serem feitas cobranças e de estarem em discussões, aqueles que representam a comunidade são despreparados e ocupam aquele lugar somente pelo fato de serem homens. Além disso, a

mulher indígena, para ocupar o lugar de liderança, precisa conquistá-la, demonstrando o tempo todo que tem capacidade para tal.

Entre os Apinajé, Milhomen (2021) afirma que os homens dividem o trabalho na roça com as mulheres, mas que na hora de dividir as tarefas domésticas se mostram resistentes. Esse panorama faz com que uma de suas interlocutoras ressalta a dificuldade em, enquanto mulher casada e com filhos, engajar-se em movimentos sociais. Para ela, dessa forma, as mulheres solteiras deveriam se envolver.

No contexto amazônico, Sacchi (2023) salienta que a ocupação do papel de liderança ocasiona o acúmulo de responsabilidades, pois a maior parte das tarefas domésticas permanecem sob os seus cuidados. Além disso, há também as reclamações por parte da família acerca da sua ausência. Nesse sentido, como estratégia para diminuir a resistência dos homens, os têm convidado para participarem das reuniões, buscando fortalecer a parceria com os homens e não o estabelecimento de um espaço de lutas.

Na TI Mendonça, que é composta por várias comunidades, Silva (2021) assevera que em uma delas, a liderança exercida por uma mulher se torna possível pela rede de solidariedade que lhe dá suporte. Caso precise sair, as outras mulheres, familiares ou não, apresentam-se para substituí-la nas responsabilidades domésticas. Com efeito, esse suporte não se restringe a liderança, já que caso qualquer mulher tenha algum problema de saúde ou precise ir à cidade, também é auxiliada.

De um modo geral, quando as lideranças ingressam nas universidades, a conciliação das atividades se torna muito difícil. Elas são corresponsáveis pela renda da comunidade e pela renda doméstica. Ou seja, cuidam de sua família e de sua comunidade. Dessa forma, algumas optam por se afastar do papel de liderança (Silva, 2021).

Outro ponto que chama atenção no estudo de Silva (2021) diz respeito a cobrança por parte da comunidade direcionada a uma de suas interlocutoras devido ao fato de ser solteira, questionando a sua responsabilidade. Conforme a autora pondera, caso fosse um homem, isso provavelmente não aconteceria. Assim, na TI Mendonça, além de serem cobradas para que a sua atuação enquanto liderança seja cumprida à risca, também esperam delas uma conduta exemplar em sua vida particular, enquanto mãe, filha, esposa, dentre outras.

“Eu ainda acho que é difícil (participação das mulheres). Que nem agora que a gente tá a frente, nas reuniões, tem um pouco de dificuldade. Quem nem eu sou uma professora, tem vez que não tem como eu sair ali, a ser uma pessoa também que vai ali para ver como é também sobre esporte, para participar. E fica difícil para mim que é...” (Lid Ite 4 M).

“Eu acho que os maiores desafios é fazer com que mais mulheres participem de fato, igual eu estou participando, porque eu acredito que precisa, só que a gente acaba vendo que, de lá de fora, é bem mais difícil para mim falar porque eu não sei se é falta de espaço que eles não dão para as mulheres ou se são as próprias mulheres que não se veem nessas posições, porque muitas mulheres acham que ou elas são donas de casa ou são apenas atletas, mas ela não pode se ver em uma posição de que são lideranças[...] Eu acho que a gente já tem bastante mulheres que se envolvem (sobre como melhorar a participação das mulheres) [...] Eu acho que não mudar, mas eu acho que melhorar” (Lid Pay 4 M).

“Na cidade, eu me admirei dos outros rapazes que não são indígenas me respeitar da mesma forma como os nossos parentes. Eu até falo que quem passou esse maior respeito além de mim foi os meus próprios jogadores indígenas, porque eu acho que os outros, vendo eles me respeitar, todos me respeitam. E na questão dos dirigentes, eu vejo o respeito, mas não o 100%, porque nem todo mundo respeita mesmo, professor [...] (a respeito do grupo de *WhatsApp* de dirigentes de futebol de Ji-Paraná) E são o quê? Quase 80 pessoas e uma mulher. Eles falam um monte de coisas, coisas que às vezes eu nem consigo acompanhar. E quando é para dar opinião, sabe assim, na hora de dar, todo mundo pede opinião ali, mas quando a minha opinião pode até ser a que eles sabem que é boa, que é certa, mas por serem 80 homens e eles acatarem a opinião de uma mulher, não conseguem. Não consegue, porque já teve uma questão que eu tinha opinado, era uma proposta boa. Alguns gostaram e falaram não, que era muito boa, mas a maioria falou não. Olha, nós somos 70 homens e a gente não vai ter uma proposta melhor do que de uma mulher? Só não falou isso, mas ficou muito claro. E aí eu fui e falei, infelizmente são praticamente 80 homens, mas que realmente não raciocino, porque se vocês forem olhar a conversa de vocês, vocês falam tanta baboseira, mas não trazem uma proposta boa. Agora, se vocês não querem aceitar a minha, eu respeito. Agora, se vocês querem só não aceitar por conta de ser uma proposta de uma única mulher, eu acho que é muita burrice” (Lid Pay 4 M).

As mulheres que assumem o papel de liderança entre os Karo Arara, notadamente no âmbito esportivo, também são mães, esposas, filhas, possuem vínculo profissional e ainda tentam desenvolver outros projetos pessoais. Conforme observado na resposta de uma das minhas interlocutoras, em algum momento fica difícil conciliar todas essas funções. Além disso, apesar de uma delas já ter apresentado competência para contribuir de forma efetiva no cenário esportivo regional, a discriminação sofrida por parte dos homens, que são a maioria, limita a sua atuação.

Os homens, somente por serem desse gênero, possuem credibilidade em suas opiniões e ações, as quais as mulheres, mesmo com competência evidente, não possuem. Retomando as reflexões em contexto indígena, isso nos remete as constatações feitas por Silva (2021) na TI Mendonca em que, embora haja pontos em comum cobrados tanto de mulheres quanto de homens para o exercício da liderança, tais como a capacidade de resolução de conflitos e a intermediação com parceiros externos, dos homens se espera bem menos. Quase todas as lideranças (homens) que já estiveram (ou estão) à frente de suas comunidades são analfabetos ou semianalfabetos. Também não se exige um

comportamento social exemplar, seja no exercício do papel de pai ou marido, bem como não há problema se for solteiro, como uma liderança mulher que já foi questionada por isso.

Dessa forma, assim como Duarte (2017) verificou que as fragilidades nas políticas públicas e ações afirmativas observadas dentro do contexto de uma comunidade Terena, dá-se pelo desconhecimento do funcionamento das instituições públicas por parte das lideranças indígenas, ainda vinculados ao assistencialismo político, e pelo machismo nas sociedades indígenas que possibilita ao homem ser liderança apenas pela sua condição de gênero e não por sua capacidade. A subvalorização da contribuição que as mulheres Karo Arara podem oferecer a nível local e, sobretudo, a nível regional na esfera esportiva, pode estar limitando o desenvolvimento esportivo nesse contexto.

O esporte tende a se constituir como um ambiente no qual se sobressai a masculinidade, estabelecendo-se uma barreira contra a feminização. No entanto, a partir do momento em que as mulheres passam a se fortalecer, adquirindo mais autoconfiança e independência, essa hegemonia masculina passa a ser ameaçada. Até por isso, a luta para poderem se estabelecer no espaço esportivo é árdua e constante. Embora a sua presença não seja mais ameaçada, ainda ocorre de maneira marginal, visto que a cobertura das modalidades esportivas praticadas por homens é maior, assim como o recurso financeiro recebido (salário, patrocínio, premiação, dentre outros) (Dunning; Maguire, 1997).

Portanto, no ambiente esportivo, há a prevalência do pensamento masculino e, talvez, seja o espaço cultural em que haja mais resistência a mudanças. Uma alternativa é o processo de empoderamento das mulheres que perpassa a desconstrução desses padrões de pensamento, bem como pela ocupação e apropriação dessas manifestações.

O empoderamento está relacionado a uma ideia de autonomia, emancipação e usufruto da liberdade. A sua conquista pressupõe uma proatividade e uma vigilância constante para a sua manutenção. Além disso, há uma oscilação dentro de sua manifestação de acordo com o contexto no qual estamos inseridos e do nível de coerção social a que somos submetidos no nosso dia a dia (Anjos et al., 2019).

“É verdade, acho que era mais isso, questão de incentivo mesmo e elas também estão no interesse delas a participar. O interesse, né? E a Shirlei, por exemplo, ela não gostava de futebol, casou-se com o Ivan e não queria saber. Ela não queria nem ir. E a minha esposa também não gostava. E através de nós, ela começou a gostar de futebol. E ela se envolveu tanto que ela se emocionava, ela ficava chateada. Você vê a atitude dela? No campo, ali em cima, sobe demais. E é isso, mais dela também, essa parte dela” (Lid Pay 5 H).

“(Como aumentar o envolvimento das mulheres enquanto lideranças esportivas) Eu acho que fazendo com que elas se posicionem, as atletas. Porque eu acho que não tem coisa melhor que elas atletas se verem depois como as técnicas do time ou as representantes, em vez de ser eu ou Ivan, Sandra, que são lideranças de base da aldeia, mas elas mesmo, uma atleta ser, além de capitã, ser responsável” (Lid Pay 4 M).

“Então, o que mais dificulta é a questão de ela se expressar mais, de ela se soltar mais, porque a indígena é muito vergonhosa, tem muita vergonha e o indígena homem começa a destacar mais, tu começa a se soltar mais e a indígena tem muito essa vergonha ainda, esse medo. Não sei se é medo, eu não sei. Eu acho que muito mais é vergonha mesmo [...] essa iniciativa delas mesmo, para a gente era uma satisfação ter mais mulheres envolvidas em tanto no esporte, não só mesmo a Sandra, mas para a gente era até melhor ter mais mulheres envolvidas” (Lid Ite 2 H).

“Ter uma pessoa pra participar junto com a gente, incentivar a participar junto naquilo né? no esporte” (Lid Ite 4 M).

“Então, eu acho que as mulheres precisam se organizar mais. Se organizar e ter apoio dos homens, entendeu? E não só dos homens, quanto da comunidade” (Lid Ite 5 H).

“(tornar-se liderança) Aí vai depender dela, se ela quiser ser” (Lid Ite 1 H).

O maior envolvimento das mulheres Karo Arara com a liderança no espaço esportivo, não obstante a importância do próprio interesse delas consoante a menção dos homens, está atrelado ao suporte e colaboração dos seus pares do gênero masculino. Inclusive, acredito que é por meio desse apoio e incentivo que se torna possível a superação da “vergonha” destacada em uma das respostas.

As mudanças observadas no campo esportivo indicam que a participação da mulher hoje é mais efetiva e diversificada quando comparamos com as primeiras décadas de existência do esporte moderno no século XIX, em que ela mais acompanhava e dava assistência ao seu marido. Contudo, a equidade de gênero e a participação sem serem discriminadas não são totalmente efetivas. E isso pode ser constatado em diferentes ambientes esportivos, tais como na disparidade de acesso à prática por meninos e meninas em escolas ou na espetacularização e exposição do corpo das mulheres (Goellner, 2005).

Direcionando o olhar especificamente para o futebol, que é a preferência das Karo Arara, a presença das mulheres nessa modalidade é inegável e pode ser constatada por sua atuação enquanto jogadoras, técnicas, árbitras, torcedoras, dirigentes, comentaristas, enfim, nos diferentes papéis que esse universo possibilita. O seu envolvimento pode ter um caráter transgressor na medida em que buscando ter a liberdade de decidir o que é melhor para o seu corpo e para o seu comportamento, enfrenta um ambiente, historicamente, dominado por homens, bem como os preconceitos e as estruturas de poder presentes nele. Por outro lado, há mulheres que se adequam a esse ambiente e aceitam os

seus preconceitos, normas, posturas e discursos de forma resignada. É no esporte, então, que "reafirmam sua feminilidade e sua identidade, exibem sua beleza e espetacularizam seus corpos" (Goellner, 2005, p.149).

É fundamental que se reflita em que medida ainda é necessária a ressignificação de aspectos observados no ambiente futebolístico a fim de que possa também ser considerado um espaço das mulheres, em que elas possam construir sociabilidades e exercer liberdades. Considerando que o Brasil associa, pelo menos no discurso, o futebol a identidade nacional, isso se torna impreterível (Goellner, 2005).

O envolvimento cada vez maior das mulheres com esporte indica uma tendência em haver um equilíbrio dos gêneros dentro desse ambiente. Entretanto, os traços machistas enraizados nesse espaço e na sociedade de uma forma geral trazem desafios a mais para que as mulheres possam exercer o papel de atleta, de treinadora, dirigente, dentre outros. Um deles é o questionamento de sua feminilidade, sobretudo quando ocorre a participação em esportes de contato físico. Outros dizem respeito ao conhecimento dos múltiplos papéis que possui, tais como, mãe, esposa, profissional, dentre outros (Dunning; Maguire, 1997).

Destarte, de que maneira as mulheres Karo Arara, notadamente as jovens, sentir-se-ão estimuladas a adentrar o ambiente esportivo local e, em especial, o regional enquanto lideranças quando verificam situações discriminatórias semelhantes às apresentadas nesse texto? Como as mulheres terão condições de se afastar dos seus lares quando as responsabilidades familiares ainda são predominantemente suas?

O apoio citado pelos homens nas entrevistas não pode ficar somente no discurso. É preciso que criem condições para que as mulheres também possam participar. Seja assumindo as responsabilidades com os filhos, com a casa e incentivando-as a estudar/se capacitar. Pudemos presenciar situações em que mulheres não conseguiram jogar uma partida de futebol porque o marido ou outras pessoas não se responsabilizaram pelas crianças. Dessa forma, como ela poderá sair da aldeia?

A convivência com essas mulheres ao longo desses anos com os Karo Arara nos fez perceber a sua força e a sua participação efetiva para o fortalecimento das tradições do seu povo. E isso pode ser observado pelo seu protagonismo na Festa do Jacaré (Santos, 2015; Arara, 2016) pela produção acadêmica (Arara, 2016; Arara, 2022) e por suas lutas e resistências conforme apresentado por Keppi e Pruiksma (2018).

5 O ESPORTE (FUTEBOL) NA VIDA DOS KARO ARARA: IDENTIDADE E RELAÇÕES INTERÉTNICAS

Ao longo desta tese, vimos como se dá o envolvimento dos Karo Arara com o esporte, notadamente o futebol. Se, em um primeiro momento, a prática era restrita à própria aldeia, com o passar dos anos se expandiu para outras aldeias, para a área rural e, por fim, para a cidade. O vínculo construído com esse fenômeno social é tão forte, que não conseguem passar muito tempo sem jogar. Seja brincando com uma bola sozinho ou em um pequeno grupo, seja disputando uma partida formal, o esporte (futebol) faz parte do seu dia a dia.

Embora o acompanhamento pelas mídias e a prática diária seja algo comum para os Karo Arara, o esporte (futebol) é um elemento externo à cultura deste povo. Foi inserido a partir do contato com os brancos. Ou seja, não faz parte do seu *ethos* tradicional. Sendo assim, quais são os desdobramentos dessa inserção junto a identidade do povo? Será que a sua presença, sobretudo mais recentemente que ocorre de forma acentuada, interfere nos aspectos culturais? É algo que veio a somar ou atrapalhar? Como as pessoas percebem isso?

5.1 Futebol x identidade étnica

Como vimos na introdução desta tese, as intervenções no, sobre e por meio do corpo são fundamentais na constituição da identidade dos indivíduos entre os povos ameríndios. Para Vilaça (2000), essas transformações manifestadas nos corpos são tão significativas que, ao invés de se referir ao campo de estudo como “sociologia”, deveria ser “fisiologia” indígena.

A forma como esse processo se dá, irá variar de acordo com cada contexto. Viveiros de Castro (1979), por exemplo, nos traz o caso dos Yawalapíti. Segundo o autor, no modo de pensar deste povo, o corpo precisa sofrer ações intencionais, periodicamente, para que ocorra a sua "fabricação". Este processo é constituído por atos sistemáticos, com a presença de substâncias que propiciam a interação do corpo com o mundo, tais como, os fluídos corporais, os alimentos, os eméticos, o tabaco, dentre outros.

Em Cabral e Santos Filho (2017) verificamos a reflexão sobre a corporalidade dos povos na comunidade Indígena Parkatêjê por meio dos seus jogos e brincadeiras e a sua valorização dentro do povo. Segundo os autores, é através das práticas relacionadas ao corpo que se torna possível o aprendizado da língua, das memórias, dos cantos, das danças, dentre outros elementos constituintes dessas culturas.

Já Grando (2005) investigou o papel da dança no processo de "fabricação do corpo" dos Bororo da aldeia de Meruri-MT. A autora concluiu que essa manifestação corporal contribui de maneira significativa na educação dos indivíduos, visto que ela possibilita a transmissão de valores, de técnicas corporais e sentido e significados que fazem parte da estrutura e da organização do povo. É por meio da dança, que os indivíduos exteriorizam o seu patrimônio cultural, individual e coletivo, oriundo das relações estabelecidas entre si, o que lhes permite serem integrados e terem a sua identidade revigorada, dentro do contexto étnico.

Entre os Karo Arara, Santos (2015) nos traz detalhes do processo. De acordo com a autora, a “fabricação corporal” entre o povo se dá pela troca de substâncias como sêmen, leite materno, sangue e macaloba doce, constituído entre o indivíduo e os seus parentes. Tais substâncias fazem parte de um sistema de ações sistemáticas, denominado de couvade, que visa a impedir o seu aparentamento com outros seres.

A construção do parentesco, dá-se, após o nascimento, por meio das ações da couvade e do fluxo de substâncias ao qual o bebê tem acesso. À medida que vai crescendo, a manifestação de interesse por alimentos que fazem parte da socialidade do povo é motivo de contentamento entre os adultos. Assim como em outras etnias, a comensalidade junto à convivialidade é elemento imprescindível na fabricação dos corpos (Santos, 2015).

As intervenções sucedidas no período da couvade são mais rigorosas até o momento em que a criança começa a andar. Embora as restrições sejam focadas no casal, os mais velhos acreditam que os atos dos demais membros do núcleo doméstico também podem interferir no desenvolvimento dela. Dentre as abstenções, encontram-se aquelas relacionadas à caça, a algumas atividades físicas e o contato com certas substâncias (Santos, 2015).

Esse processo de fabricação corporal perpassa toda a vida. A partir de determinada idade, as intervenções também levam em consideração o gênero dos sujeitos a fim de lhes atribuir caracteres que possibilitem o exercício do papel enquanto homem ou mulher de acordo com as tradições do povo (Santos, 2015).

Nesse sentido, entre os homens, por exemplo e até bem pouco tempo, valia-se da picada de formigas, de diferentes espécies, para que se obtivessem resultados positivos em sua atuação enquanto caçadores e trabalhadores. Já a restrição do consumo da paçoca de milho por meninos que não passaram pela puberdade visava a não inibição da produção de sêmen. No caso das mulheres, a utilização da picada da formiga tinha por objetivo o

não crescimento dos seios, enquanto a proibição do consumo da paçoca de milho era para não ficarem sem leite após o parto (Santos, 2015).

Os Karo Arara, então, mesmo com modificações em seus costumes ao longo de sua história, inclusive nos processos de intervenção sobre os indivíduos a fim de consolidar o aspecto identitário, buscam o fortalecimento de suas tradições para, por conseguinte, se fortalecer enquanto coletivo.

Contudo, não obstante os seus esforços para reforçar e valorizar a sua identidade, constantemente são questionados. “Mas ele nem tem cara de índio!” “Como pode ser índio, e ter um carro? e celular?” Para muitas pessoas, é inaceitável que mudanças tenham ocorrido ao longo de séculos de interação com a sociedade ocidental. Mesmo em Rondônia, que possui uma quantidade expressiva de povos, dos quais os Karo Arara fazem parte, e as pessoas se relacionam com eles frequentemente, uma visão distorcida permanece.

O que leva as pessoas a terem esse tipo de pensamento é a presença de aspectos culturais dos brancos na vida dos indígenas. O acesso às mídias, a bens manufaturados e a alimentos fazem parte desse contexto. E, é claro, o futebol. Essa modalidade, um dos grandes fenômenos do período moderno, traz no seu bojo valores intrínsecos à sociedade ocidental. Mas é, também, uma grande paixão dos povos nativos. Como ocorre esse embate de princípios? Será que interfere, em alguma medida, nos elementos tradicionais?

Em alguns aspectos, eu acho que atrapalhar eu acho que não atrapalha, até porque a gente tem que estar inserido no contexto que a gente vive hoje, mas nunca vai deixar de ser Arara porque praticamos esporte, até porque esporte faz bem para a saúde, entendeu? Então, o valor do esporte, como eu falei, a gente não sabia se o esporte existia tanto valor assim como a gente tem conhecimento hoje (grifo nosso) (Lid Ite 5 H).

[...] eu acho que não interfere não. Porque hoje a gente entende que o esporte é saúde também. Quem pratica esporte está praticando saúde para ele, quanto no corpo físico, no trabalho da mente também você tem tudo isso. E conforme você não pratica esporte, você vai sentir muita dor, você vai pegar uma certa idade, você não vai conseguir fazer uma caminhada. E isso a gente sente assim porque hoje...Antigamente, quando nós morávamos no Seringal, nós não tínhamos distância. A gente não tinha carro, não tinha bicicleta, não tinha modo naquela época. Por exemplo, se eu quisesse levar informação para o Iterap, eu ia lá e voltava sem dormir. Eu ia cedinho, chegava e voltava. Levar a informação, a gente ia na pernada mesmo. E a gente fazia muito caminhada

naquela época, a gente tinha uma saúde melhor. Hoje não. Tanto você ficar só no lugar, que muitas vezes você não pratica esporte, acaba adoecendo, você pega peso, vai engordar, e quando você vai na roça a pé sem secar, você já sente a diferença. Você fica cansado, as pernas começam a doer, acostumou a andar de carro, de moto. Então, a gente vê que essa diferença também trouxe problemas para a saúde da gente. Na época, não, a gente trabalhava na seringa, mesmo se subia seco, era com peso. Então, eu não tinha preguiça naquela época, a gente não tinha para onde correr, tinha que andar e ir mesmo. Falei, vamos buscar uma caça lá de 20 quilômetros, a gente ia e voltava sem tomar, sem nada. E era uma coisa que era natural para a gente. Hoje, para você ir no Buriti, se não tiver carro, você não vai. Se não tiver moto, você não vai. Eu vejo que prejudicou muito nesse termo de transporte também, mas é transporte isso, que você não consegue fazer caminhadas longas na perna hoje. Não faz. Você vê a juventude mesmo quase não vai nem sair para pescar, nem na roça para buscar nas costas, buscar um paneiro de milho, de mandioca e não vão. E as mulheres iam, mandioca trazia lenha ainda em cima, não reclamavam. E naquela época tinha uma saúde de qualidade. Hoje quem pratica esporte está praticando saúde. Mas tudo tem seu momento também. Não é para ter bola todo dia, de segunda a segunda também (grifo nosso) (Lid Pay 1 H).

Sob o olhar dessas lideranças, o impacto causado pelo esporte na cultura dos Karo Arara é, na verdade, positivo. A prática esportiva é entendida como um instrumento capaz de promover a saúde dos moradores das aldeias. O envolvimento com o futebol e com outras modalidades ajudaria na resolução de um problema que afeta os moradores atualmente, o sedentarismo. Conforme relatado na segunda resposta, o estilo de vida mudou ao longo dos anos. Os grandes deslocamentos e a realização de atividades com uma demanda física considerável não são mais tão comuns. O advento da tecnologia nas aldeias, tal qual os veículos automotivos e os aparelhos eletrônicos, trouxe mudanças significativas. E o corpo foi um dos mais afetados.

Em que pese a diversidade de povos e, conseqüentemente, as variações presentes em suas realidades, os impactos na saúde em virtude do aumento das interações com a sociedade nacional também se fazem presentes em outros contextos. Estudos como os de Armstrong et al. (2018), Salvo (2009) e Silva et al. (2021), demonstram que as mudanças no estilo de vida dos indígenas, observadas na alimentação e no sedentarismo, por exemplo, tem aumentado a presença de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) nas aldeias e trazido prejuízos a saúde dos indígenas.

A mudança no estilo de vida da sociedade também é algo preocupante entre os brancos. Devido a rotina e ao tipo de trabalho, a alimentação e as comodidades proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico, as pessoas estão cada vez menos ativas fisicamente. Como consequência, os índices de sedentarismo na sociedade brasileira são elevados (BVSMS, 2025). Não é à toa que com interações constantes com os brancos e apropriação de alguns de seus hábitos, os indígenas enfrentam os mesmos problemas.

Do mesmo modo ocorre no que concerne às sugestões para lidar com essa situação. No caso, a prática de um esporte (futebol). Vinha (2004) verificou que entre os Kadiwéu também há aqueles que pensam dessa forma. Ou seja, caso eu participe de uma partida de futebol, estou mantendo um hábito saudável. Pode até ser, mas não em todos os casos. O equívoco é enxergar o esporte como sinônimo de saúde.

Mesmo em seu viés voltado para o lazer, o esporte mantém uma característica fundamental, a competição. Um ambiente competitivo é preenchido por cobrança, tensão e disputadas acirradas, principalmente em modalidades nas quais os participantes interagem com contato físico, como é o caso do futebol. O que torna propício o surgimento de lesões e/ou problemas físicos. Além disso, no caso dos Karo Arara e dos indígenas em geral, a prática, muitas vezes, não ocorre com o equipamento (chuteira) e no espaço (campo) apropriados, aumentando a possibilidade de ocorrer uma contusão. Dessa forma, o envolvimento com o esporte (futebol) não lhes garante a manutenção de um bom estado de saúde, como pode ser visto por meio das várias pessoas nas aldeias que apresentam problemas físicos obtidos em partidas de futebol, principalmente nos joelhos.

Pode ser verificado também em uma das respostas o destaque para a prática constante do futebol. Essa situação parece preocupar principalmente os mais antigos. Em mais de uma ocasião, percebemos no cacique de Paygap o descontentamento com as crianças/jovens que ficavam o tempo todo jogando, inclusive no terreiro de sua casa. Embora não proibam ou haja o desejo de proibir, acreditamos que o incômodo reside no fato de destinarem tanto tempo para uma atividade e esquecerem/negligenciarem práticas da própria cultura ou colaborar em alguma necessidade dos seus familiares.

Então, hoje o esporte é tudo, o esporte faz parte de tudo, na saúde, na educação, etc. Então, hoje eu não vejo o esporte assim, não atrapalha a cultura nenhuma no desenvolvimento, não, porque esse esporte como o futebol até traz para nós uma visão que traz de união, de a gente estar se socializando não só com nossa cultura, mas aprendendo também a cultura de não indígena, isso é muito

importante, a gente estar com isso vai quebrando os paradigmas das pessoas quebrar esse preconceito, então o esporte é importante para a gente, porque ele quebra esse olhar preconceituoso ainda para as questões indígenas. Então o esporte é importante para as comunidades indígenas, a gente vê o esporte é uma diferença nas comunidades indígenas, não só na minha, mas eu creio que em toda a etnia, eu acho que isso é um esporte que ajuda a mudar essa visão que a sociedade não indígena tem. Com certeza, ajuda esse olhar das pessoas para as comunidades indígenas (grifo nosso) (Lid Ite 2 H).

Hoje eu vejo que não enfraquece, mas fortalece até porque o indígena tem aquele... Tem a identidade dele, ele entra em campo, não reclama, você percebeu, leva a pancada, não é de revidar, acho que assim, não atrapalhou, mas que sim, visibilizou, na verdade, a identidade do indígena. O indígena é um camarada que muitas vezes, tem-se a concepção, tem aquela mente congelada de que o indígena é, dessa forma, ignorante, mas não é, e o futebol também trouxe isso, essa possibilidade, essa visibilidade da identidade do povo Arara, entendeu? É um povo competitivo, mas não entra na maldade, o povo também se diverte, mas eu creio que o futebol trouxe muito isso hoje para a sociedade ocidental. Onde você vai e passa, não, está o indígena jogando bola, você não vê palavrão, você não vê discussão entre eles mesmo, entendeu? Eles gritando, não, marca fulano de tal, entendeu? Então é a identidade do Arara isso, entendeu? É um povo pacífico, um povo... E isso parece que fica mais exposto no futebol, porque tem a competitividade, disputa, e aí fica à prova aquele comportamento (grifo nosso) (Lid Pay 5 H).

A preocupação com a forma pela qual os brancos os percebem e constroem a sua relação junto a eles aparece mais uma vez. Nessa perspectiva, o esporte (futebol) além de não trazer qualquer prejuízo para a cultura ainda possibilitaria a desconstrução de uma imagem distorcida e preconceituosa que há acerca dos indígenas. Acompanhar e interagir com eles no ambiente de jogo, traria uma nova concepção aos brancos.

Isso, de fato, pode acontecer. Mas depende do contexto. Conforme vimos no capítulo anterior, a interação com os brancos no espaço esportivo, às vezes ocorre de maneira conflituosa. Em Nova Colina, por exemplo, a participação em competições geralmente é acompanhada de discussões e atritos, principalmente com as equipes de Paygap. E, ao invés de diminuir a conduta discriminatória dos moradores do distrito e/ou da região, na verdade, é reforçada. Procuram provocar e ofender os Karo Arara com expressões estereotipadas a respeito de sua cultura.

Por outro lado, o comportamento íntegro junto aos adversários e a competência na prática do futebol são reconhecidos e valorizados na região, principalmente em Ji-Paraná. Consoante a liderança relatou em sua resposta, eles jogam de modo competitivo, duro, disputando todas as bolas, mas de forma respeitosa. É comum em competições amadoras muitos atletas agirem de maneira maldosa com os seus adversários, tentando, deliberadamente, machucá-los. Não é o caso com os Karo Arara. Já os vimos sofrerem faltas duras, assim como os seus companheiros de equipe, mas eles continuam jogando do seu jeito. Não sem razão, os brancos começaram a querer fazer de suas equipes. O que demonstra uma visão positiva deste povo.

Eu acredito que não, porque desde o momento que eu nasci, você não pode querer virar uma pessoa que não é. Você tem que continuar como Arara, você tem que olhar você como indígena, não como outra pessoa. Porque se desde o momento que eu me olho e comparar você, não vai, porque aí você está perdendo a sua moral, a sua autonomia, que sempre a gente fala muita autonomia, mas se você não fizer na prática, você não vai fazer mesmo, porque você tem que ter isso, mas tem que cumprir com respeito, tratar os outros com respeito. Acho que é uma coisa que deixou isso, acho que isso nunca vai acabar por geração, por geração, para o futuro vai ficando na bola para trás mesmo. Então, o investimento todos desses moleques, acho que não atrapalha, desde o momento que ele vai na sala de aula, vai estudar mesmo para amanhã, depois se é essa pessoa, ele tem que fazer isso, porque... desde que ele não se esqueça da cultura dele, no modo de ele viver, tratar os outros com respeito dentro da aldeia, isso é importante. Agora, ele querer fazer uma coisa que não é dele, aí não (grifo nosso) (Lid Pay 3 H).

[...] eu já vou completar esse ano 18 anos aqui no território, na Paygap. Desde quando eu vim, sempre permaneci aqui na Paygap. E desde o primeiro dia que eu cheguei, eu me lembro que quando eu cheguei, foi a primeira atividade que eu vi deles praticarem, foi o futebol. Cheguei em uma tardezinha e estava todo mundo na beira do campo e outros jogando. Então, e desde daí foi o meu primeiro contato mesmo de ver, que para mim também, povos indígenas nem jogavam bola. Então, quando eu comecei a ver que era de... Hoje que a gente já vê ele jogando toda a tarde, mas, desde quando eu estou aqui, todos os horários eram horários de quando não estava um grupo, estava outro. Então, assim, o dia todo estava rolando esse esporte no campo. Então, assim, eu vejo que o futebol e o esporte, em momento algum, tirou alguma característica do povo Arara. Ou fez o Arara ser menos Arara. Muito pelo contrário, eu vejo que o esporte tem um poder muito grande dentro do território, que é fazer com que

a juventude aprenda a se respeitar ainda mais e traz uma unificação. Até, no entanto, quando tem eventos culturais do nosso povo, o futebol também não fica de fora. Sempre está presente em tudo, se vai acontecer qualquer tipo de evento dentro do território, O esporte também está ali, o futebol também está ali, é um esporte onde faz com que se envolva jovens, homens, lideranças, não é só uma parte de grupo, tem também o envolvimento das mulheres. As mulheres, desde quando eu cheguei também, eu sempre vi elas também envolvidas, coisa que eu também achava muito, se para mim difícil seria ver homem aqui jogar, imagine mulher. Então, o esporte, eu vejo que, em relação a nós mulheres, foi um espaço gigantesco para que as mulheres tivessem um protagonismo. Em espaço nenhum as mulheres tinham, mas dentro do futebol foi onde acho que iniciou esse protagonismo (grifo nosso) (Lid Pay 4 M).

A prática do futebol não pode interferir no reconhecimento identitário e nas responsabilidades diárias. O descaso com outras atividades, como o estudo escolar, conforme destacado anteriormente, gera incômodo nas lideranças. E faz sentido. Durante a nossa estadia na aldeia ou nos dias de treinamento, algumas crianças não queriam ir para a aula para também poder jogar.

Entre os Kadiwéu, Vinha e Rocha Ferreira (2003) afirmam haver uma preocupação dos mais antigos com a predileção dos jovens pelo futebol em detrimento das festas tradicionais. Contudo, de acordo com as pesquisadoras, isso parece estar mais relacionado com a afeição aos estímulos desafiadores que o esporte promove do que a uma rejeição da cultura. Dessa forma, apesar de haver riscos de que os jovens se afastem dos valores tradicionais por conta do futebol, a história do povo indica que eles sabem lidar com maestria com aquilo que ameaça as suas bases.

A questão identitária, como abordada por outra liderança, parece-nos que é fortalecida no contexto esportivo. Os atletas demonstram o *ethos* dos Karo Arara por meio dos seus gestos, ações e comportamento. Valorizam o fato de poderem representar o seu povo e jogarem juntos com os parentes. Dessa forma, acreditamos que o esporte (futebol) não só não prejudica o aspecto identitário como potencializa os valores do grupo.

A reafirmação identitária por meio do futebol também ocorre em outros povos. Almeida (2013) ressalta que os Bororo da aldeia Meruri utilizam essa modalidade como um instrumento de luta, em que procuram exercer a sua autonomia política na busca pelo cumprimento e manutenção dos seus direitos sociais. Da mesma forma, Fassheber (2006) salienta que os Kaingang por meio dessa prática estabelecem um limite identitário ante

aos brancos, exigindo o respeito pelo seu modo de ser e demonstrando respeito pelo modo de ser do outro.

Além disso, a valorização étnica pode ocorrer de outras formas no contexto esportivo. Souza (2017) que acompanhou diversos povos em um campeonato de futebol amador restrito a indígenas, o “peladão indígena”⁴⁶, salienta que a participação nesta competição se constituía para os presentes como uma oportunidade de reafirmação de suas identidades. Tanto jogadores quanto torcedores faziam uso de pinturas corporais, adornos e enfeites, celebrando as suas culturas.

O benefício para os Karo Arara também pode ser verificado no enaltecimento das mulheres. No capítulo quatro, pudemos verificar os desafios enfrentados pelas mulheres e como elas têm assumido o protagonismo diante do coletivo, notadamente no esporte. Como apontado pela liderança, talvez o ambiente esportivo tenha sido um dos primeiros espaços em que elas puderam perceber o seu valor.

E é no esporte, sobretudo no futebol, que os Karo Arara têm encontrado uma nova forma de aproximar o povo. A menção ao fato de que o futebol tem proporcionado a integração entre os moradores e marcado presença nos eventos culturais, indica que o esporte tem possibilitado a superação da distância física e, algumas vezes, dos atritos e discordâncias de ideias que afastam as aldeias. E é isso que discutiremos a seguir.

5.2 Fortalecimento dos laços étnicos

Um dos aspectos que constantemente é utilizado para ressaltar o valor do esporte, refere-se a sua capacidade de promover a socialização. Mesmo que pela sua natureza competitiva, haja tensão e o acirramento dos ânimos dos envolvidos, a busca por um mesmo objetivo, o esforço contínuo para alcançá-lo e a solidariedade entre os companheiros para que isso seja possível, possibilitam a construção e a solidificação de laços afetivos.

No contexto indígena, o principal evento esportivo para os povos, o Jogo dos Povos Indígenas (JPIN), tem como um dos seus pilares fundamentais o conagraçamento. Ou seja, espera-se que com que essa competição os povos possam se aproximar, estreitar as suas relações e celebrar o seu desempenho e as suas culturas, independente de quem seja o vencedor. Por meio do esporte, então, poderia ocorrer essa união.

⁴⁶ Era uma competição de futebol amador para indígenas realizada em Manaus-AM.

Sim, é igual eu falei, o futebol por ser um esporte que as pessoas querem ganhar, mesmo tendo aquela questão de rivalidade esportiva, que é meu time precisa ganhar, ele unifica muito. Não sei se o senhor sabe ou se falaram por você essa questão de que, em vários eventos e em vários momentos, o nosso povo estava fazendo muito por aldeia. Várias atividades, todas as festas tradicionais, realmente era essa questão de que o povo se juntasse todo mundo, mas por um bom tempo teve vários eventos que foram por aldeia e o único que eles conseguiam unificar, que era com todo o povo, foi quando começaram a envolver o futebol. Quando trouxe o esporte e o futebol para dentro desses eventos foi quando já trouxe novamente, trouxe participação de todas as comunidades, de todo o território e já estava trazendo até de outro povo e já estava ele aumentando, então o esporte... ele ajuda muito, muito (Grifo nosso) (Lid Pay 4 M).

Desde quando eu me conheço por gente, já sempre teve nesse meio do futebol dentro do povo. E isso, de fato, trouxe muita coisa, quebrou muita... Devido a essa distância das aldeias, do Cinco Irmãos, do Paygap, do Iterap, as pessoas mais quase não se viam e hoje conseguem se aproximar mais, devido a ter um torneizinho, alguma coisa. Entendeu? Eu lembro que garoto, ainda não jogava bola, mas o pessoal ia de caminhão para o Iterap para jogar bola e de lá vir para cá jogar bola. E assim também, não só entre os povos ali Arara, mas também outros povos e isso traz muito isso, essa aproximação de outros povos também para o convívio (Grifo nosso) (Lid Pay 5 H).

(Sobre o futebol aproximar o povo) Assim eu acho que faz também, mas só que ultimamente eu tive vendo uma diferença tão grande assim focado que hoje você vai competir em um campeonato, tem muita intriga entre as equipes, entre as aldeias, porque isso também pega muito mal para nós, assim, eu vejo isso, que um quer ser melhor do que o outro, aí o outro fala, não, tem que ser desse jeito, aí acaba atrapalhando, ao invés de montar uma equipe só para a gente representar, então eu vejo que trouxe muita divisão também nessa questão... é, gerando pequenos probleminhas, mas é um problema que se a gente sentar, a gente consegue resolver. Problemas que vai ter tudo tempo por isso. Mas a gente vem trabalhando isso sempre, a gente vem falando com as equipes, quando, por exemplo, quando a gente vai montar um time para poder escutar, a gente fala, não, tem que ter um time que representa nós. Não adianta eu querer fazer um time meu mesmo, o meu vai ser o melhor. E o outro falar, não, o meu aqui vai ser o melhor. Então, a gente não pode fazer isso. Que a gente montar uma equipe para a gente representar a gente. Então, o que é importante é isso (Grifo nosso) (Lid Pay 1 H).

Conforme relatado anteriormente por uma das lideranças do povo, a distância entre as aldeias dificulta uma aproximação entre os moradores. Hoje, com o advento da tecnologia e das redes sociais, essa distância é minimizada e ocorre uma convivência maior, notadamente entre os jovens. Contudo, os vínculos serão mais fortes a partir do contato real e não do virtual, principalmente com quem se está junto todos os dias. Há o interesse de que haja uma maior convivência, mas as dificuldades com o transporte e algum outro motivo específico acabam dificultando isso.

Nesse sentido, o futebol incide na modificação desse cenário. Seja para jogar um amistoso, para disputar um campeonato ou, como pudemos acompanhar durante o período que antecedeu as Olimpíadas Indígenas, a preparação para um evento, os moradores se reúnem. Mesmo as dificuldades com o transporte são superadas, indo de carona com alguém ou pegando combustível emprestado. Em uma conversa com uma liderança, ele explicou que antigamente até carona com caminhão leiteiro pegavam para poder jogar.

E é por isso que o futebol tem ocupado um papel importante nas atividades relacionadas ao povo Karo Arara. Durante o Festival da Amizade Indígena, descrito no capítulo três, muitas pessoas vieram de Iterap a Paygap para poder assistir as partidas e não apenas jogar. A presença de moradores na outra aldeia foi maior do que nas festas do Jacaré de 2023 e 2024. Isso também é verificado na interação com outros povos, como pudemos observar na participação dos Karo Arara no Festival da Castanha⁴⁷ em que estiveram presentes no evento para disputar partidas amistosas contra os Ikólóéhj Gavião.

Os indícios que permitem atestar a função agregadora do futebol, não obstruem a percepção das dificuldades que também podem surgir ao se organizarem e/ou participarem de um evento dessa modalidade. Não obstante a apresentação de um comportamento correto mesmo em situações de tensão durante as partidas, os atletas Karo Arara desejam vencer. Competem e se empenham ao máximo para isso. Querem ser os melhores. E isso pode levar a discussões no momento de montar uma equipe, em que não se pode incluir todos os interessados e, geralmente, são escolhidos os melhores. Ou quando se enfrentam em uma competição, o que pode resultar em brincadeiras/provocações de quem ganha sobre quem perde. Em todo o caso, no que

⁴⁷ Evento cultural promovido em parceria entre o povo Ikólóéhj Gavião e a prefeitura municipal de Ji-Paraná.

pudemos acompanhar e corroborando com o depoimento da liderança, são casos pequenos, de repercussões imediatas e que não geram consequências futuras.

Ter a oportunidade de estar com seus parentes de outras aldeias e povos foi verificado por Souza (2017) como um dos principais motivos que levam os indígenas a se envolverem com o esporte em Manaus. De acordo com a pesquisadora, os participantes do “peladão indígena” se sentiam motivados a participar da competição em razão de poderem se encontrar de forma organizada e prazerosa durante vários meses do ano com os parentes.

(Sobre o futebol deixar o povo animado) Eu acredito que sim, porque só assim cada vez você estará mais animado aqui. Por exemplo, minha aldeia anima uma festa aqui, eles são convidados, todo mundo tem que estar aqui, até para assim, não é só futebol, depois de terminar a brincadeira, vai conversar, vai trocar ideia, o que ele achou, o que está acontecendo, o que ele acha disso daqui. Então tudo isso é uma troca de ideia, troco de experiência para quem sabe, para quem entende, pois nós estamos aí, eu sei, então acho que é uma coisa que tem que ter essa troca, tem que ter essa conversa, porque senão eu não quero (Lid Pay 3 H).

[...] o mesmo que acontece com as festas, que o povo está animado, se ajuda naquele momento, todo mundo feliz com a organização, participando, assim também o esporte. O esporte também traz isso para a gente, uma alegria, uma interação, uma mudança de vida de pensar. Isso traz um tipo, um renovo para cada gente, talvez tem até pessoa que está ali, talvez passando por alguma situação da vida dele, mas quando ele começa a participar também do esporte e começa a colocar que o esporte também é importante, que o esporte vai ajudar ele tanto nas outras coisas da vida dele. Por isso, o esporte é muito importante para a gente estar participando. E esporte, como o nome diz, não tem palavra. É uma coisa que a gente vai carregar para sempre. E todo mundo, eu creio que aqui na minha comunidade, quando tem essas competições, quando fala do esporte, é uma satisfação muito grande, e todo mundo fica feliz de estar envolvido num esporte (Grifo nosso) (Lid Ite 2 H).

(Se o futebol faz o povo ficar animado assim como as festas tradicionais) Sim, faz, porque assim, a festa tradicional é um momento único, assim, é onde às vezes está passando uma situação de dificuldade e naquele momento você esquece de tudo, traz uma paz, vamos dizer assim, Entendeu? E o futebol não é diferente, você pode estar com vários problemas, mas você entra em campo, você esquece de tudo, você só foca no futebol, então ele traz essa paz do interior da pessoa. E o detalhe que eu vejo é que enquanto ele está nessa

situação, ele tem mais garra. Ele demonstra mais vontade de ganhar, de vencer. Não na maldade, mas você vê que ele se dedica mais, corre mais, busca mais a jogada e tal. Então, ele se expressa esse sentimento nisso, não é descontando, não é revidando, é fazendo o melhor dele. Parece que o melhor deles sai nessa hora, na hora da revolta dele (Grifo nosso) (Lid Pay 5 H).

Os benefícios emocionais proporcionados pela prática do futebol, e pelos esportes de uma maneira geral, também são ressaltados entre os brancos. Embora o ambiente competitivo gere tensão e sentimentos contraditórios, os aspectos positivos são exaltados e geralmente se sobrepõem àqueles. Quando as lideranças descrevem essa “paz”, referem-se à imersão que os participantes têm dentro do jogo e que, naquele momento, é a única coisa que importa.

Contudo, o fato mais importante apontado é a animação proporcionada pela vivência do esporte. É o desejo intrínseco que os impele a se reunirem com os parentes. A buscarem diferentes formas de superar os desafios de transporte e de logística para estarem presentes no ambiente esportivo. A, por fim, deixarem os atritos, as rugas e as desavenças de lado para jogarem juntos.

Esse “estar animado”, da forma como descrevemos acima, é chamado na língua materna de *wān nān* (Santos, 2015). Essa expressão simboliza a mobilização necessária para a construção de tempos e espaços coletivos, como o trabalho nas roças e os rituais. E se a sua presença possibilita o desenvolvimento da sociabilidade por parte dos indivíduos, a sua ausência implicaria na dificuldade em incitar o envolvimento coletivo. Essa relação entre a mobilização provocada pela festa tradicional e o futebol também foi observada por Costa (2021) junto aos Kalapalo.

Dessa forma, o *wān nān* é uma condição fundamental para que o envolvimento do coletivo aconteça, como nos casos do futebol. Apesar das dificuldades para a realização das partidas, tais como o terreno desnivelado, a grama alta, bola e traves em condições precárias, e, até mesmo, chuva forte, há a formação de, pelo menos, duas equipes nas aldeias para a disputa. O semblante e as reações dos participantes indicam a satisfação pelo compartilhamento daquele momento, já que os risos e brincadeiras ocorrem em uma proporção muito maior que os atritos e as discussões. Seja em Paygap ou Iterap. Ou, até mesmo, na área rural e na cidade.

Santos (2015) salienta que o compartilhamento dos alimentos, a macaloba e as festas, dentre outras situações, possibilitam o desenvolvimento da sociabilidade dentro do povo. A partir das nossas observações e dos depoimentos, acreditamos que o esporte,

notadamente o futebol, também possa fazer parte desse grupo. A sua capacidade de mobilizar as pessoas desde um jogo no final da tarde até uma competição entre vários povos, reforça esse entendimento.

O esporte (futebol), portanto, constitui-se em um elemento inseparável da vida dos Karo Arara. Seja jogado, assistido ou publicado, está presente no dia a dia das pessoas pertencentes a este povo. Entretanto, ainda permanece como um produto cultural oriundo dos brancos e com quem interagem nesse contexto com frequência. Como se dão essas interações? Possibilitam a expansão de suas redes de relacionamento? São amistosas ou hostis?

5.3 Os Karo Arara e os brancos

Nesse momento da tese discutiremos a relação intercultural entre os Karo Arara e os brancos nos momentos de integração permeado pelo futebol, como uma prática cultural que se manifesta por meio de valores e práticas definidas pela sociedade nacional.

5.3.1 Torcida, jogos e conflitos

Embora tenhamos destacado acima os aspectos positivos presentes no ambiente esportivo, situações negativas também se fazem presentes. Na maior parte das vezes, elas são oriundas da dificuldade das pessoas em lidar com a derrota, com a frustração de não conseguir apresentar um bom desempenho ou igual/melhor que o seu oponente, acarretando comportamentos inapropriados que geram conflitos.

Quando este contexto é estendido para culturas distintas, torna-se mais acentuado. Historicamente, a relação entre brancos e indígenas no Brasil ocorreu de forma assimétrica, em que aqueles agiram de modo ardiloso e destrutivo, dizimando grande parte dos povos originários existentes. Os resquícios desses momentos podem ser percebidos até hoje. O receio e a desconfiança dos indígenas são evidentes, sobretudo quando o contato com os seus interlocutores é recente.

É nesse cenário complexo que os Karo Arara estabelecem as suas relações esportivas com os brancos. Seja na área rural, em Nova Colina, em Ji-Paraná ou em outros municípios, eles vivenciam diversas experiências jogando, torcendo, dirigindo equipes, dentre outros. E, nem sempre, são aprazíveis.

Eu acho que a única coisa chata que aconteceu que eu estava na arquibancada, eu ainda escutei alguns tipos de falas preconceituosas e isso, infelizmente, é comum. É dolorido, mas é comum. Não que a gente se acostume, porque hoje a gente ouve isso e a gente corrige no mesmo tempo, mas teve aqueles

grupinhos de rivalidade, que no meio do não indígena isso é muito grande, mas que faz com que a gente reflita também que a gente não traga isso para dentro do território. Então foram várias reflexões que a gente trouxe, a gente trouxe para nós também porque a gente, como representantes indígenas, escolas indígenas, eu acredito que a gente deveria estar a mais caráter também, representando, sabe, assim, eu acho que a gente foi uma das cobranças que a gente fez para nós mesmos, em como pais e os nossos alunos querem, no mínimo, nós estar lá na abertura com cocar. Não em jogar bola com cocar na cabeça, mas na abertura a gente ir com uniforme, mas pelo menos sua pintura tradicional e o cocar, eu acho que isso é o essencial para uma abertura, onde representa muito as escolas indígenas. E foi isso, eu acredito que algumas escolas ficaram até surpreendidas de ter a participação de escolas de alunos e atletas indígenas ali no município. Eu acho que também foi uma reflexão muito grande para eles também de saber que dentro do município tem essas escolas e esses atletas e quantos anos ficaram de fora do próprio JOER. Então, acho que além de a gente refletir sobre isso, eles também tiveram, acho que, muitas... (Grifo nosso) (Lid Pay 4 M).

[...] a gente ficou com 3 a 2. E aí como que nós vamos perder para esses índios que só sabem comer cabeça de macaco e correr atrás de castanha? Então, essa fala fez com que a gente tivesse uma reação que a gente não tinha em Ji-Paraná, porque a gente só ia para torcer, gritar quando faziam gol. Só que aí, a partir desse momento, a gente começou a ir para a beira de campo para tentar defender e mostrar que nós somos indígenas, mas que a gente não ia permitir que as pessoas falassem daquele jeito com a gente, não faltasse com respeito, tinha que respeitar nós. (Lid Pay 4 M).

O comportamento dos torcedores e dos espectadores em eventos esportivos dos brancos nos quais os indígenas fazem parte é, quase sempre, repleto de preconceito. É perceptível o olhar desconfiado das pessoas e a realização de comentários maliciosos. Mesmo já tendo presenciado várias situações, nunca deixamos de nos surpreender como que em Rondônia, sobretudo em Ji-Paraná, com uma população indígena considerável, em que os encontros e as interações são frequentes, as pessoas ainda ficam perplexas por encontrarem indígenas e não serem do modo estereotipado como imaginavam.

O problema é que, às vezes, essas falas e atitudes preconceituosas escalam para ações agressivas, hostis. E que são direcionadas até para os jovens, conforme o relato no capítulo dois da situação vivenciada pelas adolescentes no JOER. Nos campeonatos amadores de futebol, o ambiente fica ainda mais tenso porque além de já existir uma

rivalidade em razão de outras competições também há o consumo deliberado de bebida alcoólica.

A vivência contínua de situações de desrespeito faz com que em algum momento tenha que ser posto um limite. Somente pelo fato de serem indígenas merecem ser insultados? E é nesse sentido que percebemos a fala da liderança. Há a necessidade de se posicionarem, manifestarem e, no limite, revidaram a fim que haja uma mudança na forma como são tratados. E, embora de vez em quando ainda possa acontecer algo, os campeonatos em que estivemos junto com eles demonstram que há um respeito maior atualmente por parte da torcida e dos espectadores.

Sim, a gente até parou de jogar em Nova Colina por causa dessas brigas. Porque a gente não vai lá para brincar, não vai lá para ter briga um com o outro. Daí a gente foi participar de campeonato na rua, porque lá é mais tranquilo [...] (o que leva as brigas) o motivo é porque eles não ganham de nós. É rivalidade mesmo ali (Lid Pay 2 H).

Já ocorreram bastante já, várias, teve um que entrou um dia no time aqui no doceiro, e aí eu estava só de indígena, e aí teve confusão, teve briga, foi até absurdo esse dia, os camaradas meio que perseguiam, tipo assim, a gente estava só de indígena lá, tinha uns colegas que eram indígenas, mas a perseguição era com a gente, literalmente para machucar mesmo. E outros campeonatos também, que a gente era xingado e tal (Grifo nosso) (Lid Pay 5 H).

O clima belicoso descrito acima também pode estar presente dentro do campo. Nas conversas com o pessoal das aldeias, há muitos relatos de comportamentos agressivos de seus oponentes que desencadearam discussões ou brigas. Algumas bem graves, como a que foi apresentada no capítulo três e envolveu arma de fogo. Não obstante o apontamento dessas situações, no período em que os acompanhamos, não presenciamos conflitos dessa natureza. Talvez pelo fato de serem equipes mistas e contarem com a participação de brancos.

Em todo o caso, permanece o destaque negativo à conduta dos oponentes brancos. E que nos leva a alguns questionamentos: Agredir o seu adversário apenas por ele ser indígena e praticar bem a modalidade esportiva? Por que ele não pode jogar melhor? Por que é um esporte criado por brancos? O sentimento de superioridade o impede de reconhecer a qualidade de um indígena?

O problema é que nós somos indígenas porque teve outras pessoas que já ganharam e nunca teve briga, sempre a implicância era com nós. E o único time que sempre levou e que sempre foi campeão lá dentro de Nova Colina, os únicos invictos foram nós. Então, a implicância e quem eles não queriam que ganhassem era nós (Lid Pay 4 M).

Quando a gente vai disputar os campeonatos, na época eu jogava campeonato, essas coisas, E hoje, quando a gente leva o nosso time para algumas competições, a gente vê muito preconceito ainda das pessoas, até mesmo algumas pessoas chamam ainda, dizem que não sabem jogar, só sabem jogar o lixo de castanha, que não sei o quê. Fica falando esse tipo de... Tanto os jogadores quanto a torcida. Tanto a torcida, então isso ainda falta um pouco de respeito ainda quando a gente vai para algumas competições e a gente sofre muito com essa questão com as pessoas. Esse tratamento ruim mesmo (Lid Ite 2 H).

O que é diferente é que a gente não briga, não tem confusão, não tem xingamento, nós não ficamos falando palavrão... (Nos jogos contra os Gavião acontece?) Não acontecem, não. Só que é jogo pegado, mesmo assim, ninguém reclama, ninguém fica querendo caçar briga, ninguém não sai na porrada, então essa é a diferença que a gente tem entre nós e só isso aí (Lid Pay 1 H).

A implicância, de fato, parece estar relacionada com a sua identidade enquanto indígena. Ou seja, são provocados, ofendidos e desrespeitados pelos brancos que não aceitaram ser derrotados por pessoas que consideram ser inferiores a eles. Por não suportarem serem vencidos em seu próprio domínio, como os casos apontados em Nova Colina.

E, apesar de tudo isso, os Karo Arara se mantêm firmes naquilo que acreditam como comportamento ideal, evitando fazer o uso de palavrões, xingamentos e se envolvendo em brigas. Como já foi destacado, nem sempre conseguem permanecer com a conduta que consideram mais apropriada. E é normal, considerando a tensão que permeia esse tipo de ambiente. Mas, como pudemos testemunhar, o habitual é se portarem de modo pacífico. Inclusive, este é um dos aspectos pelos quais os brancos se sentiram interessados em ingressar na equipe de Paygap.

5.3.2 Brancos e índios na mesma equipe

Nas conversas com o pessoal nas aldeias sobre a participação em campeonatos de futebol, havia a menção da presença de alguns deles em equipes de brancos. Como demonstravam bastante qualidade nos jogos, eram convidados a participar de suas

equipes. Nem sempre era de forma positiva, consoante o relato da liderança no tópico anterior. Mas com o ingresso dos Karo Arara em competições na cidade, brancos começaram a fazer parte de suas equipes.

A gente brincava só entre nós e na linha né? e o que a gente pensou, para a gente reconhecer, a gente tem que sair para o pessoal conhecer a gente no futebol, eu falei gente, vamos montar um time para a gente disputar também fora, em Ji-paraná, para a gente ter reconhecido, porque quando a gente vai jogar aqui, nunca ninguém vai saber se...porque antes a gente saía, mas a gente fazia só time aqui dos índios para disputar campeonato e sempre a gente perdia, a gente ia lá, perdia a viagem e a gente foi vendo que para fazer um time só dos índios, a gente tem que treinar muito. Tem que se preparar [...] porque eu vejo que a gente gastava muito e ninguém ganhava nenhum título (Lid Pay 2 H).

Porque nós não estávamos entendendo como assim, não, porque ele era brigão, ele xingava, ele fazia isso e aquilo, mas ele é outra pessoa no time Karo PG, então o envolvimento dessas pessoas com a gente fazia com que atitudes nossas que as outras pessoas não viam, via naquela outra pessoa que era de uma forma e com a gente se tornar outra pessoa, então eu vi muitas coisas boas... (Lid Pay 4 M).

O principal motivo para a inclusão de jogadores brancos na equipe é pela sua qualidade técnica. Também há os vínculos de amizade que alguns possuem ou o fato de morarem na cidade e não terem problemas com o transporte. Mas são fatores secundários. Mesmo nesses casos, os brancos que jogam com os Karo Arara apresentam uma boa desenvoltura na prática do futebol.

A dificuldade do transporte afeta mais os próprios jogadores do povo. Como destacado no capítulo três, o deslocamento para os locais das partidas é um obstáculo para jogarem futebol. No caso das competições na cidade, limita a participação dos moradores das aldeias. Alguns jogadores possuem condições de estarem presentes em jogos mais difíceis, mas não possuem veículos ou não conseguem carona.

E a pouca participação em campeonatos mais disputados, que possibilitam o desenvolvimento da atleta, culmina por gerar desconfiança nas pessoas que estão a frente das equipes acerca da capacidade desses jogadores performarem bem em situações de alta exigência. São praticantes que estão acostumados com os jogos na aldeia e nas

proximidades. Não tem acesso a sessões de treinamento mais exigentes ⁴⁸. O que diminui as chances de representar o seu povo em campeonatos na cidade.

A presença dos brancos na equipe também pode resultar em benefícios para eles próprios. Jogadores indisciplinados e com comportamento inadequado são comuns no contexto do futebol amador. Mas, conforme já salientamos, não é assim que agem os Karo Arara. Dessa forma, alguns atletas que ingressam na equipe têm apresentado mudanças. Têm evitado discussões com companheiros, adversários e árbitros. Chamando a atenção das pessoas que transitam por esse ambiente. No entanto, esses aspectos não são suficientes para que todos tenham simpatia pela presença de brancos na equipe

[...], mas igual falei para o senhor, a gente ter o nosso time só com os nossos meninos, para mim, eu prefiro porque eu falo com mais propriedade é ver e mostrar que temos atletas indígenas, colocar esses meninos que têm uma timidez gigantesca, mas que quando estão dentro de campo, se transformam em outras pessoas, ficam muito gigantes dentro de campo. Então, para mim, ter o time só com os nossos, eu acho que é melhor, não só para nós como time, mas como para os próprios (Lid Pay 4 M).

Olha, na minha opinião, eu prefiro o time ser nosso lá, entendeu? É um jogo mais estar em casa. E aí o que eu percebi, assim, desses tempos atrás de estar envolvido no indígena, é que muda um pouco... Nós estávamos iniciando a nossa conversa sobre identidade. Muda um pouco a identidade, porque assim... você ouve palavras no meio do time do Karo PG às vezes pela parte deles, e é uma coisa que a gente tem conversado muito com os meninos que participam do nosso jogo. A gente não é um time agressivo, nós é um time que de fato é bola mesmo, aqui para jogar bola ninguém ganha rio de dinheiro para isso. Então é um time que de fato joga para se divertir dentro de campo, é isso que a gente prega para a gente, além de ser uma competição, mas também uma diversão, eu me divertia muito dentro de campo. É o principal. É o momento de você sorrir, fazer uma graça ali, brincar e tal, mas infelizmente isso parece que mudou desde alguns anos para cá. Então é a mudança que eu vejo. E essa é a diferença. E às vezes também você junta três, quatro não indígenas e eles querem tocar só entre eles, não joga para o time, para a equipe em si, às vezes vão querer se aparecer mais e tal. (Lid Pay 5 H).

⁴⁸ Pontuamos a especificidade do treinamento porque desde o período que iniciamos as aproximações com os Karo Arara, realizamos treinamento de futebol. Contudo, devido aos materiais e a infraestrutura, assim como a quantidade irregular de participantes por faixa etária, as sessões costumam ser mais genéricas, priorizando a diversidade de estágio de aprendizado daqueles que frequentam.

Em um ambiente competitivo, carregado de contradições e desafios, como o esportivo, é fundamental que as pessoas que estejam a frente das equipes tenham a capacidade de lidar com diferentes situações, orientando e comandando os seus atletas de modo que eles apresentem um bom desempenho nas competições. Contudo, não é uma tarefa fácil. E, talvez por isso, a liderança tenha mencionado a preferência por estar com jogadores do seu povo. Porque, nesse caso, as realidades culturais são muito distintas. E ainda tem o agravante da forma como a relação entre brancos e indígenas foi construída ao longo dos séculos e como muitas pessoas têm dificuldade em lidar com a diferença até os dias de hoje, como é o caso em Ji-Paraná. Dessa forma, faz sentido que ela sinta mais propriedade quando está junto somente com os seus.

Essa distinção apontada entre os Karo Arara pode não estar presente em todos os contextos indígenas. De acordo com Vianna (2001), os Xavante não consideram que haja uma diferença substancial entre ter uma equipe composta somente por indígenas e outra que possua a presença de brancos.

Já para a outra liderança ocorre a perda de identidade da equipe quando há a presença de brancos. Embora seja perceptível a mudança que alguns atletas tiveram a partir do momento que começaram a jogar com os Karo Arara, as vezes demora para acontecer ou não acontece com todos. E o time pode passar a ser visto a partir do comportamento desses indivíduos, acarretando uma possibilidade maior de estar em confusões.

Então, quando jogam só as competições indígenas, só entre os indígenas, é mais tranquilo quando jogam as pessoas que não são indígenas e já às vezes dá confusão. Dá confusão, é mais tenso, então assim, ele não compreende que ali uma competição já começa a esquentar, então ter o não indígena dentro do time é mais fácil para dar problema, confusão no time, então por isso... essa é a diferença que ocorre quando joga junto com os brancos misturados, dá esse problema (Lid Pay 5 H).

Só que interfere muito porque muitas vezes eu vi muita diferença esse tempo atrás, depois que a gente começou a colocar branco no time, aí mesmo contra a Colina aqui, aí a Colina sempre ia lá, parece que pagava, manipulava ele para ele não jogar bola. Quando era contra eles. Porque, muitas vezes, você pega um cara bem conhecido aqui que joga, já jogou com a Colina, que jogou por aqui e sempre acontece isso. E aí quem é prejudicado é nós, né? E isso é muito ruim para nós, por isso que a gente quer sempre ter só os indígenas (Lid Pay 1 H).

A relação da presença de brancos na equipe com o surgimento e/ou a vivência de conflitos, de fato, faz sentido. Conforme relatado no capítulo três, pudemos presenciar situações em que o time Karo PG esteve envolvido em confusões, mas que estas ocorriam devido a ações dos brancos. E não foi somente uma vez. Os indígenas permaneciam observando, serenos, e os brancos se ofendendo e trocando empurrões.

Por outro lado, a acusação feita pela liderança acerca do jogador branco que ingressou na equipe ter deliberadamente agido de má fé para atrapalhar os Karo Arara carece de mais evidências. É claro que pode acontecer. Há diversos casos ao redor do país em campeonatos de futebol amador e profissional, em que jogadores ou árbitros atuaram de maneira desonesta e interferiram diretamente no resultado de uma partida. No entanto, precisaria de uma investigação minuciosa. Isso porque consideramos todos os apontamentos que já fizeram em relação a arbitragem. Em muitos desses jogos, estivemos presentes. E as reclamações não procedem. Os erros de arbitragem aconteceram para as duas equipes. E, claramente, não havia a intenção de prejudicá-los.

O fato é que o enfrentamento em um mesmo campeonato ou o compartilhamento de uma mesma equipe entre brancos e indígenas é uma cena comum. E a tendência é que seja cada vez maior. Ao mesmo tempo, é algo que desperta preocupação entre os indígenas, notadamente entre os mais antigos. Não obstante o destaque ao comportamento tranquilo dos jogadores Karo Arara, é notória a inclinação para uma postura agressiva entre aqueles que jogam com os brancos ou em seus times a mais tempo. Será que com o aumento da intensidade e da frequência nas relações com os brancos, pode haver modificações nos aspectos socioculturais dos Karo Arara?

5.4 A Influência dos brancos e o fortalecimento identitário

Os Kara Arara, notadamente os de Paygap, desejavam mostrar “o seu futebol” na cidade. Somente os limites da aldeia e da área rural não eram mais suficientes. Eles desejavam ir para a cidade competir e, quem sabe, vencer. Mas, não era uma tarefa fácil. E, conforme uma liderança, precisavam treinar mais. O caminho mais acessível para obter resultados positivos, então, seria a inclusão de jogadores brancos. E foi o que aconteceu.

O esporte (futebol) não é a única forma pela qual os Karo Arara estabelecem intensas relações com a sociedade nacional. A educação escolar, a saúde, dentre outras instituições governamentais, assim como a religião e os seus órgãos subjacentes estão presentes nas aldeias e fazem parte do dia a dia dos moradores, diferenciando-se no grau das relações de acordo com o interesse individual e coletivo.

A intensidade das relações tem aumentado desde os primeiros contatos. O que, evidentemente, gera implicações. Santos (2015) salienta que, no seu período de campo entre os Karo Arara, as pessoas do povo mais engajadas no fortalecimento identitário acreditavam que a dificuldade para se aproximar os moradores das aldeias para além do seu grupo doméstico estava relacionado ao fato de estarem virando branco, ou seja, que prefeririam estar de forma individual ou no máximo junto ao agrupamento doméstico em detrimento ao coletivo.

Nesse sentido, um fator primordial nesse entendimento dos Karo Arara em relação a se tornarem brancos, refere-se à permanência de forma fixa em lugares mais próximos às estradas que possibilitam o deslocamento pela área rural próxima e pela área urbana, como Nova Colina e Ji-Paraná (Santos, 2015).

O “tornar-se branco” também é percebido a partir de outros aspectos. A aquisição de comida na cidade, menos tempo nas roças, o uso de roupas e outros apetrechos, a ida a escola, dentre outros. É o envolvimento com situações que os distanciam das tradições do povo e que propiciam o desenvolvimento de corpos menos fortes, os quais, eventualmente, podem não ser capazes de realizarem os trabalhos esperados para homens e mulheres (Santos, 2015).

Essa dupla identidade, ou seja, o “ser branco” e o “ser índio” ocorre em outros contextos indígenas na América do Sul. Nunes (2014) nos traz a situação dos Karajá de Buridina, localizados à margem do rio Araguaia em Goiás na divisa com Mato Grosso. O autor destaca que os anos intensos de interação com os brancos, levou, segundo os indígenas, a uma “mistura”, em que os elementos de sua cultura coexistem com os elementos não indígenas. Ou seja, não há uma transformação na cultura dos Karajá, mas a incorporação da perspectiva dos brancos.

A utilização do termo “mistura” ocorre para designar a inclusão de elementos culturais dos brancos em seu contexto. Nesse sentido, isto é associado com os casamentos interétnicos, alimentação (comida adquirida por vias tradicionais - pesca, por exemplo - e comprada no comércio), os nomes (um dos nomes é escolhido pelo modo tradicional e o outro é de branco), dentre outros aspectos (Nunes, 2014).

Nunes (2014, p.308) aponta a “mistura” como a condição dos Karajá de Buridina para acessar o ponto de vista indígena e o ponto de vista dos brancos. “Nela, os dois “lados” encontram-se conjugados, mas não fundidos: eles coabitam em um mesmo sistema (uma pessoa ou um coletivo), mas não se fundem, dando origem a um terceiro

elemento.". Ao invés do surgimento de um novo ser, tem-se, na verdade, um indivíduo capaz de transitar pelas duas perspectivas.

A “mistura”, portanto, não diz respeito a um "meio", ou seja, o produto de um novo lugar a partir da perspectiva indígena e não indígena. Refere-se, na verdade, a um continuum das duas possibilidades, em que, a cada momento, pode-se (e somente um por vez) acessar um deles (Nunes, 2012).

Nunes (2014, p.317) detalha como esse processo acontece em duas atividades tradicionais, quais sejam, o artesanato e a pesca. De acordo com o autor, a coexistência de técnicas e materiais indígenas e não indígenas na produção de objetos indígenas e não indígenas resulta em uma duplicidade na produção dos artesanatos.

Quando um homem fabrica um arco ou um remo, ou quando ele faz os palitos de madeira para os prendedores de cabelo que sua esposa fabrica, ele se conhece como indígena; ele se conhece como uma pessoa portadora das capacidades e afecções que caracterizam a humanidade iny. Mas quando seu foco está voltado para o fato de que ele faz isso com instrumentos de metal, alguns deles elétricos, com técnicas de manuseio desses instrumentos que foram aprendidas com os tori, que ele usa energia elétrica para tal, e que para tanto ele tem que pagar a conta de luz, e que para tanto ele tem que, por exemplo, vender aquela peça que ele está fabricando, e que para tanto ele tem que acessar a perspectiva dos turistas sobre aquela peça, conhecer sua lógica de consumo para que sua produção tenha vazão, em suma, quando seu foco está voltado para esse outro “lado”, ele se situa em um processo de devir tori, i.e., ele se conhece como “branco”.

No caso da pesca, também há a duplicidade. Ocorre a manifestação da "metade" indígena quando a realização dessa atividade está associada com o parentesco. Para os homens, por exemplo, diz respeito ao ato de prover o alimento para o seu lar. Já a “metade” não indígena, relaciona-se com a ação de pescar utilizando apetrechos dos brancos (canos de alumínio, motores, dentre outros) e empregando parte do que obteve na pescaria para venda, a fim de conseguir dinheiro (Nunes, 2014).

Entre os Wari', Vilaça (2000) destaca que essa dupla identidade também se manifesta no corpo. Para a autora, ao viverem a experiência do ser índio e do ser branco, os Wari' têm uma experiência semelhante à de seus xamãs, que possuem um corpo animal e outro humano.

A percepção dos indivíduos desse povo acerca de sua transformação em brancos ocorre por meio dos hábitos adquiridos. O uso de roupas, os alimentos que são consumidos e a forma de se tomar banho seriam indicadores desse processo. Para os indígenas, seria semelhante a um xamã-jaguar que se percebe enquanto animal pela

obtenção de pelos, ao se alimentar de carne crua e andar junto com outros de sua espécie (Vilaça, 2000).

No caso dos Karitiana, Vander Velden (2008) afirma que o alimento é o ponto de destaque. O consumo de alimentos que não faziam parte do seu contexto tradicional (sal, óleo, biscoito, feijão, dentre outros) tem gerado uma aproximação com o corpo dos brancos. O autor acredita que a afirmativa de que estejam se transformando em brancos pode ser exagerada, mas o processo de transformação dos corpos é reconhecido até pelos próprios indígenas.

A forma como se dá esse processo de transformação em branco é relativa e pode variar dentro de um mesmo povo. Os Karajá de Buridina, por exemplo, quando se comparam aos Karajá de outras aldeias, notadamente as isoladas, identificam-se como brancos. Contudo, isto também pode acontecer com os parentes dessas aldeias que, ao perceberem condições de vida melhores em Buridina, desejarem morar lá. Dessa forma, manifestando o seu "lado" branco. Essa duplicidade também pode acontecer quando se comparam em relação aos brancos (Nunes, 2012).

Entre os Yanomami do alto Orinoco, Kelly (2005) observa uma situação similar. De acordo com o autor, os Yanomami de Ocamo, um conglomerado de várias comunidades, quando se comparam aos parentes que interagem com os brancos com menos frequência, consideram-se menos indígenas. Essa percepção também será influenciada de acordo com o contexto e com o comportamento que apresentarem.

Em relação aos Karo arara, Santos (2015) também afirma que a perspectiva de quem (e de onde) fala é fundamental nessa percepção. Dessa forma, segundo a pesquisadora, as pessoas de Paygap, quando se comparavam as do Cincos Irmãos, percebiam-se mais como brancos. Por outro lado, quando se comparavam as de Iterap, o lado indígena era mais forte.

Mas e o esporte (futebol)? Será que faz parte mesmo do grupo de caracteres que assinalam o trânsito entre o ser indígena e ser branco pelos Karo arara? Acreditamos que sim. As experiências vivenciadas junto a esse povo em diferentes ambientes, inclusive o virtual, levam-nos a crer que a inserção de produtos culturais dos brancos relacionados ao esporte (futebol) em suas vidas é constante e desejado por eles, sobretudo pelos mais jovens.

Acima foi destacado o papel do corpo nesse processo. Seja com os alimentos ou com o vestuário, os indígenas demonstram no seu corpo essa transformação. E não é diferente com o esporte, notadamente o futebol. O uso de camisetas de times de futebol,

tanto do Brasil quanto do exterior, assim como chuteiras, meiões, meias que aumentam a aderência ao calçado (muito utilizada atualmente por atletas), fazem parte do seu dia a dia e de sua indumentária nas partidas na aldeia e nos campeonatos.

É no corpo que também ocorre outro elemento perceptível dessa dupla identidade. Mais especificamente, em suas técnicas corporais (Mauss, 1974). Em campo, muitas vezes, tentam reproduzir os gestos, movimentos de alguns expoentes do futebol mundial, tais como Neymar, Messi, Cristiano Ronaldo, Vinicius Junior, dentre outros. Seja por meio da forma de chutar, de driblar ou de comemorar, buscam se aproximar dos ídolos que acompanham a distância.

O acompanhamento que, com o advento da tecnologia nas aldeias representada pelas antenas parabólicas e a internet, por exemplo, potencializou o acesso a esse conteúdo esportivo por meio das mídias e intensificou a imersão na vida dos brancos. Em âmbito esportivo, possuem amplo conhecimento das práticas esportivas, estando inteirados das notícias, assistindo as competições e compartilhando informações pelas redes sociais.

A presença nas redes sociais, inclusive, vai ditando tendências nos comportamentos e interesses dos jovens. E sempre com o esporte presente, conforme apontado no capítulo três. Um exemplo disso é a preferência pelos gêneros musicais *Trap*⁴⁹ e *Funk*, os quais fazem parte do gosto musical de boa parte dos jogadores de futebol brasileiros, e que é muita escutada pelos jovens nas aldeias. Também estão presentes em mensagens compartilhadas em redes sociais com a temática esportiva.

No que concerne ao comportamento, vale retomarmos a ideia apresentada no último parágrafo do tópico anterior referente a mudança de comportamento dos atletas Karo Arara. Já foi destacado neste capítulo, a preocupação de lideranças quando os brancos fazem parte da equipe em razão de a conduta se tornar mais agressiva, com o uso de palavrões, xingamentos, etc. E, no que pudemos acompanhar, é o que acontece. Tanto em competições na área rural quanto na cidade, é perceptível a diferença nas equipes quando só há indígenas e quando tem brancos. Somente entre indígenas tem bronca, cobranças, mas nada exagerado. Diferente do que ocorre com a presença dos brancos, que pelo tom da voz nas falas e pela incoerência nas atitudes quase sempre resultam em discussões.

⁴⁹ É um subgênero musical do *rap/hip-hop*. Faz muito sucesso no Brasil atualmente.

Contudo, as lideranças do Karo PG insistem nessa configuração de equipe composta por brancos e indígenas. Com efeito, têm procurado ir mais a fundo nessa interação com os brancos por meio de parcerias para viabilização da participação em campeonatos e torná-los ainda mais fortes, evidentemente com a presença de mais jogadores brancos.

A presença constante de brancos em suas equipes difere entre as aldeias e é motivo de críticas. No período que antecedeu o Festival da Amizade relatado no capítulo três, as lideranças de Paygap estavam incomodadas com o fato de não poderem incluir brancos em suas equipes. De acordo com eles, esses jogadores possuíam vínculos muito estreitos, sendo considerados da família. Por outro lado, em conversa com uma liderança de Iterap acerca do torneio que se aproximava, ele criticou essa postura de Paygap, afirmando que só querem jogar com branco.

As equipes de Iterap que participaram de competições na área rural ou na cidade que nós tivemos conhecimento, de fato, não possuíam brancos em seus elencos. O que, a princípio, corrobora com a opinião dessa liderança. Contudo, Santos (2015) destaca que, embora a aproximação com o mundo dos brancos seja semelhante entre as aldeias de Iterap e Paygap, aquela parece se incomodar menos com essa questão. Ou seja, a liderança fica descontente com a aproximação com os brancos no ambiente esportivo, mas, em sua aldeia e em outras áreas, ocorre de uma maneira diferente.

E um desses outros contextos é a religião. As pessoas de Paygap vão a cultos e, eventualmente, estes acontecem na própria aldeia. Mas, não me parece que seja da mesma forma que em Iterap. Investigar a presença religiosa junto aos Karo Arara não era nosso objetivo. No entanto, pelo tempo que permanecemos na aldeia e o contato posterior junto a eles, acreditamos que a presença e a força da religião em Iterap é maior. Brancos com frequência estão nesta aldeia realizando os cultos. Há também a vinda para cidade a fim de participarem de cultos e/ou retiros. Sendo assim, por que a liderança, que inclusive é atuante em um dos dois segmentos religiosos presentes em Iterap, mostra-se contrariado com o envolvimento junto aos brancos no esporte, mas não na religião?

Essa presença efetiva das religiões, que a depender do contexto, pode, inclusive, interferir no desenvolvimento do esporte junto aos indígenas. Quanto mais radicais são os preceitos do segmento religioso instituído na aldeia, maior a chance de os indivíduos se afastarem da prática.

Fermino (2012) ressalta que a maior ou menor participação dos Laklãnõ/Xokleng no futebol e no esporte em geral está relacionada com o comprometimento religioso. A

igreja de viés pentecostal que está na aldeia desde a década de 1950 atribui a prática futebolística o desencadeamento de conflitos nas relações sociais, podendo afetar a vida na comunidade. Dessa forma, entendem o envolvimento com o fenômeno esportivo como um pecado.

Os desdobramentos dessa interferência religiosa não são percebidos apenas entre os adultos, em suas práticas esportivas competitivas e recreativas. Também são verificadas entre as crianças e adolescentes no esporte escolar. Os pais que frequentam a igreja não aceitam permitir a participação de seus filhos em eventos escolares. Algumas pessoas da comunidade criticam essa decisão por achá-la incoerente, visto que esses jovens jogam futebol em outros espaços da aldeia, mas somente nos campeonatos não lhes é permitido participar (Fermino, 2012)

Na verdade, o impacto causado pelas diretrizes religiosas gera divergências na comunidade. Alguns concordam com o posicionamento da igreja, pois associam a prática do futebol ao consumo de bebida alcoólica, principalmente depois das partidas, e, por conseguinte, a uma maior propensão ao surgimento de discussões e conflitos. Em contrapartida, outros acreditam que a igreja deveria rever as suas determinações referentes à prática esportiva, pois possui um papel importante no desenvolvimento social da aldeia, de modo que incide no fortalecimento do vínculo entre as pessoas (Fermino, 2012).

Nos Kaingang da TI Palmas, Fassheber (2006) verificou que dentre a diversidade religiosa ali presente, um dos segmentos proibia a prática do futebol. Contudo, o efeito entre os moradores é relativo, visto que eles mantêm um deslocamento frequente pelos segmentos religiosos. Além disso, oscilações podem acontecer em uma mesma vertente. Como exemplo desta última situação, o autor cita o caso de um cacique que, durante o exercício de sua liderança, também era pastor. Nesse período, organizou uma equipe (com integrantes que frequentavam a igreja) para participar de competições. Ao término do seu mandato, e com uma nova disputa à vista, a maior parte dos jogadores não participou, justificando o seu envolvimento com a religião e, por isso, estavam proibidos de jogar.

A interferência da religião na prática esportiva adquire contornos surpreendentes entre os Karo Arara de Iterap. Um dos segmentos religiosos atuantes na aldeia é conhecido por sua rigurosidade em relação ao cumprimento dos seus preceitos por parte de seus seguidores, dentre os quais a não participação em práticas esportivas. Contudo, não é o que acontece. Crianças, jovens, adultos, mulheres, homens seguem jogando. Não

sei se tentaram (ou não) impor os seus princípios e não deu certo. Mas, o fato é que os moradores seguem praticando esportes, principalmente o futebol, e indo à igreja.

Talvez, isso indique que os Karo Arara, assim como outros povos indígenas, estão frequentemente experimentando possibilidades de se viver junto aos brancos (Santos, 2015). O que sugere que o movimento de se tornar branco diz menos sobre um desejo de adquirir uma outra identidade do que a possibilidade de agir de uma maneira específica a depender do contexto. Isto é, os Karo Arara optam em algumas situações por agir como brancos e em outras como indígenas (Santos, 2015).

Dessa forma, não há perda de sua cultura, mas a inclusão de elementos oriundos dos brancos. Vilaça (2000) salienta que ao afirmarem que se tornaram completamente brancos, os Wari' não entendem que estão perdendo a sua cultura, como pode parecer à primeira vista. Eles estão, na verdade, adquirindo um outro ponto de vista. É a mesma ideia compartilhada por Vander Velden (2008) em relação aos Karitiana, em que o processo de transformação em branco não acarreta perda em sua cultura. Pode, pelo contrário, fortalecer mais a sua identidade à medida que se aproximam mais dos brancos.

Para os Karajá, Nunes (2014) afirma que a manutenção da cultura é fundamental, a fim de que haja uma distinção entre eles e os brancos. É o que percebemos que os Karo Arara tentam fazer, notadamente nas competições de futebol. Procuram manter uma conduta respeitosa e pacífica, diferenciando-se da maior parte dos brancos que participam dos campeonatos amadores.

Isso não significa que os Karo Arara transformaram o futebol em um Etno-desporto⁵⁰, conforme preconizado por Fassheber (2006). Pois, concordamos com Almeida (2013) que afirma que entre os Bororo da aldeia Meruri o futebol, enquanto prática moderna, foi apropriado e integrado a sua dinâmica cultural, mas não houve uma adaptação dessa prática aos seus costumes tradicionais. Dessa forma, se eles mantêm os conhecimentos e valores referentes a sua cultura, também incorporaram conhecimentos e valores oriundos da sociedade moderna.

E como um fenômeno dessa sociedade, consoante ressaltado no capítulo dois, um dos seus traços marcantes é o profissionalismo, que se constitui em um dos principais desejos de experimentação do mundo dos brancos pelos jovens. Em conversas nas aldeias

⁵⁰ Essa expressão diz respeito à capacidade que um povo indígena possui de se apropriar de um esporte moderno e manter a sua identidade étnica. Ou seja, as etnias criariam uma “segunda natureza” para as práticas esportivas modernas que adentraram ao seu ambiente, adequando-as de acordo com os seus interesses e incluindo elementos de suas culturas (Fassheber, 2006).

é nítida a fascinação deles pelo ambiente profissional do futebol. A vontade de ir para um grande clube do país e se tornar um jogador famoso.

As lideranças afirmam que o empenho para melhorar a estrutura esportiva na aldeia tem por finalidade oferecer as condições necessárias para que algum desses jovens consiga concretizar o seu sonho. Na verdade, é o desejo de muitos nas aldeias. Mesmo os mais antigos não têm objeção. Desde que, é claro, não esqueçam as suas origens e a valorização de sua cultura.

Entretanto, é um caminho árduo e com muitos obstáculos, em que nem sempre o talento é suficiente para que tudo dê certo. E boa parte das pessoas das aldeias tem conhecimento disso, como pudemos notar pelas conversas. Mas, continuam tentando de modo que algum deles tenha chance. Os que possuem uma condição financeira um pouco melhor vêm para cidade e participam de escolinhas. Alguns já tiveram a oportunidade de ir tentar jogar em clubes fora da cidade, mas retornaram. Somente um permanece. Um rapaz de quinze anos de Iterap que joga em um clube em Goiás.

E, assim, os Karo Arara permanecem transitando entre o seu mundo e o dos brancos, seja por meio do esporte (futebol), da religião ou de outra instituição da sociedade nacional. E, como sublinha Santos (2015, p.321), não cogitam abandonar as relações com os brancos, nem os seus conhecimentos ou mercadorias. A preocupação é que essa imersão no mundo dos brancos acarrete um devir definitivo. Dessa forma, eles optam pelo trânsito entre os dois mundos, pois "...o desejo é por transformar-se entre e sempre."

O que também é apontado por Vilaça (2000) a respeito dos Wari' não completarem o seu processo de transformação em branco, o qual se daria por meio do casamento, haja vista que é forma pela qual ocorre a troca de identidade. Não obstante a possibilidade de sua reversão, bastando se afastar dos brancos, retornar para o meio da mata e não comer a sua comida. Contudo, a autora destaca que eles querem se manter perto dos brancos, experimentando o seu ponto de vista, mas sem se tornar igual a eles. Seria uma experiência semelhante à de seus xamãs. Ou seja, possuiriam dois corpos distintos. Mas que em algum momento, podem se manifestar de forma simultânea.

E é por isso que Nunes (2014, p.333) salienta que

a transformação é um processo, e não um estado, um devir, e não um Ser: ninguém "termina de devir", mas está constantemente "devindo". É por isso que falo de "virar índio" e "virar branco" como dois movimentos que coexistem. "Virar branco" é sempre virar "completamente" branco, por mais

que não se vire branco completamente: não é necessário se dar a ver e ser visto como um semelhante aos tori, ou à qualquer outro Outro, em todos os aspectos possíveis para que se “vire Outro”.

O devir branco que os Karajá de Buridina consideram muito importante, visto que permite conhecer o lado do branco, conforme Nunes (2012). E que também é reconhecido por uma liderança de Paygap

(Sobre as Olimpíadas) acho que foi a primeira experiência indígena, porque nunca tinha acontecido aquilo. Eu acho que chamou a atenção porque já que a gente está no meio do povo, a gente tem que estar junto mesmo. Hoje a gente não quer, mas a gente tem que estar junto com esse povo, até para mostrar para o nosso futuro como é que o branco vive, o que o branco apronta hoje, como ele vive hoje (Lid Pay 3 H).

Conhecer o branco para saber o que ele faz. Para que os jovens saibam o que eles fazem e possam compreender os riscos e desafios de transitar por esse mundo. A assunção do “ser” branco no contexto esportivo, parece-nos, então, que pode seguir dois caminhos. Um, alinhado a essa perspectiva da liderança, enquanto uma forma de se proteger em um ambiente que, muitas vezes, apresenta-se hostil. Seja jogando mais duro em uma partida de futebol, não se calando quando há desrespeito por parte de jogadores e torcedores por serem indígenas ou desconfiando das ações dos brancos (árbitros, dirigentes, políticos, dentre outros).

E um segundo que já foi descrito anteriormente e se refere a incorporação de elementos da cultura dos brancos no seu dia a dia, tais como as roupas, calçados, penteados, técnicas corporais, dentre outros. É algo que eles apreciam, notadamente os jovens. E não acreditamos que haja uma diminuição desse interesse. Pelo contrário, a tendência é ser cada vez maior.

O que não significa que a cultura dos Karo Arara se extinguirá. Como vimos discutindo ao longo do tópico, é um movimento constante realizado por eles entre o “ser” branco e o “ser” índio. E que às vezes ocorre de forma simultânea. Como em um episódio no qual acompanhamos a equipe feminina de Paygap em um torneio de futsal e elas estavam tomando macaloba.

Portanto, é por meio desse trânsito que eles expandem as suas redes de sociabilidade, conhecem o ponto de vista dos brancos e, talvez como indicou Vander Velden (2008) a respeito dos Karitiana, fortaleçam a sua identidade. E, embora os mais velhos se preocupem com esse deslocamento por parte dos jovens, acreditamos que, se não na medida desejada, o sentimento de pertencimento étnico está presente neles. E isso

ficou claro nas várias vezes em que os acompanhamos para competições fora da aldeia e, quanto mais tempo ficavam longe, maior era a vontade de estar de volta para o seu lar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta tese foi compreender os sentidos e os significados que o esporte, especialmente o futebol, adquire entre os Karo Arara. Esse fenômeno social se faz presente entre o povo há várias décadas, resultado do contato com os brancos. À medida que as relações foram se intensificando, a presença e a influência do esporte (futebol) também aumentaram, colaborando para modificações em sua estrutura sociocultural.

Para a realização desta pesquisa, foi necessário a superação de obstáculos desde o começo. É evidente que a nível de doutorado as dificuldades fazem parte do processo. Contudo, o nosso ingresso no programa ocorreu no meio da pandemia da COVID-19. Foi um período difícil para toda a sociedade e de incertezas no meio acadêmico. Especificamente no nosso caso, que envolvia a interação com populações indígenas, a apreensão era perceptível. Seria possível ir a campo? Quando?

A aproximação junto aos Karo Arara só se tornou possível dois anos após o início do doutorado. Consequentemente, a margem para decidir a respeito dos caminhos a serem seguidos ao longo da pesquisa, assim como o aprofundamento nos principais pontos, tornou-se menor. Conciliar a necessidade de tomar decisões referentes a pesquisa e os desdobramentos biopsicossociais do período pandêmico não foi uma tarefa fácil.

Dessa forma, era inevitável que isso tudo refletisse no trabalho. O desejo, a princípio, seria passar mais tempo junto ao povo, sobretudo convivendo diariamente com as pessoas nas aldeias. Isto facilitaria a construção do conhecimento acerca do fenômeno estudado em razão da vivência de mais situações e o acesso a mais informações. Outro ponto, refere-se a possibilidade de também envolver os Ikólóéhj Gavião no estudo, analisando de que forma o esporte (futebol) interfere na dinâmica do relacionamento entre os povos. Mas, não foi possível. Estes aspectos, bem como a compreensão de sua língua materna, constituíram-se em fatores limitantes deste trabalho.

Um caminho para minimizar essas situações, nesse sentido, é a realização de novos estudos. Verificar como se apresenta o fenômeno esportivo em outros contextos indígenas da região, tais como os Ikólóéhj Gavião, os Paiter Suruí, os Zoró, dentre outros, pode ajudar a entender melhor o impacto do esporte (futebol) nas tradições e na organização social dos povos originários. Especificamente sobre os Karo Arara, acompanhá-los por mais tempo e verificar os desdobramentos a longo prazo de políticas públicas, como as Olimpíadas Indígenas e a associação esportiva por exemplo, dar-nos-á um retrato ampliado sobre a presença do esporte entre eles. Além disso, investigar a

percepção dos brancos a respeito da relação entre eles no cenário esportivo, pode auxiliar na confirmação de alguns entendimentos e na elucidação de outros.

Em todo o caso, não obstante os limites mencionados acerca do nosso trabalho, o período de convivência, as conversas e as entrevistas, demonstraram-nos o quão apaixonados os Karo Arara são pela prática esportiva, notadamente pelo futebol. Aos finais de tarde na aldeia, em amistosos na área rural próxima ou em campeonatos na cidade, eles se engajam e sempre procuram fazer o seu melhor, sinalizando a força do povo. Seja assistindo, torcendo ou jogando.

A nossa impressão é que o principal motivo pela predominância do futebol em detrimento de outros esportes é a falta de suporte para a sua vivência. Embora já tenhamos percebido a afeição por outras modalidades, como o vôlei, por exemplo, não há estrutura física e nem os materiais adequados. Outro aspecto é a orientação apropriada, não obstante ser mais fácil de se solucionar.

Com a participação exitosa em competições esportivas (JOER e as Olimpíadas Indígenas), imaginávamos que os resultados obtidos poderiam desencadear mudanças no panorama esportivo das aldeias. O entusiasmo com que retornaram dos eventos e a sua repercussão ao longo dos meses seguintes, fizeram com que acreditássemos que haveria uma mobilização, sobretudo das lideranças, a fim de possibilitar melhores condições para a realização de treinamentos e a sua prática no tempo livre.

Mas não foi o que aconteceu. Com efeito, houve um retrocesso em relação aos avanços obtidos referentes à prática esportiva e à participação em competições. No ano seguinte, houve uma redução drástica nos participantes do JOER, tendo somente alguns jovens de Paygap. Mesmo com o cancelamento das Olimpíadas próximo a data de sua realização, os atletas em potencial não estavam se preparando. Ou seja, o novo cenário acerca do esporte que se desenhava entre os Karo Arara, não se concretizou.

O mesmo aconteceu em relação aos esportes tradicionais. Com a vivência de práticas de outros povos nas Olimpíadas e o estímulo dos gestores municipais para que pudessem identificar outros esportes que fizessem parte das tradições dos Karo Arara além do arco e flecha, acreditávamos que, talvez, pudesse ser descoberta uma outra prática do povo que havia sido deixada de lado. Apesar de nossas averiguações indicarem que provavelmente não há, em nenhum momento nos pareceu que houve uma mobilização para investigarem após a solicitação da prefeitura.

Atribuímos parte da responsabilidade por essas situações à atuação das lideranças esportivas. Evidentemente que eles possuem outras responsabilidades no seu dia a dia,

como a família e a atividade profissional, por exemplo. No entanto, quando se predispõem a exercer esse papel ante os desejos e as necessidades da comunidade, precisam tentar efetivá-lo. Os problemas para a diversificação da prática esportiva e a presença no JOER, principalmente em Iterap, ocorreram por um conflito entre o professor de Educação Física da SEDUC e uma liderança de Iterap não vinculada ao esporte. O que começou como algo pequeno, ganhou grandes proporções, culminando com o afastamento do professor da aldeia. Se tivesse havido uma intervenção das outras lideranças no início, poderia ter sido diferente.

As lideranças também poderiam pressionar mais os gestores municipais e os políticos com os quais possuem uma relação mais próxima para que pudessem contribuir de maneira mais significativa com o desenvolvimento do esporte nas aldeias. Há outras lutas importantes com as quais eles estão engajados, tais como melhorias na educação, na saúde, nas estradas, dentre outras. Não que o esporte deveria ser a prioridade dentre todas. Mas, acreditamos que poderia haver um esforço maior em alguns momentos para que esse direito, assegurado pela Constituição de 1988, seja viabilizado.

A outra parte corresponsável por essa situação são os gestores públicos. Nos últimos anos, notadamente nos que estivemos próximos ao povo, houve algumas ações feitas pelos gestores no âmbito municipal. A realização da primeira Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná, pela prefeitura, e o suporte financeiro e logístico, pelos funcionários da SEDUC, destacam-se nesse contexto.

Contudo, essas ações demonstraram ser posteriormente, pelo menos até a finalização desta tese, algo pontual. Não houve continuidade. Com efeito, a realidade se mostrou contrária aos discursos proferidos por esses gestores, visto que fizeram promessas a respeito do fortalecimento e desenvolvimento do esporte nas aldeias. Inclusive, em uma delas, houve tratativas para a criação de uma associação a fim de dar o suporte para organizarem a primeira equipe indígena de futebol profissional do estado. Dentre outros desdobramentos desse empreendimento, seria construído um campo nas medidas oficiais e um alojamento na aldeia definida como sede, que, por questões de localização, seria Paygap.

Os Karo Arara parecem, infelizmente, já estar acostumados com esse tipo de situação. Quando conversávamos a respeito dessas promessas voltadas para se ter melhores condições da prática esportiva na aldeia, sempre respondiam que iriam aguardar com cautela, pois o histórico da relação com gestores e políticos lhes alertava para não confiar. E, pelo que pudemos observar, não estavam errados.

Por essas questões envolvendo a prática esportiva e pela paixão que possuem pelo futebol, bem como pela sua praticidade, esta modalidade se apresenta de maneira hegemônica entre o povo. E a sua presença não fica restrita aos campos das aldeias. Eles jogam, torcem e assistem na área rural próxima a aldeia e na cidade. Sem contar o seu trânsito constante pelo mundo digital por meio das redes sociais.

O futebol está presente na vida do povo diariamente. É jogado sozinho, em dupla ou em grupo. É no terreiro, no quintal ou no campo. Ou seja, o importante para eles é jogar, independente do formato. Percebemos o seu apreço pela modalidade desde o primeiro contato. E à medida que fomos estreitando os laços de convivência, essa impressão se tornou ainda mais forte.

Na maior parte do tempo que pudemos acompanhá-los vivenciando essa modalidade foi nos campeonatos amadores. Foram muitas competições. Em algumas foram bem e em outras nem tanto. Tiveram várias derrotas, mas também conquistaram títulos. Jogaram somente com pessoas do povo, mas também com brancos. O fato é que procuram demonstrar a força e a qualidade do povo por meio do seu desempenho, assim como expandir as suas redes de sociabilidade.

Também foram nessas competições que começamos a notar o protagonismo das mulheres Karo Arara. Em um primeiro momento como atletas. As participações nos campeonatos eram boas. Geralmente se saíam melhor do que os homens. Mesmo quando as condições eram adversas, como as disputas no futsal (não possuem quadra para treinar), iam bem. Inclusive com títulos. Chamou-nos a atenção também a forma como eram organizadas e determinadas, pois tomavam a frente das situações envolvendo a equipe.

Esse protagonismo apresentado pelas jovens não era sem razão. As mulheres do povo também ocupam posições importantes na educação, nas associações, na política, dentre outros. Especificamente no esporte, além de atletas, também são treinadoras e dirigentes. Atuam diretamente para que haja melhores condições para a prática nas aldeias, sobretudo para as mulheres.

É uma tarefa essencial e, ao mesmo tempo, desafiadora, posto que ainda encontram resistência tanto na aldeia quanto fora dela. Precisam superar a barreira de gênero e, quando estão fora da aldeia, a de etnia. É uma luta constante, mas que tem tido resultados. Elas têm conseguido melhores condições para poder jogar nas aldeias, ido a campeonatos na cidade e exercido a função de treinadora e dirigente.

O preconceito, na verdade, não atinge somente as mulheres no ambiente esportivo. Os homens também sofrem com isso. Os brancos se valem de estereótipos relacionadas

a aspectos socioculturais do povo para provocá-los e menosprezá-los. Mesmo com a presença frequente em competições e, conseqüentemente, interações, as quais deveriam redirecionar essa conduta discriminatória, esta ainda permanece. E, eventualmente, resultam em discussões que podem escalar para conflitos.

Nesse sentido, a preocupação em não serem alvo de mais discriminação pode justificar o discurso dos cuidados que devem ter com o comportamento quando estão entre os brancos. Em mais de uma ocasião, seja em entrevista ou em uma conversa informal, as lideranças destacaram a necessidade de não brigarem ou apresentarem uma conduta inapropriada em eventos ou nos momentos fora da aldeia. Refletindo a respeito, acreditamos que se deve aos ataques que seriam potencializados. Ainda que os brancos se comportem da mesma forma ou até pior, são ofendidos por conta do marcador étnico. Provavelmente os brancos devem querer que os indígenas sejam conforme a versão “romântica” (Luciano, 2006) por eles idealizada.

O futebol, não obstante os percalços para a sua prática, principalmente na presença dos brancos, constitui-se em um elemento agregador para os Karo Arara. A sua capacidade de aproximar as pessoas do povo, seja para jogar, torcer ou assistir, foi destacada ao longo da tese. As próprias lideranças atestam essa similaridade com as festas tradicionais. Uma das lideranças, inclusive, relatou que o povo estava se reunindo nos eventos tradicionais somente porque havia a presença da modalidade. O que também pudemos observar em 2023 e 2024 quando o Festival da Amizade Indígena e as Olimpíadas Indígenas de Ji-Paraná contaram com a presença de mais pessoas das aldeias do que a Festa do Jacaré.

Essa força que o futebol apresenta entre os Karo Arara nos levou a refletir acerca do impacto que os símbolos e valores dos brancos têm causado na cultura do povo. Isto é, será que essa modalidade, e o esporte de uma maneira geral, tem provocado modificações culturais? Será que o uso de camisetas de equipes profissionais, da reprodução dos movimentos de seus jogadores preferidos, bem como de seu gosto musical, é um indicativo de uma transformação em branco?

Em nossa análise, com o suporte teórico da antropologia, acreditamos que não. Os Karo Arara, assim como outros povos, apreciam os produtos culturais dos brancos. No caso do esporte, especialmente do futebol, desejam jogar, assistir aos campeonatos na televisão, comprar os produtos das equipes, interagir nas redes sociais, dentre outras coisas. Contudo, isto não significa que querem deixar de ser indígenas e se tornarem brancos. Parece-nos que almejam as duas possibilidades, ou seja, continuar aproveitando

e fazendo o uso daquilo oriundo dos brancos, mas sem deixarem de ser indígenas. Isso nos faz afirmar que o futebol - apesar de ser um esporte espetáculo e se tratar de um fenômeno cultural que leva à esportivização das práticas corporais, como enfatizado por Almeida (2008), ao fim e ao cabo, essa prática contribui para reforçar a identidade e o projeto de construção corporal do ser indígena.

E, assim, seguem os Karo Arara. Jogando futebol entre si e com os brancos, descobrindo novos esportes e participando de campeonatos. Como nos disse uma liderança a respeito da ida à cidade para os campeonatos “queremos mostrar que sabemos jogar”. E sabem mesmo. Mas não é só isso. Continuam a aprender e, conseqüentemente, a melhorar. E, o mais importante, fazem tudo isso para mostrar a força do povo. Demonstrar o orgulho de serem indígenas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Joelma Cristina Parente Monteiro; GRANDO, Beleni Saléte; CARVALHO, Pablo Freitas. **Políticas Públicas de Esporte e Lazer e Povos Indígenas**. In: Lucília da Silva Matos; Mirleide Chaar Bahia. (Org.). Políticas Públicas de Esporte e Lazer e Povos Indígenas. 1ed. Belém: Paka-Tatu, 2019, v. 1, p. 23-46.

ALMEIDA, Arthur. **Esporte e cultura**: esportivização de práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Brasília, 2008, 141p.

ALMEIDA, Arthur. **Políticas públicas de esporte e lazer para os povos indígenas no Brasil**. In: Ana Elenara da Silva Pintos; Hélder Ferreira Isayama. (Org.). Formação de agentes sociais dos programas Esporte e Lazer da Cidade e Vida Saudável. 1ed. Campinas: Autores Associados, 2016, v. 1, p. 185-200.

ALVES, Juliana. **Narrativas de professoras indígenas Arara (Karo Tap) de Rondônia**: identidades entre experiências formativas não escolares e escolares. Tese (Doutorado) – Universidade Católica Dom Bosco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, 2018, 195p.

ALVES, Juliana. **Cacique Pequena do povo Jenipapo Kanindé**: trajetória e protagonismo das mulheres indígenas no Movimento Indígena. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Fortaleza, 2022, 110p.

ANDRADE, Ugo Maia; MARINHO, Ana. Memória, narrativas e resistência com as mulheres Xokó. **REVISTA TOMO**, v. 42, p. e18761, 2023.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; RAMOS, Suellen dos Santos; JORAS, Pamela Siqueira; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mudando cabeças, corpos e campos**: a experiência do Guerreiras Project no empoderamento de mulheres por meio do futebol. In: LIMA, C.A.R.; BRAINER, L.; JANUÁRIO, S.B. (Org.). Elas e o futebol. 1ed. João Pessoa: Xeroca!, 2019, v. , p. 18-49.

ARARA, Marli Peme. **Wayo Akanã, a Festa do Jacaré**: narrativa de um ritual Karo. Artigo (Graduação) – Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Educação Intercultural, Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Ji-Paraná, 2016, 29p.

ARARA, Angela Naki Wirin. **Ma'pâyrap Toat Kat Nã Xet Toy**: a atuação política das mulheres indígenas Karo Arara. Artigo (Graduação) – Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Educação Intercultural, Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Ji-Paraná, 2022, 35p.

ARMSTRONG, Anderson da Costa *et al.* Urbanização associa-se com tendência a maior mortalidade cardiovascular em populações indígenas: o estudo PAI. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, v. 3, p. 240-245, 2018.

BATISTA, Victor Hugo Gonçalves. Entre a proibição e a legalização: reflexões sobre o futebol de mulheres (1965-1979). In: Soraya Barreto Januário; Jorge Knijnik. (Org.). Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistência, equidade. 1ed. Pernambuco: Editora UFPE, 2022, v., p. 378-405.

BHABHA, Homi Kharshedji. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **População Indígena – SESAI**. [Brasília]: Ministério da Saúde, 14 nov. 2024. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/sesai_pop_indigena/sesai_pop_indigena.html. Acesso em: 14 nov. 2024.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 2. ed. liuI: Editora UNIJUI, 2003.

BROWN, Matthew. **Esportes na América do Sul**: uma história. Tradução de Mateus Canals Meucci. 1. ed. – São Paulo, SP: Editora Ludopédio, 2024.

BVSMS. Biblioteca Virtual em Saúde. **10/03 – Dia Nacional de Combate ao Sedentarismo**. [Brasília]: Ministério da Saúde, 19 mar. 2025. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/10-3-dia-nacional-de-combate-ao-sedentarismo/#:~:text=No%20país%2C%20conforme%20dados%20do,ainda%20mais%20alarmante%3A%2084%25>. Acesso em: 19 mar. 2025.

CABRAL, Maurício Martins; SANTOS FILHO, Alexandre Silva dos. Cultura e Educação na Amazônia Oriental: Práticas corporais na comunidade Parkatêjê. **REVISTA EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO**, v. 13, p. 08-32, 2017.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural: entre o multiculturalismo e a interculturalidade. **Cadernos Cedes**, v. 28, n. 76, p. 139–152, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo** [2ª edição revista]. 2. ed. Brasília e São Paulo: Paralelo 15 Editores e Editora Unesp, 2000. v. 1. 220p.

CHIQUELTO, Rodrigo Valentim. Entre índios e boleiros no Peladão Indígena. **Ponto Urbe** (USP), v. 14, p. 7, 2014.

COSTA, Carlos Eduardo. Futebol em campo, no campo da etnologia: o desporto bretão e a esportividade ameríndia. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, v. 64, p. 1-23, 2021.

DA COSTA, Leda Maria; HELAL, Ronaldo. O universo do futebol, a seleção brasileira e a nação: reflexões sobre a ascensão e queda da “pátria de chuteiras”. **Conexões**, v. 20, p. e022010-e022010, 2022.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista Usp**, n. 22, p. 10-17, 1994.

DOURADO, Bruna. **Ranking**: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2025, com insights, ferramentas e materiais [online], 11 fev. 2025. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DREY, Peter Mattos. Rompendo fronteiras culturais/esportivas: primeira participação equipes indígenas de Campinópolis-MT em jogos escolares. **The FIEP Bulletin**, v. 93, p. 442-454, 2023.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**,

São Paulo, V.3, p.81-85, 1980.

DUARTE, Danielly Colleti. Protagonismo das mulheres indígenas no espaço de poder: resistência e superação. **MOVIMENTAÇÃO**, v.4, n.6, p. 20-44, 2017.

DUNNING, Erick; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, v.5, n.2, p.321-348, 1997.

DUTRA, Juliana; MAYORGA, Claudia. Mulheres indígenas em movimentos: Possíveis articulações entre gênero e política. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO (ONLINE)**, v. 39, p. 113-219, 2019.

FASSHEBER, Jose Ronaldo Mendonça. **Etno-Desporto indígena**: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Campinas, 2006, 172p.

FERMINO, Antonio Luis. **Jogo de futebol e o jogo de relações entre os Laklânô/Xokleng**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2012. 154 p.

FIALHO, Vânia; SILVA, Geórgia. Política, alteridade e negociação nos I Jogos Indígenas de Pernambuco. **Tellus (UCDB)**, v. n. 18, p. 65-81, 2010.

FLEURI, Reinaldo. Educação e interculturalidade. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 25–35, 2003.

GABAS JUNIOR, Nilson. **A Grammar of Karo (Tupi, Brasil)**. Dissertação (Doutorado) – University of California System, 1999, 246p.

GABAS JUNIOR, Nilson. Karo [online]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karo>. Acesso em: 01 mar. 2023.

GAVIÃO, Sebastião. **Plantas medicinais utilizadas no ritual de cura do povo Arara**. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Educação Intercultural, Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Ji-Paraná, 2015, 31p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n.2, p. 143-151, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA. População Indígena. Governo do estado de Rondônia [online], Porto Velho 2025. Disponível em: <https://rondonia.ro.gov.br/si/institucional/populacao-indigena/> Acesso em: 20 fev. 2025.

GRANDO, Beleni Saléte. **Corpo e educação**: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa

Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Florianópolis, 2004.

GRANDO, Beleni Saléte. Corpo e Cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-MT. **Pensar a Prática (UFG)**, Goiânia-GO, v. 8, n.2, p. 163-179, 2005.

GRANDO, Beleni Saléte. Jogo entre "Parentes", os processos de educação do corpo, esporte e lazer no Brasil: reflexões a partir dos Jogos dos Povos Indígenas. **Revista Pedagógica (Chapecó. Online)**, v. 17, p. 36-58, 2015.

GRANDO, Beleni Saléte; ALMEIDA, Arthur. **I Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas - FOPPELIN**. In: Beleni Saléte Grando; Vilma Aparecida de Pinho; Neide da Silva Campos. (Org.). Políticas Públicas e Povos Indígenas: contribuições a partir do Fórum Nacional de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas do Brasil. 1ed.Cuiabá: Editora da UFMT - Editora Sustentável, 2016, v. 1, p. 25-61.

GRUPPI, Deoclecio Rocco. **Iniciativas indígenas: Jogos Escolares Brasileiros e Comitê Intertribal - Memória e Ciência Indígena**. In: Maria Beatriz Rocha Ferreira; Marina Vinha. (Org.). Celebrando os jogos, a memória e a identidade: XI Jogos dos Povos indígenas. Porto Nacional - Tocantins. 1ed.Dourados: UFGD, 2015, v. 1, p. 169-192.

GUIMARÃES, Maria Clara Ferreira; GUIMARÃES, Maria Heloisa. **A comunidade indígena e suas percepções dos XI Jogos dos Povos Indígenas**. In: Maria Beatriz Rocha Ferreira e Marina Vinha. (Org.). Celebrando os Jogos, a memória e a identidade: XI Jogos dos Povos indígenas: Porto Nacional: Tocantins, 2011. 1ed.: 2015, v. 1, p. 119-166.

GURKEWICZ, Fabrício; GRANDO, Beleni Saléte; ALMEIDA, Dulce Filgueira de. Elementos para pensar a questão indígena em Rondônia: as Políticas Públicas de Esporte e Lazer. **Revista TELLUS**, v. 50, p. 93-123, 2023.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University, 2004.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37 n. 132, p. 595-609, 2007.

INGOLD, Tim. **Antropologia: pra que serve?** Petrópolis, Vozes, 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL [ISA]. Quantos são? Povos Indígenas do Brasil [online], São Paulo, 2025a. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_são%3F Acesso em: 20 fev. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL [ISA]. Onde estão? Povos Indígenas do Brasil [online], São Paulo, 2025b. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Onde_estão%3F Acesso em: 20 fev. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL [ISA]. Terras Indígenas no Brasil [online], São Paulo, 2025c. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br>. Acesso em: 20 fev 2025.

ISIDORO, Edinéia Aparecida. **Situação sociolinguística do povo Arara**: uma história de luta e resistência. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Mestrado em Linguística, Goiânia, 2006, 138p.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; KNIJNIK, Jorge. **Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro**. In: Soraya Barreto Januario; Jorge Knijnik. (Org.). Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade. 1ed.Recife: UFPE, 2022, v., p. 434-458.

KELLY, José Antônio. Notas para uma teoria do virar branco. **Mana**. Vol. 11, nº 1, p. 201-234, 2005.

KEPPI, Jandira; GOMIDE, Maria Lucia Cerede. (Org.). **Alimentação Karo Arara**: saberes e práticas. 1ed.São Leopoldo: Oikos, 2016, v. 1, 70p.

KEPPI, Jandira; PRUIKSMA, Nienke. (Org.). **Nossas vidas**: histórias de mulheres karo-Arara. 1ed.São Leopoldo: Oikos, 2018, v. 1, 96p.

LABIAK, Fernanda Pereira; LACERDA, Maria do Carmo de Lima Silva; ZWIELEWSKI, Grazielle. Influências das construções estereotipadas de gênero na carga mental de trabalho das mulheres. **Trabalho (En)Cena**, v. 8, p. e023027-20, 2023.

LE BRETON, David. **O desaparecimento de si**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O Índio Brasileiro**: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de Hoje. 1. ed. Brasília: MEC/SECAD MUSEU NACIONAL/UFRJ, 2006. v. 1. 232p.

LUCIANO, Gérsem José dos Santos. **Descolonizando Práticas e Mentes Indígenas**: contribuições do I Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas. In: Beleni Saléte Grando; Vilma Aparecida de Pinho; Neide da Silva Campos. (Org.). Políticas Públicas e Povos Indígenas: Contribuições a partir do Fórum Nacional de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas do Brasil. 1ed.Cuiabá: Editora Sustentável/EdUFMT, 2016, v. 1, p. 99-113.

MARCHI JUNIOR, Wanderley. O esporte em cena: interpretações conceituais e um modelo de análise. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 5, p. 46-67, 2015.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, California, v. 24, pp. 95-117, 1995.

MARTINS, Conceição Garcia; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de. Relações de gênero no trabalho doméstico: pesquisa realizada com mulheres trabalhadoras do IF-SC. **Cadernos de Gênero e Tecnologia (CEFET/PR)**, v. Nº: 23, p. 27-36, 2011.

MAUSS, Marcel. **“As Técnicas Corporais”**. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MILHOMEN, Sandra Rodrigues da Silva. **Ser mulher indígena**: território, identidade e protagonismo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2021, 154p.

MINAYO Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte**: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, Maria Cecília de Souza; Deslandes, Suely Ferreira, Cruz Neto O, Gomes R, organizadores. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28ed. Petrópolis: Vozes; 2009. p. 9–30.

MINDLIN, Betty. Aula Magna de Pedro Arara Karo. Arara Karo: a persistência de um povo. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 30, n. 87, p. 323–336, 2016.

MORAES, Camila. Da etnografia multissituada aos métodos móveis: um relato etnográfico móvel do turismo em favelas. **ÁLTERA REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, v. 1, p. 209-238, 2021.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo George; AMARO, Fausto. **Futebol, nação e representações**: a importância do estilo -Futebol-arte- na construção da identidade nacional. Revista de História da Unisinos **JCR**, v. 19, p. 272-282, 2015.

NASCIMENTO, Ronaldo do. **O futebol Munduruku**: um jogo estratégico nas relações interétnicas e interculturais em Juara-MT. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação, Cuiabá, 2015, 153p.

NOBREGA, Renata da Silva. **Contra as invasões barbaras, a humanidade**: a luta dos Arara (Karo) e dos Gavião (Ikoloehj) contra os projetos do Rio Machado, em Rondônia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Campinas, 2008, 216p.

NUNES, Eduardo Soares. **No asfalto não se pesca**: parentesco, mistura e transformação entre os Karajá de Buridina (Aruanã-GO). Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 2012, 425p.

NUNES, Eduardo Soares. O constrangimento da forma: transformação e (anti) hibridez entre os Karajá de Buridina (Aruanã – GO). **Revista de Antropologia**. Vol. 57, nº 1, p. 303-345, 2014.

OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas de. **Breves considerações sobre o futebol entre os povos indígenas Karipuna**. In: FRANCO, Marcel Alves; SURDI, Agnaldo Cesar. (Org.). Corpo, Cultura e Educação Física - vol. I. 1ed. Natal: SEDIS/UFRN, 2018, v. I, p. 102-119.

PAULA, Jania Maria de. **Karo e Ikólóéhj**: escola e modos de vida. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Velho, 2008, 222p.

PEIRANO, Mariza. **A favor de etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PICANÇO, Felícia Silva; ARAÚJO, Clara Maria de Oliveira. Conflitos desiguais: homens e mulheres na articulação casa - trabalho no Brasil. **Século XXI - Revista de Ciências Sociais**, v. 9, p. 720-749, 2019.

PILATTI, Luiz Alberto. **Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno**. In: Marcelo Proni; Ricardo Lucena. (Org.). *Esporte: história e sociedade*. 1ed. Campinas: Autores Associados, 2002, v1, p. 63-76.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães; GRANDO, Beleni Salete (Org.). **Brincar, Jogar, Viver: IX Jogos dos Povos Indígenas**. 1.ed. Cuiabá-MT: Central de Texto, 2009. v. 1. 260p.

RODRIGUES, Letícia Berloff. **A prática do futebol entre indígenas de Dourados-MS**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Dourados, 2014, 112p.

SACCHI, Angela Célia. Mulheres indígenas e organização política: união, luta, força e resistência. **REVISTA ANTHROPOLOGICAS**, v. 33, p. 164-194, 2023.

SALVO, Vera Lúcia Morais Antônio de *et al.* Perfil metabólico e antropométrico dos Suya. Parque Indígena do Xingu, Brasil Central. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 3, p. 458-468, 2009.

SANTOS, Júlia Otero dos. **Sobre mulheres brabas, parentes inconstantes e a vida entre outros: a Festa do Jacaré entre os Arara de Rondônia**. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 2015. 338p.

SANTOS, Marcelo Carneiro dos. **A dança do Panojé do ritual da mandioca (Kuwrykango) entre os Kayapó-Ngômejti**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Brasília, 2019. 105p.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero; UFRJ, 1987.

SCIRÉ, Claudia. Uma etnografia multissituada das práticas populares de consumo. **PLURAL - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, V. 16, P. 93- 109, 2009.

SILVA, Ilton Palmeira *et al.* Principais fatores relacionados ao risco cardiovascular de populações indígenas do Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, e38610918254, 2021.

SILVA, Jeniffer Caroline da. **Bolas, brinquedos e jogos: Práticas de lazer e futebol na tradição dos Kaingáng da Terra Indígena Xapecó/SC**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2014. 143 p.

SILVA, Tayse Michelle Campos da. **Mulheres indígenas Mendonça**: cotidiano, resistência e luta por direitos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Natal, 2021, 214p.

SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo**. São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, mar. 2005.

SOARES, Kellen Cristina Pires; PINTOS, Ana Elenara da Silva. **Fórum Social Indígena**: o esporte e o lazer provocando um diálogo intersetorial. In: Maria Beatriz Rocha Ferreira e Marina Vinha. (Org.). *Celebrando os jogos, a memória e a identidade: XI Jogos dos Povos Indígenas - Porto Nacional*, 2011. 01ed. Maringá: Gráfica Regente, 2015, v. 01, p. 247-262.

SOARES, Kellen Cristina Pires; PINTOS, Ana Elenara da Silva. **Fórum Social Indígena: o esporte e o lazer provocando um diálogo intersetorial**. In: Maria Beatriz Rocha Ferreira e Marina Vinha. (Org.). *Celebrando os jogos, a memória e a identidade: XI Jogos dos Povos Indígenas - Porto Nacional*, 2011. 01ed. Maringá: Gráfica Regente, 2015, v. 01, p. 247-262.

SOUZA, Miriam Martins Vieira de. **Campeonato de Futebol "Peladao Indígena"**: Um olhar sociocultural. Dissertação (mestrado) - Programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazonia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017, 69p.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. O gosto dos outros: o sal e a transformação dos corpos entre os Karitiana no sudoeste da Amazônia. **Temáticas** (UNICAMP), v. 31, p. 11-41, 2008.

VILAÇA, Aparecida. O que significa torna-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 15, nº 44, p. 56-72, 2000.

VIANNA, Fernando Fedola de L. B. **A bola, os "brancos" e as toras: futebol para índios xavantes**. São Paulo: USP, 2001. 371p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2001.

VINHA, Marina; ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. Esporte entre os Índios Kadiwéu. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, p. 145-158, 2003.

VINHA, Marina. **Corpo-Sujeito Kadiwéu**: jogo e esporte. Campinas, SP, 2004. Tese. Universidade Estadual de Campinas.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. **BOLETIM DO MUSEU NACIONAL**, v. 32, p. 40-49, 1979.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, p. 75-115, 1982.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro para entrevistas (Lideranças)

Metadados e orientações	
Nome do entrevistado: _____	
Data da entrevista: ____ / ____ / ____	Local da entrevista: _____
Contato inicial:	
<input type="checkbox"/> Agradecer pela disponibilidade em receber o (s) pesquisador (es). <input type="checkbox"/> Apresentar, de forma breve, os objetivos da pesquisa. <input type="checkbox"/> Explicar as informações contidas <u>no termo de consentimento de entrevista</u> . <input type="checkbox"/> Solicitar a assinatura do <u>termo de consentimento de entrevista</u> . <input type="checkbox"/> Entregar uma via assinada pelo pesquisador para o entrevistado.	
Procedimentos iniciais:	
<input type="checkbox"/> Preparar o gravador. <input type="checkbox"/> Iniciar a gravação.	
Questões para entrevista	
HISTÓRIA	
1.	Você jogou futebol quando era criança? Como era? E outros esportes?
2.	Quais as diferenças para o modo que jogam hoje?
3.	Sabe desde quando os Arara jogam futebol ou outros esportes?
4.	Há algum jogo ou esporte próprio dos Arara?
5.	Se sim, ainda se pratica? Ou por que parou de praticar?
6.	E contra os brancos? Desde quando jogam?
7.	O que é ser Arara? Quais as principais características ou o que o identifica?
8.	Você acha que o futebol enfraquece ou fortalece a identidade do povo Arara? Como isso ocorre?
9.	Movimentos como da festa do Jacaré ou outros encontros tradicionais (encontro da juventude em Paygap) tem por finalidade aproximar mais o povo Arara. Você acha que o futebol também faz isso? Mesmo sendo de branco?
10.	As festas tradicionais proporcionam o estado de wãñ nãñ. O futebol também faz isso?
OLIMPÍADAS INDÍGENAS	
11.	O que achou das Olimpíadas indígenas? O que mais te chamou a atenção?
12.	Quais foram os pontos positivos? E os pontos negativos?
13.	Qual a importância da Olimpíada para os Arara?
14.	Como foi a escolha dos atletas?
15.	Você acha que os atletas representaram bem o povo Arara? O que mais te chamou a atenção na participação deles que represente o povo Arara?
16.	Você acha que valorizou as culturas indígenas? Por quê?
17.	Como tem sido as políticas públicas voltadas para o esporte dos povos indígenas? O que precisa melhorar?
JOER	
18.	O que achou do JOER? O que mais te chamou a atenção?

19. Quais foram os pontos positivos? E os pontos negativos?
20. Você acha que foram bem recebidos (ou mal-recebidos) pelos participantes do evento? Por quê?

FUTEBOL

21. Como são formadas as equipes para os jogos do dia a dia na aldeia (parentesco, qualidade, idade, etc)?
22. Como são formadas as equipes para os jogos fora da aldeia? O que é levado em consideração? Têm diferenças quando é contra outro povo/aldeia e contra os brancos?
23. Questões da tradição do povo são levadas em conta na escolha dos atletas que irão jogar fora da aldeia?
24. Como são organizados os jogos contra outras aldeias/povos? Ocorrem com frequência?
25. Quais as diferenças entre jogar na aldeia e fora dela (outra aldeia, área rural, cidade, etc)? Qual prefere?
26. Nos jogos dentro da aldeia ocorrem confusões (discussões, briga)? O que faz com que ocorra?
27. Por que os homens e as mulheres jogam juntos (ou não) na aldeia? O tempo para a prática é igual?
28. As pessoas que participam da igreja podem jogar futebol? Há alguma restrição?

BRANCOS

29. Quais as maiores dificuldades para jogar fora da aldeia?
30. Há diferenças entre os jogos contra os brancos e com o próprio povo? Qual vale mais?
31. Como é comportamento dos brancos (torcedores, jogadores) com vocês nos jogos fora da aldeia? E na aldeia?
32. Ocorrem muitas confusões nesses jogos? Pode relatá-las? Com jogadores de outro povo?
33. O que você acha de jogar com brancos na mesma equipe? E
34. Jogar com brancos na mesma equipe é diferente do que jogar com o próprio povo? Quais as diferenças?
35. Como é jogar contra os Gavião? É diferente de jogar contra os Brancos e com o pessoal da aldeia? Tem muita rivalidade? Por quê?

MÍDIAS

36. Você gosta de acompanhar futebol pelas mídias (televisão, redes sociais)? O que você mais gosta de acompanhar (jogos, mensagens motivacionais, notícias)? Por quê?
37. Você acompanha mais futebol nacional ou internacional? Por quê?
38. Por que você gosta de postar coisas sobre o futebol em suas redes sociais?
39. O que acha dos jovens que querem ser jogadores profissionais? Acha possível?
- 40.

PROTAGONISMO FEMININO

41. O que você acha da participação das mulheres no esporte/futebol?
42. Você acha que na aldeia tem preconceito com as que participam?
43. Você acha que mudou de antigamente pra hoje em dia? O que mudou?
44. Quando a mulher se casa é mais difícil pra ela jogar? Por quê?
45. E quando tem filho também é mais difícil? Por quê?
46. Em relação ao papel de liderança na área esportiva, você acha que há respeito dos homens com as mulheres?
47. Quais os maiores desafios para mulher enquanto liderança esportiva?
48. O que deve mudar para que as mulheres da aldeia possam se envolver mais com o esporte?

Perguntar se o entrevistado tem algo que gostaria de acrescentar.

Considerações finais:

- ☐ Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- ☐ Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- ☐ Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações e acesso aos resultados.

Apêndice B – Roteiro para entrevistas (praticantes)

Metadados e orientações	
Nome do entrevistado: _____	
Data da entrevista: ____ / ____ / ____	Local da entrevista: _____
Contato inicial:	
<input type="checkbox"/> Agradecer pela disponibilidade em receber o (s) pesquisador (es). <input type="checkbox"/> Apresentar, de forma breve, os objetivos da pesquisa. <input type="checkbox"/> Explicar as informações contidas <u>no termo de consentimento de entrevista</u> . <input type="checkbox"/> Solicitar a assinatura do <u>termo de consentimento de entrevista</u> . <input type="checkbox"/> Entregar uma via assinada pelo pesquisador para o entrevistado.	
Procedimentos iniciais:	
<input type="checkbox"/> Preparar o gravador. <input type="checkbox"/> Iniciar a gravação.	
Questões para entrevista	

OLIMPIADAS INDÍGENAS

49. O que achou das Olimpíadas indígenas? O que mais te chamou a atenção?
50. Quais foram os pontos positivos? E os pontos negativos?
51. Qual a importância da Olimpíada para os Arara?
52. Como foi a escolha dos atletas?
53. Você acha que os atletas representaram bem o povo Arara? O que mais te chamou a atenção na participação deles que represente o povo Arara?
54. Você acha que valorizou as culturas indígenas? Por quê?

JOER

55. O que achou do JOER? O que mais te chamou a atenção?
56. Quais foram os pontos positivos? E os pontos negativos?
57. Você acha que foram bem recebidos (ou mal-recebidos) pelos participantes do evento? Por quê?

FUTEBOL

58. O que é ser Arara? Quais as principais características ou o que o identifica?
59. Você acha que o futebol enfraquece ou fortalece a identidade do povo Arara? Como isso ocorre?
60. Quais as diferenças entre jogar na aldeia e fora dela (outra aldeia, área rural, cidade, etc)? Qual prefere?
61. Nos jogos dentro da aldeia ocorrem confusões (discussões, briga)? O que faz com que ocorra?

62. Por que os homens e as mulheres jogam juntos (ou não) na aldeia? O tempo para a prática é igual?
63. Em relação ao jogo, você também gosta de treinar ou só prefere participar de amistosos e competições?
64. No caso das competições, quando representa o povo, o principal objetivo é vencer ou demonstrar a força dos Arara para os outros?
65. O que você sente quando perde a partida? E quando ganha?
66. As pessoas que participam da igreja podem jogar futebol? Há alguma restrição?

BRANCOS

67. Quais as maiores dificuldades para jogar fora da aldeia?
68. Há diferenças entre os jogos contra os brancos e com o próprio povo? Qual vale mais?
69. Como é o comportamento dos brancos (torcedores, jogadores) com vocês nos jogos fora da aldeia? E na aldeia?
70. Ocorrem muitas confusões nesses jogos? Pode relatá-las? Com jogadores de outro povo?
71. O que você acha de jogar com brancos na mesma equipe?
72. Jogar com brancos na mesma equipe é diferente do que jogar com o próprio povo? Quais as diferenças?
73. E Como é jogar contra os Gavião? É diferente de jogar contra os Brancos e com o pessoal da aldeia? Tem muita rivalidade? Por quê?

MÍDIA

74. Você gosta de acompanhar futebol pelas mídias (televisão, redes sociais)? O que você mais gosta de acompanhar (jogos, mensagens motivacionais, notícias)? Por quê?
75. Você acompanha mais futebol nacional ou internacional? Por quê?
76. Por que você gosta de postar coisas sobre o futebol em suas redes sociais?

PROFISSÃO

77. Você gostaria de ser jogador (a) profissional? Por quê?
78. Quais as maiores dificuldades para se tornar jogador (a) profissional?
79. Você conhece algum atleta profissional indígena?
80. Como acha que seria a reação das pessoas do seu povo caso se tornasse jogador (a) profissional?

PROTAGONISMO FEMININO

81. O que você acha da participação das mulheres no esporte/futebol?
82. Você acha que na aldeia tem preconceito com as que participam?
83. Você acha que mudou de antigamente pra hoje em dia? O que mudou?
84. Quando a mulher se casa é mais difícil pra ela jogar? Por quê?
85. E quando tem filho também é mais difícil? Por quê?

Perguntar se o entrevistado tem algo que gostaria de acrescentar.

Considerações finais:

- ☐ Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- ☐ Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- ☐ Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
- ☐ Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com o pesquisador.

ANEXOS

Anexo 1 - Parecer do CONEP

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os "Karo Arara": sentidos e significados do esporte na aldeia

Pesquisador: FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 3

CAAE: 67705023.3.0000.5540

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física - UnB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.209.812

Apresentação do Projeto:

As informações contidas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas dos documentos contendo as Informações Básicas sobre o Projeto de Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2091957.pdf de 27/07/2023) e do Projeto Detalhado.

RESUMO

Esse projeto é fruto da percepção da necessidade de se discutir o papel exercido pelo esporte entre os povos indígenas. Nesse sentido, temos como objetivo analisar o modo como os Karo arara compreendem o esporte, em especial o futebol, com o intuito de verificar de que maneira esses fenômenos são apropriados e alocados dentro de sua organização sociocultural, assim como ocorre a sua influência no estabelecimento das relações étnicas e interétnicas. Para desenvolvermos a proposta, faremos uso da etnografia multissituada. A sua consecução envolverá o acompanhamento da prática esportiva desse povo em diferentes espaços, tanto físicos quanto virtuais. Como instrumentos de dados serão utilizados a observação participante e a entrevista semiestruturada. Como resultados, esperamos colaborar para ampliação do conhecimento acerca da manifestação esportiva entre os povos indígenas, em especial dos Karo Arara, analisando o impacto desse fenômeno em suas relações étnicas e interétnicas.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

HIPÓTESES

- A presença do esporte e do futebol, categorias da sociedade ocidental moderna, ocupam um papel importante organização sociocultural dos Karo Arara.
- O esporte e o futebol influenciam positivamente o estabelecimento das relações étnicas e interétnicas por parte dos Karo Arara.

METODOLOGIA

Esta pesquisa será realizada por meio de uma etnografia multissituada. A utilização desse método se mostra apropriada devido ao modo como o esporte, em especial o futebol, apresenta-se entre os Karo Arara. A manifestação desse fenômeno não se restringe à aldeia, alcançando os municípios próximos, as competições amadoras, a interface com a administração pública e as relações com os brancos e outros povos indígenas. Um outro espaço importante são as redes sociais, como o whatsapp e o instagram, em que os atletas e as lideranças esportivas movem-se constantemente e ao mesmo tempo que são influenciados por códigos, normas e valores também produzem novos saberes. Assim, o trânsito por esses diferentes espaços é essencial para delinear a rede de sentidos e significados que compõem o esporte entre os Karo Arara. A quantidade de participantes envolvidos diretamente na pesquisa, que farão parte dos entrevistados, será em um total de vinte, sendo dez homens, dos quais uma liderança esportiva, três lideranças da comunidade (mais velhos e que possam falar sobre o esporte no passado), três envolvidos com o esporte somente na aldeia, três envolvidos com esporte na aldeia e fora dela. E dez mulheres, das quais, uma liderança esportiva, três lideranças da comunidade (mais velhas e que possam falar sobre o esporte no passado), três envolvidas com o esporte somente na aldeia, três envolvidas com esporte na aldeia e fora dela. O contato inicial com os Karo Arara será feito pelo pesquisador junto às lideranças da comunidade. Devido a projetos já realizados com o esse povo por meio da instituição em que o pesquisador atua profissionalmente (Instituto Federal de Rondônia – IFRO), será possível apresentar o projeto de pesquisa às lideranças da comunidade e verificar a sua viabilidade. Após essa primeira interação e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), será organizado o período de estadia junto aos Karo Arara para as observações e para a realização das entrevistas. As observações acerca do envolvimento dos Karo Arara com a prática esportiva ocorrerão na aldeia e/ou nos outros ambientes em que são realizadas (cidades próximas, área rural, dentre outras). Em relação às entrevistas, a sua realização será agendada de modo a facilitar a participação dos sujeitos. É importante ressaltar que as observações e as entrevistas somente ocorrerão após a aprovação do

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

CEP e do CONEP e será feita a apresentação dos objetivos da pesquisa, dos riscos envolvidos e do conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que constam as garantias resguardadas aos participantes. A realização das coletas de dados, não acarretará nenhum tipo de custo as participantes. Ainda assim, diante de eventuais despesas decorrentes da pesquisa, estará garantido seu direito a ressarcimento ou indenização, de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O roteiro da entrevista sofrerá pequenas modificações de acordo com o grupo do qual o participante faz parte. As questões para as lideranças esportivas versarão a respeito da origem do seu contato com o esporte, o seu processo formativo enquanto liderança, as possibilidades da prática esportiva na aldeia e com os não indígenas, o papel de destaque que o futebol possui na comunidade e os sentidos e significados que essa modalidade apresenta de acordo com o local e com as pessoas com as quais ele é realizado. Já para as lideranças da comunidade, o foco será no entendimento acerca da origem da prática esportiva entre os Karo Arara, a sua representatividade entre os moradores da comunidade e a influência do futebol em suas tradições culturais. Por fim, para os praticantes, será verificado as origens do seu envolvimento com o esporte, a sua percepção em relação a prática na aldeia e fora dela, o papel que o futebol exerce na comunidade e as diferenças entre jogos realizados na aldeia, fora dela e com os não indígenas.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Ter idade igual ou superior a dezoito anos, ser indígena do povo Karo Arara, ser praticante de atividade esportiva na aldeia e/ou fora dela, e concordar em participar do estudo após ler e assinar o termo o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Ter idade inferior a dezoito anos, não ser indígena do povo Karo Arara, não realizar atividades esportivas e na aldeia e/ou fora dela, e que por iniciativa própria, livre e esclarecida desistirem da pesquisa e retirarem o termo de consentimento.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Analisar o modo como os Karo Arara compreendem o esporte, em especial o futebol, com o intuito de verificar de que maneira esses fenômenos são apropriados e alocados dentro de sua organização sociocultural, assim como ocorre a sua influência no estabelecimento das relações étnicas e interétnicas.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a concepção de esporte e de futebol entre os Karo Arara.
- Verificar a existência de práticas esportivas tradicionais.
- Comparar as especificidades da prática do futebol entre os homens e mulheres Karo Arara.
- Verificar o envolvimento das lideranças esportiva Karo Arara no contexto das políticas de esporte e lazer local.
- Analisar as implicações da prática esportiva e do futebol para os Karo Arara no estabelecimento de suas relações étnicas e interétnicas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

Toda pesquisa realizada com os seres humanos envolve riscos que podem ser minimizados através da conduta adequada e sensibilidade do pesquisador para com os participantes envolvidos. Esses riscos podem aparecer, por exemplo, durante a gravação da entrevista, com o eventual constrangimento das participantes a partir dos relatos de suas experiências, a possibilidade de desconforto, vergonha, sofrimento e outras emoções que podem ser geradas pelas suas lembranças. Além disso, a presença do pesquisador no cotidiano da comunidade, seja no espaço físico ou no virtual, também poderá causar interferência na dinâmica social dos indivíduos, resultando em situações de ansiedade e/ou estresse. Desse modo, O pesquisador responsável é treinado para trabalhar os riscos de modo a solucioná-los ou minimizá-los, como também sensibilizar as participantes para a pesquisa. Durante todo o processo da pesquisa, o pesquisador se compromete a definir junto aos participantes, as medidas cabíveis para atenuar os seus efeitos. É importante frisar que nesses cuidados também se inclui a necessidade de analisar o impacto da presença do pesquisador durante a observação direta participante, devendo a estratégia ser suspensa caso traga algum desconforto. É válido ressaltar que será assegurado aos participantes o direito à assistência e a busca por indenização, nos termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. E em caso de eventuais danos (previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que serão tomadas todas as providências cabíveis, como também incluir o encerramento da pesquisa e a notificação ao sistema CEP/CONEP. Destacamos ainda, que o pesquisador responsável se compromete em desenvolver a pesquisa com total respeito aos valores morais, culturais e religiosos, como também reconhecer as histórias de vida, os costumes das participantes da pesquisa, estimulando a contribuir com a participação de grupos diversificados sem nenhuma forma de preconceito, discriminação ou estigmatização. Do mesmo modo, as

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

informações coletadas na pesquisa serão sigilosas e confidenciais. Durante todas as etapas da pesquisa serão resguardadas a garantia da privacidade das participantes, a proteção de sua identidade, como também o uso de sua imagem e voz. Os resultados do estudo serão utilizados para fins científicos e os dados serão guardados em local seguro, sendo compartilhados apenas entre a equipe cadastrada na Plataforma Brasil. Como forma de garantir seu conforto, os locais das entrevistas poderão ser escolhidos pelos próprios participantes sem que isso lhes traga qualquer custo.

BENEFÍCIOS

A participação nesta pesquisa, não trará nenhum benefício direto aos partícipes, contudo, esperamos que este estudo traga conhecimentos importantes sobre o tema da pesquisa, de forma que as informações produzidas estimulem novas reflexões e estudos acerca do entendimento das práticas corporais em contexto indígena. Ademais, poderá promover uma maior compreensão acerca de suas relações étnicas e Inter étnicas, extrapolando o universo esportivo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional e unicêntrico, prospectivo, que prevê a realização de entrevistas semiestruturadas (roteiros incluídos no protocolo) com lideranças esportivas, lideranças da comunidade e praticantes de modalidades esportivas. A coleta de dados será realizada na aldeia Paygap do povo Karo Arara, localizada na Terra Indígena Igarapé Lourdes em Rondônia.

Caráter acadêmico: realizado para obtenção do título de doutor no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

Financiamento próprio; orçamento: R\$ 509,30.

Previsão de início do estudo: 09/2023

Previsão de encerramento do estudo: 01/2025

- Apresenta anuência da liderança da comunidade indígena.

- O pesquisador compromete-se que a pesquisa será iniciada somente após a sua aprovação pelo Sistema CEP/Conep.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

1. Conforme a terminologia da Resolução CNS nº 510 de 2016, art. 2º, inciso XXII, recomenda-se

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

alterar o nome "TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO" para "Registro do Consentimento Livre e Esclarecido".

RESPOSTA: Como resposta a recomendação número 1, salientamos que realizamos a mudança no documento.

ANÁLISE: RECOMENDAÇÃO ATENDIDA.

2. Recomenda-se uma revisão conforme as normas gramaticais de português, em todos os documentos, especialmente no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESPOSTA: Como resposta a recomendação número 2, salientamos que efetuamos a revisão.

ANÁLISE: RECOMENDAÇÃO ATENDIDA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise das respostas ao Parecer Consubstanciado nº 6.162.507 emitido pela Conep em 07/07/2023.

1. Quanto ao Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, arquivo "Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.doc", postado na Plataforma Brasil em 02/03/2023:

1.1. Quanto aos procedimentos de pesquisa, considerando que a Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso I, prevê que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, em suas diferentes formas, deve conter "a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com informação sobre métodos a serem utilizados, em linguagem plenamente compreensível, aos participantes da pesquisa, respeitada a natureza da pesquisa", seguem considerações:

1.1.1. Na página 1 de 2, lê-se: "Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como QUESTIONÁRIOS, ENTREVISTAS" (destaque nosso). No Registro do Consentimento, o pesquisador menciona questionários e entrevistas, no entanto, no Projeto Detalhado havia menção apenas a entrevistas. Para garantir coerência entre as informações prestadas, solicita-se adequação.

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 1.1.1, destacamos que realizamos a mudança no Projeto detalhado, retirando a menção aos questionários, conforme pode ser verificado no trecho presente no tópico 5.3 Definição das técnicas de pesquisa na página 12: Para a concretização dessa pesquisa serão utilizados como instrumentos para coleta de dados a observação participante, as anotações em diário de campo e entrevistas semiestruturadas.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.1.2. Na página 1 de 2, lê-se: “A coleta de dados será realizada por meio de uma entrevista com roteiro flexível que contará com questões relacionadas as suas experiências com o futebol”. O pesquisador informa qual será a atividade, mas não informa sobre o tempo de participação e o local para a realização das atividades. Solicita-se incluir também as informações sobre os locais de realização de entrevista e a estimativa de tempo para o envolvimento dos participantes nas atividades.

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 1.1.2, destacamos que realizamos a inclusão das informações no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme pode ser verificado na página 1, no parágrafo 2, do referido documento: com a prática esportiva, em especial o futebol. A entrevista será realizada em local escolhido pelo participante, podendo ser na aldeia ou em qualquer outro lugar que lhe seja conveniente e terá por duração, no máximo, 60 minutos.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.2. Na página 1 de 2, lê-se: “Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como [...] FITAS DE GRAVAÇÃO OU FILMAGEM” (destaque nosso). Considerando os direitos dos participantes, dispostos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, de terem sua privacidade respeitada; de terem garantida a confidencialidade das informações pessoais e de decidirem, dentre as informações que fornecem, aquelas que podem ser tratadas de forma pública:

1.2.1. Quando às gravações de voz e/ou imagem, solicita-se informar a finalidade das gravações e inserir opções excludentes (POR EXEMPLO: “sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz”; “não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da minha imagem e/ou voz”; “autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz”, adaptando conforme a proposta), para que os participantes possam manifestar sua escolha e exercer tais direitos.

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 1.2.1, destacamos que realizamos a inclusão das informações no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme pode ser verificado na página 2, no último parágrafo, do referido documento: Em relação às gravações de voz, que terão por finalidade facilitar o registro do relato do participante, assinala a opção com a qual você está de acordo: () Autorizo a gravação e a divulgação da minha voz () Autorizo a gravação, mas não a divulgação da minha voz () Não autorizo a gravação e a utilização da minha voz.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

**COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA**

Continuação do Parecer: 6.209.812

1.2.2. Como o estudo envolve população indígena, solicita-se adequação para informar ao participante que o uso de sua imagem e som contemplará a Portaria nº 177/PRES/2006, Artigo 6º, da Funai e demais legislações pertinentes. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 1.2.2, ressaltamos que realizamos a inclusão das informações no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme pode ser verificado na página 1, no parágrafo 2, do referido documento: Além disso, o uso do som estará de acordo com as diretrizes da Portaria nº177/PRES/2006, Artigo 6º, da Funai e demais legislações pertinentes.

ANÁLISE: PENDÊNCIA NÃO ATENDIDA. Solicita-se esclarecer ao participante da pesquisa as finalidades de uso da imagem e som, conforme artigo 6º da Portaria nº 177/PRES/2006.

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 1.2.2, ressaltamos que realizamos a inclusão das informações no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme pode ser verificado na página 1, no parágrafo 2, do referido documento: "A gravação terá por finalidade facilitar o processo de realização da entrevista de modo que o pesquisador possa somente se atentar com a interação e com o diálogo sem se preocupar em efetuar anotações. Além disso, o uso do som estará de acordo com as diretrizes da Portaria nº177/PRES/2006, Artigo 6º, da Funai e demais legislações pertinentes". [Vide arquivos "Registro_de_consentimento_livre_e_esclarecido_sem_destakes_1.doc" e "Registro_de_consentimento_livre_e_esclarecido_com_destakes_1.doc"]

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.3. Solicita-se incluir no Processo e Registro do Consentimento Livre e Esclarecido o compromisso do pesquisador de divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 1.3, ressaltamos que realizamos a inclusão das informações no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme pode ser verificado na página 2, no parágrafo 3, do referido documento: Além disso, o pesquisador se compromete a divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível e compreensível à comunidade dos Karo Arara conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.4. Considerando que o estudo também foi analisado pela Conep, solicita-se, para melhor informar os participantes de pesquisa, que seja incluída no Registro do Consentimento uma breve

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

descrição do que é a Conep, qual sua função no estudo, e suas formas de contato, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, inciso IX [Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h].

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 1.4, salientamos que realizamos a inclusão das informações no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme pode ser verificado na página 2, no parágrafo 4, do referido documento: Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que é a instância máxima de avaliação ética envolvendo seres humanos e corresponsável pela avaliação de áreas temática especiais, como as populações indígenas. As informações com relação à assinatura do RCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592. E, também, junto a Conep por meio do email: conep@saude.gov.br, pelo telefone (61) 33155877 ou através do endereço SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF). Horário de atendimento: 09 às 18h.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. O protocolo informa que a pesquisa será realizada na Terra Indígena Igarapé Lourdes, homologada pela Funai. Conforme estabelece a legislação brasileira e a Instrução Normativa nº 001/PRESI/1995 - Funai, a entrada em terra indígena para fins de pesquisa científica deve ser autorizada pela Funai. Diante disso, solicita-se apresentar a autorização da Presidência da Funai, ou a comprovação de que a autorização foi solicitada, ou uma declaração de compromisso do pesquisador de que esta autorização será obtida antes do início da pesquisa. **RESPOSTA:** Como resposta a pendência número 2, destacamos que já solicitamos a autorização para o ingresso na Terra Indígena, conforme pode ser verificado na resposta da Funai ao ofício por mim enviado:

ANÁLISE: PENDÊNCIA NÃO ATENDIDA. Solicita-se inserir na lista de documentação, uma declaração da Funai, bem como da liderança local, para ingresso naquela região, e uma declaração de que a pesquisa será iniciada após análise e autorização da Conep.

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 2, destacamos que já solicitamos a autorização para o ingresso na Terra Indígena, conforme pode ser verificado na resposta da Funai ao ofício por mim enviado. Também compartilho uma imagem da página do Sistema Eletrônico de Informação (SEI) da Funai em que demonstra que o processo está tramitando e mais duas imagens de troca de

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

emails com o setor responsável pela autorização do ingresso em que acusam o recebimento da documentação restante para a liberação. Dessa forma, embora ainda não tenha o documento com a autorização do órgão e, como eles não emitem uma declaração acerca do andamento do processo, é possível verificar que já tomei as providências necessárias. Além disso, segue na documentação anexada uma declaração de compromisso de que eu só iniciarei a pesquisa após a conclusão do processo junto ao CEP/Conep. Também, conforme solicitado, ressalto que a anuência da liderança indígena foi obtida e incluída na Plataforma Brasil no arquivo Termo_de_aceite_institucional.pdf, em 02/03/2023.

[Vide documentos comprobatórios na carta-resposta, arquivo "Carta_resposta_1.docx"]

OBS: embora não tenha sido solicitado no último parecer, devido a não ser possível realizar o início da coleta de dados no dia 01/08/2023 em razão do parecer favorável do Conep, estou enviando um novo documento de cronograma com e sem destaques indicando a mudança da data para o dia 01/09/2023.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Quanto à metodologia do estudo (Norma Operacional CNS nº 001 de 2013, item 3.4.1.8), solicita-se informar no Projeto Detalhado e no campo "Metodologia proposta" nas Informações Básicas da Pesquisa na Plataforma Brasil quais são a finalidade das gravações e a maneira como serão analisadas as gravações.

RESPOSTA: Como resposta a pendência número 3, salientamos que realizamos a inclusão das informações no Projeto detalhado, conforme pode ser verificado no trecho presente no tópico 5.3 Definição das técnicas de pesquisa na página 13; e no print da submissão a Plataforma Brasil no campo "Metodologia proposta": O registro das entrevistas será feito por meio de um gravador portátil. A gravação terá por finalidade permitir a aquisição do máximo de informações do entrevistado sem a necessidade de o entrevistador ter que dividir a sua atenção com as anotações (em papel ou no computador). Desse modo, a interação tornar-se-á mais confortável e fluida para os participantes. A análise das gravações ocorrerá por meio da transcrição na íntegra de todas as entrevistas e da utilização do Método de Interpretação dos Sentidos (GOMES, 2009), que será explicado no próximo tópico.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conepeg@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2091957.pdf	27/07/2023 19:04:17		Aceito
Outros	Carta_resposta_1.docx	27/07/2023 19:03:46	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Declaracao_de_compromisso.pdf	27/07/2023 19:02:34	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma_sem_destaque.docx	27/07/2023 18:58:09	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma_com_destaque.docx	27/07/2023 18:57:56	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Registro_de_consentimento_livre_e_escalarado_sem_destaque_1.doc	27/07/2023 18:57:36	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Registro_de_consentimento_livre_e_escalarado_com_destaque_1.doc	27/07/2023 18:57:13	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Registro_de_consentimento_livre_e_escalarado_sem_destaque.doc	20/06/2023 11:18:34	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Registro_de_consentimento_livre_e_escalarado_com_destaque.doc	20/06/2023 11:18:20	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_sem_destaque.docx	20/06/2023 11:18:02	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado	Projeto_com_destaque.docx	20/06/2023	FABRICIO	Aceito

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

/ Brochura Investigador	Projeto_com_destaque.docx	11:17:38	GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Dulce.pdf	06/03/2023 11:05:30	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Fabricio.pdf	06/03/2023 11:04:20	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	02/03/2023 14:59:17	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	02/03/2023 14:58:48	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	02/03/2023 14:58:08	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Carta_de_encaminhamento.pdf	02/03/2023 14:51:32	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Carta_de_Revisao_etica.docx	02/03/2023 14:50:58	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_3.docx	02/03/2023 14:47:16	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_2.docx	02/03/2023 14:46:42	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_1.docx	02/03/2023 14:46:19	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Outros	Termo_de_aceite_institucional.pdf	02/03/2023 14:45:09	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Declaração de concordância	Termo_de_concordancia.pdf	02/03/2023 14:44:26	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.doc	02/03/2023 14:42:01	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	02/03/2023 14:39:58	FABRICIO GURKEWICZ FERREIRA	Aceito

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.209.812

Situação do Parecer:

Aprovado

BRASILIA, 06 de Agosto de 2023

Assinado por:

Laís Alves de Souza Bonilha
(Coordenador(a))

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br